

PARTICIPAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO NOS
ÓRGÃOS DE GESTÃO DE TOPO DA ESCOLA: UM ESTUDO DE
CASO NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. CORREIA MATEUS

Relatório de Mestrado

Cláudia Isabel Guerreiro de Oliveira

Trabalho realizado sob a orientação de

Maria Antónia Belchior Barreto

Leiria, junho de 2013

Mestrado em Gestão, Avaliação e Supervisão Escolares

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

PARTICIPAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO NOS
ÓRGÃOS DE GESTÃO DE TOPO DA ESCOLA: UM ESTUDO DE
CASO NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. CORREIA MATEUS

Relatório de Mestrado

Cláudia Isabel Guerreiro de Oliveira

Trabalho realizado sob a orientação de

Maria Antónia Belchior Barreto

Leiria, junho de 2013

Mestrado em Gestão, Avaliação e Supervisão Escolares

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Antónia Belchior Barreto, minha orientadora, pela disponibilidade, apoio, rigor e espírito crítico.

Ao diretor do Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus que abertamente me recebeu e partilhou comigo as suas práticas e me forneceu alguns contactos, tornando possível a realização deste estudo.

Ao Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação que disponibilizaram algum do seu tempo pós-laboral e se deslocaram aos locais combinados para a realização das entrevistas.

Ao Presidente do Conselho Geral e professores que se prontificaram a colaborar numa entrevista e facilitaram o acesso a dados imprescindíveis à concretização deste estudo.

À Coordenação do Curso de Mestrado em Gestão, Avaliação e Supervisão Escolares pela criação e organização deste curso.

Não poderia também deixar de referir as minhas colegas de mestrado que me acompanharam ao longo deste percurso, pela partilha, amizade e boa disposição com que realizámos muitos dos trabalhos em comum.

À minha família e amigos que muito me encorajaram. Em especial à Sílvia Fanha, ao Bruno, ao meu irmão e à minha mãe que estavam lá nos momentos em que pensei em desistir.

Resumo

Com a presente investigação pretendemos perceber o nível de participação dos encarregados de educação do Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus, nos órgãos de gestão de topo, as implicações que esta tem na organização e gestão da escola, assim como no sucesso escolar dos seus educandos e a credibilidade dos encarregados de educação do Agrupamento junto dos outros agentes educativos.

O estudo empírico foi realizado num agrupamento de escolas que obteve por parte da inspeção-geral de educação, na Avaliação Externa, uma menção de Muito Bom em quatro dos cinco domínios, sendo que apenas no domínio *Capacidade de Autorregulação e Melhoria do Agrupamento* obteve a classificação de Bom. Incide sobre a opinião dos encarregados de educação e dos professores membros dos órgãos de gestão de topo, estabelecendo uma análise comparativa entre estas duas perspetivas. Foi suportado pelo método qualitativo, recorrendo a entrevistas aplicadas aos membros dos órgãos de gestão de topo e à análise qualitativa dos instrumentos de gestão.

Os resultados mostram-nos que no Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus, há necessidade de repensar e definir estratégias que aumentem e otimizem a participação dos encarregados de educação de todas as classes sociais nos órgãos de gestão de topo, uma vez que a sua representatividade é muito baixa. Constatámos uma participação muito ativa no Conselho Geral que, tanto na opinião dos professores como dos encarregados de educação, só traz benefícios para o agrupamento.

Palavras-Chave

Participação dos Encarregados de Educação; Conselho Geral; Conselho Pedagógico; Gestão Escolar.

Abstract

In this research we want to see the level of participation of parents in the Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus, the organs of top management, the implications that this has on the organization and management of the school as well as in the academic success of their children and credibility of the parents of the grouping together of other educators.

The empirical study was conducted in a group of schools that obtained by the inspection general education, the External Evaluation, a mention of Very Good in four of the five domains, and only in the field of *Capacity Self Regulation and Improvement of Grouping* was rated of Good. Focuses on the views of parents and teachers, members of the top management, establishing a comparative analysis between these two perspectives. Was supported by the qualitative method, using interviews applied to members of the top management and the qualitative analysis of management tools.

The results show us that the Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus, need to re-think and define strategies to increase and optimize the participation of parents of all social classes in the organs of top management since its representativeness is very low. We found one very active participation in the General Council that both the opinion of teachers and of parents, only benefits the group.

Keywords

Participation of Parents; General Council; Pedagogical Council; School Management.

Índice

AGRADECIMENTOS.....	III
Resumo.....	IV
Abstract	V
Listagem de Siglas e Acrónimos	III
Introdução	1
PARTE I – REVISÃO DA LITERATURA	1
1- O desenvolvimento normativo e a construção de uma escola democrática: a realidade portuguesa. 1	
2- A participação dos encarregados de educação na escola: entre a luz e a sombra.....	10
2.1 - Encarregados de educação na escola: reconhecimento da importância da participação	10
2.2 - Tipos de participação dos encarregados de educação na escola	15
3- A Participação dos Encarregados de Educação na Gestão e Administração da Escola	21
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	26
1- Metodologia	26
1.1 - Problemática, pergunta de partida e objetivos do estudo.....	26
1.2 - A investigação qualitativa	27
1.3 - Contexto do Estudo	28
1.4 - Definição/Seleção da amostra do estudo	30
1.5 - Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	32
1.5.1. Entrevista	32
1.6 - Técnicas e instrumentos de tratamento de dados	34
2- Apresentação, análise e comentário dos dados	35
2.1. Apresentação e análise	35
2.1.1- Opinião dos Professores	35
Sobre a qualidade da participação dos encarregados de educação no Conselho Geral e no Conselho Pedagógico	35
Sobre as características dos encarregados de educação que participam nos órgãos de gestão de topo.....	38
Sobre as motivações dos encarregados de educação para participar nos órgãos de gestão de topo	39
Sobre as Potencialidades da participação nos órgãos de gestão	40
Sobre os Obstáculos e limitações à participação em geral.....	40
	VI

Sobre como promover a participação dos encarregados de educação.....	45
Sobre soluções para potenciar a participação	46
2.1.2– Opinião dos Encarregados de Educação	47
Sobre a qualidade da participação dos encarregados de educação no Conselho Geral e no Conselho Pedagógico	47
Sobre as características dos encarregados de educação que participam nos órgãos de gestão de topo.....	49
Sobre as motivações dos encarregados de educação para participar nos órgãos de gestão de topo	49
Sobre as potencialidades da participação	50
Sobre os obstáculos e limitações à participação.....	51
Sobre a posição dos professores face à sua participação nos órgãos de gestão de topo	52
Sobre as estratégias usadas promotoras de participação dos encarregados de educação.....	53
Sobre as soluções para potenciar a participação dos encarregados de educação.....	54
2.2. Comentário dos dados	55
3.Conclusão.....	67
Referências bibliográficas	70
Legislação e Regulamentação consultada.....	74
Anexos	1
Anexo I - Pedido de autorização ao Diretor do Agrupamento de Escolas para a realização do estudo	1
Anexo II – Guiões das Entrevistas.....	2
Anexo III – Transcrições das Entrevistas	15
Anexo IV - Grelhas de Análise de Conteúdo das entrevistas aos Professores.....	133
Anexo V - Grelhas de Análise de Conteúdo das entrevistas aos Encarregados de Educação.....	166

Listagem de Siglas e Acrónimos

EE – Encarregado de Educação

AP – Associação de Pais

CEF - Cursos de Educação e Formação

PIEF - Programa Integrado de Educação e Formação

IGE – Inspeção-Geral de Educação

SNAP - Secretariado Nacional das Associações de Pais

CONFAP - Confederação das Associações de Pais

Introdução

No âmbito do Mestrado em Ciências da Educação – área de especialização em Gestão, Avaliação e Supervisão Escolares, e enquanto educadora de infância no sistema privado, considere interessante perceber a participação dos encarregados de educação na gestão das escolas. A temática tem vindo a ganhar cada vez maior relevância para os investigadores desta área, principalmente desde que se criaram as Associações de Pais, dando voz a estes elementos da comunidade educativa. Com o decorrer dos anos temos assistido a uma descentralização da gestão nas escolas e a um aumento da distribuição de poderes pelos diferentes elementos educativos, promovendo-se uma gestão participada. Esta mudança tem sido enquadrada pela legislação e tem vindo a responder às necessidades da escola que vê nos encarregados de educação uma mais-valia. Neste sentido, consideramos que este tema é pertinente, porque procura perceber as perceções dos principais “clientes”, os encarregados de educação, sobre a escola, assim como dos professores.

Na nossa investigação procuramos compreender o papel dos encarregados de educação na gestão de topo da escola e o seu contributo nas tomadas de decisão, assim como as implicações que uma maior participação pode trazer no sucesso educativo dos alunos, na perspetiva dos docentes e dos encarregados de educação integrados na gestão de topo. Docentes, funcionários e encarregados de educação têm o mesmo objetivo: a promoção da qualidade da escola para que se alcancem melhores resultados escolares. Então torna-se imprescindível o trabalho conjunto. No entanto, essa participação não está generalizada e assume por vezes dimensões reduzidas. Precisamos de pensar em possíveis soluções que combatam esta falta de participação dos encarregados de educação na gestão escolar, potencializando os contributos que estes podem trazer para a qualidade da escola.

Este trabalho foi orientado pela seguinte pergunta de partida “Como é que os professores e encarregados de educação perspetivam a participação destes, nos órgãos de gestão de topo da escola?”. Teve como objetivos: Compreender as representações

que os professores constroem da participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão de topo e compreender as representações que os encarregados de educação têm sobre a sua própria participação.

O relatório encontra-se estruturado da seguinte forma: a parte da revisão da literatura, contém a clarificação de conceitos fundamentais no estudo, nomeadamente: “encarregado de educação” e “participação”. De seguida, é apresentada uma perspetiva histórica sobre a evolução da participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão, (desde o 25 de abril em 1974 até à atualidade) com os principais marcos do desenvolvimento normativo da participação dos encarregados de educação na escola. Fazemos, depois, referência às limitações e aos benefícios da participação dos encarregados de educação na escola, segundo vários autores. Por outro lado, vamos tentar identificar e perceber diferentes tipos de participação dos encarregados de educação na escola. No um último ponto desta parte, onde iremos refletir sobre a participação dos encarregados de educação na gestão da escola, procurando perceber como é que organização os considera.

A segunda parte do relatório é constituída pelo trabalho empírico, onde se encontra definida a metodologia adotada (nomeadamente a problemática, a definição da pergunta de partida e os objetivos do estudo; a justificação do paradigma qualitativo; o contexto do estudo; a definição da amostra utilizada; as técnicas de recolha, tratamento e apresentação de dados) e a apresentação, análise e discussão dos dados.

Na conclusão do relatório para além da síntese da revisão da literatura e da metodologia adotada no estudo empírico, apresentaremos sumariamente os resultados do estudo e responderemos à pergunta de partida.

Nos anexos incluímos o pedido de autorização para o desenvolvimento do estudo ao diretor do agrupamento, os guiões das entrevistas, as entrevistas transcritas e as grelhas de análise de conteúdo usadas.

Com este estudo pretendemos contribuir para uma melhor compreensão da gestão da escola e para a identificação de procedimentos que ajudem a envolver os encarregados de educação nessa gestão, sendo que consideramos haver um grande potencial nesse

contributo. Pode ser uma ajuda à identificação de formas de potenciar a participação dos encarregados de educação na gestão de topo da escola, de forma a melhorar a qualidade da mesma.

PARTE I – REVISÃO DA LITERATURA

1- O desenvolvimento normativo e a construção de uma escola democrática: a realidade portuguesa.

O tema do nosso estudo está focado na participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão e administração das escolas públicas portuguesas.

Considera-se que *Encarregado de Educação* será melhor terminologia a adotar do que *pais* ou *família* já que, segundo Zenhas (2006) este é o adulto que se responsabiliza pela criança no ato da matrícula e perante a escola, independentemente do grau de parentesco que este possui com a mesma. Neste sentido, coincide também com a pessoa que estabelece uma relação mais próxima com a escola, acompanhando a criança em todos os seus progressos. O encarregado de educação acaba por ser um dos progenitores e, mais frequentemente, a mãe.

Considera-se que o conceito *pais* tem uma conotação sexista e limita a relação aos progenitores biológicos, deixando de fora figuras que continuam a ter um papel preponderante nessa relação: avós, tios e primos. Também a palavra família é demasiado global, pois inclui tanto a família nuclear como a família alargada e abrange tanto a paternidade biológica como as situações originadas por novos casamentos, adoções e outras agregações familiares não tradicionais.

No nosso estudo a participação é “entendida como a capacidade de colaboração activa dos actores na planificação, direcção, avaliação, controlo e desenvolvimento dos processos sociais e organizacionais. A participação é assim simultaneamente vista como um direito e como uma condição da cidadania.” (Diogo, 1998, p. 67).

Para percebermos a evolução da participação dos encarregados de educação na gestão das escolas, definimos como marco histórico o ano de 1974, na medida em que foi neste período que o nosso país sofreu grandes transformações aos níveis político, económico,

social e cultural que influenciaram diretamente a escola. Foi a partir desse período que a participação dos encarregados de educação na gestão começa a ganhar voz, não havendo nenhuma referência a estes em legislação anterior. Até 1975 os encarregados de educação eram mantidos à margem das decisões da gestão, do sistema de ensino e da própria escola, sendo que a relação escola-família não era, até então, institucionalizada, mas de caráter informal. A relação resumia-se a reuniões, uma vez que os encarregados de educação só iam à escola em último caso, ou seja por razões de indisciplina ou faltas dos seus educandos. Neste sentido, não ir à escola constituía um orgulho para os encarregados de educação, pois era sinal de bom comportamento dos respetivos educandos. As comissões de gestão excluíram sempre os encarregados de educação como membros ativos na gestão da escola.

Com a instabilidade das escolas que se seguiu ao 25 de abril de 1974, provocada pela falta de poder estatal sobre as mesmas, surgiram as Associações de Pais. As greves constantes dos professores e alunos, despertaram os encarregados de educação para a necessidade de intervirem, ajudando a normalizar as condições de funcionamento das escolas. “De facto, a “revolução dos cravos” ao produzir um “efeito de expansão” e de “descompressão social”, levou à abertura de uma “nova página na história do associativismo” (Fernandes, 2003, pp. 107-108). Nesta fase, os encarregados de educação exigiram os seus direitos na educação dos educandos.

Até 1976 surgem inúmeras associações de pais e encarregados de educação, umas legais e outras não. Verificou-se então uma institucionalização crescente do movimento associativo e da relação escola-família. Contudo, a tradição na gestão da escola em Portugal era de cariz centralista, sendo conferida pouca autonomia aos estabelecimentos de ensino e considerando-se a escola espaço do domínio dos professores. A participação dos encarregados de educação através das Associações de Pais não foi bem aceite nesse período e foram “mesmo conotadas com movimentações reacionárias” (Fernandes, 2003, p. 110).

A evolução da Legislação e Normatização da participação dos Encarregados de Educação nas escolas desenvolve-se lado a lado com o aumento da autonomia dos estabelecimentos de ensino. O Decreto-lei n.º 221/74 de 27 de Maio, no seu art.º 1º

define o processo de escolha democrática dos órgãos de gestão dos estabelecimentos de ensino, mas refere-se apenas à participação de estudantes, e pessoal docente, técnico, administrativo e auxiliar, excluindo qualquer representante dos encarregados de educação. Nesta altura não se considera a possibilidade dos encarregados de educação participarem na gestão. O assunto não é discutido pelo governo, nem pelos próprios encarregados de educação que não têm a pretensão de reivindicar este direito. É como se fosse natural excluir os pais das estruturas de gestão e administração das escolas.

O Decreto-Lei n.º 735-A/74 veio definir que as Comissões de Gestão são substituídas pelo Conselho Diretivo, pelo Conselho Pedagógico e pelo Conselho Administrativo, impondo um novo “modelo de gestão”. As assembleias de professores e de alunos têm apenas o papel consultivo. Continua a excluir os encarregados de educação das estruturas democráticas das escolas, apesar de no preâmbulo deste diploma se fazer referência aos encarregados de educação e à importância da sua cooperação com os conselhos diretivos, refletindo a vontade de consagrar o direito de participação dos encarregados de educação.

O artigo 38.º do Decreto-Lei n.º 735-A/74 refere-se a intenção do Ministério da Educação e Cultura de apoiar a criação de Associações de Pais, mas não explicita de que forma se traduzirá esse apoio, nem os conteúdos, nem a periodicidade com que se estabelece essa cooperação com os Conselhos Diretivos. Assim, apesar de dar algum protagonismo à problemática da participação dos encarregados de educação, através das suas estruturas representativas, na prática não se verificou qualquer implementação de soluções organizacionais consistentes que permitissem efetivamente esta participação.

Entre 1974 e 1976 havia um fraco movimento associativo de encarregados de educação devido: à ausência de tradição de participação parental no nosso país e ao caráter conservador e de classe média a que pertencia a maior parte os membros associados. No “I Encontro Nacional das Associações de Pais”, em 1976, foi chamada a atenção para a marginalização das Associações de Pais, apesar da sua constante oferta de colaboração e contactos. O Decreto-lei n.º 769-A/76 de 23 de Outubro veio regulamentar a gestão democrática das escolas e pela primeira vez fez-se referência à Associação de Pais, possibilitando a participação dos seus membros num órgão da escola (Conselho

Pedagógico), ainda que sem direito a voto (art. 28), apesar de no preâmbulo da lei não se fazer qualquer referência aos encarregados de educação ou às respetivas estruturas representativas. Há um avanço no reconhecimento da participação dos encarregados de educação, mas na prática estes continuam “à espera de um contexto mais favorável à sua afirmação como parceiros no interior das escolas” (Sá, 2004, p. 74).

Em 1977 a Assembleia da República aprova a Lei n.º 7/77 de 1 de fevereiro, onde é reconhecida a existência das Associações de Pais e ainda o direito de estas emitirem pareceres sobre a política educativa nacional e a gestão dos estabelecimentos. Está assim garantida e regulamentada a participação dos encarregados de educação, apesar de só se aplicar ao ensino preparatório e secundário.

Logo de seguida, aparecem as estruturas macro associativas, Secretariado Nacional das Associações de Pais (SNAP), que segundo Fernandes (2003) se desenvolveram a partir de 3 vetores:

- 1) Pelo reconhecimento de um estatuto junto do Ministério da Educação e pela legitimação dos seus representantes que podiam emitir pareceres sobre a política de educação.
- 2) Pela expansão do movimento e pela formação de novas associações de pais que criaram uma dimensão significativa enquanto movimento.
- 3) Pela oferta de serviços/ajuda à resolução de problemas das diferentes associações filiadas.

O SNAP trouxe alguns progressos associativos. Em 1979, através do Despacho Normativo 122/79 de 1 de Junho foram reconhecidos direitos às Associações de Pais. Foi definida a periodicidade das reuniões com o conselho diretivo; a cedência de instalações para as reuniões; o poder de considerar o estabelecimento de ensino como sede da Associação de Pais; a participação, sem direito de voto, através de um representante, nas 3 reuniões anuais do Conselho Pedagógico; disporem de locais

próprios para informarem os restantes encarregados de educação; obrigatoriedade de emissão de um parecer das estruturas das associações sobre propostas de lei.

Em 1980, com o Decreto-Lei 376/80 de 12 de setembro são introduzidas alterações ao Decreto-Lei 769-A/76, nomeadamente o direito de voto dos encarregados de educação nos conselhos de turma de natureza disciplinar e a possibilidade de presença de um membro da direção da Associação de Pais no Conselho Pedagógico, sendo que o representante dos encarregados de educação está dependente da convocatória do presidente desse órgão. Isto provoca um recuo no papel da participação das Associações de Pais. A inclusão nos conselhos de turma não era vista tanto como um direito dos encarregados de educação, mas sim como uma forma de os (co) responsabilizar pelos comportamentos dos alunos na escola. Contudo, não podiam participar na definição de regras e normas que regiam o funcionamento interno da organização.

Até meados da década de 80, a participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão e administração da escola foi bastante reduzida. No caso da gestão de topo, nem sequer se considerou a sua representação no conselho diretivo e mesmo no Conselho Pedagógico, apesar de se admitir a participação, esta acabou por não se concretizar, uma vez que esta era feita através de um representante da associação de pais e muitas escolas ainda não tinham uma associação formada. Posteriormente, é publicado o “Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo” pelo DL 553/80 onde é referido o direito dos pais na participação e na orientação do processo educativo dos filhos. Com este estatuto é criado o “Conselho Consultivo do Ensino Particular”, composto por nove membros, sendo que dois são representantes do SNAP.

Em 1982 cria-se o “Conselho Nacional de Educação” (DL 125/82). A primeira Revisão Constitucional (Lei constitucional n.º1/82) no artigo n.º 77 define que os encarregados de educação são interlocutores na definição da política educativa, mas não lhes atribui funções na gestão da escola.

Dois anos depois, pela publicação do decreto-lei 315/84, onde já é possível a nomeação de representantes do SNAP nas comissões formadas para regulamentar a lei da educação sexual nas escolas.

Era necessário a existência de um secretariado permanente como centro de informação/formação e apoio às associações de pais. Importa referir que o SNAP estava dependente da cotização dos associados, sendo que estas cotas eram fixadas anualmente pela Assembleia Geral. Neste mesmo ano, com a criação da Confederação das Associações de Pais (CONFAP), o Estado começou a conceder subsídios, apoiando as associações financeiramente. Em 1985 foram alterados os estatutos e o nome desta estrutura para Confederação Nacional das Associações de Pais, que participou no 1.º Congresso Europeu de Associações de Pais.

Em 1986 começam-se a estabelecer relações internacionais através da adesão à European Parents Association (EPA) e à Union Internationale des Organismes Familiaux (UIOF). Ainda neste ano é criado o “Conselho Consultivo” (órgão de apoio ao Conselho Pedagógico), através do DL n.º 211-B/86 de 31 de julho, atribuindo-lhe responsabilidades na promoção de uma “eficaz interação da escola e da comunidade” (ponto 94.3). Este conselho podia ter até nove elementos, era presidido pelo presidente do Conselho Pedagógico e integrava um representante das Associações de Pais e encarregados de educação, entre outros elementos. Eram os membros do Conselho Consultivo que elegiam entre si o seu representante no Conselho Pedagógico, apesar dos encarregados de educação ainda não poderem ter nenhum representante no Conselho Pedagógico. Pôs-se fim à representação direta das Associações de Pais no Conselho Pedagógico. Foi notório o crescimento do reconhecimento das associações, mas ao mesmo tempo constata-se uma crescente perda de direitos.

A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de outubro) veio definir os princípios que devem orientar a administração e gestão do sistema educativo nos seus diferentes níveis (central, regional, regional autónomo, local e de estabelecimento). São eles a democraticidade, a representatividade e a participação de todos os implicados no processo educativo.

No ponto 2 do artº 45º refere que cada estabelecimento de ensino ou grupo de estabelecimentos de ensino devem permitir a participação de todos os implicados no processo educativo, incluindo os encarregados de educação. No entanto, no ponto 4 do mesmo artigo diz “A direcção de cada estabelecimento ou grupo de estabelecimentos de

ensino básico e secundário é assegurada por órgãos próprios, para os quais são democraticamente eleitos os representantes de professores, alunos e pessoal não docente...”, não fazendo qualquer referência aos encarregados de educação e excluindo-os das estruturas de gestão e administração das escolas.

A partir de 1986 a Comissão de Reforma do Sistema Educativo desencadeou um conjunto de atividades desenvolvidas nos três anos seguintes, criando um grupo de trabalho responsável por apresentar propostas para a reforma da administração e gestão das escolas. Surgiu então o Projecto Global de Atividades, onde a Comissão identificava como prioridade descentralizar a administração educativa, visando o aumento da autonomia dos estabelecimentos de ensino e a gestão participada.

Em 1987 surgiu a “Voz dos Pais” revista trimestral que assume a voz pública do movimento.

Em 1990, com a Lei 53/90, a Assembleia da República autorizou o governo a legislar a atuação da Associação de Pais. Foi publicada a Lei das Associações de Pais (Decreto-Lei n.º 372/90) que definiu o regime de constituição, direitos e deveres a que ficaram submetidas as Associações de Pais e Encarregados de Educação. As faltas dos dirigentes das associações, ao seu emprego, passaram a ser justificadas, porém é-lhes descontado na sua remuneração, sendo que esta medida deu origem a muitas reações.

Em 1991, os dirigentes da CONFAP conseguiram um maior apoio económico e uma sede. O Decreto-Lei 172/91 veio definir um novo regime jurídico de direção, administração e gestão escolares. Foi aplicado apenas a um número reduzido de escolas (50), numa fase experimental, com a intenção de ser generalizado. No entanto, isso não se verificou. Contemplou a participação formal dos pais (com direito a voto) no Conselho Pedagógico (com 2 representantes), no Conselho de Turma (2 representantes) e no Conselho de Escola ou Área Escolar (2 representantes). Pela 1.ª vez, os pais puderam participar em todos os órgãos da escola, estando presentes na definição da política educativa, na eleição do órgão de gestão (Diretor Executivo), e na coordenação e orientação educativa (Conselho Pedagógico). Este decreto vedou apenas a participação dos pais/encarregados de educação nas reuniões com assuntos confidenciais e nas reuniões de avaliações dos alunos, indo contra ao que estava

definido no Plano Global de Reforma que considerava o Conselho Pedagógico um órgão reservado aos docentes já que eles eram os especialistas nas áreas técnico-pedagógicas.

A implementação do Decreto 172/91 foi alvo de avaliação durante 3 anos pelo Conselho de Acompanhamento e Avaliação e as críticas feitas referiam como sendo uma forte limitação a vontade de criar uma administração escolar descentralizada, no âmbito de uma administração educativa que teimava em continuar centralizada. Uma das novidades deste decreto foi a criação do Conselho de Escola e a dificuldade apontada referia-se à predominância dos docentes na constituição deste órgão de direção, já que 50% eram docentes e esta percentagem tinha tendência a aumentar pelo facto dos representantes dos encarregados de educação eleitos serem também professores. Assim, a participação dos encarregados de educação serviu como forma de reforçar a componente docente.

Em 1992 o diploma 98-A/92 de 20 de junho possibilitou a participação dos encarregados de educação no processo de avaliação dos alunos do ensino básico.

A partir deste período, os encarregados de educação são sempre considerados elementos ativos na comunidade educativa e consignados na lei.

Em fevereiro de 1997, Barroso publicou um relatório intitulado “Autonomia e Gestão das Escolas”, dividido em dois grandes capítulos: “Princípios e orientações gerais” e “Propostas”. No primeiro faz referência a algumas recomendações do Relatório do Conselho de Acompanhamento e de Avaliação: implementação de um processo de autonomia contratualizada e gradual ao qual as escolas poderiam aderir de forma voluntária, tendo acesso a um programa de formação em administração escolar. Referia ainda a necessidade de territorialização das políticas educativas e da transferência de competências para as autarquias. No segundo, sugere que a gestão das escolas se baseie em cinco grandes princípios: legitimidade, participação, liderança, qualificação e flexibilidade.

Nesta linha, o Decreto-Lei 115-A/98 de 4 de maio definiu o novo “Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos da Educação Pré-escolar e

dos Ensinos Básico e Secundário”. A Assembleia de Escola era o órgão máximo e era responsável pela definição das linhas orientadoras da atividade da escola. No art.º 10º deste documento está previsto um conjunto de competências, nomeadamente, eleger o respetivo presidente, aprovar o projeto educativo e o regulamento interno da escola, assim como apreciar documentos de gestão da escola, entre outras. Estava definido então a percentagem máxima de docentes, em relação à totalidade dos membros, que poderiam constituir a assembleia (50%) e a percentagem mínima de encarregados de educação e pessoal não docente (10%). Esta exigência tinha como principal objetivo garantir uma representação mínima dos encarregados de educação e do pessoal não docente, possibilitando a gestão democrática das escolas, através da participação de todos os intervenientes no processo educativo. No que se referia à designação dos representantes dos encarregados de educação para a Assembleia, ficou claro que essa passava a ser uma responsabilidade das Associações de Pais, sendo que devia ficar definido no Regulamento Interno o procedimento a adotar, no caso de não existir Associação.

Mais recentemente, no Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de abril pudemos constatar que continuou a estar contemplada a participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão de topo da escola. A Assembleia de Escola foi substituída pelo Conselho Geral que é o “órgão de direção estratégica responsável pela definição das linhas orientadoras da atividade da escola, assegurando a participação e representação da comunidade educativa.” (Capítulo III, art.º 11º, p. 2345) No Conselho Geral também está salvaguardada a participação dos encarregados de educação, atribuindo uma percentagem de 50% ao conjunto de representantes do pessoal docente e não docente. Este Decreto distingue-se de todos os outros por três pontos principais: mais do que participar, os encarregados de educação têm o poder, conferido por este Decreto, de presidirem o Conselho Geral; têm ainda o poder de participar na eleição do Diretor; podem participar no Conselho Pedagógico, sendo que tanto neste como no Conselho Geral, os representantes dos encarregados de educação são eleitos pelas associações de pais, em assembleia geral. No Conselho Geral, os encarregados de educação têm a oportunidade de participar na elaboração dos principais instrumentos de gestão de um estabelecimento de ensino ou de um agrupamento, nomeadamente o projeto educativo,

regulamento interno, plano anual e plurianual de atividades. Ficava assim salvaguardada a participação dos encarregados de educação em dois órgãos de gestão de topo, ou seja, no Conselho Geral e no Conselho Pedagógico.

Em julho de 2012 foi publicado o Decreto-Lei n.º 137 que veio trazer alterações importantes ao decreto anterior (Decreto-Lei n.º 75/2008), retirando a participação dos encarregados de educação do Conselho Pedagógico. Assim, importa destacar a alteração realizada na constituição do Conselho Pedagógico, descrita na Subsecção III, no artigo 32º que impede a participação dos encarregados de educação no Conselho Pedagógico e de qualquer outro representante que não seja professor.

Os encarregados de educação, apesar de já não poderem participar diretamente na gestão pedagógica, continuam a estar representados no Conselho Geral o que lhes permite ter uma participação ativa em todas as questões relacionadas com a definição da estratégia e da missão da escola.

2- A participação dos encarregados de educação na escola: entre a luz e a sombra.

2.1 - Encarregados de educação na escola: reconhecimento da importância da participação

Os primeiros estudos sobre as relações entre a escola e a família surgiram, em Portugal, nos anos oitenta impulsionados por Don Davies (1989) e vieram reforçar a ideia de que os benefícios do envolvimento parental nas escolas são muitos e que todos os intervenientes têm a ganhar com esta relação: os alunos têm um melhor aproveitamento, uma vez que a sua motivação pelo estudo também aumenta; os professores têm mais apoio e reconhecimento social, estimulando-os a ser melhores profissionais, e os encarregados de educação têm um melhor conhecimento do processo educativo, pois conhecem melhor o esforço dos professores, valorizando o seu trabalho, assim como

ficam a conhecer melhor os seus educandos. Desta forma, ajuda os encarregados de educação a desenvolverem melhor os seus papéis.

Quando os pais participam e dirigem reuniões, redigem relatórios e actas, estabelecem contactos com as autoridades escolares e exercem pressão para influenciar tomadas de decisão, estão a aprender a exercer o poder político e, nessa medida, a participação parental é, em si mesma, uma forma de educação de pais. (Marques, 1997, p. 31).

Por outro lado, é também consensual que a participação dos encarregados de educação também melhora a imagem social da escola.

O envolvimento dos pais nas escolas produz efeitos positivos tanto nos pais como nos professores, nas escolas e nas comunidades locais. Os pais que colaboram habitualmente com a escola ficam mais motivados para se envolverem em processos de actualização e reconversão profissional e melhoram a sua auto-estima como pais. O envolvimento parental traz, também, benefícios aos professores, que, regra geral, sentem que o seu trabalho é apreciado pelos pais e se esforçam para que o grau de satisfação dos pais seja grande. A escola também ganha porque passa a dispor de mais recursos comunitários para desempenhar as suas funções, nomeadamente com o contributo dos pais na realização de actividades de complemento curricular. (Marques, Ramiro, 2001, p. 22)

Assim, a escola tem de abrir as suas portas, tem de solicitar a participação dos encarregados de educação, tem de ser apelativa e tornar-se acessível.

Segundo Davies, Marques e Silva (1993) a participação leva ao conhecimento efetivo dos problemas e também aumenta a responsabilidade e o sentido de eficácia de qualquer ação do governo. Parte-se do princípio que participar é assumir um compromisso.

Um dos objectivos mais importantes das relações escola/famílias/comunidades é aumentar o número de famílias que se envolvem na educação dos filhos. Este envolvimento pode incluir a comunicação pais/filhos, pais/professores, ajuda ao estudo, apoio à escola, trabalho voluntário e participação na tomada de decisões. (Davies, Marques e Silva, 1993, p. 107).

No entanto, nem sempre se verifica uma participação saudável e de qualidade na escola, de forma a resultar nos benefícios apresentados. Muitos professores só chamam os pais à escola quando têm más notícias dos filhos deles, limitando esta relação a este tipo de comunicação. Devido a isto, os pais vêm a participação na escola com uma conotação negativa e, muitas vezes isto constitui um constrangimento que limita a participação.

Segundo Silva (2002), existem várias clivagens que impedem uma relação natural, entre a escola e a família: por exemplo o facto de se tratar de duas instituições com funções distintas; as desigualdades económicas e culturais de base; a diversidade das atitudes familiares em relação à escola, ao saber escolar e ao investimento nos estudos. Estes três condicionalismos afetam a qualidade da participação dos encarregados de educação, favorecendo, à partida, as classes médias (Silva, 2008), pois estão mais próximas da cultura escolar.

Não basta a adoção de estratégias participativas para melhorar os processos de decisão, uma vez que estes estão condicionados por um conjunto de fatores internos e externos: conhecimento, grau de preparação sobre o tema, capacidade de trabalho em grupo, estatuto social, cultura, hábitos de cidadania, etc.

Marques (1997) participou num estudo intitulado “O envolvimento das famílias no processo educativo: resultados de um estudo em cinco países”¹, onde verificou um conjunto de obstáculos à participação dos encarregados de educação nas escolas, nomeadamente, uma forte tradição de separação entre escola e famílias. Isto também se verifica em Portugal devido à forte tradição centralista do sistema educativo português. Os professores encaram os encarregados de educação como parceiros silenciosos e passivos do processo educativo. Os professores esperam que os encarregados de educação promovam a continuidade dos valores e atitudes da escola em casa e quando isso não acontece, tendem a culpar as famílias, até mesmo pelas dificuldades dos filhos. A escola é vista como depósito e os professores vistos como os únicos responsáveis pela instrução.

Nesse estudo são apresentadas as seguintes razões que influenciam a relação entre encarregados de educação e professores: a escola de massas trouxe uma diversidade cultural muito grande e os professores passaram a ser pressionados a assumir novos papéis para além do ensino (gestão, administração, assistente social...) e a ensinarem noções de civilidade, valores básicos e regras de comportamento. Isto levou a uma

¹ Estudo realizado em 5 países, desenvolvido por 8 investigadores principais, dos quais 4 eram portugueses que decorreu entre 1992 e 1995.

dispersão que pode ter influência na qualidade do ensino. Outro obstáculo identificado resultou na mudança das estruturas das famílias (monoparentais, resultantes de segundos casamentos, provenientes de arranjos informais, sem recurso a casamento, entre outros). As crianças começaram a passar cada vez mais tempo sozinhas, sendo que os pais deixaram de ter tempo para elas, refugiando-se na televisão, jogos e consolas. A autoridade dos pais foi diminuindo, devido ao pouco tempo que passam com os filhos e aos ambientes cada vez mais agressivos oferecidos pela sociedade, daí que os constrangimentos culturais também ajudem a criar um fosso entre os encarregados de educação e a escola. Muitos encarregados de educação que tiveram uma má experiência escolar olham para a instituição com receio e desconfiança.

Marques (1997) enumera ainda um conjunto de outros fatores relacionados com a organização escolar e os próprios docentes que influenciam negativamente a participação dos Encarregados de Educação na escola. As horas para receber os encarregados de educação são inapropriadas para quem trabalha fora de casa. O vocabulário dos professores é muito técnico e falta-lhes uma atitude de empatia e aceitação dos encarregados de educação. Os professores temem o intrometimento dos encarregados de educação nos assuntos pedagógicos, área que consideram reservada aos profissionais. Marques (1997) refere que existe um uso continuado e persistente de formas de comunicação negativas que apontam culpas aos encarregados de educação pelo fracasso dos filhos e pelos problemas da escola. Os professores chamam os encarregados de educação à escola quase sempre quando há problemas e raramente quando as coisas vão bem.

A formação dos professores não prevê conhecimento de estratégias de colaboração escola/famílias, nem o conhecimento dos resultados dos estudos sobre este tema. Por último, os diretores de turma não têm formação específica para se relacionarem com as famílias, nem a redução da carga horária letiva é suficiente para o cumprimento das suas atribuições pedagógicas que, atualmente, com a massificação da escola, como já foi referido anteriormente, são múltiplas.

Os encarregados de educação que querem colaborar são os que estão familiarizados com a cultura escolar. Por isso, é que muitas vezes, os dirigentes das Associações de Pais são

professores, pois partilham de um código comum, sentindo-se mais à vontade e aceites pela escola. Assim, as Associações de Pais podem constituir “um meio de atenuar ou aprofundar as desigualdades sociais e escolares” (Silva, 2008, p. 129).

Feiteira (2007) chegou a conclusões idênticas. Num estudo de caso que realizou, intitulado “A participação dos Encarregados de Educação na Organização Escolar”, referiu que os professores consideram que os encarregados de educação, para além de não terem conhecimentos ao nível de pedagogia, não têm de intervir em domínios tão especializados. Isto constitui um grande obstáculo à colaboração. Os encarregados de educação não estão habituados a deslocar-se à escola e quando o fazem limitam-se a ouvir, adotando uma atitude passiva. A mesma autora refere ainda que, o facto deste tipo de participação ser muito recente, os EE ainda não ganharam o hábito de usufruírem dos seus direitos e obrigações. A maioria dos encarregados de educação portugueses tem pouca escolaridade e nunca contacta com o diretor de turma. Este facto reflete também a incapacidade dos professores para lidarem com as diferenças culturais, assim como as diferenças sociais e étnicas.

A escola também deve ter responsabilidade na criação de mecanismos, de caráter informal que facilitem uma comunicação continuada e consequentemente, a participação dos encarregados de educação. É imprescindível a criação de estratégias escolares intencionalmente orientadas para aumentar a participação efetiva dos encarregados de educação. De acordo com Marques (2001), a escola afasta principalmente 3 tipos de pais: os muito pobres, os que trabalham muitas horas por dia e vivem longe, não tendo horário para ir à escola e os que tiveram más experiências escolares, reduzindo em muito o número de encarregados de educação que participam nos órgãos e consequentemente a sua representatividade, indo ao encontro do que Custódio (2012) conclui no seu estudo, intitulado “Representatividade e participação dos pais e encarregados de educação no conselho geral de um agrupamento de escolas: potencialidades e constrangimentos”. Em suma,

A chave do envolvimento dos pais reside numa boa comunicação. As regras devem ser claras: não se pede aos pais que se tornem professores, nem aos professores que assumam o papel de pais. Uns e outros têm papéis específicos, mas o desempenho desses papéis é absolutamente necessário para a construção de um programa educativo escolar de qualidade. (Davies, Marques e Silva, 1993, p. 39).

Podemos dizer que não existem encarregados de educação difíceis de alcançar e sim escolas difíceis de alcançar. Visto isto, segundo Almeida (2005), as escolas não podem esquecer que têm dois grandes objetivos, nomeadamente “formar”, tendo em conta valores partilhados com as famílias da criança e “informar”, valorizando as capacidades dos alunos, desenvolvendo as competências inerentes a cada faixa etária no cumprimento de conteúdos programáticos. Neste sentido, deve estar bem presente nas memórias de todos os intervenientes educativos que “...a chave para o sucesso educativo reside numa maior aproximação da escola às famílias dos alunos e à comunidade.” (Zenhias, 2006, p. 28).

2.2 - Tipos de participação dos encarregados de educação na escola

A escola, enquanto instituição, é parte integrante da sociedade, estabelecendo relações com outras instituições, influenciando e sendo influenciada. A escola tem, hoje, um papel muito alargado na socialização, na transmissão de conhecimentos e de culturas, de conceitos e valores, pelo que precisa de todos os atores educativos da comunidade. Os princípios democráticos que estão implícitos pressupõem a aquisição de uma cultura social e organizacional assente numa gestão participada, o que implica defender e permitir o envolvimento regular e significativo de todos os parceiros educativos, na tomada de decisão.

A participação pode assumir diferentes formas e constitui a base para uma gestão democrática dos estabelecimentos de ensino. É consensual que todos os intervenientes no processo educativo percebam que “A participação das famílias exige a partilha do poder e o poder exerce-se para que sejam tomadas as decisões nem sempre consensuais ou que, nem sempre, interessam por igual a todas as partes.” (Marques, 1997, p. 9).

Atualmente, estão legisladas várias formas de participação dos encarregados de educação, sendo que a partilha de poder de decisão nos órgãos escolares resultou da pressão das Associações de Pais. No entanto, esta participação traduz-se numa presença silenciosa, o que contradiz o que está previsto na legislação, não contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino. Também existem determinados condicionalismos que

levam a que a participação dos encarregados de educação incida mais na classe média, que são os mais informados e neste sentido, esta participação poderá ter também um efeito negativo, na medida em que poderá reforçar a desigualdade social. É importante que haja uma discriminação positiva, no sentido de integrar os encarregados de educação menos informados e socioculturalmente mais desfavorecidos.

Segundo Diogo (1998), existem duas grandes formas de participação: democracia direta (exercício presencial) e democracia representativa (indireta e orgânica), sendo protagonizada por representantes dos indivíduos e abrindo “um fosso entre as decisões e os decisores e, desse modo, aumenta a distância entre o poder de decidir.” (Diogo, 1998, p. 68). Segundo este mesmo autor esta última constitui um obstáculo à participação. Para haver representatividade tem de haver um mandato; consenso e afinidade de pontos de vista e expectativas entre representante e representado; responsabilidade na satisfação das expectativas dos representados. Porém, raramente isto é respeitado, uma vez que os representantes, muitas vezes, são mais representantes de si próprios do que do coletivo que representam. No entanto, Diogo (1998) acredita que no contexto escolar a democracia representativa é a mais viável, por ser indireta e não impor a presença do elevado número de pessoas que o ensino envolve, optando por uma democracia representativa.

No que se refere à regulamentação, a participação também pode ser formal (ou institucionalizada, existindo um documento onde estão descritas todas as regras, constituindo uma referência para a organização) ou informal (ocasional, não estruturada ou não sistematizada, desenvolvendo-se à margem de estatutos ou regulamentos).

Joyce Epstein (1987), citado por Marques (1997), enuncia 5 tipos de envolvimento dos encarregados de educação, salientando que não devem ser vistos de forma isolada e sim num programa integrado que permita aos pais a escolha de um deles. Assim, “ajudar os filhos em casa” será um tipo de envolvimento que identifica os encarregados de educação como principais responsáveis por dar roupa alimentação e condições, de forma a satisfazer as necessidades básicas dos seus filhos. Refere-se à responsabilidade de educação fora da escola, estabelecendo regras, horas de brincadeira, de sono e de trabalho escolar.

O segundo tipo de envolvimento apresentado por Epstein (1987), de acordo com Marques (1997), é “comunicar com os pais” e a escola é a principal responsável por enviar aos encarregados de educação notas informativas trimestrais e de complementar essa informação com notícias sobre acontecimentos escolares. Acrescenta ainda que todos os encarregados de educação devem conhecer os objetivos da escola e os resultados dos testes.

O terceiro tipo é o “Envolvimento dos pais na escola,” definindo como o apoio voluntário às escolas, auxiliando os professores na preparação de visitas de estudo, organização de festas, apoio a crianças com dificuldades de aprendizagem, recolha de fundos, entre outros. As reuniões de encarregados de educação são outro tipo de envolvimento inserido neste que têm por objetivo a resolução de problemas escolares relacionados com os seus filhos.

O quarto tipo de envolvimento intitula-se “Envolvimento dos pais em atividades de aprendizagem, em casa” e refere-se a todas as atividades realizadas pelas crianças em casa, acompanhadas pelos encarregados de educação que são orientados pelos professores, com vista à consolidação de conhecimentos adquiridos na sala de aula.

Por último, Epstein (1987) de acordo com Marques (1997) reconhece o “Envolvimento dos pais no governo das escolas”, sendo que admite que os encarregados de educação devem influenciar e se possível participar na tomada de decisões, nomeadamente nas que se referem à melhoria do currículo, à política escolar e ao apoio no trabalho dos diretores e respetiva equipa de trabalho.

Swap (1990), citado por Diogo (1998) propõe três modelos de envolvimento parental:

A “Comunicação escola-casa” constitui o primeiro modelo, pressupondo que haja um trabalho colaborativo, por parte dos encarregados de educação, no sentido de desenvolver na criança os valores e os comportamentos sociais indispensáveis ao sucesso escolar. Os professores orientam os encarregados de educação no sentido de os apoiar no trabalho desenvolvido com os respetivos educandos em casa, nomeadamente nas tarefas escolares. Neste modelo o encarregado de educação é visto, portanto, como um auxiliar do professor, pois ajuda o seu educando a adquirir um conjunto de

capacidades e comportamentos que facilitam o sucesso escolar. Apesar dos encarregados de educação serem considerados como auxiliares do professor neste modelo, ainda não são vistos como parceiros na tomada de decisões, sendo que Swap (1990) identifica algumas limitações neste tipo de participação, nomeadamente a pouca disponibilidade das famílias para auxiliar os alunos nas tarefas escolares de casa, fruto da falta de qualificação, baixos rendimentos, longos horários de trabalho, problemas de saúde. Também habitações degradadas não motivam para a realização de trabalhos de casa. Há casos extremos de pobreza, onde não se consegue anular os efeitos negativos desta grande limitação e corre-se o risco de marginalizar a cultura da criança, quando existe um esforço em transmitir as principais finalidades e valores sociais.

“O modelo interativo” proposto por Swap (1990) diz que os encarregados de educação e os professores definem objetivos e aprendizagens em conjunto. Este tipo de envolvimento tem o objetivo de valorizar o sucesso escolar em situações específicas. Trata-se de um modelo que, na maioria das situações, não é aplicado a todo o universo escolar, mas apenas em algumas turmas onde se verifica à partida a falta de envolvimento das famílias. Isto acontece muitas vezes em turmas com minorias étnicas. A dificuldade de implementação deste modelo reside numa certa descontinuidade cultural entre os professores e os encarregados de educação, dificultando a comunicação. Uma solução apresentada por Swap (1990) pressupõe a necessidade de um maior número de professores originários das minorias étnicas, pois estes estão em condições de valorizar e entender melhor a cultura dos alunos e respetivas famílias. Outra solução apresentada seria diversificar a interação e os canais de comunicação informal entre os encarregados de educação e os professores. Por último, tanto os encarregados de educação como os professores poderiam fazer uma formação que colmatasse os pontos de diferença entre as respetivas culturas, podendo esta constituir uma terceira solução. Neste sentido, os encarregados de educação aprenderiam a cultura da escola e os professores a cultura dos alunos e respetivas famílias. Mas também aqui Swap (1990) chama a atenção para algumas limitações, referindo que hoje em dia, e principalmente nos grandes centros urbanos, a multiculturalidade é cada vez mais evidente e afeta a comunicação entre as diversas comunidades étnicas; é difícil sistematizar ou identificar os elementos mais significativos de cada cultura, exigindo o

recurso a métodos etnográficos, como a observação participante em contexto familiar que exige formação mais específica e torna o processo muito moroso.

A ideia de que a educação tem como um dos seus objetivos a homogeneização cultural ainda está muito presente, contrariando as finalidades deste modelo em questão que pretende a integração de todas as etnias na comunidade escolar, respeitando as diferenças e os valores de cada uma e promovendo a diferenciação pedagógica.

“O modelo de parceria” constitui o terceiro modelo de Swap (1990) e pretende integrar as características dos dois modelos anteriores, referindo a importância de haver uma mudança política e de atitudes, existindo um respeito mútuo e poder partilhado. Assim, Swap define um conjunto de pressupostos em que assenta este modelo, nomeadamente a existência de clareza e consenso nas finalidades (onde as crianças e respetivos familiares não são culpabilizados pelo insucesso escolar); a revisão curricular (o currículo deve ser enriquecido com as experiências de vida de cada criança, favorecendo os processos de aprendizagem e a construção de capacidades de raciocínio crítico); a autonomia e controlo local (necessidade de flexibilização perante necessidades emergentes e tomada de decisão autónoma para a gestão pedagógica); a parceria entre professores, encarregados de educação e membros da comunidade (aqui o objetivo é o sucesso para todas as crianças, passando pelo reconhecimento da importância da colaboração entre professores, encarregados de educação e representantes comunitários). Os defensores deste modelo acreditam que a parceria escola-família é um importante fator que favorece o sucesso escolar

Diogo (1998) apresenta ainda a visão de Pateman (1970) que identifica 3 níveis de participação, de acordo com a capacidade dos atores intervirem nos processos de decisão. A “pseudoparticipação” constitui o nível mais baixo, onde os participantes não têm qualquer capacidade de intervenção nos processos de tomada de decisões, sendo que, nesta situação em concreto, existem um conjunto de estratégias para convencer os participantes a aceitarem decisões que já estão tomadas. A “participação parcial” é o segundo nível, onde os participantes já têm alguma capacidade de influenciar nas decisões, mas onde o efetivo poder de decisão se mantém no topo da hierarquia (diretores e gestores). Por último, a “participação total” constitui o nível mais elevado

de participação, onde todos os atores são colocados em pé de igualdade, ou seja, com a mesma capacidade de intervenção direta nos processos de decisão.

Ferreira (1992), citado também por Diogo (1998), define igualmente 3 graus de participação mas, de acordo com a intensidade. O primeiro grau intitula-se “participação perfeita”, onde o poder é partilhado e é dada a oportunidade a todos os atores de participarem em todos os momentos de tomada de decisões. A “participação imperfeita ou mitigada” constitui o segundo grau de participação e exclui os atores dos processos de tomada de decisões, tendo estes apenas a oportunidade de expor a respetiva opinião, após a consulta formal ou informal sobre qualquer problemática. O terceiro e último grau denomina-se de “a não participação” e relaciona-se com processos de decisão com os quais os atores não se identificam e são forçados a aceitar as decisões tomadas.

Segundo Lourenço (2008) perante a realidade social que se vive hoje, a escola deve ter em consideração a existência de vários modelos de família. Neste sentido, será importante que permita vários tipos de envolvimento dos encarregados de educação que vão ao encontro das necessidades e disponibilidades dos mesmos. O que é necessário é que a escola não fique fechada sobre si própria, com reduzidos contactos e interações com as famílias, combatendo as opiniões dos que consideram que não se devem envolver na vida da escola e os professores vêm o envolvimento das famílias como uma interferência.

Trata-se, portanto, de aumentar as interações entre os sistemas que influenciam o mundo da criança e instituir uma verdadeira educação participada.

Fazer do estabelecimento de ensino uma verdadeira «comunidade educativa», na qual professores, alunos, famílias, órgãos de gestão e elementos representativos das forças vivas da comunidade se organizem na definição das políticas educativas locais, estabelecidas no quadro da autonomia pedagógica emergente da construção participada e negociada dos projectos educativos de escola, é uma das soluções que no plano organizacional importa concretizar. (Diogo, 1998, p. 86).

Em suma, Silva (2008) refere que o número de encarregados de educação que se envolvem individualmente na escola é consideravelmente superior em relação ao número dos “que se incluem no conceito de dimensão de actuação colectiva” (p. 120)

3- A Participação dos Encarregados de Educação na Gestão e Administração da Escola

A emergência de legislação que obriga a participação dos encarregados de educação, como já referimos anteriormente, surge da iniciativa do Estado e não da pressão dos encarregados de educação. De acordo com esta perspetiva, ao permitir uma maior participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão da escola, estes tenderiam a adotar posições consistentes e constituiriam uma forma de controlar, regulamentar o trabalho dos professores. No entanto, na prática, sabemos que isto não se verifica, pois os encarregados de educação têm-se aliado aos professores contra as políticas educativas e contra algumas carências das escolas.

Segundo Davies (1994; 2005) citado por Faria (2011), a participação direta dos interessados nos processos de tomada de decisão, na formalização de espaços e órgãos de participação dos representantes dos vários grupos de interesse, na constituição de uma ação associativa ou de movimentos cívicos, constitui uma forma de democracia. Ou seja, pelo exercício da participação dos encarregados de educação, e de acordo com a qualidade dessa participação, o encarregado de educação assume a sua responsabilidade, enquanto cidadão numa democracia.

Quando se fala em envolver os encarregados de educação na tomada de decisões, de acordo com Diogo (1998) estamos a falar de uma parceria com a escola. Neste sentido, para que haja uma parceria é preciso que os encarregados de educação sejam vistos como parte integrante da equipa da escola. Nesta equipa, todos os elementos devem trabalhar ativamente para a mesma missão. Quando uma pessoa tem uma atitude passiva, aceitando fazer tudo o que lhe dizem, não podemos dizer que pertence a uma parceria.

Criar uma cultura participativa, segundo Diogo (1998), requer uma organização das escolas para a definição de objetivos consensuais que explicitem os valores partilhados e criem expectativas comuns relativamente ao presente e ao futuro, sendo uma tarefa árdua e complexa. Só assim será possível começar a privilegiar o “nós” em detrimento

do “eu” e caminhar para a construção de uma solução que, não sendo eficaz em todas as situações, poderá trazer novas perspectivas de solução para muitos dos problemas educativos com que a organização escolar se debate. Assim, segundo Silva (2003) para além de podermos ver os encarregados de educação como consumidores, passamos a vê-los também a assumir o papel de gestores, passando a agir em nome de um conjunto de alunos e não apenas dos que representa diretamente.

Hoje, acredita-se que as parcerias podem ajudar a melhorar a educação. Neste sentido, ao promover uma maior participação dos encarregados de educação nos processos de tomada das decisões, estamos a contribuir para este fim.

Montandon (1987) citado por Diogo (1998) identifica quatro grandes tipos de atitudes da escola em relação aos encarregados de educação. Ou são considerados clientes que não conhecem nada de pedagogia ou de gestão e, por isso, não podem dar o seu contributo na escola, sendo que a única coisa a fazer é informá-los das decisões tomadas, o que obriga a ultrapassar o obstáculo da comunicação; podem também ser considerados avaliadores a que se recorre para obter um feedback, uma informação retroativa; podem ser considerados como um grupo de pressão, sendo que muitas vezes, os professores os vêem como adversários, criando algumas situações de conflito e até mesmo de afastamento de todo o contexto escolar e por último, podem ainda ser considerados como verdadeiros parceiros, chamados a participar nas tomadas de decisão. Para os defensores dos valores de participação, esta última traduz a valorização da participação dos encarregados de educação, acreditando que este é o caminho para melhorar a qualidade das decisões, a eficácia e a qualidade dos serviços prestados.

Apesar de não existirem muitos estudos sobre o desempenho dos encarregados de educação nestes órgãos, acredita-se que seja quase invisível, sendo que apenas intervêm para obter esclarecimentos pontuais. De acordo com Feiteira (2007) os assuntos, onde se verifica uma maior participação dos EE nos órgãos de gestão estão relacionados com os seus educandos, assim como com críticas ou questões sobre a qualidade e estratégias pedagógicas dos professores e sobretudo aos processos de avaliação.

No que se refere aos “assuntos de política organizativa e pedagógica quando convidados a participar os EE assumem uma postura algo retraída com contornos de

desconhecimento que os levam a tomar uma atitude algo submissa” (Feiteira, 2007, p.165) referindo que os professores são as pessoas mais aptas a tomarem as decisões. Indo ao encontro do que esta autora defende, verifica-se também ausência destes elementos. “O carácter técnico da discussão, aliado ao facto de os representantes dos pais raramente receberem atempadamente, ou não receberem de todo, alguns dos documentos de trabalho necessários a um envolvimento informado nas discussões, explica, pelo menos em parte, esta falta de protagonismo dos pais.” (Sá, 2004, p. 90) Segundo Silva (2003) a maioria dos representantes dos encarregados de educação tiveram nos órgãos de gestão da escola uma atitude passiva, não intervindo nem questionando os assuntos discutidos em Assembleia de Escola. Este autor caracteriza os encarregados de educação participantes nestes órgãos como sendo “brancos, da classe média e de profissões liberais” (2003, p. 48), o que não corresponde à maioria dos encarregados de educação portugueses. Por outro lado, os encarregados de educação assumem, usualmente, uma perspetiva a curto prazo que se foca nos alunos que representam diretamente. Já os professores demonstram ter uma perspetiva mais a longo prazo, com o objetivo de melhorar o sistema educativo. Outro fator que afeta o desempenho dos encarregados de educação refere-se ao género, já que, segundo este autor, as mães têm uma atitude mais passiva, adotando uma “participação” silenciosa nestes órgãos, uma vez que são menos interventivas.

Mais recentemente, Custódio (2012) chega a conclusões semelhantes, referindo que a participação dos encarregados de educação, na generalidade, é passiva e apática. Geralmente, os elementos não docentes, constituintes destes órgãos têm um menor conhecimento sobre os problemas da escola e do ensino em geral, do que os professores.

Nos EUA e na Grã-Bretanha as Associações de Pais e Professores trabalham em conjunto com o objetivo “de melhorar os *curricula*, recolher fundo para a realização de programas especiais, influenciar a política escolar e apoiar o trabalho de directores e respectivo *staff*.” (Marques, 1997, p. 20).

Segundo Epstein (1997) citado por Sá (2004) a participação dos encarregados de educação pode trazer-lhes as seguintes vantagens: envolvimento e conhecimento das

políticas de educação; integração na escola; partilha de experiências e interação com outras famílias e valorização dos encarregados de educação nas decisões da escola.

É consensual que os órgãos de administração e gestão das escolas constituem estruturas formais de participação importantes e o modo como são constituídos, o âmbito das competências que possuem e a maneira como são exercidas podem influenciar de maneira decisiva a vida democrática na escola. As escolas inseridas numa comunidade com maior diversidade cultural devem fazer um maior esforço na procura destes encarregados de educação. Os encarregados de educação devem participar em todos os níveis de ensino. No entanto, esta participação deve estar relacionada unicamente com a política educativa geral e com todos os outros assuntos que não interfiram diretamente com a autonomia pedagógica dos professores (transportes escolares, horários escolares, calendário escolar, segurança dos alunos e serviços de almoços. A participação dos encarregados de educação é considerada útil em todos os grupos de consulta que tenham a finalidade de ajudar a direção da escola a tomar decisões sobre a melhoria do processo educativo. Nota-se um maior envolvimento encarregados de educação na organização e gestão de atividades de ocupação dos alunos nos períodos de pausas letivas.

Segundo Marques (2001), as Associações de Pais, constituem um bom instrumento para encontrar os encarregados de educação interessados em participar neste tipo de parceria.

A partir do momento em que a legislação torna possível e impõe a participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão e administração da escola, torna-se importante perceber quem são os pais que integram estes órgãos e qual é o seu papel. Apesar de até 2012 estar previsto a participação dos encarregados de educação no Conselho Pedagógico e no Conselho Geral, hoje os encarregados de educação só estão representados no Conselho Geral.

Contudo, e apesar da participação dos encarregados de educação estar assegurada pela legislação, Fernandes (2003) chama a atenção para algumas questões que se levantam: Legislativamente, os pais estão nas escolas, e na realidade? Que fazem lá eles? Que iniciativas tomam? Sobre que assuntos? Que uso da palavra fazem? Como se organizam? São questões pertinentes, às quais pretendemos também responder nesta investigação.

Em suma, segundo Lourenço (2008) é imprescindível a existência de uma “parceria que se traduza na partilha de responsabilidades na tomada de decisões entre professores e encarregados de educação.” (p. 212). Para que os resultados sejam visíveis, tem de haver uma preocupação por parte da escola em “incentivar a formação inicial e contínua dos docentes e das famílias, com a finalidade de desenvolver competências que fortaleçam a colaboração e a comunicação nos dois sentidos.” (p.212).

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

1- Metodologia

Neste ponto pretendemos descrever e justificar a utilização dos métodos de investigação utilizados no presente estudo, evidenciando as respetivas potencialidades das opções tomadas.

1.1 - Problemática, pergunta de partida e objetivos do estudo

Foi em 1991 que se contemplou pela primeira vez a participação formal dos encarregados de educação em todos os órgãos de gestão da escola, apesar da intervenção destes ser praticamente invisível. Porém, com o Decreto-Lei n.º 75/2008 surgem algumas alterações fundamentais que impõem uma participação ativa dos encarregados de educação, dando-lhes poder para presidirem o Conselho Geral, para participarem na eleição do Diretor e para participarem no Conselho Pedagógico. Finalmente, os encarregados de educação são vistos como membros da gestão da escola, mas será que existe uma participação efetiva destes membros? Quais são os seus contributos nos órgãos de gestão de topo? Como é que os professores vêem este tipo de participação?

Face a todas estas questões, pretendemos perceber, através deste estudo “Como é que professores e encarregados de educação perspetivam a participação destes nos órgãos de gestão de topo da escola?”, constituindo a nossa pergunta de partida.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2008) a pergunta de partida constitui a melhor forma de se começar uma investigação. O seu objetivo é dar a conhecer de uma forma sintética o que pretendemos estudar e para tal, na opinião deste autor, tem de ser clara, exequível e pertinente. Neste sentido, e tendo em conta a pergunta de partida, o objetivo geral do deste estudo é:

descrever e compreender a participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão de topo, as implicações que esta tem na gestão da escola, assim como no sucesso escolar dos seus educandos e a credibilidade que os mesmos têm perante os outros agentes educativos.

Por outro lado, o presente estudo tem ainda como objetivos específicos:

- Compreender as representações que os professores constroem da participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão de topo;
- Compreender as representações que os encarregados de educação têm sobre a sua própria participação nos órgãos de gestão de topo;

1.2 - A investigação qualitativa

Este estudo enquadra-se numa investigação de natureza interpretativa/qualitativa. Optámos por uma abordagem qualitativa, pois pretendemos ter acesso às perceções dos diferentes intervenientes no estudo, nomeadamente dos próprios encarregados de educação membros dos órgãos de gestão, dos professores, do diretor do agrupamento e dos restantes presidentes dos órgãos de gestão do Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus. Dentro do paradigma qualitativo, pretendemos recorrer ao estudo de caso, sendo que para Bogdan e Biklen (1992) consiste num exame detalhado de uma situação, sujeito ou acontecimento. Portanto, constitui um método que se adequa ao nosso estudo, pois pretendemos clarificar e compreender as experiências dos encarregados de educação que participam nos órgãos de gestão de topo da escola. Para compreender este tipo de participação, acedemos às representações dos diferentes elementos educativos, de forma a conhecer em profundidade este assunto, organizando-os em dois grandes grupos: professores e encarregados de educação.

Existem diversas modalidades de estudo de casos, distinguindo-se pelas características e procedimentos que adotam. Neste estudo em concreto e de acordo com Marshall e Rossman (1995) citado por Sousa e Baptista (2011) consideramos que se caracteriza por ser um estudo de caso exploratório já que procuramos conhecer e perceber uma

realidade que não conhecíamos - a participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão de topo da escola (Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus - e levantar hipóteses de entendimento desta mesma realidade.

1.3 - Contexto do Estudo

O estudo decorreu no agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus.

A caracterização do contexto onde decorreu o estudo, foi realizada com base na análise de documentos do Agrupamento, nomeadamente o Regulamento Interno, o Projeto Educativo e o Relatório de Avaliação Externa de 2009, assim como nalgumas informações facultadas pelos entrevistados, via email ou através de conversas informais, durante o processo de recolha de dados.

O Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus é constituído por 9 escolas de 1º ciclo, 1 escola de 2º ciclo e 3º ciclo e 5 jardins de infância das freguesias de Leiria, Pousos e Arrabal, sendo que os seus alunos proveem de um meio rural, rur-urbano e urbano.

A nível social é reconhecido pela direção do agrupamento diferentes problemas, nomeadamente, a situação económica difícil e a dificuldade de inserção social e cultural. Por outro lado, verificam-se também problemas resultantes do facto de os pais/encarregados de educação, terem longos períodos laborais que os impedem de apoiar, como seria desejável, os educandos na sua vida pessoal, social e escolar. Relativamente às habilitações académicas dos encarregados de educação, num universo de 1580, cerca de 70% possui apenas a escolaridade básica.

Neste Agrupamento existe um número significativo de alunos provenientes de famílias disfuncionais e/ ou economicamente desfavorecidas. Existe um elevado número de alunos de etnia cigana (provenientes dos bairros sociais afetos à área de influência do Agrupamento), assim como de alunos estrangeiros, (mais de uma dezena e meia de nacionalidades, sendo que os alunos estrangeiros mais recentes são imigrantes de países do leste europeu e do Brasil).

A missão da escola expressa no projeto educativo é “Valorizar a Escola; Valorizar as Pessoas; Valorizar-se a si mesmo” (Projeto Educativo 2010-2013, p.7), e no Plano de Ação, o Diretor identificou os problemas que o mesmo considerou mais importantes e de urgente resolução: “o clima da escola, a organização e comunicação, falta de tempo e recursos, o reconhecimento do sucesso, a equidade ou igualdade de oportunidades, as ligações escola-família e o apoio ao ensino e aprendizagem.” (Projeto Educativo 2010-2013, p.4) Por outro lado, apresenta ainda “3 eixos de Intervenção Prioritária: Melhoria da Qualidade dos serviços prestados; Valorização do cumprimento de regras de convivência; Reforço da troca de experiência e das dinâmicas de comunicação interna e externa.” (Projeto Educativo 2010-2013, p.6)

O agrupamento obteve no relatório de Avaliação Externa de 2009² a qualificação de Muito Bom em 4 dos 5 domínios: Resultados, Prestação do Serviço Educativo, Organização e Gestão Escolar, e Liderança. Na Capacidade de Autorregulação e Melhoria do Agrupamento obteve a classificação de Bom. Neste relatório podemos constatar um conjunto de pontos fortes e pontos fracos que passo a enumerar. Como pontos fortes temos:

- os resultados obtidos quer nas provas de aferição, quer nos exames nacionais foram acima da média nacional;
- diminuição progressiva do abandono escolar por parte dos alunos em situação de risco;
- desenvolvimento de uma política de equidade e justiça como forma de responder à diversidade e às desigualdades sociais;
- promoção do trabalho cooperativo dos docentes com impacto na melhoria dos resultados escolares;
- qualidade no acompanhamento adequado dos alunos com necessidades educativas especiais;
- parceria com entidades e instituições locais, melhorando a ação educativa.

² Ver Relatório de Avaliação Externa da Delegação Regional do Centro da IGE, 2009.

Como pontos fracos temos:

- falta de aplicação, com regularidade, de alguns instrumentos de avaliação comuns no 1.º ciclo;
- investimento insuficiente na formação dos assistentes operacionais;
- inexistência de planos consistentes para o progresso da organização., decorrentes da autoavaliação;

Por outro lado, é ainda referido um constrangimento que se refere às dificuldades de acesso à internet em algumas escolas de 1.º ciclo, não permitindo explorar este recurso da forma mais eficaz na promoção de aprendizagens.

A Associação de Pais do agrupamento em estudo é constituído por 13 encarregados de educação, sendo que 3 são do sexo masculino e 10 são do sexo feminino. Apenas dois elementos participam nos órgãos de gestão. No que se refere às profissões, repartem-se por: Engenheiros, Professores/as, Secretaria Direção, Contabilistas, Militares, Empresarias e Enfermeiras.

1.4 - Definição/Seleção da amostra do estudo

A seleção da amostra tem o objetivo de obter informação e criar um modelo explicativo a partir da realidade encontrada no agrupamento em estudo, baseando-se em critérios pragmáticos e teóricos. Assim, a amostra na investigação qualitativa procura a máxima variedade de perspetivas existentes, sendo que procurámos seleccionar os melhores informantes. Como entrevistadores escolhemos elementos que considerámos obrigatórios, nomeadamente o Diretor do Agrupamento que também é presidente do Conselho Pedagógico, assim como o presidente do Conselho Geral e o presidente da Associação de Pais. Outros foram sugeridos pelos membros dos órgãos de gestão de topo, nomeadamente os professores membros do Conselho Geral e do Conselho Pedagógico. Por último, entrevistámos os encarregados de educação membros ativos

nos órgãos de gestão de topo³, sendo que nenhuns dos sujeitos que constituem a amostra foram escolhidos ao acaso, de forma a recolher informação de qualidade. Desta forma, os sujeitos seleccionados foram considerados “*informadores-chave*” (Bogdan e Biklen: 1994, p. 95) para este estudo, pela sua experiência e pelos cargos desempenhados no agrupamento. A dada altura, os dados recolhidos começaram a repetir-se, sendo que atingimos um nível de saturação teórica, não se justificando a realização de mais entrevistas.

Assim, a amostra é constituída por 6 elementos, tal como podemos constatar no Quadro I:

Quadro I – Entrevistados e respetiva caracterização

Cargo	Anos de Experiência nos cargos	Formação	Género	Idade
Diretor do Agrupamento e Presidente do Conselho Pedagógico	3 anos (esteve ainda 5 anos como vice-presidente)	Licenciatura em Educação Física e Pós-Graduação em Administração Escolar	Masculino	37
Presidente do Conselho Geral	4 anos	Licenciatura em Geologia – Ramo Educacional	Masculino	45
Presidente da Associação de Pais e membro no Conselho Geral	1 ano	Licenciatura em Engenharia Eletrotécnica	Masculino	45
Professor Membro do Conselho Pedagógico	10 anos	Licenciatura em Engenharia Eletrotécnica	Masculino	60
Professor Membro do Conselho Geral	3 anos (também já foi membro no Conselho Pedagógico)	Licenciatura em Geografia	Masculino	52
Encarregado de Educação Membro do Conselho Pedagógico	4 anos	Antigo 7.º ano do liceu	Masculino	66

³ Pois trabalhámos à luz do Decreto-Lei n.º 75/2008 que previa a participação dos encarregados de educação no Conselho Pedagógico.

1.5 - Técnicas e instrumentos de recolha de dados

1.5.1. *Entrevista*

Para a recolha de dados recorreremos à entrevista semiestruturada, orientada para a resposta (Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 2005). A entrevista é constituída por questões abertas e não prevê obrigatoriamente a ordem de surgimento das mesmas, podendo esta ser alterada ao longo do decorrer da entrevista, consoante o discurso do entrevistado. Estas questões abertas têm como objetivo criar um clima de cooperação entre entrevistados e entrevistador, permitindo-lhes falar abertamente, dando flexibilidade às suas respostas e explorando de uma forma aprofundada o tema específico. De acordo com Cockburn (1980), citado por Hébert, Goyette e Boutin (2005), a entrevista por nós adotada será também do tipo fenomenológico, uma vez que não pertencemos ao sistema do Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus mas, como entrevistadores, temos por objetivo investigar as perceções dos professores e encarregados de educação, como membros deste sistema de forma a compreender o funcionamento do mesmo. Assim, a entrevista é usada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio entrevistado, permitindo-nos desenvolver uma ideia sobre a maneira como os entrevistados interpretam os dados e onde se foca a investigação.

O guião da entrevista tem ligeiras adaptações consoante o entrevistado. Assim, os guiões das entrevistas constam no Anexo II, indo ao encontro das questões estruturantes do estudo, dos objetivos traçados e das referências teóricas decorrentes da revisão da literatura. Por outro lado, o nosso próprio conhecimento como profissionais foi igualmente útil na produção dos guiões das entrevistas. Estes guiões são constituídos por quatro partes:

- Na primeira parte os entrevistados foram convidados a indicar um conjunto de dados pessoais e profissionais, de forma a caracterizar o entrevistado, sendo que esta era preenchida no momento pelo mesmo.

- Na segunda parte, foi-lhes solicitado que descrevessem a participação dos Encarregados de Educação.

- Na terceira parte, foram-lhes requeridas informações relativas à respetiva perceção sobre as potencialidades e limitações deste tipo de participação.

- Na quarta parte, foram convidados a apresentar possíveis soluções para melhorar a participação dos encarregados de educação na gestão da escola.

As entrevistas têm como objetivo aceder às representações que os diferentes intervenientes têm sobre a participação dos encarregados de educação na gestão de uma organização escolar.

Os procedimentos seguidos foram os seguintes:

- a) Dirigimo-nos, via email e por telefone, ao diretor do agrupamento afim de obter a sua autorização para desenvolver o estudo;
- b) Dirigimo-nos a cada elemento dos órgãos de gestão (por vezes depois de contactos telefónicos ou e-mail), explicando as razões da pesquisa; solicitámos a sua participação no estudo, através da resposta a uma entrevista.
- c) Após a obtenção de uma resposta positiva, marcámos uma hora compatível com ambos os horários de trabalho, na sede do agrupamento. Era pedido antecipadamente a autorização para gravar a entrevista com um suporte de gravação áudio, de forma a facilitar a transcrição da mesma.
- d) No final era entregue um documento com a carta explicativa e com todas as perguntas que constituíam a entrevista, assim como uma outra cópia devidamente assinada pelo entrevistado, de forma a constituir um registo para a investigação. Houve também a possibilidade de responder a algumas questões complementares através de e-mail.

Em todos os casos foram tomadas todas as precauções para que o anonimato dos participantes no estudo fosse mantido, de modo a que as respostas não fossem enviadas. Importante será ainda referir que, os guiões foram sofrendo algumas alterações que se revelaram necessárias com o decorrer das entrevistas. Posteriormente procedemos à transcrição textual de todas as entrevistas para, de seguida fazermos o respetivo tratamento e análise. As entrevistas foram transcritas na íntegra e procurámos

ser o mais fiéis possível à gravação áudio, registando alguns comportamentos e expressões através da pontuação que poderão contextualizar o que foi dito.

1.6 - Técnicas e instrumentos de tratamento de dados

Para analisar os dados recolhidos pelas entrevistas recorreremos a grelhas de análise de conteúdo e criámos as categorias, as subcategorias e as unidades de registo. Começámos por ler as entrevistas, de forma a identificar dimensões e temas referidos pelos participantes, assim como subcategorias que se enquadrem nestes temas gerais. Nesta fase surgiram determinadas palavras, frases, acontecimentos que se destacam e é a partir daqui que vamos organizar toda a informação recolhida e classificar os dados descritivos recolhidos. De acordo com Bogdan e Biklen (1994) o sistema impõe que se procure uma regularidade e padrões nos dados recolhidos através da entrevista, organizando-os em categorias e subcategorias de codificação.

As leituras dos textos conduziram à identificação de 6 categorias:

- Caracterização da Participação dos Encarregados de Educação na Escola;
- Caracterização da Participação dos Encarregados de Educação no Conselho Geral;
- Caracterização da Participação dos Encarregados de Educação no Conselho Pedagógico;
- Potencialidades da participação dos Encarregados de Educação;
- Dificuldades e Constrangimentos da participação dos Encarregados de educação;
- Medidas para promover a participação dos Encarregados de educação.

Posteriormente, lemos todos os textos das entrevistas, com o objetivo de identificar os diferentes segmentos do texto e reconhecer unidades de registo que fundamentassem as categorias e subcategorias encontradas.

Com o objetivo de preservar o anonimato dos entrevistados e a confidencialidade dos dados, atribuímos uma codificação aos mesmos de E1, E2, Pf1, Pf2, Pf3 e Pf4 na análise de conteúdo.

2- Apresentação, análise e comentário dos dados

2.1. Apresentação e análise

Dentro do paradigma qualitativo passamos a apresentar e a analisar os dados recolhidos de forma a podermos sintetizar, por um lado a perspetiva dos professores e por outro a perspetiva dos encarregados de educação sobre a participação destes últimos, nos órgãos de gestão de topo da escola.

2.1.1- Opinião dos Professores

Sobre a qualidade da participação dos encarregados de educação no Conselho Geral e no Conselho Pedagógico

É consensual, entre todos os professores entrevistados que a Associação de Pais é uma grande aliada do Agrupamento de escolas em estudo:

a Associação de Pais é a primeira entidade que sai em defesa do Agrupamento, porque foi chamada a participar, porque se comprometeu com os seus contributos e sabe perfeitamente que não é assim como está a ser feito ou como está a ser dito. (Pf4)

Para justificar este reconhecimento por parte dos professores, são vários os exemplos que estes referem, enfatizando a importância do papel desta no desenvolvimento de alguns projetos de melhoria na escola: “alguns projetos notórios, talvez até inovadores, não sei. Por exemplo, no refeitório, no controle das filas. São os pais que fazem esse controle, muitas vezes.” (Pf2); “o telheiro foram eles que construíram, a questão dos

cartões eletrónicos teve muita participação dos pais” (Pf2). Para além do professor membro do Conselho Geral, também o professor membro do Conselho Pedagógico refere mais um exemplo de iniciativas que a Associação tem protagonizado:

“E a própria Associação de Pais intervém para auxiliar a escola a resolver esses problemas, a nível... Como eu lhe digo, a nível da cantina e dos transportes escolares, que não são propriamente transportes escolares (...) Portanto, são dois aspetos em que intervêm e procuram ajudar a solucionar os problemas.” (Pf3)

Os professores consideram que esta Associação teve uma evolução muito positiva, “porque a AP intervém de forma muito proactiva na resolução dos problemas e na e na...mesmo na dinâmica da escola, na descoberta de possíveis soluções para os problemas, na apresentação de projetos práticos” (Pf1). Este reconhecimento é tal forma que muitas vezes, quando falam da participação dos encarregados de educação, referem-se apenas aos respetivos membros, devido à sua atividade constante no Agrupamento e mais concretamente aos membros dos órgãos de gestão de topo:

Dá-me ideia que tem havido uma evolução positiva. Isto é, tem aumentado de forma qualitativa e quantitativa essa participação. Tem havido pouco a pouco mais pais a quererem intervir na escola e essa participação tem sido melhor. E falo especificamente da Associação de Pais cá da Escola. (Pf1).

No que se refere à participação dos EE no Conselho Geral, todos os professores consideram que “tem sido bastante ativa e bastante empenhada e tem sido bastante boa.” (Pf1). Assim, caracterizam estes membros como sendo “Pessoas muito interessadas, empenhadas no trabalho que estão a fazer.” (Pf2). O Diretor do Agrupamento e Presidente do Conselho Pedagógico acrescenta ainda que estes EE “aconselham a escola, apresentam propostas e... Por outro lado, ajudam a própria escola a resolver algumas das situações com os outros pais menos esclarecidos.” (Pf4).

Para qualificar a atividade dos EE nas reuniões do Conselho Geral, o respetivo Presidente refere que “Sempre que há qualquer coisa que tenham dúvidas, perguntam. Sempre que há qualquer aspeto que querem ver esclarecido põem à consideração do conselho geral” (Pf1). O professor membro do Conselho Geral enfatiza a importância do papel dos EE neste órgão, “quando há uma necessidade da escola que seja necessário investir verbas, que seja necessário pedir apoios a firmas, empresas, etc. Aí sim, eles são importantes, dão a sua opinião e até realizam.” (Pf2).

No Conselho Pedagógico, apesar do Diretor caracterizar os EE como sendo “muito esclarecidos, muito interessados e são pais também, com uma grande experiência de Associações de Pais e de associativismo” (Pf4), a opinião dos restantes professores é que:

A maior parte dos encarregados de educação não está por dentro do funcionamento da maior parte das coisas, portanto, vão ao conselho pedagógico e tomam muitas vezes as posições quando lhes é solicitado. É muito difícil conseguir ter uma intervenção espontânea e ter um encarregado de educação ao nível dos outros membros da direção pedagógica. (...) o encarregado de educação está sempre um bocadinho à margem, nunca é uma pessoa muito interventiva (Pf3).

O professor membro do Conselho Geral justifica a sua opinião referindo que “os encarregados de educação têm uma participação nas reuniões que a própria lei condiciona, porque o encarregado de educação vem à primeira reunião e só vem a uma parte da reunião, porque não pode assistir a tudo aquilo que diga respeito à avaliação dos alunos” (Pf3).

Assim, a passividade é um adjetivo que caracteriza a participação dos EE no Conselho Pedagógico: “No Pedagógico nunca vi que fosse proposta alguma coisa. (...) Mas normalmente as sugestões para essas coisas partem sempre dos professores.” (Pf3). O Diretor do Agrupamento acaba por concordar com esta passividade, quando refere “Há sempre da parte da Associação de Pais uma... o anuir, portanto, o concordar com aquilo que está a ser dito pelos professores” (Pf4).

Contudo, é evidente que existem determinados assuntos, onde os EE se sentem mais confiantes em participar, “eles estão um bocadinho mais à vontade nos assuntos que diga respeito à permanência na escola sem atividade letiva” (Pf4), nomeadamente os horários de alguns serviços da escola, a qualidade da alimentação, os problemas de transportes, entre outros aspetos referidos pelos entrevistados. Enfim, “Tudo o que diga respeito a aspetos práticos da vida da escola, interessam-se de alguma maneira.” (Pf1)

Tanto no Conselho Pedagógico como no Conselho Geral existe uma fraca representatividade dos EE: “O facto de só termos cinco pais no Conselho Geral e haver dez Associações de Pais dentro deste agrupamento” (Pf1). No entanto, ao longo das entrevistas realizadas percebemos que tanto o Conselho Geral como o Conselho

Pedagógico só convocam para as reuniões um EE representante de cada órgão que depois informa os restantes membros sobre o que foi debatido: “No Conselho Pedagógico nós só temos um encarregado de educação” (Pf3). Contudo, o Presidente do Conselho Geral admite que “chegou-se ao nível, eu penso razoável de participações das Associações de Pais. Mais seria difícil.” (Pf1). Por outro lado, o professor membro do Conselho Geral reconhece que os EE que participam nos órgãos de gestão de topo não representam os restantes EE no que se refere às características da participação, “as pessoas que estão nos órgãos da escola, normalmente são sempre os mesmos e, portanto, são pessoas interessadas, mas não representam a grande maioria dos pais” (Pf2).

Por último, os professores partilham da mesma opinião, quando constatarem que os EE assumem uma postura de representação de um todo “a pessoa percebe que está ali em representação dos pais” (Pf2). Porém, assumem que “muitas vezes, eles partem do seu educando, mas tentam representar, efetivamente, todas as outras crianças.” (Pf1). O Diretor do agrupamento reforça esta ideia dizendo: “Eles têm consciência que representam todos. Às vezes distraem-se! (...) Mas é residual. (...) Eles não vão lá a título individual” (Pf4).

Sobre as características dos encarregados de educação que participam nos órgãos de gestão de topo

É unânime entre todos os professores que “há mais mães a participar!” (Pf3) na escola. Contudo, no que se refere aos órgãos de gestão em concreto, existem apenas dois EE que são do sexo masculino, havendo um representante do sexo feminino que só é convocada, no caso dos representantes oficiais não terem disponibilidade para estar presentes.

Normalmente, os EE mais participativos são os que têm os seus educandos “nos níveis mais baixos, a participação é maior.” (Pf2). No entanto, mais uma vez, no que se refere aos órgãos de gestão de topo, pudemos constatar, através dos dados recolhidos nas

entrevistas, que os dois EE membros dos órgãos de gestão, têm dois educandos alunos do terceiro ciclo.

No que se refere à formação destes EE, verificámos que o membro do Conselho Pedagógico tem o antigo 7.º ano do liceu e é bancário de profissão. O membro do Conselho Geral é licenciado em Engenharia Eletrotécnica, sendo que a Direção de Produção é a sua profissão.

Sobre as motivações dos encarregados de educação para participar nos órgãos de gestão de topo

É consensual entre todos os professores entrevistados que a participação dos EE nos órgãos de gestão de topo da escola “é mais fruto da legislação” (Pf3). O Diretor do Agrupamento admite que “ainda que haja esta boa relação que eles não estariam nos órgãos se não fosse a própria lei a determinar que isso acontecesse.” (Pf4).

O Presidente do Conselho Geral partilha a mesma opinião: “Em primeiro lugar, acho que a legislação obriga” (Pf1), mas acredita que os EE têm a perceção que, de facto são importantes nestes órgãos, “Depois, eles acabam por perceber a importância de estarem representados nestes órgãos e acabam por perceber que é importante que estes órgãos funcionem com eles” (Pf1). Este apresenta ainda uma segunda perspetiva, referindo que “os pais que têm mais formação estão mais empenhados no sucesso dos filhos” (Pf1), apontando sucesso escolar como sendo uma motivação para a participação nos órgãos de gestão.

O professor membro do Conselho Geral refere que a Associação de Pais deste agrupamento em concreto, foi uma das primeiras a sere criadas no país e surgiu antes de estar previsto na legislação “para resolver problemas desta escola. E continua, e esse espírito ainda se mantém e, portanto, não estão cá porque a legislação prevê, estão cá porque querem fazer alguma coisa.” (Pf2).

Sobre as Potencialidades da participação nos órgãos de gestão

O sucesso educativo dos respetivos educandos constitui um dos resultados apontados pelos professores relativamente à participação dos EE. É um facto que “os pais que participam na escola, têm crianças que invariavelmente crianças com muito bons resultados escolares.” (Pf4). O Presidente do Conselho Geral partilha a mesma opinião, sendo que isto é visível quando diz: “Genericamente, os pais que participam mais ativamente na escola, os filhos têm sempre melhores resultados” (Pf1). De acordo com este mesmo entrevistado, isto acontece “porque conseguem perceber melhor o que é que a escola lhes pede e conseguem dar um *feedback* positivo e conseguem intervir nas alturas certas, conseguem resolver os problemas nas alturas certas.” (Pf1). O professor membro do Conselho Geral também concorda com esta posição, dizendo que “basta que os pais venham à escola e que os filhos saibam que eles vêm, para sentirem que há um interesse” (Pf2), sendo que este tipo de participação pode impulsionar um maior empenhamento dos alunos no estudo, resultante de uma maior motivação dos alunos.

O Diretor do Agrupamento, refere que a participação dos EE “desencadeia nos próprios professores também determinados mecanismos de alerta, no seu trabalho (...) desencadeia na própria pessoa mecanismos de alerta que acabam por gerar produção de trabalho com muito mais eficiência, muito mais eficácia.” (Pf4), melhorando a qualidade do ensino e, conseqüentemente, os resultados dos alunos.

Sobre os Obstáculos e limitações à participação em geral

Um dos obstáculos mais sentidos é a comunicação. Os meios de comunicação são cada vez mais diversificados, sendo que a comunicação com os EE é feita através de: email, do site institucional, de uma plataforma do *moodle*, da caderneta do aluno, por carta ou por telefone e até mesmo através das reuniões. Porém, na opinião dos professores, a comunicação continua a ter algumas falhas, não se revelando eficaz: “há de haver aqui alguma dificuldade de comunicação, sim” (Pf2). A caderneta é o meio mais antigo, continuando a ser o mais privilegiado. Todavia, de acordo com o Presidente do

Conselho Geral “A caderneta continua a funcionar como meio de comunicação, embora às vezes os alunos a façam desaparecer” (Pf1). Este acrescenta, dizendo que “As cadernetas, muitas vezes não chegam, os pais não vêm, os alunos não mostram.” (Pf2).

Outra forma de comunicação privilegiada pelos professores é a internet, sendo que o agrupamento possui um *site* institucional e uma página de *moodle*,

Temos o nosso *site* institucional em que tudo o que é importante é colocado lá. Depois temos uma página de *moodle* em que, há materiais de apoio que servem para os alunos, mas que também servem para os pais./ As minhas reuniões não têm papéis, só têm folha de presenças. Tudo está num *site* fechado do Conselho Geral. Eles recebem uma mensagem a dizer “Atenção vão ao *site* que estão lá os documentos!”. Quem quiser pode imprimir naturalmente. Desde que leiam o material previamente, estão preparados. (Pf1)

Contudo, também aqui os professores reconhecem algumas dificuldades de comunicação, “Se estiver na página da internet, nem todos têm acesso, nem todos vêm.” (Pf2), referindo a existência de analfabetos, “Ainda temos cá encarregados de educação analfabetos” (Pf3). Constatámos ainda uma elevada taxa de famílias carenciadas, sendo que, de acordo com o Relatório de Avaliação Externa (2009) apenas 52, 9% dos alunos têm computador com ligação à internet.

No entanto, a maior parte dos entrevistados considera que existe uma boa comunicação. Pudemos perceber que, para alguns membros dos órgãos de gestão, nomeadamente o professor membro do Conselho Pedagógico, as falhas na comunicação, estão relacionadas com a falta de interesse dos EE:

porque o encarregado de educação acaba por não participar em nada porque aquilo não lhe diz nada” (Pf3); “As reuniões das Associações de Pais, tanto quanto nos é comunicado, não têm meia dúzia de pessoas. Praticamente, são os próprios gerentes e pouco mais. Os outros encarregados de educação não participam, não participam! (Pf3).

Todavia, o professor membro do Conselho Geral admite que esta falta de interesse poderá ter origem na elevada carga horária que os EE têm no seu emprego, referindo que “não há tempo!” (Pf3) e justificando que “Os encarregados de educação, hoje têm uma vida tão pressionada, tão pressionada por montes de coisas que muitas vezes

descuram um pouco... a escola.” (Pf3). Os EE trabalham um elevado número de horas, havendo pouca disponibilidade para se interessarem pela escola dos seus educandos. Esta opinião é partilhada pelo Diretor do Agrupamento e Presidente do Conselho Pedagógico, quando diz “Os pais trabalham muito.” (Pf4).

Por outro lado e de acordo com o Presidente do Conselho Geral algumas reuniões são marcadas com pouca antecedência, condicionando a presença dos EE “Quando as reuniões são convocadas com pouca antecedência, alguns pais já têm algum compromisso e não podem vir.” (Pf1).

A fraca representatividade dos EE nos órgãos de gestão de topo referida anteriormente, é apontada pelo Presidente do Conselho Geral como sendo outro obstáculo à comunicação, pois “implica que haja, às vezes, falhas de comunicação e é uma das brechas que, às vezes, ocorre.” (Pf1) O professor membro do Conselho Geral refere que os EE membros dos órgãos de gestão “procuram ser representativos dos pais, mas é difícil porque não podem chegar a todos e eles (...), não sei se haverá uma grande representatividade.” (Pf2).

Outro obstáculo apresentado pelos professores é a falta de conhecimento dos EE sobre todo o funcionamento e organização escolar, inibindo-os de participar: “um pai que não conheça a escola é muito mais difícil, porque não sabe como é que ela funciona e isso é uma barreira muito grande” (Pf2). Reforça esta ideia, acrescentando que “a maior dificuldade é a integração e é o conhecimento de como é que a escola funciona por dentro” (Pf2).

O professor membro do Conselho Geral concorda com esta perspetiva, apresentando novos argumentos “E tudo depende da formação do encarregado de educação, como é evidente!” (Pf3). O Presidente do Conselho Geral considera que os EE “não estão propriamente preparados para perceber alguns aspetos da prática pedagógica” (Pf1), limitando a sua participação nos órgãos. O professor membro do Conselho Geral concorda com esta ideia acrescentando que,

quando falamos dos currículos, de alterar os currículos, de alterar a carga horária das disciplinas. São discussões mais profissionais, digamos assim (...) Claro que de uma

forma geral a dificuldade também é essa. É... O que é que é o currículo? Quais são os horários para as disciplinas? Qual é a importância desta disciplina e das outras? (Pf2).

O Presidente do Conselho Geral refere que

Mesmo nós os professores, às vezes, temos dificuldades em ler e interpretar a lei, quanto mais pais que não estão habituados à legislação que sai do Ministério da Educação e à quantidade de legislação do Ministério da Educação... Posso dizer que isso é quase impossível. (Pf1).

Assim, é consensual que

“Os aspetos mais burocráticos, nomeadamente os aspetos associados com Regulamentos Internos, Orçamentos e Contas, etc., etc. Eles, acabam por ter algum interesse, mas o interesse é mais reduzido (...) Só, só a dificuldade nalgumas áreas ditas burocráticas da educação. (...) na área de formação pedagógica que na maior parte dos casos é nula ou inexistente” (Pf1).

Ao longo deste estudo, pudemos constatar que existem diferentes perspetivas, por parte dos professores em relação à participação dos EE. Apesar dos professores já conseguirem ver estes intervenientes educativos de outra forma, reconhecendo a potencialidade desta parceria, constatámos que ainda é visível alguns receios nesta relação, fazendo com que haja professores contra e professores a favor deste ipo de participação. É sobre estas diferentes perspetivas que nos passaremos a debruçar.

Inicialmente todos os professores apresentam uma posição favorável à participação dos EE, referindo que a consideram muito importante:

- “Acho-a fundamental, acho-a fundamental!” (Pf1).
- “Vejo que nos podem ajudar muito a resolver os problemas (...) Portanto, acho que são muito importantes, sem dúvida nenhuma!” (Pf2).
- “Nós gostávamos muito que houvesse uma super participação dos encarregados de educação” (Pf3).
- “A parceria entre os pais e a escola é imprescindível!” (Pf4).

Com o decorrer da entrevista identificámos 3 perspetivas diferentes no que se refere à forma como os professores vêem a participação dos EE na escola.

Assim, o professor membro do Conselho Geral considera que existem professores que vêm os EE como verdadeiros parceiros “que cada vez mais têm de trabalhar em conjunto” (Pf2) e “ajudar muito a resolver os problemas” (Pf2).

Numa segunda perspetiva, o Diretor do Agrupamento e Presidente do Conselho Pedagógico refere que existem professores que veem os EE como um grupo de pressão, referindo que “quanto mais envolvidos os pais estiverem no processo, desencadeia nos próprios professores também determinados mecanismos de alerta, no seu trabalho” (Pf4), acrescentando ainda que “nós professores, porque, por vezes, temos a sensação de que os pais se vão imiscuindo mais na escola do que aquilo de que deviam” (Pf4). O professor membro do Conselho Pedagógico vai ao encontro desta perspetiva, dizendo: “O problema disso é que podemos estar a trazer o encarregado de educação e a dar-lhe... aquela ideia de que ele vai poder intervir em tudo e aqui há um aspeto que é muito delicado que é a avaliação dos professores.” (Pf3).

Importante será referir que o Presidente do Conselho Geral também partilha desta opinião. Para ilustrar esta perspetiva o professor membro do Conselho Geral dá o exemplo dos EE do ensino articulado: “nessas turmas, nota-se que têm uma participação excessiva, porque às vezes vão a determinados pormenores de questionar o trabalho dos professores” (Pf2).

Por último, o mesmo professor induz-nos a uma terceira perspetiva, onde os EE são considerados clientes que não conhecem nada de pedagogia ou de gestão e, por isso, não podem dar o seu contributo na escola, sendo que a única coisa a fazer é informá-los das decisões tomadas, “Se calhar também não era assim tão importante pertencerem ao Conselho Pedagógico” (Pf2).

Na opinião do professor membro do Conselho Pedagógico

Os encarregados de educação têm que meter na cabeça deles que ter um filho em casa e fazer os trabalhos de casa com o filho ou mesmo acompanhá-lo nalguma coisa não é a mesma coisa que ter vinte e seis miúdos ou vinte e sete ou vinte e oito, dentro de uma sala de aula. (Pf3)

Acrescenta ainda que “há encarregados de educação que acham que são professores e não é a mesma coisa.” (Pf3), justificando que “o encarregado de educação vê um pouco

só aquele bocadinho. Não vê a floresta, só vê aquela arvorezinha, não vê o bosque todo!” (Pf3). Assim, podemos constatar algum receio da parte deste professor em relação ao “excesso” de participação dos EE, revelando medo de que o seu trabalho seja prejudicado.

Sobre como promover a participação dos encarregados de educação

Com a realização das entrevistas, percebemos que são usadas diferentes estratégias para incentivarem a participação dos EE.

Uma das estratégias adotadas, promotoras de momentos mais descontraídos entre professores e EE, foi a criação de “um dia da Associação de Pais, por exemplo que participam na festa do quadro de honra e excelência, quando atribuímos os diplomas às crianças com mérito, com diplomas de mérito.” (Pf4).

O Presidente do Conselho Geral descreveu-nos outra estratégia semelhante:

Tenho o Clube de Astronomia cá na escola. Sempre que faço observações astronómicas, nos blogues das minhas turmas ponho “Atenção, hoje há observação astronómica. (...) Sou geólogo e faço saídas de campo e eles participam. Às vezes, participa a família inteira, do mais pequenino até ao pai e a mãe e todos participam!” (Pf1).

O professor membro do Conselho Pedagógico opta por recorrer aos alunos como veículo de informação: “Eu digo coisas que já sei que vão chegar a casa e que vão mexer em casa com alguém.” (Pf3), identificando esta situação como estratégia de envolvimento dos EE.

A escola, enquanto instituição também adotou algumas estratégias que considera viáveis. Assim, reconhece a importância de se dar a conhecer, informando os EE sobre o funcionamento da escola, sendo que “a direção tem permitido que os pais conheçam a escola de uma forma que nunca tinham conhecido anteriormente.” (Pf4). Desta forma, pudemos confirmar que o agrupamento em estudo dinamiza “festinhas, as

comemorações e isto tudo nos aproxima e acho que foi por aí que nós os conquistámos.” (Pf2).

A legalização da existência de uma sala destinada às famílias na escola é muito recente, sendo que pelo que apurámos, este agrupamento dispõe de “duas salas para receber encarregados de educação” (Pf3).

O Plano de Convivência é uma estratégia criada pela direção da escola, com o objetivo de envolver todos os agentes educativos na resolução de conflitos dentro da escola. Na perspetiva do Presidente do Conselho Geral “tem havido menos, diminuição deste... da conflitualidade entre funcionários e alunos e família vice-versa.” (Pf1), afirmando que se tem “sentido resultados do Plano de Convivência.” (Pf1). O professor membro do Conselho Pedagógico tem uma opinião um pouco antagónica em relação à anterior, dizendo “Mas o Plano de Convivência, eu creio que não está a resultar, creio que não está a resultar.” (Pf3).

Sobre soluções para potenciar a participação

Reconhecendo que a participação dos EE é efetivamente importante, os professores apontam algumas soluções que podem otimizar esta participação.

O professor membro do Conselho Pedagógico sugere a realização de um outro tipo de reuniões para os EE, de forma a que estes se sintam mais integrados no contexto escolar. Portanto, sugere a realização de reuniões específicas,

se houvesse reuniões com temas específicos, discutirmos entre todos... Eu até tinha uma estrutura e tudo e até já idealizei, a bem dizer uma estrutura para essas reuniões e tudo. Até já idealizei uma reunião com encarregados de educação e alunos, ao mesmo tempo em que vinha metade da turma... Metade, quer dizer, cada encarregado de educação trazia o seu educando e vinha metade, fazíamos ali uma espécie de uma aula, não é? Para eles verem como é que funciona, como é que funciona a escola, não é? (Pf3)

O presidente do Conselho Geral, por outro lado, refere que seria importante a concretização de visitas domiciliárias por parte dos professores e visitas dos EE à escola,

Acho que é isso que falta mais. É que os pais venham mais à escola e que os professores vão ao meio em que os seus alunos se encontram. Acho que precisamos das duas coisas. Precisamos que a escola se abra à comunidade e que a comunidade se abra à escola e que os professores vão ter com a comunidade. (Pf1)

Este entrevistado acredita que é crucial o contacto do professor com as diferentes culturas dos seus alunos no desenvolvimento do seu trabalho, referindo de seguida as vantagens deste conceito,

Quando eu conheço os meus alunos em contexto social é melhor para mim, porque percebo alguns dos seus problemas e alguns dos seus condicionalismos. Quando os pais vêm à escola percebem como é que ela funciona, mudam radicalmente a sua opinião! (Pf1)

De acordo com o professor membro do Conselho Geral também seria importante pensar-se noutros momentos de lazer entre todos os intervenientes educativos,

Era também uma boa solução, sempre que houvesse visitas de estudo convidar os encarregados de educação que isso ainda não se fez mas pode-se vir a fazer, também é outra ideia. Chamá-los assim para coisas boas, para coisas assim, que sejam mais informais e que sejam, que deem prazer a todos, nomeadamente este tipo de atividades assim.” (Pf2)

2.1.2– Opinião dos Encarregados de Educação

Sobre a qualidade da participação dos encarregados de educação no Conselho Geral e no Conselho Pedagógico

Na opinião do Presidente da Associação de Pais / membro do Conselho Geral, os outros EE não valorizam muito a sua participação na gestão da escola, “as pessoas acham que não vale a pena” (E2). O EE membro do Conselho Pedagógico tem uma percepção idêntica, dizendo que

Veem a participação nos órgãos como uma perda de tempo e depois aparece meia dúzia de “cristos” que se oferecem para aqui e enquanto esses estiverem está tudo bem, mas depois, há sempre o grande problema de quem é que vai substituir quem. (E1).

É visível também alguma preocupação em angariar membros para a Associação de Pais que possam substituir os representantes nos órgãos de gestão da escola. Segundo o Presidente da Associação “São 5% dos pais que estão ativos, que pertencem à Associação de Pais” (E2), o que demonstra uma fraca representatividade, considerando que “o importante era que houvesse mais pais a participar” (E2).

Enquanto falava da sua participação no Conselho Pedagógico, o representante dos EE falou um pouco do seu percurso dentro deste órgão, referindo que

primeiro comecei a aprender o que era um Conselho Pedagógico e segundo só me atrevia a intervir no que dizia respeito aos alunos e de acordo com a minha sensibilidade e a minha cautela para intervir. (...) mas levantei algumas questões para me tentarem esclarecer e quando tinha dúvidas levantava para tentar perceber (E1).

Contudo, admite que “em 90% das reuniões o pai não estava ali a fazer nada!” (E1). As suas intervenções neste órgão eram “quase sempre eram questões disciplinares, portanto a dar o meu parecer.” (E1). Concordando com as novas alterações na legislação que vieram extinguir a representação dos EE neste órgão, refere, “eu acho até que foi bom os pais deixarem de fazer parte.” (E1).

O Presidente da Associação de Pais / membro do Conselho Geral refere que “A nível pedagógico... nesse aspeto os pais não participam muito” (...) “No fundo, é essencialmente comportamento e funcionamento interno da escola em que os pais participam e sugerem umas alterações.” (E2), mostrando que, mesmo no Conselho Geral também existem alguns assuntos, com os quais os EE não estão familiarizados.

Mesmo assim, o Presidente da Associação de Pais refere que “estamos aqui por todos.” (E2), deixando claro que “primeiro estão todos os alunos e depois o próprio aluno” (E2). O EE membro do Conselho Pedagógico defende a mesma opinião, “Ia como representante dos pais e como representante da Associação de Pais” (E1), todavia é frequente ouvi-lo dizer: “mas voltava a dizer que era a minha opinião pessoal, como pessoa. Pode até não corresponder à opinião da generalidade dos pais” (E1).

Apesar de tudo, o Presidente da Associação de Pais considera que “a relação estreita entre pais, Direção e professores tem tendência em ficar mais estreita e mais cúmplices” (E2) e que o seu objetivo, como representante dos EE no Conselho Geral é “ir ao encontro das necessidades dos alunos” (E2).

Sobre as características dos encarregados de educação que participam nos órgãos de gestão de topo

O EE membro do Conselho Pedagógico autocaracteriza-se como tendo “sempre tendência para liderar. Eu fui gerente no banco, fui subdiretor no banco, fui quase sempre de chefia. Portanto, isso criou em mim uma forma de estar nos projetos, digamos, chefiando, liderando.” (E1).

O Presidente da Associação de Pais /membro do Conselho Geral refere que os EE que participam nos órgãos de gestão de topo “são aqueles que mais se preocupam com os filhos.” (E2). Em contrapartida, “os pais dos filhos que são problemáticos (...) Infelizmente não participam” (E2). Este acredita também que existe uma maior participação dos EE dos alunos dos níveis de ensino mais baixos, “à medida que os anos vão decorrendo para o 2.º ciclo, 3.º ciclo vão perdendo” (E2). Acrescenta ainda que “infelizmente as classes mais fraquinhas não participam” (E2), referindo que “devia ser ao contrário, porque às vezes são eles que mais ajuda precisam.” (E2).

Sobre as motivações dos encarregados de educação para participar nos órgãos de gestão de topo

Durante as entrevistas, apurámos que uma das principais motivações consistiu numa forma de colmatar uma das limitações sentidas. Referimo-nos à falta de conhecimento sobre a organização escolar. Os EE sentem uma grande dificuldade em movimentar-se na escola e perceber todo o seu funcionamento, levando-os a sentir-se um pouco inseguros quando têm de ser mais interventivos.

Os EE em questão, quando se candidataram como membros dos órgãos de gestão da escola pretendiam “perceber como é que isto funcionava. Não podia orientar a minha filha sem saber como é que isto funcionava.” (E1) Através desta citação podemos ainda concluir que ao conhecer a organização escolar o EE membro do Conselho Pedagógico considerava que tinha mais recursos para poder fazer um melhor acompanhamento da sua educanda: “eu achei que a melhor maneira de acompanhar a minha filha seria fazer parte dos órgãos da escola.” (E1).

O Presidente da Associação de Pais / membro no Conselho Geral demonstrou ser consensual com esta ideia, quando referiu que ao participar nos órgãos estava “de uma forma indireta, acompanhar a vida escolar do seu educando na escola” (E2). Este acrescenta ainda, de forma a enfatizar a importância da participação, que assim “conseguem estar por dentro, essencialmente de assuntos de interesse, de interesse geral para eles e para os alunos.” (E2) Este faz referência à legislação, falando nos direitos que esta prevê aos EE e na importância dos EE usufruírem desses mesmos direitos que contemplam a participação na gestão da escola: “Tenho de ter tempo para participar na escola ativamente, já que é um dos nossos direitos.” (E2).

Sobre as potencialidades da participação

O EE membro do Conselho Pedagógico refere que “é interessante que todos os pais que estão nos órgãos diretivos da escola, os filhos são bons alunos.” (E1), identificando o sucesso escolar como resultado da participação dos respetivos EE.

Por outro lado, a participação dos EE, na opinião do Presidente da Associação de Pais constitui um grande potencial como membros integradores dos novos professores, “porque os professores não conhecem tudo o que se passa na escola, porque há muitos professores vêm de fora e nós pais, até conhecemos, muitas vezes mais até que os próprios professores.” (E2).

Sobre os obstáculos e limitações à participação

A comunicação é um dos obstáculos identificados, apesar da sua evolução positiva neste agrupamento, “existe mais comunicação. Temos internet, temos telefone” (E2). Assim, ambos os EE enumeram alguns exemplos de meios de comunicação que utilizam, quer a escola, quer a Associação de Pais, para contactar os restantes EE, “Agente comunica até através de sms, quando é preciso! Comunica, quer dizer... Quando agente quer falar com um pai pelos meios usuais, ou pelo telefone, ou por carta” (E1). Segundo o Presidente da Associação de Pais / Membro do Conselho Geral, muitas vezes, é a própria Associação que faz de meio de comunicação entre a escola e os EE “Porque é muito mais fácil a escola fazer chegar aos pais, a todos os pais determinada informação, através da Associação de Pais, do que ela própria fazê-lo diretamente.” (E2).

Para este entrevistado, o problema não é a falta de meios de comunicação, já que “Temos cada vez mais meios de transmissão de informação (...) não é por falta de formas de transmitir a informação aos pais” (E2). As formas de comunicação são tão variadas que não é possível haver falhas na comunicação, sendo que é consensual entre os entrevistados que existe uma falta de interesse por parte dos EE, “os pais se divorciaram da educação dos filhos” (E1). Para percebermos esta perspetiva, dão alguns exemplos de falhas de comunicação, provocadas por esta falta de interesse por parte dos EE: “se há um aviso e ninguém lê, a escola não pode contactar os pais todos, um a um. É caro, é complicado, porque os pais estão a trabalhar e nem todos atendem. Acho que a comunicação tem de ser feita também, mais da parte dos pais” (E2). Por outro lado, de acordo com o EE membro do Conselho Pedagógico,

As cartas vão para casa e não leem. (...) Mas são N pessoas que não leem as cartas! Mesmo que agente tente comunicar, muitos pais nem sequer veem. Por um lado, porque não chega a informação, porque às vezes há... Mesmo, às vezes, quando a informação “vai através da caderneta, há muitos pais que nem leem. Primeiro, não leem e não perguntam. Segundo, não têm curiosidade de ir à pasta do filho perguntar e ver e terceiro, nem os filhos mostram. Pronto, estabelece-se sempre esta dificuldade. (E1).

Outro obstáculo identificado, refere-se ao horário das reuniões, sendo que “O horário do Conselho Pedagógico que era sempre à 4ª feira e começava, mais ou menos às 16h, não

podemos considerar que era um horário acessível aos pais que trabalham que não era!” (E1). Por outro lado, faz também referência à organização das reuniões deste órgão, criticando a longa duração das mesmas e apontando como causa a má organização: “O que eu não gostava era que a meio de uma reunião me pedissem para sair, porque iam debater assuntos em que eu não podia estar presente. E depois, tinha de voltar.” (E1).

O conhecimento sobre o funcionamento da organização escolar, na opinião do EE membro do Conselho Pedagógico constitui outro obstáculo à participação dos EE nos órgãos de gestão de topo, referindo que “90% dos pais, mais de 90% não sabe como é que isto funciona” (E1).

De acordo com o Presidente da Associação de Pais, a baixa formação dos EE também impõe que haja uma participação passiva dos mesmos nos órgãos, pois “muito poucas conseguem criticar já com conhecimento” (E2).

No entanto, para o EE membro do Conselho Pedagógico é evidente que a fraca participação dos EE nos órgãos de gestão de topo só tem uma razão: “Eu continuo a dizer que os pais, (e pronto, condene-me se quiser) que os pais se divorciaram da educação dos filhos. É um facto consumado, é um facto comprovado todos os dias na relação com a escola.” (E1)

Sobre a posição dos professores face à sua participação nos órgãos de gestão de topo

Na análise das entrevistas, percebemos que os EE identificaram diferentes perspetivas dos professores em relação à sua participação nos órgãos de gestão de topo.

Tanto o EE membro do Conselho Pedagógico como o Presidente da Associação de Pais / membro do Conselho Geral assumem a existência de dois grupos de professores com perspetivas antagónicas. No entanto, tem havido uma evolução positiva “a maior

parte... cada vez mais os pais são bem vistos.” (E2); “na generalidade, na globalidade, melhor dizendo, os professores aceitavam bem a minha presença” (E2).

Visto isto, numa primeira perspetiva muito positiva em relação à participação dos EE, “notamos uma grande abertura da parte dos professores (...) tudo o que traga ordem e que traga uma mais-valia para a escola, os professores e os funcionários são os primeiros a concordar com isso.” (E2). Quando partilhava a sua experiência no Conselho Pedagógico, o respetivo EE refere que “os professores aceitavam bem a minha presença” (E1).

No entanto, também acreditam numa perspetiva dos professores que são contra a participação dos EE nos órgãos de gestão de topo, afirmando que “Há sempre os professores chamados de outros tempos que acham que a Associação de Pais quase que é um entrave” (E2). O EE membro do Conselho Pedagógico tinha a mesma perceção quando referiu o que sentia em relação à forma como os outros membros o viam neste órgão “O senhor não faz cá falta” (E1).

Tendo em conta esta última perspetiva, o EE membro do Conselho Pedagógico tenta encontrar uma justificação para a atitude negativa dos professores, dizendo “os professores também estão desmotivados pelo desinteresse que os pais apresentam e portanto nós... Isto é sempre um ciclo vicioso! Os professores envolvem-se mais quando os pais se envolvem mais. Os pais envolvem-se menos, os professores envolvem-se menos” (E1). O Presidente da Associação de Pais justifica esta atitude com a falta de tempo dos professores, “Poucos professores têm (ou por falta tempo também) poucos professores têm uma preocupação em que os pais venham (...) Ainda é uma barreira a vencer.” (E2).

Sobre as estratégias usadas promotoras de participação dos encarregados de educação

Perante a constatação de que existem constrangimentos ou limitações que impedem uma maior participação dos EE nos órgãos de gestão de topo e até mesmo na própria escola,

o professor membro do Conselho Pedagógico e o Presidente da Associação de Pais e membro do Conselho Geral referem algumas estratégias adotadas por diferentes intervenientes educativos.

A Associação de Pais também aqui tem o seu papel na promoção de uma maior participação dos EE, sendo que “no final do ano temos feito sempre uma festa, onde os pais estão presentes com a direção ali a divertir-nos com desporto, com música e um lanche partilhado, para depois os professores também, de uma forma divertida estarem mais descontraídos com os pais” (E2). Por outro lado, os EE também são convidados a “entrar, vir ver como é que estão os filhos aqui dentro, ver o que eles fazem, ir ao refeitório” (E2).

O Plano de Convivência é uma estratégia criada pela direção da escola e, “tem a ver com o facto dos alunos e professores e pais tentarem de uma forma mais correta e simples possível resolver os problemas que haja e os atritos que haja para resolver.” (E2). No entanto, na perspetiva do EE membro do Conselho Pedagógico “neste momento, não tem tido muita participação dos pais no Plano de Convivência. (...) penso que ainda não atingiu o nível desejado.” (E1).

Sobre as soluções para potenciar a participação dos encarregados de educação

Concluindo que as estratégias não estão a resultar, os entrevistados apontam algumas soluções para potenciar a participação dos EE nos órgãos de gestão de topo da escola. Assim, de acordo com o EE membro do Conselho Pedagógico, seria importante reformular a organização das reuniões deste órgão,

Organizarem reuniões em que os assuntos eram todos de interesse dos encarregados de educação ou relacionados com os alunos, com os seus problemas e aí sim, convocavam o encarregado de educação. E depois organizavam outras em que reunissem todos os assuntos que não eram do interesse dos encarregados de educação e não os convocavam nessas reuniões do conselho pedagógico. (E1).

Desta forma, estariam a evitar que as reuniões fossem demasiado extensas para o EE.

De acordo com o Presidente da Associação de Pais e membro do Conselho Geral, uma boa solução seria “organizar festivais, organizar espetáculos... achamos que isso seria uma forma de chamar os pais” (E2).

2.2. Comentário dos dados

Neste ponto iremos comparar a informação recolhida sobre o tema em investigação com a literatura apresentada na primeira parte, de forma a perceber quais são os pontos similares e quais aqueles em que diferem, considerando que esta constitui uma forma de validação interna de toda a nossa investigação.

Ao longo do desenvolvimento deste estudo pudemos verificar que a Associação de Pais é um órgão imprescindível na promoção da participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão. Segundo Marques (2001) constitui um bom instrumento para encontrar os encarregados de educação interessados em participar neste tipo de parceria.

Contrariando Silva (2003) que referia que a criação deste órgão, foi uma imposição do Estado, não havendo propriamente uma reivindicação das famílias em obter este direito, a Associação de Pais do agrupamento em estudo, de acordo com um professor membro do Conselho Geral, foi criada por iniciativa dos próprios encarregados de educação para resolver problemas da escola, sendo considerada um órgão que potencia toda a participação dos Encarregados de Educação nos órgãos de gestão deste agrupamento.

De acordo com Marques (1997), Silva (2003) e Custódio (2012) os encarregados de educação não questionam nem intervêm, limitando-se a ouvir e adotando uma atitude passiva. O mesmo se constatou ao longo deste estudo. Embora todos os membros entrevistados no Conselho Pedagógico referissem, em algum momento da entrevista, que é importante a participação dos encarregados de educação neste órgão, verificou-se que ao longo das entrevistas esta visão “politicamente correta” poderia não se revelar completamente sentida, uma vez que acabam por afirmar sentimentos contraditórios. Assim, a dada altura, tanto o professor membro do Conselho Geral como o professor

membro do Conselho Pedagógico começam a duvidar da importância que deram à participação do EE, concluindo, que a sua presença era prescindível. O próprio representante dos EE demonstra uma visão negativa sobre a sua participação, afirmando que na maioria das vezes não estava a fazer nada nas reuniões. Assim, é unânime que existe alguma passividade por parte destes membros no Conselho Pedagógico.

Silva (2003) acrescenta ainda que as mães têm uma atitude mais passiva, adotando uma participação silenciosa nestes órgãos, uma vez que são menos interventivas. No entanto, no nosso estudo, havia apenas um encarregado de educação do sexo masculino, membro do Conselho Pedagógico, com uma participação igualmente passiva. Neste sentido, apesar de estar presente um representante dos encarregados de educação neste órgão de gestão de topo, de acordo com Davies (1994; 2005, citado por Faria, 2011) não podemos afirmar que se verifica uma verdadeira parceria, uma vez que este não participa nas tomadas de decisão, adotando uma postura passiva e aceitando fazer tudo o que lhe dizem.

Um facto não menos importante neste tipo de participação, é a fraca representatividade dos EE neste órgão já que num universo de 13 encarregados de educação que constituem a Associação de Pais da escola sede do agrupamento, existe apenas um representante no Conselho Pedagógico, podendo condicionar até a sua prestação no órgão.

Atualmente os encarregados de educação já não estão representados no Conselho Pedagógico, sendo que esta alteração veio ao encontro dos sentimentos e opiniões dos nossos entrevistados.

No Conselho Geral é visível uma intervenção diferente, mais ativa e de uma maior parceria com os restantes membros o que corrobora a afirmação de vários autores, Marques (1997), Silva (2003) e Custódio (2012), segundo os quais os encarregados de educação não questionam nem intervêm, limitando-se a ouvir e adotando uma atitude passiva, como já foi referido anteriormente. Marques (2001) também refere que existe um maior envolvimento dos encarregados de educação na organização e gestão de atividades de ocupação dos alunos nos períodos de pausas letivas. Assim, os resultados do estudo também reforçam esta ideia, na medida em que todos os entrevistados são da

opinião que era frequente ver os encarregados de educação participarem em assuntos que se referiam à organização e funcionamento da escola e mais concretamente em assuntos que se refiram à permanência na escola sem atividade letiva.

Porém, também aqui se verifica uma fraca representatividade dos EE do agrupamento, já que num universo de 10 Associações de Pais, no Conselho Geral estão previstos apenas 5 representantes dos EE. Para além disso, ao longo das entrevistas constatámos que apenas um EE é convocado para as reuniões que pode ser substituído caso não tenha disponibilidade para estar presente.

Segundo Silva (2003) os encarregados de educação assumem, usualmente, uma perspetiva a curto prazo que se foca nos alunos que representam diretamente. Aparentemente, na opinião de professores e EE, isto não se verifica, pois reconhecem que estão a representar todos os alunos. Contudo, é notório um discurso um pouco antagónico, ao longo do desenvolvimento da entrevista do EE membro do Conselho Pedagógico, pois apesar de referir que está ali em representação de todos os EE, é visível no seu discurso uma posição contrária. O professor membro do Conselho Pedagógico reforça esta ideia com uma frase muito ilustrativa “o encarregado de educação vê um pouco só aquele bocadinho. Não vê a floresta, só vê aquela arvorezinha, não vê o bosque todo!” (Pf3), contrariando afirmações anteriores.

Após a concretização deste estudo torna-se evidente que os encarregados de educação que participam nos órgãos de gestão de topo têm características muito próprias e similares. Assim, podemos dizer que, tal como refere Marques (1997) e de acordo com as informações recolhidas através das entrevistas, apesar de haver uma acentuada participação das mães nas atividades da escola ou no que se refere mais diretamente ao seu educando, quando falamos da participação nos órgãos de gestão, neste agrupamento verifica-se o predomínio de EE do género masculino.

É consensual entre todos os entrevistados que os pais com mais formação, mais escolaridade, são os que participam nos órgãos de gestão de topo e que mais motivação têm para o fazer. Visto isto, consideramos que é um tipo de participação um pouco seletiva, pois não consegue ainda aliciar todos os encarregados de educação, prevendo estratégias de envolvimento que incluam todas as classes sociais, uma vez que as

classes mais desfavorecidas não participam. Neste agrupamento em concreto, pudemos apurar que os dois representantes dos órgãos de gestão de topo possuem uma elevada formação e têm profissões conceituadas. Estas são características também apontadas por Silva quando diz que os encarregados de educação que participam são “brancos, da classe média e de profissões liberais” (2003, p. 48).

A percentagem de EE que participam nos órgãos de gestão de topo é muito reduzida, sendo que os entrevistados apontaram para uma percentagem de 5%. No entanto, foi para nós importante perceber as motivações que os levaram a fazer parte destes órgãos como membros.

Durante as entrevistas, apurámos que uma das principais motivações consistiu numa forma de colmatar uma das limitações sentidas. Referimo-nos à falta de conhecimento sobre a organização escolar. A maioria dos EE, com a exceção dos que exercem a profissão na área da educação, sentem uma grande dificuldade em movimentar-se na escola e perceber todo o seu funcionamento, levando-os a sentir-se um pouco inseguros quando têm de ser mais interventivos. Desta forma, os EE em questão, quando se candidataram como membros dos órgãos de gestão de topo da escola pretendiam perceber todo o funcionamento desta organização. Ao conhecer a organização escolar os EE consideravam que tinham mais recursos para poderem fazer um melhor acompanhamento dos seus educandos. O Presidente da Associação de Pais e membro do Conselho Geral acrescenta ainda, de forma a enfatizar a importância da participação, que seria uma forma de estar por dentro de assuntos de interesse.

Por outro lado, o Presidente do Conselho Geral apresentou ainda uma nova perspetiva, apontando o sucesso escolar como sendo uma motivação dos EE para participarem nos órgãos de gestão.

Contrariando as perspetivas dos EE, é consensual entre todos os professores entrevistados que a participação dos EE nos órgãos de gestão de topo da escola, resulta de uma imposição da legislação. No entanto, o Presidente da Associação de Pais e membro do Conselho Geral assume esta possibilidade como um direito que os EE têm de usufruir, apesar de Feiteira (2007) ter concluído que os EE ainda não ganharam o hábito de usufruírem dos seus direitos e obrigações previstos na legislação.

A participação dos EE na escola há muito que tem sido estudada, principalmente pelas potencialidades que esta relação pode ter para todos os intervenientes educativos, quer para os EE, quer para os alunos, quer para os professores ou mesmo para a imagem da própria escola. Indo ao encontro do que Davies (1989) defende, é consensual entre os diferentes entrevistados que os educandos dos EE membros dos órgãos de gestão de topo têm sucesso educativo. O presidente do Conselho Geral tenta justificar este facto referindo que ao participarem, os EE conhecem melhor a escola, permitindo-lhes dar uma resposta com maior qualidade ao que lhes é exigido. Por outro lado, o professor membro do Conselho Pedagógico apresenta outro argumento, referindo que os respetivos educandos sentem que há mais interesse dos EE, motivando-os a alcançar melhores resultados. Assim, é para nós visível que este tipo de participação pode impulsionar um maior empenhamento dos alunos no estudo, resultante de uma maior motivação dos alunos.

Por outro lado, Silva (2003) refere que o Estado apostou na proximidade da relação entre os EE e a escola, pois acreditou que poderia ser uma forma de controlar o desempenho dos professores. O mesmo defende o Diretor do Agrupamento, dizendo que a participação dos EE influencia a produtividade e eficácia dos professores.

Apesar de se reconhecer a importância da participação dos EE na escola, ainda existem alguns obstáculos e algumas limitações que impedem um progresso desta relação e o alcance do que se considera ideal. Consideramos que estes obstáculos e estas limitações estão de alguma forma relacionadas com as características dos dois grupos de pessoas envolvidos: Encarregados de Educação e Professores e os quais passamos a analisar.

Um dos obstáculos mais sentidos é a comunicação. Os meios de comunicação são cada vez mais diversificados, sendo que a comunicação com os EE é feita através de: email, do site institucional, de uma plataforma do *moodle*, da caderneta do aluno, por carta ou por telefone e até mesmo através das reuniões. Porém, a comunicação continua a ter algumas falhas, não se revelando eficaz. A caderneta é o meio mais antigo, continuando a ser o mais privilegiado. Todavia, de acordo com o Presidente do Conselho Geral muitas vezes os alunos perdem as cadernetas, ou os EE não leem, impedindo que a informação chegue.

Por outro lado, o meio de comunicação privilegiado para determinadas comunicações é a *internet*, sendo quase exclusivo nas informações essenciais para participar no Conselho Geral, uma vez que é através do *moodle* ou do *site* institucional que são facultados os documentos para as respetivas reuniões.

Não será limitativo e seletivo este tipo de comunicação? Todos os EE têm acesso à internet? Não haveria outra forma de comunicação mais eficaz? Neste contexto em concreto, alguns dos meios de comunicação utilizados tornam-se ainda menos acessíveis, pois este é um agrupamento que acolhe famílias com uma grande diversidade cultural, incluindo as famílias mais necessitadas que não têm acesso à *internet* e até mesmo analfabetos. De acordo com o Relatório de Avaliação Externa (2009), apenas 52, 9% dos alunos têm computador com ligação à internet. Estas dificuldades concretas são reconhecidas por 2 dos 4 professores entrevistados.

No entanto, a maior parte dos entrevistados considera que existe uma boa comunicação. Pudemos perceber que existe uma opinião comum entre o EE e o professor membros do Conselho Pedagógico, pois estes referem que com diversidade de formas de comunicação não é possível haver falhas na comunicação, apontando para a falta de interesse por parte dos EE, como sendo a principal causa.

Se as falhas de comunicação existem, será que este desinteresse não é originado pelas mesmas? Será que a falta de interesse tem origem noutros fatores relacionados com a escola? Ou será que é alimentada pelas falhas de comunicação em conjugação com outros fatores?

Seria importante refletirem e aprofundarem as causas da falha de comunicação, sobre o porquê da informação não chegar a casa e tentar traçar estratégias para colmatar este problema que é fundamental, pois constitui a base de qualquer relação. Importante será referir que o facto destes dois entrevistados se situarem na mesma faixa etária (60/66 anos) poderá contribuir para que tenham perceções negativas e convergentes, sobre a participação dos EE, pois a educação do seu tempo tinha características diferentes e a própria sociedade defendia valores distintos, onde predominava o rigidez e os professores tinham outra imagem perante a sociedade.

Todavia, a dada altura o professor membro do Conselho Geral admite que esta falta de interesse poderá ter origem na elevada carga horária que os EE têm no seu emprego. Os EE trabalham um elevado número de horas, havendo pouca disponibilidade para se interessarem pela escola dos seus educandos. Esta opinião é partilhada pelo Diretor do agrupamento e Presidente do Conselho Pedagógico.

Marques (1997) alerta-nos para um outro obstáculo visível também neste estudo e que vai ao encontro do excesso de horas de trabalho dos EE anteriormente apontado. Constatámos que o horário laboral alargado dos EE não é compatível com o horário das reuniões do Conselho Pedagógico. Por outro lado e de acordo com o Presidente do Conselho Geral algumas reuniões são marcadas com pouca antecedência, condicionando a presença dos EE. Julgamos que estes constituem fatores fáceis de contornar por parte da escola de forma a otimizar a participação dos EE.

Tal como já foi referido no Contexto do Estudo, este agrupamento acolhe um elevado número de famílias com um baixo nível de escolaridade, sendo que a falta de formação dos EE constitui uma grande limitação neste tipo de participação. Por outro lado, é notório que, quanto menos tempo os EE passam na escola, menos à vontade sentem neste espaço, pois desconhecem todo o funcionamento e organização escolar, inibindo-os de participar. O EE membro do Conselho Pedagógico vai mais além, arriscando uma percentagem de 90% de EE que não sabem como é que a escola funciona. Logo, neste contexto e considerando que o conhecimento sobre o funcionamento e organização da escola aumenta a participação, podemos concluir que esta só pode ser baixa.

Todos os entrevistados são unânimes, no que se refere à baixa formação dos EE como causa de uma participação passiva dos mesmos nos órgãos de gestão de topo, pois têm menos conhecimento e não se sentem à vontade para partilhar a sua opinião. Estas perspetivas vão ao encontro de um dos obstáculos apontados por Marques (1997), uma vez que este afirma que a cultura escolar não é compreensível por alguns encarregados de educação com níveis baixos de escolaridade.

O EE membro do Conselho Pedagógico faz referência à organização das reuniões do deste órgão, criticando a longa duração das mesmas, apontando como causa a má organização.

De acordo com Custódio (2012), a reduzida representatividade dos EE nos órgãos de gestão deste agrupamento, apresentada anteriormente, constitui também um obstáculo, apesar de ser a mais viável no contexto da educação, tal como refere Diogo (1998).

Ao longo deste estudo, pudemos constatar que existem diferentes perspetivas, por parte dos professores em relação à participação dos EE. Apesar dos professores já conseguirem ver estes intervenientes educativos de outra forma, reconhecendo a potencialidade desta parceria, constatámos que ainda é visível alguns receios nesta relação, fazendo com que haja professores contra e professores a favor. É sobre estas diferentes perspetivas que nos passaremos a debruçar.

Podemos verificar através dos nossos entrevistados que os professores vão ao encontro de 3 perspetivas apontadas por Montandon (1987) citado por Diogo (1998). Assim, constatámos que existem professores que consideram os EE como verdadeiros parceiros, solicitando-os para um trabalho conjunto. Numa segunda perspetiva, também defendida por Feiteira (2007), existem professores que veem os EE como um grupo de pressão, temendo o intrometimento em áreas que consideram suas, como é o caso da pedagogia, que consideram exclusiva dos profissionais. Assim, é notório algum receio da parte dos professores em relação ao “excesso” de participação dos EE, revelando medo de que o seu trabalho seja prejudicado. Por último, numa terceira perspetiva, são ainda considerados clientes que não conhecem nada de pedagogia ou de gestão e, por isso, não podem dar o seu contributo na escola, sendo que a única coisa a fazer é informá-los das decisões tomadas. Esta perspetiva é partilhada por todos, quando se referem à participação dos EE no Conselho Pedagógico.

A legalização da existência de uma sala destinada às famílias na escola é muito recente, sendo que pelo que apurámos, este agrupamento dispõe de duas salas para receber encarregados de educação, permitindo que haja um espaço promotor de um maior intercâmbio de informação entre os dois grupos de intervenientes educativos, tal como refere Marques (2001).

Outra estratégia apontada por Marques (2001) e à qual a Direção do Agrupamento recorre com frequência, refere-se ao facto da escola se dar a conhecer, informando os EE sobre o funcionamento da mesma.

Marques (1997) menciona a necessidade de criação de atividades de carácter informal que facilitem uma comunicação continuada com os EE. Desta forma, pudemos confirmar que o agrupamento em estudo dinamiza festas e convívios mais informais que permitem aos professores manterem um contacto mais descontraído com os EE. O Presidente do Conselho Geral refere a organização de sessões de astronomia como sendo uma estratégia que recorre com frequência. No entanto, esta estratégia faz-nos colocar algumas questões, tendo em conta o contexto do agrupamento em questão. Ou seja, as estratégias adotadas por este professor serão as mais adequadas, tendo em conta o contexto da escola onde está inserido? Fazer uma observação astronómica será uma iniciativa que inclua todos os encarregados de educação? Ou será um pouco seletiva?

Mais recentemente, Lourenço (2008) alerta-nos para a necessidade de prever várias formas de envolvimento que possam ir ao encontro das necessidades e disponibilidades dos EE, ideia que não podemos descurar perante a diversidade cultural existente neste agrupamento.

O professor membro do Conselho Pedagógico opta por recorrer aos alunos como veículo de informação, identificando esta situação como estratégia de envolvimento dos EE. No entanto, recorrer aos alunos para fazer a comunicação com os EE será uma estratégia eficaz? Será que os alunos levam essa informação para casa? Será que todos os alunos têm hábitos de conversa sobre o que se passa na escola com o respetivo EE? Mesmo que o aluno leve para casa, como podemos ter a certeza que chega a todos, se os EE têm níveis de formação tão díspares?

O Plano de Convivência é uma estratégia criada pela direção da escola, com o objetivo de envolver todos os agentes educativos na resolução de conflitos dentro da escola. Assim, as posições dos diferentes entrevistados em relação às potencialidades deste Plano são um pouco antagónicas, na medida em que alguns não reconhecem os benefícios do mesmo. Na perspetiva do Presidente do Conselho Geral o Plano de Convivência até tem trazido alguns resultados na diminuição de conflitos entre EE,

alunos e funcionários. Já na perspectiva no EE e do professor membros do Conselho Pedagógico o mesmo não se verifica, pois são consensuais quando não consideram haver resultados.

É visível alguma participação de qualidade por parte dos EE neste agrupamento. No entanto, com o decorrer da entrevista, os entrevistados foram admitindo que ainda há muito a fazer e que é necessário pensar em medidas para que consigamos uma maior e melhor participação dos EE. Com a consciencialização deste facto, pudemos constatar que os entrevistados já pensaram em soluções que acreditam ter potencial para alterar a situação atual. São estas soluções que passamos a descrever.

Uma solução apontada pelo EE membro do Conselho Pedagógico refere-se à organização das reuniões deste órgão que já referimos anteriormente, para evitar desperdício de tempo por parte dos EE. Era essencial que previsses reuniões só com assuntos em que o EE pudesse estar presente. Os assuntos em que o EE não fosse permitido entrar eram reunidos numa única reunião em que este não fosse convocado. Desta forma, estariam a evitar que as reuniões fossem demasiado extensas para o EE e que houvesse situações constrangedoras, como as que aconteciam, em que o EE era convidado a sair durante algum tempo, para depois voltar. Atualmente, já não está previsto a representação de EE neste órgão, pelo que esta solução deverá ser contemplada caso haja alterações na legislação.

O professor membro do Conselho Pedagógico sugere a realização de um outro tipo de reuniões para os EE, de forma a que estes se sintam mais integrados no contexto escolar. Assim, seriam reuniões específicas que reunissem EE e alunos, num contexto semelhante ao da sala de aula, onde falariam sobre temas integrantes do programa nacional. Este professor acredita que esta seria uma boa forma de mostrar aos EE como é que a escola funciona. Esta sugestão vai ao encontro do que Marques (2001) refere, pois afirma que se devem criar outros momentos de ida à escola dos EE, no sentido destes poderem descobrir o que o seu educando faz neste contexto, diferente do de casa. Consideramos que, neste contexto específico poderia ser uma boa solução, pois iria colmatar o obstáculo da baixa formação dos EE, assim como a falta de conhecimento do

funcionamento e organização da escola, já que também eles iriam ser os alunos e participar de toda aquela dinâmica.

O presidente do Conselho Geral, de acordo com Marques (2001) refere que seria importante a concretização de visitas domiciliárias por parte dos professores e visitas dos EE à escola, estreitando a relação EE e professores. Este entrevistado acredita que, tal como Marques (2001) refere que é crucial o contacto do professor com as diferentes culturas dos seus alunos no desenvolvimento do seu trabalho, referindo a importância dos professores conhecerem o contexto social dos alunos, na compreensão de possíveis problemas que possam surgir na sala de aula. Por outro lado, refere ainda a importância dos EE virem à escola para perceberem como é que esta organização funciona e valorizarem algumas atitudes dos professores.

Atualmente, vivemos em tempo de mudança e muitas famílias viram-se numa situação económica, à qual não estavam habituadas, sentindo-se mesmo envergonhadas e constrangidas com as características da sua situação atual. Neste sentido, também esta solução poderá ter os seus condicionalismos, já que muitas famílias podem não estar disponíveis para receber os professores nos seus lares e partilharem os seus problemas, inibindo-os ainda mais nesta relação “Encarregado de Educação - Escola”.

De acordo com o professor membro do Conselho Geral também seria importante pensar-se noutros momentos de lazer entre todos os intervenientes educativos, nomeadamente a realização de visitas de estudo em que os EE também pudessem ir, partilhando situações agradáveis e de lazer com os professores.

No entanto, não seria melhor organizar estas visitas apenas com EE e professores? Os alunos do 1.º ciclo iriam gostar, mas os alunos do 2.º e 3.º ciclo iriam partilhar da mesma opinião? Será que nestas idades gostam de ter os EE por perto ou seria constrangedor para os alunos? Não seria mais descontraído se as visitas fossem apenas com professores e EE?

Todas as soluções implicam riscos e é sobre isto que a escola deve refletir. Assumindo que é importante a participação dos EE na escola, deve refletir sobre possíveis soluções

e a viabilidade das mesmas, no sentido de criar situações agradáveis entre estes dois grupos do contexto educativo: encarregados de educação e professores.

3. Conclusão

Este trabalho enquadra-se no campo das Ciências da Educação e incide na análise de representações sobre a participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão de topo da escola. A participação dos EE nos órgãos de gestão de topo foi objeto de constantes alterações legislativas ao longo dos anos, sendo que a mais recente, foi no ano passado, a 2 de julho de 2012, com a representatividade dos EE a ser negada no Conselho Pedagógico. Tudo isto despertou-nos o interesse para enveredar por esta problemática, no âmbito deste mestrado, para melhor compreender este tipo de participação e as implicações que esta pode ter na gestão da escola.

Optámos por fazer um estudo de caso, centrado na opinião de dois grandes grupos de intervenientes educativos, os professores e os encarregados de educação que participam como membros ativos nos órgãos de gestão de topo da escola: Conselho Pedagógico e Conselho Geral, no Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus. Atualmente os EE já não estão representados no Conselho Pedagógico mas dada a sua permanência vários anos considerámos que seria fundamental compreender também como é que esta se desenvolveu.

Respondendo à pergunta de partida, constatámos que tanto professores como encarregados de educação são consensuais, quando referem os benefícios da participação destes no Conselho Geral, ao contrário do que acontece no Conselho Pedagógico, onde não reconhecem os contributos que os encarregados de educação podem trazer com a respetiva participação. Esta opinião está relacionada com o tipo de assuntos discutidos em cada um dos conselhos, já que ambos os grupos percecionam a pedagogia como sendo uma área exclusiva dos professores. No entanto, consideram que existe pouco interesse dos encarregados de educação em participar nos órgãos de gestão de topo, o que leva a uma reduzida percentagem de participação que gostavam de ver a aumentar.

Com o estudo podemos concluir que a participação dos encarregados de educação no Conselho Geral do agrupamento é muito ativa e interventiva, propondo soluções para

problemas diversificados e relacionados com a melhoria da organização e funcionamento da escola. Neste sentido, as instalações do agrupamento em estudo têm sofrido muitas melhorias por iniciativa dos EE que se responsabilizam por todo o processo, desde o contacto com as instituições envolvidas no desenvolvimento dos diferentes projetos, passando pela angariação de verbas, até à construção propriamente dita.

Quanto à participação no Conselho Pedagógico, o mesmo já não se verifica, pois constatámos que o encarregado de educação assumia uma posição de ouvinte e de aceitação em relação ao que era discutido neste órgão. A falta de conhecimentos na área de pedagogia foi apresentada como principal fator potenciador desta passividade.

Apesar do agrupamento se mostrar muito inclusivo no que se refere aos alunos, acolhendo uma grande variedade de culturas, o mesmo não se verifica na inclusão dos diferentes encarregados de educação. Existe alguma dificuldade em pensar em estratégias ou formas de incentivarem a participação de encarregados de educação de todas as classes sociais, de forma a satisfazer as respetivas necessidades e disponibilidades. A preocupação de promover a participação é evidente, mas dada a diversidade da população do agrupamento, quer a nível de nacionalidades que acolhe, quer a nível de classes sociais, as estratégias utilizadas não são as mais adequadas. Não podemos esquecer que a percentagem de famílias desfavorecidas neste agrupamento é muito elevada.

É necessário reunir esforços para desfazer preconceitos que sustentam uma visão pessimista sobre a participação dos encarregados de educação e mais concretamente sobre o respetivo desinteresse pelo sucesso escolar dos educandos. Pelo que pudemos constatar, existem muitos obstáculos e limitações que condicionam a participação dos encarregados de educação e que podem ser facilmente colmatados pela escola. A participação dos encarregados de educação é deveras importante e só é possível se houver disponibilidade dos diferentes elementos envolvidos no contexto educativo, quer sejam professores, encarregados de educação e o próprio diretor do agrupamento.

Esta investigação revelou apenas uma representação parcelar da realidade do agrupamento de escolas, tal como foi entendida por encarregados de educação e

docentes participantes na gestão de topo, no período de 2012-2013, período em que decorreu a investigação. Os resultados poderão ter particular interesse para a instituição onde foi realizada, tendo em conta que poderá servir de base para uma reflexão em torno das dinâmicas que ocorrem no interior do Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus e que podem ainda não ter sido alvo de atenção dos intervenientes.

O estudo teve algumas condicionantes: a principal prendeu-se com limitações de ordem temporal, que se relaciona com o tempo disponível para a realização da investigação, uma vez que realizámos o estudo simultaneamente com a nossa atividade profissional. Deste modo, foi impossível explorar todas as vertentes de uma realidade complexa como esta da participação dos EE nos órgãos de gestão de topo da escola.

O reduzido número de participantes no estudo não permitiu conhecer representações mais diversas – convergentes ou divergentes. Aqui a perspetiva dos encarregados de educação membros da Associação de Pais e que não fossem membros dos órgãos de gestão, assim como a perspetiva dos alunos seria um contributo elucidativo do problema, visto estes serem o cerne de todo o processo de desenvolvimento, na medida em que a sua abordagem poderia ter sido diferente, permitindo ver outros ângulos desta realidade. Foi ainda fator de limitação, o estudo reportar-se apenas a um agrupamento, o que afasta a possibilidade de generalização dos resultados e das conclusões, podendo no futuro pensarmos num estudo a nível nacional. A diversificação de fontes de dados também seria importante para poder haver uma maior validação interna do estudo.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Franciele Jaqueline e MEDEIROS, Dalva Helena, (Org.). (2010). *A Família na Gestão da Escola: Uma Proposta de Parceria Para os Problemas de Aprendizagem*, retirado de http://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/PDF/ciencias_humanas/01_ALMEIDA_MEDEIROS.pdf a 24/03//2012;

BARROSO, João (s.d.). *Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola*. Coleção Cadernos de Organização e Gestão Curricular. Editora Instituto de Inovação Educacional, retirado de <http://cefopna.no.sapo.pt/8.pdf> em 02/02/2012;

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora;

COSTA, António Gomes da (2008). *Educação*, Coleção Valores, São Paulo: Editora Canção Nova;

CUSTÓDIO, Ana Paula de Lemos (2012). *Representatividade e Participação dos Pais e Encarregados de Educação no Conselho Geral de um Agrupamento de Escolas: Potencialidades e Constrangimentos*. Tese de Mestrado. Lisboa: Escola Superior de Educação Almeida Garrett, retirado de <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/2874/ANA%20PAULA%20DE%20LEMOS%20CUST%20C3%93DIO%20%20.pdf?sequence=1>, em 12/05/2013.

DAVIES, Don, MARQUES, Ramiro e SILVA, Pedro (1997). *Os Professores e as Famílias, A COLABORAÇÃO POSSÍVEL*, 2.^a Edição, Lisboa: Livros Horizonte;

DIOGO, José M. L. (1998). *Parceria Escola-Família: A Caminho de Uma Educação Participada*, Porto: Porto Editora;

FARIA, João, P. M., BARROSO, João (Or) (2011). *A vez e a voz dos pais: A autopoiesis do movimento associativo parental*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa – Instituto de Educação;

FEITEIRA, Manuela Maria da Rocha Ferreira Coelho (2007). *A Participação dos Encarregados de Educação na Organização Escolar*, retirado de <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/4739/1/2007001182.pdf>, em 19/02/2013.

FERNADES, José (2003). *O ASSOCIATIVISMO DE PAIS – No limiar da virtualidade?* Lisboa: Ministério da educação, pp. 107-151;

GUERRA, M. A. S. (2002). *Os desafios da participação - desenvolver a democracia na Escola*. Porto: Porto Editora;

LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel e BOUTIN, Gérald (2005). *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*. 2.^a Edição. Lisboa: Instituto Piaget,.

LIMA, Licínio Carlos Viana da Silva (1991). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar*. Texto policopiado, um estudo da escola secundária em Portugal (1974-1988). Braga: Universidade do Minho;

LIMA, Jorge Ávila de (org.) (2002). *Pais e professores: um desafio à cooperação – como estimular um relacionamento mais rico e intenso entre famílias e a escola? (A presença dos pais na escola: aprofundamento democrático ou perversão pedagógica?)*. Lisboa: Edições ASA;

LOPES, Fernando Manuel David dos Santos (2006). *Participação Organizacional e Educativa dos Pais na escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico: Potencialidades e Limites*. Tese de Mestrado retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6667/1/Tese%20de%20Dr.%20Fern>

[ando%20Lopes%20NOVA.pdf](#) em 03/02/2012. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, pp. 56-92;

MARQUES, Ramiro (1997). *A Escola e os Pais – Como colaborar?* Lisboa: Texto Editora;

MARQUES, Ramiro (2001). *EDUCAR COM OS PAIS*. Lisboa Editorial: Presença, pp.19-35 e 112-122;

MARTINS, Maria Fernanda (2003). *Associações de Pais e Encarregados de Educação na Escola Pública: Contributos para uma análise sociológica-organizacional*, Lisboa: Ministério da Educação;

MONTADON, C. (2001). O desenvolvimento das relações família-escola - problemas e perspectivas, (C. G. d. Silva, Trans.). In *Entre pais e professores, um diálogo impossível? Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola* (1ª ed.). Oeiras: Celta Editora;

POLONIA, Ana da Costa e DESSEN, Maria Auxiliadora (2005). Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola – Relações Família-Escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, Volume 9 (n.º 2), pp. 303-312;

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais – Trajectos*, 5ª edição. Lisboa: Gradiva.

SÁ, Virgínio (2004). *A Participação dos Pais na Escola Pública Portuguesa – Uma abordagem sociológica e organizacional*, Monografias em educação, Braga;

SILVA, Pedro (2002). Escola-família: Tensões e potencialidades de uma relação, In Lima, J. (Org.). *Pais e professores: Um desafio à cooperação*. Porto: Edições Asa;

SILVA, Pedro (2003). *Escola - Família, uma Relação Armadilhada - Interculturalidade e Relações de Poder*, Porto: Edições Afrontamento;

SILVA, Pedro (2008). O contributo da escola para a actividade parental numa perspectiva de cidadania, *Escola/Família/Comunidade – Seminário e Colóquios*, Lisboa: Conselho Nacional de Educação;

SILVA, Pedro (2010) Escola-família: tensões e potencialidades de uma relação, *Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX. pp. 443-464;

SOUSA, Maria José e BAPTISTA, Cristina Sales (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios – Segundo Bulonha*, 4ª edição. Lisboa: Pactor;

STOER, Stephen R., SILVA, Pedro (orgs.) (2005). *Escola- Família, Uma relação em processo de reconfiguração*. Porto: Porto Editora;

ZANLORENÇO, Margarete Klossowski e SCHNEKENBERG, Marisa (2008). Liderança e Motivação na Gestão escolar: O Trabalho Articulador dos Diretores das Escolas Municipais. *Revista Eletrônica Lato Sensu – Ano 3, nº1*;

ZENHAS, Armanda (2006). O Papel do Director de Turma na Colaboração Escola-Família. Porto: Porto Editora.

Documentos do Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus

Regulamento Interno 2011/2012

Projeto Educativo 2010/2013

Relatório de Avaliação Externa da Delegação Regional do Centro da IGE, 2009

Plano de Convivência de 2010

Legislação e Regulamentação consultada

Decreto-Lei n.º 735-A/74 de 21 de dezembro, retirado de <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=educa03>, em 2 de julho de 2012;

Decreto-Lei n.º 769-A/76 de 23 de outubro, retirado de http://www.igf.min-financas.pt/inflegal/bd_igf/bd_legis_geral/Leg_geral_docs/DL_769_A_76.htm, em 2 de julho de 2012;

Lei n.º 7/77 de 1 de fevereiro, retirado de <http://www.dre.pt/pdf1s/1977/02/02600/01750175.pdf>, em 2 de julho de 2012;

Decreto-Lei n.º 376/80 de 12 de setembro, retirado de <http://www.dre.pt/pdf1s/1980/09/21100/26292630.pdf>, em 2 de julho de 2012;

Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo, retirado de <http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/2A5E978A-0D63-4D4E-981246C28BA831BB/1126/L4686.pdf>) em 2 de julho de 2012;

Decreto-Lei n.º 172/91 de 10 de maio, retirado de http://www.educacao.te.pt/images/downloads/dl_172_91.pdf em 2 de julho de 2012;

Lei n.º 115/97, de 19 de setembro, (alteração à Lei n.º 46/86, de 14 de outubro) , retirado de http://www.igf.min-financas.pt/inflegal/bd_igf/bd_legis_geral/Leg_geral_docs/LEI_115_97.htm) em 2 de julho de 2012;

Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de maio, retirado de http://www.ige.min-edu.pt/upload/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Dec_Lei_115-A_98.pdf em 2 de julho de 2012;

Lei n.º 49/2005, de 31 de agosto, (Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo e primeira alteração à Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior), retirado de <http://cdp.portodigital.pt/repositorio-de-legislacao/lei-n-o-49-2005/>) em 2 de julho de 2012.

Decreto-Lei 75/2008 de 22 de abril, retirado de <http://dre.pt/pdf1s/2008/04/07900/0234102356.pdf> em 2 de julho de 2012;

Decreto-Lei 137/2012 de 2 de julho (Alteração ao Decreto-Lei 75/2008 de 22 de abril), retirado de <http://dre.pt/pdf1sdip/2012/07/12600/0334003364.pdf>, em 2 de agosto de 2012.

Anexos

Anexo I - Pedido de autorização ao Diretor do Agrupamento de Escolas para a realização do estudo

Leiria, Maio de 2012

Exm.º Senhor

Diretor do Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus

Sou estudante do mestrado em Gestão Avaliação e Supervisão Escolar, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria.

Neste momento, estou a desenvolver um trabalho de investigação, inserido na unidade curricular de Projeto I e está relacionado com a Participação dos Encarregados de Educação nos Órgãos de Gestão e Administração Escolar.

É um estudo centrado no envolvimento dos pais na escola e pretende caracterizar este tipo de participação através dos diferentes intervenientes que influenciam a mesma: professores e encarregados de educação.

A recolha de dados, a decorrer durante o 3.º semestre (a partir de setembro), será realizada apenas por mim e implicará: a) a realização de entrevista ao diretor do agrupamento; b) a realização de entrevistas aos presidentes do Conselho Geral, Conselho pedagógico e Associação de Pais; c) a realização de entrevistas aos professores e encarregados de educação membros de cada órgão.

Os dados recolhidos serão apenas divulgados no relatório final do estudo, sendo o anonimato dos seus protagonistas salvaguardado, incluindo a identidade do próprio agrupamento, se assim o pretender.

Neste sentido, solicito a Vossa Excelência a autorização da realização da referida recolha de informação, a partir desta data e até ao final do ano letivo.

Agradecendo desde já a atenção dispensada por V.ª Ex.ª, apresento os meus melhores cumprimentos,

Cláudia Oliveira

Anexo II – Guiões das Entrevistas

Guião de entrevista ao Diretor do Agrupamento e Presidente do Conselho Pedagógico		
Objetivos	Variáveis	Questões
<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema do estudo. - Informar o entrevistado sobre os objetivos do estudo - Obter a autorização para a gravação áudio da entrevista. - Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos. 	Legitimação da entrevista	A presente entrevista tem por objetivo recolher informação junto dos membros dos órgãos de gestão de topo da escola sobre a participação dos encarregados de educação nos mesmos.
		Estou a desenvolver um estudo no âmbito do Mestrado de Gestão, Avaliação e Supervisão Escolar e esta entrevista é de extrema importância para a recolha de elementos para o estudo empírico da mesma.
		Tudo o que disser será estritamente confidencial, pois os dados recolhidos serão utilizados única e exclusivamente para este trabalho e os resultados serão codificados.
		Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável que nos autorize a gravação áudio desta entrevista.
<ul style="list-style-type: none"> - Ter contacto com alguns dados pessoais do entrevistado; - Conhecer a experiência do entrevistado nos órgãos de gestão; 	Perfil do entrevistado	<p>Para começar gostaria que referisse os seguintes aspetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Idade; - Formação Académica; - Profissão; - Cargos que possui no agrupamento; - Experiência no Conselho Pedagógico; - Anos de serviço.
<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar os EE que participam nos órgãos de gestão de topo; - Identificar os órgãos de gestão de topo onde se verifica a participação dos EE; - Quantificar a frequência da participação dos EE; - Perceber qual é o tipo de participação dos EE nos órgãos de gestão de topo. 	Como é feita a participação	Como caracteriza os representantes dos EE que participam nos órgãos de gestão da escola? Pode caracterizá-los?
		Considera que a participação dos EE é a mesma nos diferentes níveis de ensino? Porque acha que isto acontece?
		Existe uma participação de EE das diferentes classes sociais ou existe uma que predomina? Qual?
		Existe uma predominância de um dos géneros dos EE que participam? Qual?
		Esta predominância é igual em todos os níveis de ensino?
		Os EE estão sempre presentes quando são convocados?
		Consegue pensar numa percentagem de famílias que se envolve de alguma forma na escola?
		Os EE intervêm nas reuniões?
		Existe uma participação ativa dos EE nas tomadas de decisão?
		Dê um exemplo de uma sugestão dada por um EE, que tenha sido implementada.
		Os EE participam de forma ativa na elaboração de instrumentos de gestão, como o Projeto Educativo, o Plano de Atividades e o Regulamento interno?
		A que nível acha que se deveria verificar a

		participação dos EE?
		Como tem evoluído esta participação ao longo dos anos? Como explica isto?
		Que avaliação faz da participação dos EE atualmente? Justifique.
<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a perspectiva de um professor sobre a participação dos EE nos órgãos de gestão da escola; - Identificar potencialidades da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola; - Conhecer as motivações dos EE para participar nos órgãos de gestão de topo da escola; - Perceber a importância da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola- 	Potencialidades da participação	Considera que uma maior participação dos EE pode melhorar o seu relacionamento com os professores?
		Verifica um consenso entre os representantes nos órgãos de gestão de topo e os restantes EE?
		Quais são os resultados da participação dos EE na escola?
		Considera importante a participação dos EE na sua escola? Porquê?
		Acha que os EE que participam nos órgãos de gestão da escola têm consciência que estão a representar outros ou tratam apenas dos assuntos do seu educando?
		A participação dos EE é fruto da legislação ou também traduz motivação dos EE?
		Considera que o sucesso educativo está diretamente relacionado com a aproximação da escola às famílias? Porquê?
		Que papel tem tido a Associação de Pais na sua escola?
<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a comunicação que é feita entre a escola e os EE; - Identificar dificuldades e constrangimentos que impedem uma maior participação dos EE; - Conhecer a perspectiva dos professores em relação à participação dos EE na escola; - Conhecer a relação estabelecida entre os EE e os professores. 	Dificuldades e Constrangimentos da Participação	Como caracteriza a relação dos professores com os EE? E a dos restantes funcionários?
		Considera que existe uma boa comunicação entre os EE e a escola? Como é feita essa comunicação?
		Quais são os assuntos debatidos nas reuniões de Conselho Pedagógico onde verificava uma maior ou menor participação dos EE?
		Quais são as dificuldades que identifica na participação dos EE nos órgãos de gestão da escola?
		Acha que existem fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos da escola? Quais?
		Considera que a escola é apelativa e está acessível a todos os EE?
		Acha que as escolas estão preparadas para uma maior participação dos EE?
		Os EE têm informação suficiente para se sentirem motivados a participar?
		Como acha que os professores vêm a participação dos EE no Conselho Pedagógico? E o professor?
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as medidas tomadas pela escola para incentivar 	Medidas para	Nota que, geralmente, existe consenso entre os professores e os EE no que se refere aos objetivos educacionais?
		De que forma tentou colmatar os fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos de gestão de topo da escola?

a participação dos EE; - Identificar estratégias de envolvimento dos EE utilizadas pelos professores.	promover a participação dos EE	De que forma incentiva a participação dos EE?
		Os professores estão despertos para incentivar este tipo de participação? De que forma o fazem?
		Os professores conhecem estratégias de envolvimento dos EE?
		Pode-me falar um pouco sobre o Plano de Convivência levado a cabo pela escola?

Guião de entrevista ao EE membro do Conselho Pedagógico		
Objetivos	Variáveis	Questões
<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema do estudo. - Informar o entrevistado sobre os objetivos do estudo - Obter a autorização para a gravação áudio da entrevista. - Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos. 	Legitimação da entrevista	A presente entrevista tem por objetivo recolher informação junto dos membros dos órgãos de gestão de topo da escola sobre a participação dos encarregados de educação nos mesmos.
		Estou a desenvolver um estudo no âmbito do Mestrado de Gestão, Avaliação e Supervisão Escolar e esta entrevista é de extrema importância para a recolha de elementos para o estudo empírico da mesma.
		Tudo o que disser será estritamente confidencial, pois os dados recolhidos serão utilizados única e exclusivamente para este trabalho e os resultados serão codificados.
		Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável que nos autorize a gravação áudio desta entrevista.
<ul style="list-style-type: none"> - Ter contacto com alguns dados pessoais do entrevistado; - Conhecer a experiência do entrevistado nos órgãos de gestão; 	Perfil do entrevistado	<p>Para começar gostaria que referisse os seguintes aspetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Idade; - Formação Académica; - Profissão; - Cargos que possui no agrupamento; - Experiência no Conselho Pedagógico; - Em que ano está os seu educando.
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os assuntos onde a sua participação era mais ativa; - Quantificar a frequência da participação dos EE; - Perceber a importância da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola. 		Participou sempre na escola do seu educando?
		Houve algum momento em que foi mais ou menos participativo? Porquê?
		Conseguia estar sempre presente quando era convocado para as reuniões? Porquê?
		Costumava intervir nas reuniões? Dê um exemplo de uma intervenção sua numa reunião?
		Sentia-se à vontade para analisar criticamente os instrumentos de gestão, como o Projeto Educativo, o Plano Anual de Atividades e o Regulamento Interno?
		Como acha que tem evoluído a participação dos EE ao longo dos anos? Como explica isto?
		Que avaliação faz da participação dos EE atualmente? Justifique?
		Na sua opinião, o que pode melhorar ou aumentar a participação dos EE na escola?
<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a perspetiva de um EE sobre a participação dos mesmos nos órgãos de gestão da escola; - Identificar potencialidades da 	Potencialidades da participação	Considera que uma maior participação dos EE pode melhorar o seu relacionamento com os professores?
		Verifica um consenso entre os representantes na Associação de Pais e os restantes EE?
		Existe uma boa comunicação entre os EE e a Associação de Pais? Como é feita essa comunicação?
		Considera importante a participação dos EE na escola? Porquê?
		Quando participava no Conselho Pedagógico quais eram as suas principais preocupações?
		A participação dos EE é fruto da legislação ou também traduz motivação dos EE?

participação dos EE nos órgãos de gestão da escola;		O que o motivou a fazer parte da Associação de Pais? E do Conselho Pedagógico?
		Considera que o sucesso educativo está diretamente relacionado com a aproximação da escola às famílias? Porquê?
		Na sua opinião, qual é o papel dos EE neste Agrupamento?
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar dificuldades e constrangimentos que impedem uma maior participação dos EE; - Conhecer a perspectiva dos EE em relação à participação dos mesmos nos órgãos da escola; - Conhecer a relação estabelecida entre os EE e os professores 	Dificuldades e Constrangimentos da Participação	Como caracteriza a relação dos professores com os EE? E a dos restantes funcionários?
		Considera que existe uma boa comunicação entre os EE e a escola? Como é feita essa comunicação?
		Quais eram os assuntos debatidos nas reuniões de Conselho Pedagógico onde tinha uma maior ou menor participação?
		Enquanto encarregado de educação qual era a maior dificuldade que encontrava na sua participação no Conselho Pedagógico?
		Acha que existem fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos da escola? Quais?
		Considera que a escola é apelativa e está acessível a todos os EE?
		Acha que a escola ouve os EE? Justifique?
		Os EE têm informação suficiente para se sentirem motivados a participar?
		Como acha que os professores vêm a participação dos EE no Conselho Pedagógico?
		Notava que, geralmente, existia consenso entre os professores e os EE no que se refere aos objetivos educacionais?
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as medidas tomadas pela escola para incentivar a participação dos EE; - Identificar estratégias de envolvimento dos EE utilizadas pelos professores. 	Medidas para promover a participação dos EE	De que forma podem ser colmatados os fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos de gestão de topo da escola?
		De que forma a Associação de Pais incentiva a participação dos EE?
		Os professores conhecem estratégias de envolvimento dos EE de forma a facilitar este processo?
		Pode-me falar um pouco sobre o Plano de Convivência levado a cabo pela escola?

Guião de entrevista ao EE membro do Conselho Geral e Presidente da Associação de Pais		
Objetivos	Variáveis	Questões
<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema do estudo. - Informar o entrevistado sobre os objetivos do estudo - Obter a autorização para a gravação áudio da entrevista. - Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos. 	Legitimação da entrevista	A presente entrevista tem por objetivo recolher informação junto dos membros dos órgãos de gestão de topo da escola sobre a participação dos encarregados de educação nos mesmos.
		Estou a desenvolver um estudo no âmbito do Mestrado de Gestão, Avaliação e Supervisão Escolar e esta entrevista é de extrema importância para a recolha de elementos para o estudo empírico da mesma.
		Tudo o que disser será estritamente confidencial, pois os dados recolhidos serão utilizados única e exclusivamente para este trabalho e os resultados serão codificados.
		Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável que nos autorize a gravação áudio desta entrevista.
<ul style="list-style-type: none"> - Ter contacto com alguns dados pessoais do entrevistado; - Conhecer a experiência do entrevistado nos órgãos de gestão; 	Perfil do entrevistado	<p>Para começar gostaria que referisse os seguintes aspetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Idade; - Formação Académica; - Profissão; - Experiência na Associação de Pais; - Experiência no Conselho Geral; - Em que ano está os seu educando.
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os assuntos onde a sua participação era mais ativa; - Quantificar a frequência da participação dos EE; - Perceber a importância da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola. 	Como é feita a participação	Participou sempre na escola do seu educando?
		Considera que a participação dos EE é mesma nos diferentes níveis de ensino? Porque acha que isto acontece?
		Existe uma participação de EE das diferentes classes sociais ou existe uma que predomina? Qual?
		Existe a predominância de um dos géneros dos EE que participam? Qual?
		Houve algum momento em que foi mais ou menos participativo? Porquê?
		Os EE estão sempre presentes quando são convocados para as reuniões? Porquê?
		As reuniões são marcadas fora o horário laboral? Qual?
		Quantos elementos constituem a Associação de Pais?
		Costumava intervir nas reuniões? Dê um exemplo de uma intervenção sua numa reunião e de uma medida tomada por sugestão da Associação de Pais.
		Sentia-se à vontade para analisar criticamente os instrumentos de gestão, como o Projeto Educativo, o Plano Anual de Atividades e o Regulamento Interno?
		Como acha que tem evoluído a participação dos EE ao longo dos anos? Como explica isto?
		Que avaliação faz da participação dos EE atualmente? Justifique?
		Na sua opinião, o que pode melhorar ou aumentar a participação dos EE na escola?

<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a perspectiva de um EE sobre a participação dos mesmos nos órgãos de gestão da escola; - Identificar potencialidades da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola; 	Potencialidades da participação	Considera que uma maior participação dos EE pode melhorar o seu relacionamento com os professores?
		Verifica um consenso entre os representantes na Associação de Pais e os restantes EE?
		Existe uma boa comunicação entre os EE e a Associação de Pais? Como é feita essa comunicação?
		Considera importante a participação dos EE na escola? Porquê?
		Acha que os EE que participam nos órgãos da escola têm consciência que estão a representar outros ou tratam apenas de assuntos do seu educando?
		A participação dos EE é fruto da legislação ou também traduz motivação dos EE?
		O que o motivou a fazer parte da Associação de Pais? E do Conselho Geral?
		Considera que o sucesso educativo está diretamente relacionado com a aproximação da escola às famílias? Porquê?
		Na sua opinião, qual é o papel dos EE neste Agrupamento?
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar dificuldades e constrangimentos que impedem uma maior participação dos EE; - Conhecer a perspectiva dos EE em relação à participação dos mesmos nos órgãos da escola; - Conhecer a relação estabelecida entre os EE e os professores 	Dificuldades e Constrangimentos da Participação	Como caracteriza a relação dos professores com os EE? E a dos restantes funcionários?
		Considera que existe uma boa comunicação entre os EE e a escola? Como é feita essa comunicação?
		Quais eram os assuntos debatidos nas reuniões do Conselho Geral onde tinha uma maior ou menor participação?
		Enquanto presidente da Associação de Pais qual era a maior dificuldade que encontrava no exercer deste cargo?
		Acha que existem fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos da escola? Quais?
		Considera que a escola é apelativa e está acessível a todos os EE?
		Acha que as escolas estão preparadas para uma maior participação dos EE? Justifique.
		Os EE têm informação suficiente para se sentirem motivados a participar?
		Como acha que os professores vêm a participação dos EE no Conselho Geral?
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as medidas tomadas pela escola para incentivar a participação dos EE; - Identificar estratégias de envolvimento dos EE utilizadas pelos professores. 	Medidas para promover a participação dos EE	De que forma podem tentar colmatar os fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos de gestão de topo da escola?
		De que forma a Associação de Pais incentiva a participação dos EE?
		Os professores conhecem estratégias de envolvimento dos EE de forma a facilitar este processo?
		Pode-me falar um pouco sobre o Plano de Convivência levado a cabo pela escola?

Guião de entrevista ao Presidente do Conselho Geral		
Objetivos	Variáveis	Questões
<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema do estudo. - Informar o entrevistado sobre os objetivos do estudo - Obter a autorização para a gravação áudio da entrevista. - Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos. 	Legitimação da entrevista	A presente entrevista tem por objetivo recolher informação junto dos membros dos órgãos de gestão de topo da escola sobre a participação dos encarregados de educação nos mesmos.
		Estou a desenvolver um estudo no âmbito do Mestrado de Gestão, Avaliação e Supervisão Escolar e esta entrevista é de extrema importância para a recolha de elementos para o estudo empírico da mesma.
		Tudo o que disser será estritamente confidencial, pois os dados recolhidos serão utilizados única e exclusivamente para este trabalho e os resultados serão codificados.
		Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável que nos autorize a gravação áudio desta entrevista.
<ul style="list-style-type: none"> - Ter contacto com alguns dados pessoais do entrevistado; - Conhecer a experiência do entrevistado nos órgãos de gestão; 	Perfil do entrevistado	<p>Para começar gostaria que referisse os seguintes aspetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Idade; - Formação Académica; - Profissão; - Cargos que possui no agrupamento; - Experiência no Conselho Pedagógico; - Anos de serviço.
<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar os EE que participam nos órgãos de gestão de topo; - Identificar os órgãos de gestão de topo onde se verifica a participação dos EE; - Quantificar a frequência da participação dos EE; - Perceber qual é o tipo de participação dos EE nos órgãos de gestão de topo. 	Como é feita a participação	Como caracteriza o representante dos EE que participa no Conselho Geral? Qual a sua formação? O seu educando está em que nível de ensino?
		Considera que a participação dos EE é a mesma nos diferentes níveis de ensino? Porque acha que isto acontece?
		Existe uma participação de EE das diferentes classes sociais ou existe uma que predomina? Qual?
		Existe uma predominância de um dos géneros dos EE que participam? Qual?
		Esta predominância é igual em todos os níveis de ensino?
		Os EE estão sempre presentes quando são convocados?
		Consegue pensar numa percentagem de famílias que se envolve de alguma forma na escola?
		Os EE intervêm nas reuniões?
		Existe uma participação ativa dos EE nas tomadas de decisão no Conselho Geral?
		Dê um exemplo de uma sugestão dada por um EE, em Conselho Geral que tenha sido implementada.
		A que nível acha que se deveria verificar a participação dos EE?
		Como tem evoluído esta participação ao longo dos anos? Como explica isto?
		Que avaliação faz da participação dos EE atualmente? Justifique.

<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a perspectiva de um professor sobre a participação dos EE nos órgãos de gestão da escola; - Identificar potencialidades da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola; - Conhecer as motivações dos EE para participar nos órgãos de gestão de topo da escola; - Perceber a importância da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola- 	Potencialidades da participação	Considera que uma maior participação dos EE pode melhorar o seu relacionamento com os professores?
		Verifica um consenso entre os representantes nos órgãos de gestão de topo e os restantes EE?
		Quais são os resultados da participação dos EE na escola?
		Considera importante a participação dos EE na escola? Porquê?
		Acha que os EE que participam nos órgãos de gestão da escola têm consciência que estão a representar outros ou tratam apenas dos assuntos do seu educando?
		A participação dos EE é fruto da legislação ou também traduz motivação dos EE?
		Considera que o sucesso educativo está diretamente relacionado com a aproximação da escola às famílias? Porquê?
<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a comunicação que é feita entre a escola e os EE; - Identificar dificuldades e constrangimentos que impedem uma maior participação dos EE; - Conhecer a perspectiva dos professores em relação à participação dos EE na escola; - Conhecer a relação estabelecida entre os EE e os professores. 	Dificuldades e Constrangimentos da Participação	Como caracteriza a relação dos professores com os EE? E a dos restantes funcionários?
		Considera que existe uma boa comunicação entre os EE e a escola? Como é feita essa comunicação?
		Quais são os assuntos debatidos nas reuniões de Conselho Geral onde verifica uma maior ou menor participação dos EE?
		Quais são as dificuldades que identifica na participação dos EE nos órgãos de gestão da escola?
		Acha que existem fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos da escola? Quais?
		Considera que a escola é apelativa e está acessível a todos os EE?
		Acha que as escolas estão preparadas para uma maior participação dos EE?
		Os EE têm informação suficiente para se sentirem motivados a participar?
		Como acha que os professores vêm a participação dos EE no Conselho Pedagógico? E o professor?
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as medidas tomadas pela escola para incentivar a participação dos EE; - Identificar estratégias de envolvimento dos EE utilizadas pelos professores. 	Medidas para promover a participação dos EE	De que forma tentou colmatar os fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos de gestão de topo da escola?
		De que forma incentiva a participação dos EE?
		Os professores estão desportos para incentivar este tipo de participação? De que forma o fazem?
		Os professores conhecem estratégias de envolvimento dos EE?
		Pode-me falar um pouco sobre o Plano de Convivência levado a cabo pela escola?

Guião de entrevista ao professor membro do Conselho Geral		
Objetivos	Variáveis	Questões
<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema do estudo. - Informar o entrevistado sobre os objetivos do estudo - Obter a autorização para a gravação áudio da entrevista. - Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos. 	Legitimação da entrevista	A presente entrevista tem por objetivo recolher informação junto dos membros dos órgãos de gestão de topo da escola sobre a participação dos encarregados de educação nos mesmos.
		Estou a desenvolver um estudo no âmbito do Mestrado de Gestão, Avaliação e Supervisão Escolar e esta entrevista é de extrema importância para a recolha de elementos para o estudo empírico da mesma.
		Tudo o que disser será estritamente confidencial, pois os dados recolhidos serão utilizados única e exclusivamente para este trabalho e os resultados serão codificados.
		Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável que nos autorize a gravação áudio desta entrevista.
<ul style="list-style-type: none"> - Ter contacto com alguns dados pessoais do entrevistado; - Conhecer a experiência do entrevistado nos órgãos de gestão; 	Perfil do entrevistado	<p>Para começar gostaria que referisse os seguintes aspetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Idade; - Formação Académica; - Profissão; - Cargos que possui no agrupamento; - Experiência no Conselho Pedagógico; - Anos de serviço.
<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar os EE que participam nos órgãos de gestão de topo; - Identificar os órgãos de gestão de topo onde se verifica a participação dos EE; - Quantificar a frequência da participação dos EE; - Perceber qual é o tipo de participação dos EE nos órgãos de gestão de topo. 	Como é feita a participação	Como caracteriza o representante dos EE que participa no Conselho Geral?
		Considera que a participação dos EE é a mesma nos diferentes níveis de ensino? Porque acha que isto acontece?
		Existe uma participação de EE das diferentes classes sociais ou existe uma que predomina? Qual?
		Existe uma predominância de um dos géneros dos EE que participam? Qual?
		Esta predominância é igual em todos os níveis de ensino?
		Os EE estão sempre presentes quando são convocados?
		Consegue pensar numa percentagem de famílias que se envolve de alguma forma na escola?
		Os EE intervêm nas reuniões?
		Existe uma participação ativa dos EE nas tomadas de decisão no Conselho Geral?
		Dê um exemplo de uma sugestão dada por um EE, em Conselho Geral que tenha sido implementada.
		A que nível acha que se deveria verificar a participação dos EE?
		Como tem evoluído esta participação ao longo dos anos? Como explica isto?
		Que avaliação faz da participação dos EE atualmente? Justifique.

<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a perspectiva de um professor sobre a participação dos EE nos órgãos de gestão da escola; - Identificar potencialidades da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola; - Conhecer as motivações dos EE para participar nos órgãos de gestão de topo da escola; - Perceber a importância da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola- 	Potencialidades da participação	Considera que uma maior participação dos EE pode melhorar o seu relacionamento com os professores?
		Verifica um consenso entre os representantes nos órgãos de gestão de topo e os restantes EE?
		Quais são os resultados da participação dos EE na escola?
		Considera importante a participação dos EE na escola? Porquê?
		Acha que os EE que participam nos órgãos de gestão da escola têm consciência que estão a representar outros ou tratam apenas dos assuntos do seu educando?
		A participação dos EE é fruto da legislação ou também traduz motivação dos EE?
		Considera que o sucesso educativo está diretamente relacionado com a aproximação da escola às famílias? Porquê?
<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a comunicação que é feita entre a escola e os EE; - Identificar dificuldades e constrangimentos que impedem uma maior participação dos EE; - Conhecer a perspectiva dos professores em relação à participação dos EE na escola; - Conhecer a relação estabelecida entre os EE e os professores. 	Dificuldades e Constrangimentos da Participação	Como caracteriza a relação dos professores com os EE? E a dos restantes funcionários?
		Considera que existe uma boa comunicação entre os EE e a escola? Como é feita essa comunicação?
		Quais eram os assuntos debatidos nas reuniões de Conselho Geral onde verificava uma maior ou menor participação dos EE?
		Quais são as dificuldades que identifica na participação dos EE nos órgãos de gestão da escola?
		Acha que existem fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos da escola? Quais?
		Considera que a escola é apelativa e está acessível a todos os EE?
		Acha que as escolas estão preparadas para uma maior participação dos EE?
		Os EE têm informação suficiente para se sentirem motivados a participar?
		Como acha que os professores vêm a participação dos EE no Conselho Pedagógico? E o professor?
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as medidas tomadas pela escola para incentivar a participação dos EE; - Identificar estratégias de envolvimento dos EE utilizadas pelos professores. 	Medidas para promover a participação dos EE	De que forma tentou colmatar os fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos de gestão de topo da escola?
		De que forma incentiva a participação dos EE?
		Os professores estão desportos para incentivar este tipo de participação? De que forma o fazem?
		Os professores conhecem estratégias de envolvimento dos EE?
		Pode-me falar um pouco sobre o Plano de Convivência levado a cabo pela escola?

Guião de entrevista ao professor membro do Conselho Pedagógico		
Objetivos	Variáveis	Questões
<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema do estudo. - Informar o entrevistado sobre os objetivos do estudo - Obter a autorização para a gravação áudio da entrevista. - Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos. 	Legitimação da entrevista	A presente entrevista tem por objetivo recolher informação junto dos membros dos órgãos de gestão de topo da escola sobre a participação dos encarregados de educação nos mesmos.
		Estou a desenvolver um estudo no âmbito do Mestrado de Gestão, Avaliação e Supervisão Escolar e esta entrevista é de extrema importância para a recolha de elementos para o estudo empírico da mesma.
		Tudo o que disser será estritamente confidencial, pois os dados recolhidos serão utilizados única e exclusivamente para este trabalho e os resultados serão codificados.
		Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável que nos autorize a gravação áudio desta entrevista.
<ul style="list-style-type: none"> - Ter contacto com alguns dados pessoais do entrevistado; - Conhecer a experiência do entrevistado nos órgãos de gestão; 	Perfil do entrevistado	<p>Para começar gostaria que referisse os seguintes aspetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Idade; - Formação Académica; - Profissão; - Cargos que possui no agrupamento; - Experiência no Conselho Pedagógico; - Anos de serviço.
<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar os EE que participam nos órgãos de gestão de topo; - Identificar os órgãos de gestão de topo onde se verifica a participação dos EE; - Quantificar a frequência da participação dos EE; - Perceber qual é o tipo de participação dos EE nos órgãos de gestão de topo. 	Como é feita a participação	Como caracteriza o representante dos EE que participa no Conselho Pedagógico?
		Considera que a participação dos EE é a mesma nos diferentes níveis de ensino? Porque acha que isto acontece?
		Existe uma participação de EE das diferentes classes sociais ou existe uma que predomina? Qual?
		Existe uma predominância de um dos géneros dos EE que participam? Qual?
		Esta predominância é igual em todos os níveis de ensino?
		Os EE estão sempre presentes quando são convocados?
		Consegue pensar numa percentagem de famílias que se envolve de alguma forma na escola?
		Os EE intervêm nas reuniões?
		Existe uma participação ativa dos EE nas tomadas de decisão no Conselho Pedagógico?
		Dê um exemplo de uma sugestão dada por um EE, em Conselho Pedagógico que tenha sido implementada.
		A que nível acha que se deveria verificar a participação dos EE?
		Como tem evoluído esta participação ao longo dos anos? Como explica isto?
		Que avaliação faz da participação dos EE atualmente? Justifique.

<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a perspectiva de um professor sobre a participação dos EE nos órgãos de gestão da escola; - Identificar potencialidades da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola; - Conhecer as motivações dos EE para participar nos órgãos de gestão de topo da escola; - Perceber a importância da participação dos EE nos órgãos de gestão da escola- 	Potencialidades da participação	Considera que uma maior participação dos EE pode melhorar o seu relacionamento com os professores?
		Verifica um consenso entre os representantes nos órgãos de gestão de topo e os restantes EE?
		Quais são os resultados da participação dos EE na escola?
		Considera importante a participação dos EE na escola? Porquê?
		Acha que os EE que participam nos órgãos de gestão da escola têm consciência que estão a representar outros ou tratam apenas dos assuntos do seu educando?
		A participação dos EE é fruto da legislação ou também traduz motivação dos EE?
		Considera que o sucesso educativo está diretamente relacionado com a aproximação da escola às famílias? Porquê?
<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a comunicação que é feita entre a escola e os EE; - Identificar dificuldades e constrangimentos que impedem uma maior participação dos EE; - Conhecer a perspectiva dos professores em relação à participação dos EE na escola; - Conhecer a relação estabelecida entre os EE e os professores. 	Dificuldades e Constrangimentos da Participação	Como caracteriza a relação dos professores com os EE? E a dos restantes funcionários?
		Considera que existe uma boa comunicação entre os EE e a escola? Como é feita essa comunicação?
		Quais eram os assuntos debatidos nas reuniões de Conselho Pedagógico onde verificava uma maior ou menor participação dos EE?
		Quais são as dificuldades que identifica na participação dos EE nos órgãos de gestão da escola?
		Acha que existem fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos da escola? Quais?
		Considera que a escola é apelativa e está acessível a todos os EE?
		Acha que as escolas estão preparadas para uma maior participação dos EE?
		Os EE têm informação suficiente para se sentirem motivados a participar?
		Como acha que os professores vêm a participação dos EE no Conselho Pedagógico? E o professor?
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as medidas tomadas pela escola para incentivar a participação dos EE; - Identificar estratégias de envolvimento dos EE utilizadas pelos professores. 	Medidas para promover a participação dos EE	De que forma tentou colmatar os fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos de gestão de topo da escola?
		De que forma incentiva a participação dos EE?
		Os professores estão desportos para incentivar este tipo de participação? De que forma o fazem?
		Os professores conhecem estratégias de envolvimento dos EE?
		Pode-me falar um pouco sobre o Plano de Convivência levado a cabo pela escola?

Anexo III – Transcrições das Entrevistas

Transcrição da entrevista ao Diretor do Agrupamento de Escolas Dr. Correia

Mateus e Presidente do Conselho Pedagógico

1 de outubro de 2012

O Diretor do Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus concordou em deixar-me entrevistá-lo para a minha investigação. Apesar de já ter trabalhado noutros agrupamentos, neste em concreto, já trabalha há 9 anos. Importante será ainda referir que esteve 5 anos como vice-presidente e já conta 3 anos, como presidente do Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus. Para a concretização da entrevista o Diretor cedeu o seu gabinete para estarmos mais à vontade, aceitando com muito entusiasmo e vontade de partilhar a sua experiência.

C: Quem são os EE que participam nos órgãos de gestão da escola? Consegue caracterizá-los?

A: São pais, genericamente interessados e participativos no processo de parceria, enquanto parceiros que são da escola, são participativos, são pais intervenientes e são, normalmente, pais que... (faz uma pausa) aconselham a escola, apresentam propostas e... Por outro lado, ajudam a própria escola a resolver algumas das situações com os outros pais menos esclarecidos.

C: Agora mesmo, estava a dizer-me que a participação dos EE não é a mesma nos diferentes níveis de ensino. Nota que há uma maior incidência em determinado nível de ensino?

A: Há, no pré-escolar. Os pais são muito mais participativos, são mais intervenientes. Contactam muito mais com o professor, no caso, com a educadora e nota-se... Porque eles têm que deixar a criança, forçosamente e têm de a ir buscar. Portanto, forçosamente, há logo um contacto com a educadora, desde muito cedo. E nota-se que depois que à medida que vão evoluindo, que as crianças vão evoluindo no seu nível de ensino, os pais vão abandonando esse contacto e vão deixando de privilegiar esse contacto, chegando, depois ao terceiro ciclo, segundo e terceiro ciclo e secundário, em

que só vão à escola quando são convocados para lá ir ou então para receber as avaliações.

C: Então acha que a justificação para isso é exatamente esse ganho de maior autonomia dos alunos? Não implica que os pais vão tanto à escola, é isso?

A: Eu vou socorrer-me de um estudo que fiz a esse respeito e, de facto... Isto foi perguntado aos EE e o que foi respondido por eles foi que o ganho de autonomia da criança faz com que eles se envolvam mais no processo de... na escola, na intervenção que têm e na participação que têm na escola. É uma das grandes razões para deixarem de acompanhá-los tanto. Depois têm outras questões que as crianças ocultam. Também alguns dos projetos ou das iniciativas da escola que as crianças ocultam aos pais e depois começa a acontecer... Ocultam porque os resultados podem não aparecer e a expectativa que os pais têm relativamente às crianças pode não ser aquela que se verifica na realidade e as crianças também não fazem grande esforço para que os pais se aproximem da escola. Enquanto que, no pré-escolar, o pai domina claramente a vontade de ir à escola, a partir dos elevados níveis de ensino, como o terceiro ciclo e o secundário, os pais já não dominam essa vontade. É dominado pela vontade do adolescente ou do jovem, porque o jovem oculta, diz que não há necessidade, diz que está tudo bem, traz o que acha que o pai precisa de saber e, portanto, passam a ser os dois intervenientes nessa situação.

C: Acha que existe uma predominância de determinada classe social na participação dos encarregados de educação ou a participação é transversal a todas as classes?

A: Neste momento a classe social... Eu vou distinguir duas coisas que é a nível de formação, pessoal ou profissional e a classe social, que são coisas diferentes. Aquilo que eu lhe posso dizer, tentando responder à classe social, genericamente os pais, estão muito mais esclarecidos do que estavam, independentemente da classe social e da formação profissional que têm. Os pais estão mais esclarecidos, têm... Existe uma clarividência daquilo que os filhos têm de fazer, que é ir e estar na escola, aprender e aprender um ofício. Se obtiverem sucesso, então que prossigam para a universidade com todo o esforço que os pais fazem. Mas, portanto, o que antigamente se verificava, há uns anos, o que se verificava era que a família não criava grandes expectativas relativamente ao futuro, não é? Por que as coisas estavam mais ou menos resolvidas. À saída da escola

havia, mais ou menos, emprego à espera, havia mais ou menos um conjunto de situações que ficavam resolvidas. Neste momento, não. Mesmo para os que sigam o ensino superior, já não é garantido a esses que obtenham emprego quando saírem do ensino superior. Mas há uma coisa que eles não deixam de ter, é qualificação especializada numa determinada área que lhes confere algumas prioridades, quando tiverem que concorrer a um emprego, naturalmente. E nessa questão, os pais, reconhecendo isso mesmo, acabam por... Não se nota tanto a questão social, como se notava há muito tempo, há mais anos atrás. Não se nota tanto que haja essa diferença, ao nível do acompanhamento, quando comparamos o acompanhamento de uns pais ou de outros, a questão social ou profissional, neste momento, já não é tão relevante. Contudo, há sempre os casos mais, mais evidentes que são as disfunções familiares ou questões de problemáticas familiares graves de disfunção, de... Aí, de facto, já há um desinteresse manifesto, não é? Mas retirando isso do panorama, genericamente, os pais já se revelam mais interessados.

C: Geralmente, quando os EE são convocados para vir a reuniões ou para qualquer situação escolar, aparecem?

A: Os pais aparecem numa proporção de cerca de... entre os 60 e os 70%. Aparecem numa proporção dessa natureza. Nós temos feito reuniões de pais mesmo em horário pós-laboral, no âmbito de um plano de convivência que nós estamos a trabalhar aqui na escola e fazemos em meados de cada período letivo uma reunião com os encarregados de educação para trabalhar a convivência escolar com os pais e, naturalmente, com as crianças. E, nessa reunião, temos uma participação genérica na ordem dos 60, 70 %. Ainda está muito abaixo daquilo que era desejado, porque os pais mais motivados, mais participativos e mais empenhados, são realmente os pais que voltam a aparecer nas reuniões. Portanto, isso também de facto se nota. Os pais menos interessados, que não participam na escola que só vêm à escola quando são convocados, são os pais que também, normalmente faltam a essas reuniões, com o mesmo pretexto, porque têm trabalho ou porque têm filhos em casa ou por outro motivo qualquer.

C: Consegue atribuir uma característica comum a essa camada de pais que não tem motivação para participar?

A: Não, quer dizer, existe o facto de o pai reconhecer se aquilo é importante para ele ou não, enquanto pai e se é importante para a criança na escola, enquanto filho ou não, não

é? Atribui a importância à escola, atribui a importância que quer à escola e à família. Os pais menos empenhados, menos sensíveis a esta problemática, da convivência escolar que é outra forma de se falar de indisciplina, que é a forma positiva de se falarmos em indisciplina, é falarmos em convivência. É a forma positiva de o dizermos. Essa convivência é um problema grande, porque tem tendência a ir agravando se não cuidarmos dela, tem tendência a ficar cada vez pior, essa convivência. E, portanto, nós queremos cuidar dela e os pais dão a importância que querem.

C: Quando os EE são convocados para as reuniões eles intervêm?

A: São participativos nas reuniões, propõem ajustamentos na escola, na organização da escola e, naturalmente, são acatadas algumas das sugestões mais exequíveis, do ponto de vista funcional, que, normalmente, a escola, sempre que se verifique uma boa sugestão e que seja prática, que melhore realmente a vida coletiva, de facto, é posto em prática.

C: Consegue dar-me um exemplo de uma sugestão dada por um EE que tenha sido posta em prática?

A: Fazer vigilância no refeitório, por exemplo. A Associação de Pais colabora na vigilância do refeitório, durante o período de almoço e partiu da iniciativa dos pais fazer essa intervenção. Claro que nós, nas escolas, isto fala-se e acontece. A escola também não tinha, não tinha... Mas os pais reconhecidos que estavam da problemática que era, porque vieram ver e perceberam que era preciso mais acompanhamento do que aquilo que tínhamos, porque a escola, ou porque tem mais ou menos funcionários ou porque faz a gestão dos funcionários de uma determinada maneira que... Porque não os tem, acaba por deixar uma zona ou outra mais desprotegida e, depois os pais apresentaram uma solução. E acabaram por ficar. Receberam um cartão, estavam identificados no cartão, enquadrámos isso no Regulamento Interno e, perfeitamente enquadrado e ajudaram a escola nessa situação.

C: Participam de forma ativa na elaboração de instrumentos de gestão como o Projeto Pedagógico ou o Regulamento Interno?

A: Sim, participam. Eles estão representados, bem representados. As pessoas que são, estão muito bem representados nos órgãos da escola, nas estruturas e órgãos da escola. Estão representados no Conselho Pedagógico e no Conselho Geral e, de facto, manifestam uma grande capacidade de contribuir positivamente para a escola. Mais do

que arranjar problemas ou levantar problemas, procuram-se logo as soluções para as situações diagnosticadas e os pais têm este tipo de intervenção, de facto, é mesmo muito importante para nós.

C: Eles participam na realização de atividades de complemento curricular?

A: De complemento curricular, não. Temos atividades pontuais que a própria Associação de Pais articula com a escola e que promovemos a toda a comunidade. Portanto, criámos um dia da Associação de Pais, por exemplo que participam na festa do quadro de honra e excelência, quando atribuímos os diplomas às crianças com mérito, com diplomas de mérito. Contribuem também de forma empenhada para uma festa que fazemos anualmente, sensivelmente, na primavera para acolher os pais... (interrompe o discurso para responder a alguém que bate à porta)... para acolher os pais e para acolher outras atividades e outras iniciativas em que os professores também participam e colaboram, mas faz-se uma festa para a comunidade no fim de semana, portanto, a um sábado. E os pais têm assim essa forma de estar, enfim, muito ativa.

C: Como acha que tem evoluído a participação dos EE, ao longo destes anos?

A: O caso em concreto, do nosso agrupamento, eu penso que tem sido uma evolução extremamente positiva. Melhor do que isto, só perguntando aos pais, naturalmente. Mas, pela análise que faço, muito, muito positiva. Até porque a direção tem permitido que os pais conheçam a escola de uma forma que nunca tinham conhecido anteriormente. Isto traz algumas vantagens. Traz as vantagens em que os pais se comprometem em ajudar a escola a resolver o problema, em vez de se colocarem à margem do problema e da solução e, são envolvidos na resolução do problema e compromete-os com isso, não é? Isto faz com que os pais, sejam eles, às vezes, a ter que esclarecer alguns pais menos esclarecidos. E de facto, isso dá um contributo muito valioso para a direção ou para as estruturas das escolas. Quer dizer, os pais alvitram questões que podem, que por natureza diversa, que podem não corresponder à verdade ou não saber exatamente como se estava a falar e a Associação de Pais é a primeira entidade que sai em defesa do Agrupamento, porque foi chamada a participar, porque se comprometeu com os seus contributos e sabe perfeitamente que não é assim como está a ser feito ou como está a ser dito. E, portanto, isso para nós também é positivo.

C: Acha que a participação dos EE... Estava a dizer-me que a considera positiva... Acha que isso teve alguma influência na mudança da avaliação externa? Sei que tiveram uma boa avaliação externa.

A: A avaliação externa é de facto, já era uma avaliação que, já era uma avaliação que nós não tínhamos dúvidas que pudesse ser próximo daquilo que aconteceu. Próximo daquilo que aconteceu, na medida em que... Nós já reconhecíamos, a escola já reconhece desde há muito, a escola enquanto professores e estruturas, reconhece desde há muito, a real capacidade de trabalho e de produção de trabalho que os seus funcionários têm e o nível de compromisso que as pessoas têm dentro daquilo que têm de fazer. E a escola já tem consciência daquilo que é capaz, porque é de facto uma escola capaz e a avaliação externa não constituiu em si nenhuma surpresa, do ponto de vista da instituição. Provavelmente, é mais surpreendente para quem está de fora da instituição, aquela avaliação na Correia Mateus, do que para os professores que estão na Correia Mateus, porque nós sabemos o trabalho que produzimos todos os dias. Os nossos pais conhecem o trabalho que se produz todos os dias, mas há uma coisa que a Correia Mateus ainda não se viu livre, que é do preconceito de ser a Correia Mateus. E, de facto, para as pessoas que estão de fora é um resultado surpreendente, a Correia Mateus atingir aquele nível.

C: Pois, se calhar, a avaliação externa, acabou por atenuar um pouco esse preconceito.

A: A... A coisa não se fez por aí. Claro que as pessoas que estão mais ligadas a isso e que leem um bocadinho mais e que se envolvem um bocadinho mais na área académica, acabam por perceber isso. Mas o comum residente em Leiria, não é? A pessoa que faz parte do conselho de Leiria, precisa muito mais do que isso para lhe provarem que a Correia Mateus é boa, não é? E o que é que precisa muito mais? Precisa que se diga. Na natação, na feira, na, na, no... na praça, portanto, no jardim... precisa que se diga: “É pá a Correia Mateus é uma escola muito boa!” É preciso ser dito! E tem de ser repetido até à exaustão. Portanto, o facto de termos tido essa avaliação, não constituiu, per si, um motivo para que a generalidade das pessoas acreditasse mais na Correia Mateus, do que já acreditava. Não constituiu por esse motivo. Foi preciso que a Correia Mateus, tem sido necessário e vai continuar a ser que a Correia Mateus prove todos os dias que é uma escola, que é uma escola diferente.

C: Mas então considera que a participação, o envolvimento dos EE tem uma quota parte na, nos bons resultados?

A: Tem, tem, porque como lhe digo, o nível de participação e, embora, se fizéssemos uma avaliação externa, quatro anos depois obteríamos outros resultados. Não sei quais, mas outros certamente. Gostava eu que fossem melhores, como é evidente. (entrevistado e entrevistador riem) Mas, o que se nota é que, os pais já na altura tinham uma participação ativa muito muito interessante, muito colaborativa e isso veio a refletir-se porque isso ajuda, como eu digo, a criar uma melhor imagem da Correia Mateus, porque ao fim e ao cabo, somos todos da Correia Mateus. Somos professores, somos funcionários e somos alunos e somos pais, não é? Portanto, todos somos da Correia Mateus. E como eu sou da Correia Mateus, eu tenho de defender aquilo que é meu e, portanto, qualquer pai tem de dizer que a Correia Mateus é a melhor escola do Mundo! Isto tem de ser defendido!

C: E como é que acha que os professores veem a participação dos EE?

A: Eu acho que veem de forma positiva, muito positiva, aliás, muito positiva! Compreendo que haja algumas... aaa...

C: Divergências?

A: Não, não são divergências, acho que não. São alguns receios, compreendo que hajam alguns receios, por parte dos professores, nós professores, porque, por vezes, temos a sensação de que os pais se vão imiscuindo mais na escola do que aquilo de que deviam. E também é verdade que isso, às vezes acontece! Mas nada como partir de uma plataforma clara de comunicação absoluta, onde se clarifique para cada uma das partes, qual é o papel de cada um. E a partir daqui, eu não gosto, e a partir daqui está tudo bem (gesticula com as mãos, representando limites). E os pais dizerem a mesma coisa. Eu acho que essa plataforma de entendimento, de comunicação, é essencial para a escola! Os professores... Há professores que, por princípio, não gostam da participação que os pais têm na escola. Há outros professores que gostam menos, há os que gostam mais e há os que adoram! E, portanto, havendo esse leque de professores, posso dizer que a maioria esmagadora dos professores é favorável à participação dos pais na escola.

C: Nota que existe um consenso entre EE e professores no que se refere aos objetivos educacionais?

A: O consenso é relativo, não é? Mas ainda que hajam pontos em comum e haverão muitos, os pais vêm sempre as coisas de forma diferente. Enquanto que o professor encara cada situação e é obrigado a geri-las todas em simultâneo, o pai, naturalmente, só trata o que lhe chega a casa, não é. E, portanto, o professor tem de ir fazendo essa jogada, fazer isso. O diretor de turma tem de fazer essa articulação entre as pessoas. Tem que fazer entender aos pais que, cada caso é um caso, que cada situação é uma situação. Os pais não são... De facto, não divergem daquilo que os professores, do trabalho dos professores, mas da mesma forma, o contrário pode não ser verdade. Os professores estão à espera que os pais hajam de determinada maneira, que as crianças se apresentem de determinada forma e as crianças podem não estar a aparecer dessa maneira, dessa forma. Não necessariamente porque os pais não querem, mas no contexto atual e social em que vivemos... Porque os pais não podem, não conseguem. Portanto, é aqui que há algum desequilíbrio entre aquilo que os pais, entre aquela gestão, como falou há bocadinho, de articulação, mais ou menos, entre os pais e os professores, de facto, aqui começa a haver um desnível, mais para cima ou mais para baixo, com cada uma das partes, porque os pais... O professor espera qualquer coisa dos pais que... Porque os pais neste momento, os pais não estão a conseguir dar, por variadíssimos motivos: porque não tem dinheiro, porque não têm eletricidade em casa, porque perderam a casa, perderam ou tiveram que entregar a casa ao banco, porque simplesmente são uma família disfuncional, destruturada, completamente destruturada. E de facto, o que nós temos de fazer com isto tudo é, metê-los todos numa sala de aula, estes alunos todos com estas motivações todas e, portanto, aqui só uma pessoa com uma capacidade enorme de envolver, com uma capacidade enorme de sensibilizar e de seduzir os alunos é que consegue trabalhar convenientemente. Cada criança tem o seu nível de motivação, não só face à expectativa da escola, mas face a um conjunto de questões como a segurança, a higiene pessoal e os materiais, os manuais que não tem, não tem dinheiro para comprar os manuais e o professor dentro da sala de aula tem de ter essa capacidade para fazer essa gestão.

C: Mas dentro dos órgãos de gestão, nomeadamente do Conselho Pedagógico, por exemplo, nota que existe...

A: Não, não, há sempre da parte da Associação de Pais uma... o anuir, portanto, o concordar com aquilo que está a ser dito pelos professores, porque se as coisas forem

decididas e conversadas com base no bom senso e com base em que o aluno é a chave do problema, a Associação de Pais nunca descorda da escola. A partir do momento em que nós descentramos a escola do aluno e centramos noutra coisa qualquer, mas descentramos a escola do aluno, deixamos de ter, deixamos de discutir os assuntos com bom senso e entramos em radicalismos, seguramente, a Associação de Pais vai colidir com os órgãos. Mas, como lhe digo, a escola tem feito um esforço nesse sentido. Que não é esforço nenhum, é positivo naturalmente, no sentido em que discute, centra a problemática no aluno, centra a problemática na resposta às necessidades dos alunos, à reintegração, à melhoria da prestação dos serviços ao aluno, à melhoria das aprendizagens do aluno e nas respostas apresentadas. Trabalha com o bom senso que é necessário relativamente a isto e a Associação de Pais, desde que eu estou na direção, tem sido sempre favorável e apoiante das iniciativas que as estruturas vão promovendo.

C: Acha que uma maior participação dos EE pode melhorar o relacionamento com os professores? Quanto mais eles estiverem envolvidos, melhor é o seu relacionamento com os professores?

(faz silêncio e pede para repetir a pergunta)

A: Por princípio, acho que sim. Por princípio, acho que sim, não é? Isto é, quando as coisas funcionam, funcionam muito bem. Quando as coisas não... por qualquer motivo, colidem, depois também, pode não dar os melhores resultados. Mas, por princípio, acho que quanto mais envolvidos os pais estiverem no processo, desencadeia nos próprios professores também determinados mecanismos de alerta, no seu trabalho, em alerta do seu trabalho diário, alerta na atenção com que trabalha, não é? Como estamos a ser escortinados, como estamos a ser escortinados pelos pais, no bom sentido, desencadeia na própria pessoa mecanismos de alerta que acabam por gerar produção de trabalho com muito mais eficiência, muito mais eficácia. E, dá-me ideia que os pais insistindo, traz vantagens precisamente por esse motivo, por que o professor, mesmo que não seja um professor displicente, um professor normal, que trabalhe, bem, como a maioria, trabalha muito bem. Se não tiver pais ou se não tiver quem, por ventura escortine o trabalho, pode deixar-se acomodar, nesta ou naquela decisão, nesta ou naquela tarefa. E se tiver um conjunto de pessoas a escortinar (é uma palavra dura, mas é para me fazer entender neste contexto), se tiverem pais a escortinar este trabalho, eu acho que consegue-se... os

professores, como digo, aumentam os seus mecanismos de alerta e trabalham para os resultados e conseguem por essa razão.

C: Acha que existe um consenso entre os EE e aqueles que os representam na Associação de Pais?

A: São coisas distintas, porque, os pais, normalmente, mais problemáticos são os pais que não frequentam as Associações de Pais. Têm outro tipo de motivações. É diferente. Não pensam em comum, não pensam em comunidade, penso só por si, só pelos seus interesses, às vezes com algumas distorções. Mas, genericamente, eu acho que... posso considerar que sim, que a pergunta que fez faz sentido, porque os pais estão próximos entre aquilo que os órgãos decidem e aquilo que a maioria pensa. Eu penso que encaixa, genericamente, eu acho que sim.

C: Consegue dizer-me alguns dos resultados da participação dos EE na sua escola? Há pouco estava a dizer-me que a dada altura os pais faziam a vigilância no refeitório, lá fora também pude ver que são eles que gerem os cacifos dos alunos.

A: Temos um protocolo que eles é que fazem a gestão dos cacifos, a atribuição de cacifos e a manutenção dos cacifos e tudo isso é feito pelos pais, certo!

C: Consegue falar-me de outras situações em que intervenham na escola?

A: Apoiam imenso na atribuição dos prémios de mérito. Vamos agora fazer uma obra de requalificação da portaria que vai uma obra para alguns milhares de euros. É tudo por iniciativa da Associação de Pais. Portanto, vamos requalificar a portaria. Já foi a própria Associação de Pais, os órgãos e as pessoas que lá estão que me enviaram uma maquete a mim que também já foi remetida à Direção Regional. A Direção Regional já cá esteve, por exemplo, o engenheiro da Direção Regional a apreciar, *in loco*, a maquete que foi enviada. E, portanto, são muitas as participações de elevado nível e de elevada qualidade da nossa Associação de Pais.

C: Então, será pertinente perguntar, na sua opinião, Dr. António, é importante a participação dos EE?

A: É imprescindível! A parceria entre os pais e a escola é imprescindível! Naturalmente, como disse há pouco, numa plataforma de entendimento absoluto, de comunicação estreita e sem ruído, absolutamente nenhum, mas é imprescindível!

C: Os EE que estão nos órgãos da escola e que representam os restantes pais, eles vêm aquela participação como se estivessem a representar todos ou acha que estão mais a representar o seu educando?

A: Eles têm consciência que representam todos. Às vezes distraem-se! (entrevistador e entrevistado riem-se) Às vezes distraem-se, não, mas têm consciência. Têm ali algumas nuances, assim um bocadinho mais... *Já agora, aconteceu comigo...* Mas é residual. Têm consciência absoluta que... E aliás, eles preparam-se para o que vão, o que é muito importante. Eles não vão lá a título individual, porque lhes apetece e vão lá participar na reunião. Não! Eles vão, preparam a reunião, para que fiquem nas melhores condições de fazer as perguntas e obter as respostas desejadas pelo grupo de pais que preparou a reunião.

C: A participação dos EE, acha que é fruto da legislação, acha que é o facto da legislação obrigar a que os pais estejam representados no Conselho Pedagógico, no Conselho Geral ou acha que existe mesmo uma motivação?

A: Não, eu acho que existe mesmo motivação, pelo menos aqui no caso da Correia Mateus, eu falo sempre no caso da Correia Mateus. A minha relação com os pais é de tal forma que mesmo que não houvesse legislação, seria da mesma maneira. Até porque não é a legislação que me obriga a reunir mais ou menos vezes com os pais. Nós temos uma relação com os pais de sms... *Professor, posso passar por aí às 14h15? Pode sim senhor porque às 14h15 eu vou estar na escola, portanto, hoje não tenho nada agendado, falamos sim senhor a esse respeito.* E de facto, para além das reuniões que marcamos, com a devida antecedência, para preparar determinadas questões, há outras, há outro tipo de reuniões que surge e que, não é porque existe a lei que faz trabalhar em parceria com os pais, mais ou menos. A participação dos pais nos órgãos, provavelmente, a lei favorece a participação deles. Admito que, ainda que haja esta boa relação que eles não estariam nos órgãos se não fosse a própria lei a determinar que isso acontecesse. Não me parece, portanto, parece-me que assim é. Precisa de existir a lei para que eles lá estejam. Mas não precisa de existir lei para que a relação exista, para que as dinâmicas se processem.

C: Mas porque é que acha que isso acontece? Por falta de tempo... No caso concreto dos órgãos de gestão?

A: Os pais trabalham muito. Os pais trabalham, como eu trabalho. Eu também para estar aqui não posso estar nas reuniões de pais da minha filha, não é? Tenho de estar aqui e não posso lá estar. Portanto, como sou eu, existem outros pais e passa-se rigorosamente a mesma coisa. Os pais são pessoas ocupadas. Cada vez mais ocupadas ou mais desocupadas, depende. Infelizmente, depende, mas são pessoas ocupadas e também têm a sua vida, também têm os seus afazeres. E isso acaba por... a obrigatoriedade de ir ou de se constituir, acaba por forçar os pais a arranjam tempo. Caso contrário, eles próprios também não se disponibilizariam.

C: Então acha que o sucesso educativo está diretamente relacionado com a proximidade que se tem com as famílias?

A: Tem uma relação muito grande, sem dúvida absoluta, sem dúvida nenhuma. Tem uma relação muito grande! Estou em crer que, quanto maior é a expectativa que um pai tem da escola, a proximidade que tem da escola e a forma como se socorre da escola para ajudar o seu filho, tem uma relação muito grande com o sucesso educativo das crianças. Isto é, o inverso também é verdade. Portanto, há pais que não vêm à escola e as crianças têm sucesso. Portanto, não é isso que eu estou a dizer. Isso existe também. Aquilo que eu estou a dizer é que os pais que participam na escola, têm crianças que invariavelmente crianças com muito bons resultados escolares. Não quer dizer que as outras também não tenham, de pais que não vêm à escola. Percebe? (entrevistador acena com a cabeça, em jeito de confirmação) Mas que é um facto, é que aqueles que vêm à escola têm, de certeza, crianças com muito bons resultados escolares.

C: Ainda há pouco estava-me a dizer que os professores, alguns, tinham muito boa relação com os EE, uma grande maioria. (entrevistado confirma “certo”) E com os funcionários?

A: Muito, muito boa relação. Acho que os funcionários, de facto, têm sido um grande pilar na nossa, no nosso agrupamento. São parte invisível do processo. São pessoas a quem não se dá a importância que eles têm, porque eles... O professor está dentro da sala de aula e resolve os problemas em contexto de sala de aula, mas os funcionários é que passam grande parte do seu tempo com os alunos nos períodos de almoço, nos intervalos e nos recreios, nas ausências de horas. Muitas vezes, os funcionários acabam por acolher as crianças, mais ou menos necessitadas, do ponto de vista emocional e acabam por fazer ali um papel imprescindível no aconselhamento, na garantia da

segurança da criança, na garantia de que ela comeu: “*Compraste senha, não compraste?*” E isso é muito importante! E depois de que forma isso tem que ver com os pais? Bom, isso tem que ver com os pais, porque se nós cuidarmos bem dos nossos filhos ou se as pessoas cuidam bem dos nossos filhos é como se cuidassem bem de nós. E de facto, aí a nossa comunidade de pessoal, o nosso pessoal não docente tem tido muitos elogios por parte dos pais e grande parte desses elogios aconteceu no último, na última receção aos alunos. Os pais que vieram com as crianças à escola no primeiro dia de aulas e tive manifestações muito positivas por parte dos pais que adoraram o acolhimento dos funcionários. Estavam muito disponíveis, sempre muito informados com as folhinhas das salas, das turmas, para onde é que iam, quem, para onde é que não ia. E de facto, foram muito facilitadores do processo de circulação na escola que é sempre um dia muito atribulado, porque é sempre muita gente na escola, a escola tem cerca de 600 alunos, tem muitos alunos novos e sobretudo, ainda tem os pais. Normalmente, e depois há vários casos em que vai o pai e a mãe. Importante. Tinha alguns, uns milhares na escola nesse dia e os funcionários tiveram um papel imprescindível e tive alguns feedbacks positivos relativamente a isso, porque estavam muito disponíveis e adoraram o serviço prestado pelos funcionários nesse dia.

C: Disse-me que havia uma boa comunicação entre os EE e a escola. De que forma é que se faz essa comunicação? Quais são os vossos meios?

A: A todos os níveis. Por email, telefones pessoais... portanto, é assim que se faz a comunicação. Por email e telefones pessoais, a qualquer hora, por sms... email sim, telefonemas mesmo diretos e depois telefonamos privados, para os nossos telefones privados.

C: Quais são os assuntos onde verifica maior ou menor participação dos EE?

A: Eu acho que eles estão um bocadinho mais à vontade nos assuntos que diga respeito à permanência na escola sem atividade letiva. Portanto, estão mais disponíveis para falar sobre esse assunto. Naturalmente, que eles com algum recato, tentam ir para dentro da sala de aula, mas não fazem grande esforço para isso. Dentro da sala de aula, está lá o professor e, portanto, os pais também não têm interesse de lá entrar, salvo seja. Mas onde eles manifestam mais disponibilidade para arranjar soluções é para a movimentação dos alunos, dentro da escola, a todos os níveis. No conforto, na

segurança, nas portas de entrada, nas portas de saída, os horários da portaria, portanto, ao nível daquela circulação de alunos, fora da sala de aula.

C: Quais são as dificuldades que identifica nesta participação, dos EE?

A: Os nossos pais, são pais muito esclarecidos, muito interessados e são pais também, com uma grande experiência de Associações de Pais e de associativismo, porque a Associação de Pais que eu tenho aqui agora na Correia Mateus é uma Associação, é um conjunto de pais que eu já tive como Presidente de uma Associação de Pais de uma escola, noutra, numa escolinha, numa escola de 1º ciclo. E, portanto, há um *Now How*, há uma continuidade no processo de crescimento da própria pessoa enquanto associado da Associação de Pais e há uma impulsão, nesse sentido. E dá-me ideia que os pais conseguem aproveitar esse *Now How*, esse saber e colocam-se à disponibilidade da escola e resolvem problemas, sempre numa perspetiva de melhoria, melhoria, melhoria, da parte dos pais.

C: Existem então uma sala de pais na escola?

A: Existe uma sala que é ocupada pelos pais, sim. Não está reservada aos pais, mas quando eles... mas é uma sala que, habitualmente temos para quando eles precisam para trabalhar, nós disponibilizamos a sala para eles trabalharem.

C: Considera que a sua escola é apelativa aos EE? Que é acessível?

A: Sim, nós temos tratado muito bem dessa questão. Acho que é uma escola para os EE e não só. É uma escola que tem melhorado, tem melhorado genericamente o acolhimento à comunidade, tem-se disponibilizado para acolher as pessoas que vêm de fora com muita frequência. Já o fazia antes, naturalmente, mas agora com, com... de uma forma mais sistemática, criteriosa, com outro sentido, não é? E temos, temos essa atitude.

C: Acha que as escolas estão muito bem preparadas para uma maior participação dos EE?

A: As escolas, eu acho que as escolas estão preparadas. As escolas estão sempre preparadas para a participação dos pais. As pessoas é que podem não estar, não é? E dá-me ideia que pode ser um problema, essas pessoas, não tanto a escola, mas podem ser pessoas que não gostam muito da participação dos pais. No entanto, o que se perspetiva é que as coisas andam a evoluir e a evoluir naquilo que é melhor. Ora, o que é melhor agora e o que é melhor para mim hoje, é a participação dos pais. Portanto, só podem ir por aí, no nosso caso, concordo.

C: E como é que acha que podemos mudar essa mentalidade?

A: (faz silêncio) Pois, é uma pergunta interessante! Temos que estar disponíveis para ouvir os outros e temos que deixar de nos ouvirmos a nós próprios e perceber que há outras pessoas que também têm qualquer coisa a dizer e que até pode ser importante e que, quando não é importante, que nós lhes demonstremos que não é importante. Porque os pais, também há coisas que eles também precisam de ouvir para ficarem esclarecido, não é? Há fantasmas, há preconceitos que os pais têm relativamente a determinado assunto que depois só, por via da demonstração do contrário é que eles ficam elucidados. E a escola também tem esse papel. Acolhe os contributos e esclarece os pais a dizer que aquilo que pensava não é verdade.

C: E o Dr. António, de que forma é que incentivou a participação dos EE?

A: Bom, disponibilizando-me sempre totalmente, cem por cento para eles. Telefone telemóvel, sempre a qualquer hora, a qualquer altura ligam-me para mim: *quando for preciso liguem para mim, fico à espera de um contacto vosso, então ficamos assim a aguardar, mande-me só um email a confirmar...* E portanto, fica sempre a porta aberta, sempre, sempre para mais comunicações e continuar, continuar, continuar.

C: Os professores estão desportos para incentivar este tipo de participação?

A: Eu acho que estamos a melhorar esse capítulo, estamos a melhorar. Não quer dizer que não haja uma situação ou outra com algumas reservas, mas estamos a melhorar muito.

C: De que forma é que os professores o fazem concretamente? Como é que eles incentivam?

A: A participação dos pais? (entrevistador acena com a cabeça de forma afirmativa) Eu acho que disponibilizam-se aos pais, ligam com regularidade aos pais, aguardam que os pais também comuniquem com eles, através de telefone ou da caderneta do aluno. Portanto, há um interesse dos próprios professores em garantir que os EE se envolvam no processo, precisamente pela relação que nós conhecemos que quanto mais a família se envolver induz o aluno a ter melhores resultados e isso, os professores estão sempre à procura de alguma forma a fazer isso.

C: Então considera que eles até conhecem algumas estratégias de envolvimento dos EE?

A: Sim, considero que sim. Alguns têm mais, alguns professores têm mais motivos para isso, por várias razões. Ou porque desenvolvem determinado tipo de projeto, ou porque decidem assumir uma atividade qualquer, acabam por ter mais razões para se envolverem com os pais, porque é preciso fazer uma viagem, é preciso fazer uma... e então é preciso fazer uma coleta de dinheiro, temos que promover um conjunto de atividades, ao longo dos três anos que permita no final fazer uma viagem de estudo a França, na área das línguas. E, portanto, os professores também disponibilizam-se de alguma forma para fazer esse tipo de comunicação. Há esse tipo de professores que não têm, de facto, esse tipo de receio, absolutamente nenhum de trabalhar com os EE.

C: Agora para terminar, acha que os EE estão bem informados então para se sentirem motivados e à vontade para participar?

A: Eu acho que os sinais são bons. Isto é, eles têm tido sinais de parte a parte da escola, que a escola é uma escola que ouve e isso, de facto é muito interessante, porque os pais podiam reagir a tudo o que lhes aparece, não é? E de facto, podem reagir de forma positiva, porque aquilo que a escola lhes apresenta e a forma como a escola se apresenta aos pais, é uma escola muito aberta com um interesse enorme em catapultar-se para uma escola do futuro e uma escola de qualidade, ainda que com a especificidades que tenhamos por estarmos inseridos nesta zona, nesta área geográfica, por termos a proximidade com os bairros sociais, ou uma coisa do género, mas a escola está mesmo disponível para se catapultar e, de facto, os pais estão ao nosso lado. Eu acho que eles vão acompanhar-nos e vão ajudar-nos a fazer isso.

C: E, mais concretamente nos órgãos de gestão, os pais que estão lá presentes estão informados e têm facilidade em debater as problemáticas que surgem?

A: Estão muito bem informados, muito bem informados! Eu digo, muito bem informados no contexto, os pais, no geral. É evidente, não é? Às vezes, atrevia-me eu próprio a dizer que nem eu estou suficientemente informado, porque elas são tantas, tantas, as mudanças são tantas (entrevistado e entrevistador riem) que às vezes eu até me pergunto se estou a par de toda a informação que chega e da legislação toda que sai. Não indo por aí, acredito que isso só possa baralhar a pergunta, ou a resposta. (entrevistado sorri e entrevistador também) Os pais sabem do que é que estão a falar. Não, eles sabem o que é que querem. E isso é muito importante para a escola. Com mais ou com menos, com mais legislação ou com menos legislação, com menos

esclarecimento ou com mais esclarecimento, o que é certo é que eles sabem o que é que querem para a escola e reconhecem a visão que a escola tem de si própria. Eles enquadram-se perfeitamente na visão que nós procuramos dar para o nosso agrupamento e eles enquadram-se perfeitamente nessa visão. E depois têm um contributo valiosíssimo nessa matéria e eles estão em condições, se é isso que quer saber? Se eles sabem do que é que eles estão a falar? Sabem muito bem, sabem muito bem.

C: Obrigada!

O Presidente do Conselho Geral concordou em deixar-me entrevistá-lo para a minha investigação. É licenciado em Geologia, sendo professor na escola sede deste agrupamento há 13 anos e é presidente do Conselho Geral há 4. Perguntei-lhe se podíamos requisitar a sala da Associação de Pais para estarmos mais à vontade e ele aceitou com muito entusiasmo e vontade de partilhar a sua experiência.

C: Como é que caracteriza os representantes dos EE que participam no Conselho Geral?

FM: Então é assim, o nosso conselho geral tem 5 representantes das Associações de Pais que são eleitos de dois em dois anos e ... digamos que a sua participação tem sido bastante ativa e bastante empenhada e tem sido bastante boa.

C: Considera que a participação dos EE é a mesma nos diferentes níveis de ensino?

FM: Digamos que há diferenças, mas não noto que haja diferenças nos diferentes níveis de ensino. Isto é, os pais, por exemplo, do ensino dos jardins-de-infância têm preocupações diferentes dos pais do primeiro ciclo, dos pais da escola sede, mas digamos que, sendo diferentes, todos têm as suas preocupações e acabam por coincidir nalguns aspetos, embora haja diferenças consoante a idade dos seus educandos.

C: Relativamente à formação dos EE, todos participam nas reuniões do conselho geral?

FM: Temos de tudo um pouco. Temos alguns que são licenciados, temos alguns que têm ensino secundário, mas o mais comum é, digamos que, quanto mais escolaridade mais hipótese há deles quererem aceitar este tipo de propostas, de trabalhar nos órgãos, mas temos tido de tudo um pouco.

C: E porque é que acha que isto acontece?

FM: Digamos que, os pais que têm mais formação estão mais empenhados no sucesso dos filhos e parte do sucesso dos filhos passa pela escola e daí, digamos que, tentam intervir mais na escola.

C: Os EE estão sempre presentes quando são convocados?

FM: Não, há sempre alguns que faltam, alguns que vêm sempre. Há outros que, em casos particulares podem não vir e há aqueles que vêm umas vezes e outras vezes não vêm. Digamos que o grau de participação é elevado, mas não é perfeito e, às vezes, há explicações para tal facto e digamos que isso acontece, não só com os EE, mas com todos os grupos que participam nestas reuniões.

C: Mas eles conseguem-se organizar para estarem, de alguma forma, sempre representados?

FM: Sim, sim. Há sempre pais nas reuniões de conselho geral. Às vezes estão 5 pais, outras vezes só estão 2 ou 3. Quando as reuniões são convocadas com pouca antecedência, alguns pais já têm algum compromisso e não podem vir. É perfeitamente lógico que isso aconteça.

C: As reuniões são marcadas fora do horário laboral?

FM: Obrigatoriamente, de acordo com a lei, tem de haver consenso para as reuniões ordinárias e nós marcamos fora do horário laboral, à noite. Foi uma decisão que foi integrada dentro do regimento do conselho geral, porque nós escrevemos isso. Quando há reuniões extraordinárias, às vezes, eu posso convocar para outros horários, mas sendo primeiro todo o conselho geral. Isto é, há um acordo tácito de maneira que haja quórum e que todos os grupos estejam presentes.

C: Assim, de uma forma geral, consegue pensar numa percentagem de EE que participam de alguma forma na escola, neste caso mais concretamente na Correia Mateus?

FM: Os pais, em termos de participação direta e ativa na escola, têm uma percentagem baixíssima. Se calhar menos de 5%. Agora, por exemplo, nalgumas coisas eles participam, por exemplo, quando há reuniões de direção de turma, a taxa de participação é capaz de rondar os 80/90%. Quando é qualquer outro aspeto que já não diz diretamente respeito aos seus educandos, diz genericamente à escola, aí baixa para números muito baixos, nomeadamente as reuniões das Associações de Pais. Os conselhos gerais também, por lei não pode ter muitos pais e, portanto a percentagem tem de ser obrigatoriamente baixa...

C: Os EE intervêm nas reuniões?

FM: Intervêm. Intervêm plenamente. Têm direito... Nós não temos um regimento que obrigue a marcações prévias de participações, ou quando é doutras escolas. Temos no

Regulamento Interno um regimento que permite antes de mais... Eu convoco a reunião com os assuntos que acho pertinentes e debato primeiro com o diretor. Ponho à consideração do conselho geral, do nosso grupo de trabalho, se querem propor novos assuntos e deixo sempre em aberto, num ponto inicial, informações e num ponto final, noutros assuntos, a hipótese dos pais “trazerem à baila” tudo o que pretendem. Portanto, eles participam sempre. Sempre que há qualquer coisa que tenham dúvidas, perguntam. Sempre que há qualquer aspeto que querem ver esclarecido põem à consideração do conselho geral e só saímos de lá quando está tudo esclarecido.

C: Então eles participam de forma ativa nas tomadas de decisão?

FM: Participam de forma ativa sim. Geralmente, o conselho geral toma as decisões por unanimidade. É quase muito raro haver necessidade de votações. Só para eleger o presidente do conselho geral é que houve uma votação formal. De resto, as decisões têm sido, quase sempre por voto unanime, com a exceção da aprovação de atas que, às vezes têm abstenções, por pessoas ausentes na reunião anterior. Mas, geralmente, nós tentamos chegar a um acordo que satisfaça todos os grupos representados: a câmara, as juntas de freguesia, os professores, os pais, os funcionários e temos conseguido fazer isso.

C: Consegue lembrar-se de alguma sugestão que tenha sido dada pelos EE e que tenha sido implementada?

FM: Consigo. Tem havido imensas coisas, nomeadamente na organização e no funcionamento da escola. Por exemplo, somos uma escola que permite que os pais participem ativamente em atividades dentro da escola. Um exemplo: temos poucos funcionários e a fila da cantina é problemática. Os pais podem chegar a acordo com a Associação de Pais e oferecerem-se como voluntários para vigiarem a fila e, por fim, almoçam lá para verificarem a qualidade da alimentação. Quando detetamos que há alguma coisa que falta na escola, muitas vezes fala-se com a Associação de Pais e a Associação de Pais resolve o problema. Por exemplo, achámos que faltava um telheiro para os alunos estarem ao ar livre, sem estar a chover e a Associação de pais prontificou-se a fazer e fê-lo. Quando é preciso dinheiro para pagar alguma coisa a Associação de Pais (AP) apoia, sem grandes problemas, porque a AP intervém de forma muito proactiva na resolução dos problemas e na e na...mesmo na dinâmica da escola, na descoberta de possíveis soluções para os problemas, na apresentação de projetos

práticos... Por exemplo, a nossa entrada da escola é muito complicada. É difícil introduzir cá camiões, o controlo dos alunos é complicado porque a posição da portaria está mal e foi a AP que propôs, em colaboração com a direção que se alterasse. Já temos... A AP queria fazer tudo sozinha, mas já temos, vamos ter apoio da DREC e vai ser, provavelmente, este ano, implementado um novo sistema totalmente novo para a entrada, com um novo espaço para os funcionários vigiarem as entradas, para que os alunos entrem e para que não haja problemas de acesso a pesados. Tudo isto proposto e feito pela AP.

C: Como é que acha então que tem evoluído a participação dos EE, ao longo dos anos?

FM: Dá-me ideia que tem havido uma evolução positiva. Isto é, tem aumentado de forma qualitativa e quantitativa essa participação. Tem havido pouco a pouco mais pais a quererem intervir na escola e essa participação tem sido melhor. E falo especificamente da Associação de Pais cá da Escola. Houve uma altura que a AP pedia coisas à escola. Em vez de dar, pedia coisas à escola e agora, neste momento, a AP dá coisas à escola, em vez de pedir coisas à escola.

C: E porque é que acha que isso acontece agora?

FM: Porque... Há alturas em que as AP não tem ainda prática suficiente nem um “Know How” suficiente para fazer as coisas bem. Isto vai-se aprendendo. E depois porque os pais, alguns pais agora têm mais tempo livre para poder dedicar aos filhos, tem havido mais empenhamento, por parte dos pais. Isto nota-se em termos de escola.

C: Como é que acha que os professores vêm a participação dos EE?

FM: É assim, a escola em geral, às vezes vê com um bocadinho de desconfiança. Isto é um problema de todas as escolas! Vê-se sempre o outro grupo como sendo um grupo estranho e vê-se com desconfiança. No Conselho Geral já ultrapassámos isso totalmente! Digamos que no Conselho Geral não há diferenças se se é funcionário, se é professor, se é representante de instituições convidadas, se é da AP. Tratamos todos pelo nome pessoal e não pelo cargo que ocupamos. É um local, é um órgão colegial e, portanto, somos todos...fazemos trabalho interpares, somos todos pares, somos todos iguais. E aí não temos problemas! Do ponto de vista da escola em geral, às vezes, há desconfiança dos pais perante, para com os professores e vice-versa. Isto vai sempre acontecer quando não se conhece bem o outro lado. É natural que isso aconteça.

C: Nota que, geralmente, existe consenso entre os professores e os EE no que se refere a objetivos educacionais?

FM: Os pais, muitas vezes, têm aí um grande problema. É que não estão propriamente preparados para perceber alguns aspetos da prática pedagógica, de objetivos... e portanto, às vezes, os pais não percebem tudo. Nós tentamos que isso aconteça, mas é difícil dar um curso rápido de como é ser professor dentro do órgão. E muitas vezes, nós explicamos sucintamente o que há a explicar, mas não aprofundamos. O Conselho Geral tem poderes, mesmo a nível pedagógico, para aprovar muitos documentos. Eu discordo dos poderes do Conselho Geral nalgumas áreas. E, portanto, tento que seja, muitas vezes, o Conselho Pedagógico a trazer os documentos feitos. Se houver dúvidas tento esclarecer as dúvidas com o diretor que é presidente do Conselho Pedagógico por inerência do cargo. E muitas vezes, a partir do momento em que o diretor explica as coisas, o Conselho Geral, nomeadamente os pais, percebem o que se pretende e as coisas são feitas assim. O que eu acho é que o Conselho Geral tem poderes a mais em áreas pedagógicas, em que a maioria dos membros presentes não tem conhecimentos suficientes para dar uma opinião completamente válida, porque não têm os conhecimentos necessários para a fazer. E é uma das brechas desta legislação.

C: Considera que uma maior participação dos EE pode melhorar o relacionamento com os professores?

FM: Acho que é isso que falta mais. É que os pais venham mais à escola e que os professores vão ao meio em que os seus alunos se encontram. Acho que precisamos das duas coisas. Precisamos que a escola se abra à comunidade e que a comunidade se abra à escola e que os professores vão ter com a comunidade. Quando isso acontece, as coisas correm sempre melhor. Quando eu conheço os meus alunos em contexto social é melhor para mim, porque percebo alguns dos seus problemas e alguns dos seus condicionalismos. Quando os pais vêm à escola percebem como é que ela funciona, mudam radicalmente a sua opinião! Por exemplo, quando os pais vêm à escola e vêm como é que a fila funciona e no fim vão comer à cantina, nunca mais tornam a falar mal da comida da cantina e os filhos nunca mais se atrevem a dizer mal da cantina. Há dias bons e há dias maus, mas passam a perceber como é que aquilo funciona e a partir daí as coisas mudam. Temos conseguido fazer isso sucessivamente.

C: Consegue-me identificar alguns dos receios que os professores têm em relação à participação dos EE?

FM: Aaaaa... (hesita)

C: Se é que se podem chamar assim...

FM: Sim, os receios podemos chamar receios. Os professores têm, às vezes, receio que os EE se vão imiscuir em áreas que acham que são deles e, de facto, podem não ser só deles. Há algumas decisões em termos de objetivos, de estratégias, de atividades que devem ser tomadas em conjunto, por toda a comunidade e, às vezes, os professores acham que isso é o papel deles e é difícil partilhar tarefas nisto tudo e passa por aí.

C: Verifica que existe um consenso entre os EE e os seus representantes que estão nos órgãos?

FM: Tentamos... Tentámos nesta escola... Às vezes, isso não acontecia. Às vezes, o que se decidia no Conselho Geral não passava cá para fora. Nós tomamos uma decisão de por as atas todas cá fora. Estão sempre afixadas no painel do Conselho Geral, depois de aprovadas. Temos tentado falar com as Associações de Pais para que eles intervenham mais no processo, tentando que os representantes das Associações de Pais falem com todas as Associações de Pais para que, digamos, haja uma envolvimento total no processo. Isto não é fácil! O facto de só termos cinco pais no Conselho Geral e haver dez Associações de Pais dentro deste agrupamento, implica que haja, às vezes, falhas de comunicação e é uma das brechas que, às vezes, ocorre. Nós tentamos... Mas não é fácil! Às vezes, obriga-nos a trabalho extra. No ano passado, no âmbito da possibilidade de nos agregarem com outras ou a outras escolas, eu, enquanto presidente do Conselho Geral, fiz uma série de reuniões com todas as Associações de Pais do agrupamento, para que houvesse uma opinião sobre o assunto e para que os pais auscultassem todos os pais da sua Associação para que houvesse acordo sobre o que fazer, como fazer, metodologias práticas, tomar uma tomada de posição que vinculasse todo o agrupamento e se conseguisse, embora com muito trabalho.

C: Mas essa agregação ainda não foi posta de parte, pois não?

FM: Não, infelizmente não! Para mim, infelizmente, porque vai implicar uma gestão muito difícil das escolas atuais e vai implicar perdas de qualidade em termos de, de... organizacionais, porque vai haver escolas que vão ficar sem guarda-chuva de segurança, porque a direção, provavelmente, se nos agruparem, vai ficar numa escola secundária.

Nós vamos ficar cá com um professor com umas horas e no resto do tempo, quem vai mandar vai ser... Vamos ficar sem secretaria, eventualmente com um funcionário na secretaria. Quem vai comandar esta escola, a maior parte do tempo vai ser o chefe dos funcionários, o que não é propriamente a coisa melhor para acontecer nesta escola. Esta escola precisa de uma gestão de proximidade e, se eu concordo que se tem de poupar dinheiro em absoluto, tem de se poupar em todas as áreas. O país não tem dinheiro para tudo, mas digamos que esta poupança vai ter implicações em termos de, de...a longo prazo, em termos de, de... resultados pedagógicos e efeitos sociais graves dentro da comunidade local. E, nós, na escola somos unânimes nesse aspeto. Provavelmente, em dezembro, se calhar, vamos ser obrigados a aceitar uma coisa dessas, mas, por exemplo, na altura em que isso acontecer, vou dar o meu contrato como findo e nunca irei avançar para um Conselho Geral em que haja um mega agrupamento ingovernável. E, portanto, aí já assumi que num caso desses não tomarei, não serei conivente com um “crime” desses.

C: Considera então que esta agregação pode afetar o envolvimento e a aproximação que têm com as famílias neste momento?

FM: Vai agravar... Se já agora temos problemas de relacionamento entre pais, escola comunidade, que são difíceis, mas que mesmo assim funcionam, quando essa agregação vier, vai torna-las praticamente impraticáveis ou, pelo menos, vai reduzi-las ao mínimo possível e vai criar problemas dentro das escolas e fora das escolas.

C: De qualquer forma, considera importante a participação dos EE nas escolas?

FM: Acho-a fundamental, acho-a fundamental!

C: Em que medida?

FM: Acho-a fundamental, porque há decisões que têm de ser tomadas coletivamente. Há coisas que têm de ser percebidas pelo todo que é a escola e a escola é a comunidade, são os alunos, são os pais, são os professores, são os funcionários. As decisões têm de ser tomadas e recebidas por todos. Se não forem recebidas por todos, não funcionam. E há aspetos em que os pais devem ser uma parte ativa, porque são eles os responsáveis pela educação dos filhos e, portanto, eles têm que assumir o seu papel como pais em casa e perceber qual é o papel deles em casa e qual é o papel da escola. Enquanto não se perceber isto bem, enquanto esta fronteira não estiver bem definida vai haver sempre

problemas, vai haver choque e vai haver coisas que não funcionam bem. E nós precisamos que os pais percebam muito bem estas áreas.

C: Acha que os EE que participam nos órgãos e, neste caso, no Conselho Geral têm consciência de que estão a representar todas as outras crianças ou só o seu educando?

FM: É assim, muitas vezes, eles partem do seu educando, mas tentam representar, efetivamente, todas as outras crianças. Muitas vezes, trazem-nos questões particulares do outro, de outra escola, de outro caso qualquer, trazem-nos casos concretos que não se aplicam ao seu educando, mas que se aplicam, digamos, a outros grupos e, portanto, nota-se, de facto, que estão cá a representar o todo que é todas as Associações de Pais e todos os pais.

C: Considera que a participação dos EE pode ser fruto da legislação que os obriga a participar ou há de facto uma motivação de cada um?

FM: Acho que ocorrem as duas coisas. Em primeiro lugar, acho que a legislação obriga e eles, portanto... Sem eles cá não havia órgão, ponto final parágrafo! Depois, eles acabam por perceber a importância de estarem representados nestes órgãos e acabam por perceber que é importante que estes órgãos funcionem com eles e com eles a ajudarem para que tudo corra bem. As duas coisas juntas acabam por confluir para o mesmo resultado que é a participação ativa do órgão.

C: Então considera que o sucesso educativo está diretamente relacionado com a aproximação da escola à família?

FM: Considero! É importante que a família perceba o papel da escola e perceba como pode colaborar com a escola. Se não perceber como é que pode intervir diretamente no processo educativo, portanto, criando horários de trabalho para os seus educandos... criando regras porque se isso não acontecer, na escola não funciona. Há coisas que, se nós formos obrigados a ensinar aqui e nós somos professores, não somos... Em primeiro lugar nós somos professores, não somos educadores, em primeiro lugar nós somos professores. Se nós tivermos de explicar regras e só depois termos de dar a matéria, há aulas que são prejudicadas. Se os nossos alunos vierem com regras, perceberem qual é o papel deles na escola, perceberem qual é a sua postura na sala de aula e isto vier, em parte, reforçado de casa, rende muito mais o trabalho e digamos que o resultado final é sempre muito mais positivo.

C: Então pode-se dizer que os EE mais ativos na escola têm filhos com melhores resultados?

FM: Aaa... Sim! Genericamente, os pais que participam mais ativamente na escola, os filhos têm sempre melhores resultados, porque conseguem perceber melhor o que é que a escola lhes pede e conseguem dar um feedback positivo e conseguem intervir nas alturas certas, conseguem resolver os problemas nas alturas certas. Ao contrário dos outros que deixam passar tudo e que os filhos vão sobretudo sendo prejudicados sucessivamente por isso.

C: Há pouco estávamos a falar da relação dos professores e dos EE e que havia alguns receios, não é? (entrevistado acena a cabeça afirmativamente) E em relação aos restantes funcionários, como é que é essa relação com os EE?

FM: Também há problemas, porque às vezes os, os... Porque às vezes há funcionários que a preparação deles não é propriamente para funcionários de uma escola e não sabem muito bem qual é o seu papel e às vezes cometem erros. Como os professores, às vezes, cometem erros, dentro de mão, como um pai também às vezes comete erros. E, às vezes isso, esses erros criam problemas entre o funcionário e o aluno e entre o funcionário e a família. Ou vice-versa, às vezes, é o aluno que provoca o funcionário e isto depois cria problemas entre o funcionário e o aluno e entre o funcionário e a família. E é uma das áreas que nós tentamos, temos tentado intervir, temos tentado preparar os funcionários melhor para resolver os problemas na altura certa e tem havido um grande aumento da diminuição de poderes deste tipo de problemas na escola. É o chamado Plano de Convivência que envolve ativamente os professores, os alunos e os funcionários e tem dado alguns resultados e tem havido menos, diminuição deste... da conflitualidade entre funcionários e alunos e família vice-versa.

C: Considera então que existe uma boa comunicação entre os EE e a escola, neste caso da Correia Mateus?

FM: Genericamente sim.

C: E como é que é feita essa comunicação?

FM: Aaaa... Diversas maneiras. Temos o nosso site institucional em que tudo o que é importante é colocado lá. Depois temos uma página de moodle em que, há materiais de apoio que servem para os alunos, mas que também servem para os pais. Temos as explicações por via telefónica. Quando há um problema com um aluno, telefona-se

imediatamente para o EE e fala-se logo com o pai “Olhe o seu filho fez isto e tem que vir cá!”, ou “Tem que vir cá porque o seu filho tem aqui um problema!”, ou “O seu filho portou-se mal tem de o vir buscar para o levar para casa!”. Isto é feito logo! Às vezes, é usando, recorrendo à caderneta. A caderneta continua a funcionar como meio de comunicação, embora às vezes os alunos a façam desaparecer, mas genericamente funciona. E, e... Às vezes, até informalmente vêm cá à escola, fala-se diretamente com os pais e resolve-se o problema sem a necessidade de mais nada. Depois há os contactos em que o professor está cá, o diretor de turma está cá e se for preciso qualquer professor pode ser chamado para falar qualquer coisa e, às vezes acontece.

C: Quais são os assuntos debatidos em Conselho Geral onde verifica uma maior/menor participação dos EE?

FM: Penso que não há nenhuma área, que, que...digamos que os EE, sejam menos sensíveis. Tudo o que diga respeito a aspetos práticos da vida da escola, interessam-se de alguma maneira. Os aspetos mais burocráticos, nomeadamente os aspetos associados com Regulamentos Internos, Orçamentos e Contas, etc., etc. Eles, acabam por ter algum interesse, mas o interesse é mais reduzido.

C: Então considera que essa é uma das dificuldades que encontra na participação dos EE nos órgãos de gestão? Existe outra dificuldade?

FM: Não acho que seja uma grande d... Não acho que haja grandes dificuldades em termos de participação no Conselho Geral por parte dos EE. Eles conseguem rapidamente pôr-se a par do que é necessário. Há assuntos em que nunca vão ser especialistas, tal como eu nunca vou ser especialista em tudo, mas digamos que conseguem tornar-se minimamente conhecedores para conseguir debater assuntos, desde que se preparem devidamente, desde que leiam o material de apoio. As minhas reuniões não têm papéis, só têm folha de presenças. Tudo está num site fechado do Conselho Geral. Eles recebem uma mensagem a dizer “Atenção vão ao site que estão lá os documentos!”. Quem quiser pode imprimi-los naturalmente. Desde que leiam o material previamente, estão preparados. A maior parte deles costuma fazer isso. Pelo menos lê, lê, lê em diagonal. Portanto, são documentos grandes, muita gente lê na diagonal e tem uma ideia e chega lá e faz as perguntas e depois avança.

C: Então não considera que existem fatores que limitem a participação dos EE nos órgãos de gestão?

FM: Genericamente não. Só, só a dificuldade nalgumas áreas ditas burocráticas da educação. A educação tem alguns aspetos burocráticos e na área de formação pedagógica que na maior parte dos casos é nula ou inexistente, embora haja também EE que também são professores que estão no Conselho Geral. Esses aí têm esse problema resolvido.

C: Acha que existe alguma forma de colmatar esses fatores?

FM: É muito difícil... é muito difícil, digamos, dar um curso intensivo de pedagogia, de, de... burocracia do Ministério de Educação a pais. É impossível explicar-lhes algumas coisas, fazer...dar-lhes a versão rápida e eles perceberem como é que aquilo funciona, mas resolver a cem por cento esse tipo de coisas, é impossível. Mesmo nós os professores, às vezes, temos dificuldades em ler e interpretar a lei, quanto mais pais que não estão habituados à legislação que sai do Ministério da Educação e à quantidade de legislação do Ministério da Educação... Posso dizer que isso é quase impossível. Portanto, dentro do possível, nós tentamos que isso aconteça.

C: Considera que a escola é apelativa aos pais? É acessível?

FM: Esta escola tem tentado sempre ser o mais apelativa e acessível aos pais. Tem tentado fazer atividades que impliquem, por exemplo, a vinda conjunta de pais e filhos à escola. Tem tentado abrir a porta aos pais quando querem participar, quando querem colaborar com a escola. Está acessível para os pais virem cá e resolver os seus problemas. Temos tentado fazer isso, penso que genericamente isso tem acontecido. Quem conhece a escola está habituado e gosta imenso. Os nossos alunos e as nossas famílias recordam sempre com muita saudade, passados uns anos, a nossa escola.

C: Então acha que as escolas estão preparadas para uma maior participação dos EE?

FM: Eu penso que, ainda mais participação dos EE será difícil. Por exemplo, estou a falar em termos de Conselho Geral. Em termos de Conselho Geral chegou-se ao nível, eu penso razoável de participações das Associações de Pais. Mais seria difícil. Isso implicaria gerir, em termos de Conselho Geral, uma massa mais complicada e, portanto, penso que chegou-se a um nível razoável de participação. Nos outros aspetos fora do Conselho Geral, tudo o que seja a mais, a participação dos EE, a escola está sempre aberta e acha sempre interessante e útil.

C: De que forma é que o Dr. Fernando incentiva a participação dos EE?

FM: No meu dia-a-dia, de vez em quando faço atividades nos meus tempos livre, em que convido os meus alunos e os meus EE a participar e tenho tido atividades em que faço isso. Tenho o Clube de Astronomia cá na escola. Sempre que faço observações astronómicas, nos blogues das minhas turmas ponho “Atenção, hoje há observação astronómica. Podem vir e podem trazer os vossos pais.” No Clube de Astronomia quando um aluno já sabe trabalhar com o telescópio, digo assim: “Atenção, já sabes trabalhar com o telescópio, podes dizer ao teu pai que nós lhe emprestamos o telescópio durante uma semana e ele leva-o para casa e ele e o pai vão trabalhar com o telescópio. Se for preciso, eu vou dar-lhes uma ajudinha, mas muitas vezes nem é necessário. Faço saídas de campo. Sou geólogo e faço saídas de campo e eles participam. Às vezes, participa a família inteira, do mais pequenino até ao pai e a mãe e todos participam! E tenho feito imensas atividades em que tenho, de facto, há uma efetiva participação de toda a comunidade escolar. Tenho feito atividades em que há professores, pais, EE, alunos, funcionários e, às vezes até amigos que participam e que vão nesta atividades feitas em conjunto, para todos.

C: Acha que os professores estão despertados para incentivar este tipo de participação?

FM: Aaaa... Estão, gradualmente. Penso que... Eu faço mais que os outros e assumo isso. Faço mais que os outros, mas os professores, pouco a pouco, estão a começar a perceber que precisam de interagir com os pais e precisam de perceber os pais e precisam de fazer atividades em que os pais participem para perceber o meio social de onde vêm os alunos, portanto, as características dos agregados familiares e, portanto, isto é uma mais-valia. Agora, nós temos é um grave problema. Nós temos pouco tempo! Há dez anos atrás, eu dava vinte e duas horas de aulas e se tivesse cá essas horas eram letivas e ia-me embora para casa e podia trabalhar em casa e tinha tempo livre. Agora, não tenho tempo livre! E, portanto, tudo o que faço roubo ao meu descanso, roubo à minha preparação de materiais... As coisas são preparadas quase na véspera, porque não têm tempo para mais. Enquanto que há uns anos atrás isso, eu fazia isso e os resultados eram diferentes porque eu conseguia gerir melhor o tempo. Agora, a gestão é muito mais complicada! Estamos de tal maneira assoberbados de trabalho, a carga

burocrática da escola é de tal maneira elevada que as coisas são mais, são mais difíceis e os professores, por vezes, também por aí, às vezes não conseguem.

C: E é compreensível! Acha que os professores conhecem estratégias de envolvimento dos pais?

FM: Conhecem, genericamente conhecem. Os professores conhecem estratégias de envolvimento dos pais. Às vezes, não as conseguem aplicar, porque não há tempo. As estratégias muitas vezes falham, por falta de tempo.

C: Há pouco estava a falar do Plano de Convivência que está a ser implementado aqui na escola. Pode-me falar um bocadinho sobre esse plano?

FM: Sim. Isto foi uma decisão da Direção, portanto, foi decidido pela Direção, mas foi feito ouvindo todos os intervenientes da escola e criámos uma série de regras básicas em que há, digamos papéis atribuídos a cada ator do sistema educativo: o funcionário, o professor, o diretor de turma, a direção, o aluno, os pais... todos eles que têm, que sabem que há regras. Essas regras são divulgadas, o diretor no início do ano fala com as turmas, recorda-lhes das regras principais, sabem como é que as coisas têm de se resolver e, e isto tem funcionado. Por exemplo, há uns anos atrás viam-se imensos alunos vestidos de forma ostensivamente provocatória, nomeadamente as calças todas por ali abaixo para...os boxers... Neste momento não temos casos desses! Ao contrário de outras escolas em que continua a acontecer a mesma coisa. Neste momento, os alunos já estão a ter algum respeito em termos de roupa provocante. Pelo menos, não provocar. Quando chegam à sala de aula, eles estão todos em fila para entrar para a sala de aula. Tem diminuído o número de participações por problemas dentro da escola. Tem-se sentido resultados do Plano de Convivência.

C: E como é que funciona? Têm reuniões...

FM: Temos reuniões... Por exemplo, no princípio do ano são reportados às reuniões conforme, com os funcionários... obviamente, com os professores... Há reuniões turma a turma para os pais em que são explicadas estas regras. Este Plano está divulgado no nosso site, está divulgado no moodle. Os alunos sabem quais são as regras. Cada interveniente tem uma listagem, estilo Check-in para fazer alguma coisa. Quando alguma coisa corre mal há relatórios a fazer, há participações a fazer, há digamos um sítio onde se registam as coisas e a Direção sabe as coisas que vão acontecendo. Sabe-se a que horas em que há mais problemas em termos de comportamento dos alunos e é,

curiosamente... as horas são, as aulas que são muito longas é sobretudo no final das aulas, por causa da proximidade das horas de saída. Como já não aguentam mais, começam a fazer asneiras. Sabe-se que às vezes alguns professores têm mais problemas, porque nem todos os professores conseguem aguentar tudo. Enquanto alguns conseguem aguentar tudo, alguns não conseguem. Às vezes, algumas turmas ou alguns professores não gostam uns dos outros e isto reflete-se em termos de comportamento e isto, portanto, temos vindo a verificar esses problemas, temos vindo a resolver estes problemas agindo localmente. Pensando globalmente, mas agindo localmente. Se a turma X tem X's participações com o professor Y, para o ano vamos tentar tirar-lhe esta turma e vamos atribuir-lhe outra turma. E parte do problema fica resolvido. Se esta turma tem muitas participações porque, ou num tempo da tarde, não aguentam e desligam e começam a fazer asneiras, vamos tentar dar-lhe atividades em que eles possam aguentar mais facilmente de maneira que o problema se resolva. Isto tem de ser feito gradualmente e com, consultar sempre o agrupamento.

C: Então agora e para terminar, acha que os EE têm então informação suficiente para se sentirem à vontade, para se sentirem motivados a participar quer na escola quer nos órgãos de gestão?

FM: Têm informação suficiente. Às vezes, não a procuram, nem a querem procurar. Começa por aí o problema. Se quiserem está tudo disponível, têm acesso a tudo, está tudo...pronto! Alguns, não, pura e simplesmente não estão simplesmente interessados. Querem é que a escola seja o sítio onde os filhos ficam e que os eduquem, que os ensinem, que lhes deem de comer e, se fosse possível, que os fossem levar a casa, ou se ficassem cá a dormir, se calhar até preferiam isso. Agora, muitos dos pais percebem qual é o seu papel, percebem qual é o papel da escola e conseguem intervir ativamente dentro da escola.

C: É só. Obrigada!

O Presidente da Associação de Pais concordou em deixar-me entrevistá-lo para a minha investigação. É licenciado em Engenharia Eletrónica. Atualmente, é diretor de produção de uma empresa e faz parte do Conselho Geral, como representante dos Encarregados de Educação. Perguntei-lhe se podíamos requisitar a sala da Associação de Pais para estarmos mais à vontade e ele aceitou com muito entusiasmo e vontade de partilhar a sua experiência.

C: Como caracteriza os EE que fazem parte da Associação de Pais?

P: Como é que eu os caracterizo... os pais que trabalham, que estão na Associação de Pais são normalmente, são quase sempre os pais e digo... Eu já estou na Associação de Pais há doze anos. Não nesta, já venho de outras escolas e como presidente, como vice-presidente e como outro cargo qualquer, já estou nisto há doze anos. E posso dizer com toda a certeza que o que se passa nesta escola é o que se passa nesta Associação é o que se passa em 99% das outras que é, os pais que pertencem às Associações de Pais, são aqueles que mais se preocupam com os filhos. São mesmo aqueles que mais se preocupam com os filhos. E o que é curioso é que são aqueles que normalmente menos se deviam preocupar. Os filhos dos Associados, daqueles que pertencem à Associação de Pais, são normalmente aqueles que não dão problemas nenhuns. Não tenho...ou seja não há um pai, cujo filho seja problemático, em qualquer aspeto. Seja a nível de... São os que têm melhor aproveitamento, mais bem educados. Nós gostaríamos de ter pais, todos os pais. Mas os pais dos filhos que são problemáticos são sempre os últimos a responder, são os primeiros a acreditar sempre. Infelizmente não participam. Nós fazemos festas, muitas coisas, mas pronto. Também já estou a divagar. Não, mas são pais, aaa... São poucos, mas bons! Bons no sentido, com muito tempo e participam bastante. Mas mesmo muito poucos. São 5% dos pais que estão ativos, que pertencem à Associação de Pais, digamos, são 5%. Mas, portanto, a Associação de Pais tem vários elementos. Nós temos a... deixe cá ver (folheia um conjunto de folhas soltas numa pasta). Isto é uma lista, não sei se isto tem quantos pais é que pertencem à Associação de Pais... Não tenho, mas posso-lhe dizer que somos cerca de 12 pais aqui, que

pertencem à Associação de Pais, mas portanto... desses 12 pais, ativamente participam 4, no máximo.

C: E considera que a participação dos EE é a mesma nos diferentes níveis de ensino, ou nota que há um nível de ensino que se evidencia?

P: Certo! Não, não é bem igual. Normalmente, os pais que se preocupam mais, que começam a ser... a filiar-se ou a inscrever-se na Associação de Pais, logo no 1.º ciclo. Isso sim. Depois com o... à medida que os anos vão decorrendo para o 2.º ciclo, 3.º ciclo vão perdendo... acham que os filhos já têm autonomia e que já... portanto, os pais no 1.º ciclo inscrevem-se na Associação de Pais com o intuito de “o meu miúdo não se sabe defender, não se sabe proteger, portanto vou ajudá-lo, participando na Associação”. É um bocado essa ideia, depois há aqueles que acham que devem continuar, depois há aqueles que desistem e não têm tempo.

C: Então acha que o principal motivo é mesmo esse, o ganho de autonomia?

P: É, é, ou seja, de uma forma indireta, acompanhar a vida escolar do seu educando na escola. Então, participando na Associação de Pais está-se mais por dentro de certos assuntos, do que se passa.

C: A nível de classe social? Existe alguma classe social que predomina ao nível dos EE que participam ou verifica-se uma participação das diferentes classes sociais?

P: Infelizmente não, infelizmente as classes mais fraquinhas não participam. Não participam porque pensam que têm que contribuir com dinheiro ou com algo que não tenham. E nós tentamos incentivamos para... porque nós precisamos da pessoa, do tempo e... porque as pessoas só não participam porque acham que têm uma quota. Há pessoas que têm uma ideia errada que para se pertencer à Associação de Pais tem que se ter uma quota, tem que se associar a uma quota elevada, por exemplo. Elevada, é relativo, mas sei lá... imagine, por exemplo 20, 5 € por mês, 10 € por mês que é uma atração. “Eu gostava de participar à associação de Pais, mas é muito caro. Mas é muito caro, porquê? Porque na escola onde eu estava era 5€ por mês. Ó minha senhora, esqueça isso! Não, não é preciso nada!”

C: Mas é verdade? Isso acontece nas outras escolas?

P: É. Há escolas em que isso. Há situações assim. Lembro-me de um pai que estava com um problema que... que tinha a ideia que era caro. Ou seja, para participar na associação de Pais era quase como uma elite! Depois há pessoas que não participam, porque acham

que “É pá eu, só tenho a disponibilidade mínima, não vou dizer mais do que o outro pai diz, não vou fazer mais do que o outro pai faz e...não tenho capac...” Pronto, falta-lhes autoconfiança. Digamos que, sei lá, na Associação de Pais é quase 1% da classe mais desfavorecida. E devia ser ao contrário, porque às vezes são eles que mais ajuda precisam. Porque no fundo a Associação de Pais está aqui para colaborar e para ajudar os alunos. Não é mais do que isso. Sabemos que... Sempre que há um aluno com dificuldades, ou até o próprio pai... Porque há alunos com dificuldades, porque os pais têm dificuldades, cada vez mais. Então, tentamos perceber qual é o problema do aluno e vamos ver afinal o que ele tem em casa, tentamos saber o que é que se passa, sempre que possível e, sempre que podemos ajudamos. E quaisquer situações que desconhecemos, porque também há situações aqui nas escolas, mas claro, acontece em tudo. Um bocado como acontece lá fora. As pessoas que mais precisam não se declaram, não dizem “Eu preciso, estou a passar mal. O meu filho passa fome.” Daí que é um tabu, nesse aspeto.

C: Os EE que são convocados para as reuniões estão sempre presentes?

P: É assim, a... Por exemplo, no final do mês vai haver uma Assembleia Geral. São cerca de 600 alunos. Se viessem, digamos... admitindo que existem dois filhos por casal, apareciam 300 pais, se viessem todos. Posso-lhe dizer que se aparecerem 20 pais, na Assembleia Geral que é uma vez por ano, fazemos uma festa. Não participam, simplesmente não participam.

C: Porque é que acha que isso acontece? As reuniões são marcadas fora do horário laboral?

P: Certo! São marcadas em horário pós-laboral e são marcadas com 3 a 4 semanas de antecedência. E, porque as pessoas acham que não vale a pena... acho que...ou seja... Nós temos um bocado a ideia de que uma reunião onde haja festa, onde haja comer e beber, estas... Na brincadeira dizemos “É pá, se colocarmos aí um almoço engraçado aparecem todos!” Porque as pessoas são muito comodistas, essencialmente!

C: Quantos elementos é que constituem a Associação de Pais?

P: Aaaa... deixe-me ver...

(o entrevistado mostrou estar um pouco atrapalhado por não possuir esta informação no momento, pelo que o entrevistador referiu que pode facultar esta informação posteriormente.)

C: De uma forma geral, todos os EE intervêm nas reuniões?

P: Sim, mas vejo que há... sim, intervêm sim. Portanto, nós tentamos que sejam todos a manifestar a sua opinião, porque...e uma opinião crítica, porque essencialmente temos esse problema a nível de aderência, porque os pais que participam até são... e dizem o que é que está mal e o que é que está bem.

C: Consegue lembrar-se de alguma sugestão por um EE que tenha sido posta em prática aqui na Correia Mateus?

P: Sim, portanto, nós uma das coisas que fizemos foi ir ao encontro das necessidades dos alunos que teve a ver, nomeadamente com a construção de um telheiro que... A escola não tinha espaços cobertos suficientes e na altura do intervalo... e estando a chover, pior ainda. Portanto, os miúdos circulavam muito, era nos corredores. Portanto, nós decidimos que a Associação de Pais por autorrecriação e claro com a autorização da escola, evidente, vai construir um telheiro para os miúdos. Portanto, construímos o telheiro com 270 m² que os miúdos têm, têm espaço para estar, fora da escola, mas coberto, encostado à escola para poderem passear, de fácil acesso, mas têm. Foi uma das coisas que fizemos e fazemos também com os miúdos... Os miúdos fazem passeios. São criados entrega de prémios e de louvores, portanto, os quadros de valor e excelência e o último projeto que vamos fazer tem a ver com... No final do ano, isto é, ano civil, decorrerá ali nas férias de natal. Vamos fazer... vamos tentar fazer... Penso que está tudo encaminhado, no bom sentido. Que é aquela portaria que vai mudar para uma aparência... Vamos dar uma aparência diferente àquilo. Vamos fazer com que os alunos entrem... Entre uns poderem entrar e outros poderem sair...Vamos controlar mais a saída. Com o sistema automático de leitura de cartões, não é suficiente. Vamos adaptar a porta a pessoas portadoras de deficiência ou não. Vai dar uma outra... outra lavagem... vamos lavar aquela... Porque, neste momento há períodos complicados, as chamadas hora de ponta que é a saída e a entrada dos alunos, para conseguir controlar os miúdos que entram e os miúdos que saem. Porque há miúdos que não têm simplesmente autorização para sair da escola, o pai deles não dá autorização, mas que furam sempre os que entram. Arranjam sempre maneira de distrair o funcionário ou outra situação. Vamos tentar reduzir essa probabilidade a quase zero. Então vamos fazer este trabalho que vai ser caro ou complicado, mas que em duas semanas vai ser a nossa

aventura, o nosso projeto, portanto em duas semanas vamos fazer essas obras ali e é por isso que nós apoiamos este projeto.

C: Os EE analisam criticamente os instrumentos de gestão como o Regulamento Interno e o projeto Pedagógico?

P: Os EE têm, neste momento, cada vez mais, meios de... ao seu alcance, meios de informação. Temos na net, quando disponibilizamos o Regulamento Interno, também disponibilizamos, no início o Estatuto do Aluno, etc. Mas, as pessoas, não... não... têm... muito poucas conseguem criticar já com conhecimento, já com conhecimento. Muita gente, muita gente fala... muitas pessoas criticam, mas não sabem que não se pode fazer mais, a nível comportamental. No que diz respeito aos alunos, o grau disciplinar, nomeadamente, há coisas que se podem fazer, ao início... Os professores podem ir e podem filmar os alunos mais mal comportados, antes de serem expulsos, por exemplo, que é uma medida mais dura e tem outras coisas que os pais pretendiam que fosse mudado, mas que não pode ser feito. E o que pode ser feito leva o seu tempo. Os pais não falam muito... Vêm cá, sugerem e vão muita vez à Direção. Depois, muitas vezes a Direção vem cá e fala connosco e nos diz “Passa-se isto assim, assim, assim. Se vocês puderem encaminhar os pais nesse sentido, porque muita gente não conhece, não sabe que a Associação de Pais tem essa função. As pessoas têm um problema com os miúdos, com, com... pretendem, sei lá, querem usar... um miúdo quer usar um cacifo, uma situação especial, um miúdo com um problema, com uma determinada necessidade de fazer, de ter que levar uma injeção semanal ou diária, ou uma coisa qualquer... por exemplo, eu noto que nós podemos colaborar e colaboramos e, às vezes, é uma grande ajuda. E eles não sabem! Portanto, falam com a Direção e a Direção fala connosco.

C: Estava-me a dizer há bocado que já tem 12 anos de Associação de Pais, em diferentes cargos. Como é que acha que tem evoluído a participação dos EE, ao longo destes tempos?

P: Os EE, embora participem pouco, penso que, aqueles que participam têm uma noção cada vez maior de que participar vale a pena, porque conseguem estar por dentro, essencialmente de assuntos de interesse, de interesse geral para eles e para os alunos. Porque é muito mais fácil a escola fazer chegar aos pais, a todos os pais determinada informação, através da Associação de Pais, do que ela própria fazê-lo diretamente. Porque requer tempo dos funcionários, requer despesas de diversa ordem e nós temos,

muitas vezes, esse legado. Temos emails, conhecemos os pais todos, profissões, conhecemos e há sempre coisas que vamos transmitindo por escrito, ou até oralmente e por nossa via, torna-se muito mais fácil e os pais começam-se a aperceber disso tudo.

C: Então acha que tem tido uma evolução muito positiva?

P: Sim, acho que sim. Muito lenta, mas positiva.

C: Como é que acha que os professores vêm a participação dos EE?

P: Cada vez mais, também acho que é de uma forma mais, mais positiva. Há sempre os professores chamados de outros tempos que acham que a Associação de Pais quase que é um entrave, no fundo, mas a maior parte... cada vez mais os pais são bem vistos. Mas tem de ser os pais a fazer, a vencer essa barreira. Normalmente o professor não... pode estar preocupado com outras coisas e quando...mas quando sente que são pais que têm ajuda a dar, que pode dar, o professor agradece, porque alivia muita coisa.

C: E nota que geralmente existe um consenso entre os professores e os EE, no que se refere a objetivos educacionais?

P: Pronto, não tanto. Há coisas que os pais não percebem. As mudanças da, da... que ocorrem, que estão a ocorrer constantemente do Ministério da Educação, que é os objetivos, dando-se mais cuidado a determinadas disciplinas ou a outras e...portanto, as aulas, por exemplo as aulas de Educação Cívica e outras assim. Portanto, há pais que acham que aquilo não traz qualquer vantagem para o aluno e portanto, às vezes não há um consenso ali e o Ministério de Educação, às vezes é o principal culpado, porque estão em constante mudança e, portanto, os pais que já tinham alguma dúvida com mais dúvidas ficam. Não, digamos que deixam de ter um bocado a opinião própria.

C: Nessa parte o Engenheiro Paulo tem alguma importância. Consegue fazer essa ponte entre os professores e os EE?

P: Os professores acham que... Os professores quando existe alguma dúvida, eles próprios convidam-nos a ir à, a ir a uma reunião com os pais e agradecem. Por exemplo, no início do ano letivo que é quando os pais participam mais, portanto, no início é mesmo nos primeiros dias, quando é o dia da apresentação, quando é o dia da abertura, é o dia ideal para reunir os pais todos, porque aí vão todos, mas depois já não vão mais. Quer dizer, os pais não se lembram das escolas. Nos primeiros dias, os miúdos são pequeninos e tal, vão à escola, vão conhecer os professores, vão conhecer os colegas do mesmo ano, a escola, mas depois nunca mais se volta a ver aqueles pais. Então, muitas

vezes, para vencer essa barreira, é nesses primeiros dias de apresentação que os pais, que os professores aliás gostam de ter o pai presente para esclarecer dúvidas acerca...que os pais tenham, sobre o Regulamento Interno, sobre o Conselho Geral, sobre determinados procedimentos que os professores também... porque os professores não conhecem tudo o que se passa na escola, porque há muitos professores vêm de fora e nós pais, até conhecemos, muitas vezes mais até que os próprios professores. E aí, os professores, penso que acham que é uma boa ajuda.

C: Considera que uma maior participação dos EE pode melhorar o relacionamento com os professores?

P: Não acho que isso, não acho que seja relevante. Acho que o importante era que houvesse mais pais a participar, mas o relacionamento tem a ver com, não com a quantidade, mas com a qualidade. Acho que isso é o mais importante. Eu lembro que os pais aqui nesta escola, a Associação de Pais, nomeadamente, tem procurado ter uma relação muito amistosa, portanto, muito sincera e o mais cívica possível com a Direção da escola, porque ganham todas as partes, porque quando a escola precisa nós estamos lá e quando nós precisamos, nós também temos a Direção do nosso lado. Muitas vezes, são mesmo eles que pedem a nossa participação. Não há um comunicado para o meio escolar que envolva mesmo que indiretamente os pais...eles são logo os primeiros a saber. Portanto, a relação estreita entre pais, Direção e professores tem tendência em ficar mais estreita e mais cúmplices, digamos.

C: Verifica que existe um consenso entre os EE e os representantes na Associação de Pais?

P: Sim, o consenso existe. Há pais que dizem mesmo “É pá, já lá estão, o que tu dizes está tudo bem e o que tu fazes também está bem. Eu não tenho tempo.” É uma desculpa para não participar. Já lá estão, mas o número também interessa muito.

C: Existe uma boa comunicação entre os restantes EE e a Associação de Pais?

P: Sim, existe mais comunicação. Temos internet, temos telefone, mas as pessoas infelizmente utilizam ainda pouco. Existe uma minoria que desconhece o número de telefone da Associação de Pais, desconhece o email.

C: Está fixado ali fora que eu vi (risos).

P: Pois, está fixado, mas ninguém nos conhece. Quer dizer, eu também não o sei de cor (risos). Mas desconhecem isso.

C: Então considera muito importante a participação dos pais na escola?

P: Sim. É extremamente importante!

C: Acha que os EE que participam nos órgãos da escola têm consciência que estão a representar uma mancha de alunos e não o seu próprio educando?

P: Sim, isso é verdade. Nós quando... Eu posso-lhe dizer que, por exemplo, eu como elemento da Associação de Pais e outros colegas meus temos... Só para ter uma ideia, por exemplo, no ano passado eu não fui ter uma única vez com a diretora de turma da minha filha. O que é um mau exemplo, porque os próprios professores querem, desejam que os pais se interessem pelos filhos. Também, convém saber... Todos os professores têm um horário para receber os encarregados de educação, não é? Eu posso dizer que, no ano passado não fui um dia, nem sei o nome da diretora de turma da minha filha, que o meu filho já é, já cá não está, portanto, nem passou por aqui. Mas a minha filha, nem sei o nome da diretora de turma. Eu devia ter ido. Eu acho que é um bom exemplo, mas não, quer dizer, nunca fui, porque nunca houve razão de queixa e sempre tive um feedback... Ou seja, professores que, que... Se ela tivesse algum problema ou na caderneta... Eu também tinha a preocupação de ir ver a caderneta e, portanto, nunca o fiz. E posso dizer que passei centenas de horas aqui e tudo envolve a maior parte dos alunos. A minha esposa, inclusivamente diz “Tu interessas-te mais pelos outros do que propriamente pelos teus filhos. Tu nem sabes, uma vergonha, nem sabes o nome da diretora de turma.” Logo aí dá para ver o tipo de desinteresse, digamos por aquilo que é meu. Desinteresse, entre aspas, não é? Portanto que, evidentemente, a minha filha está aqui e o que eu quero para a minha filha quero para os outros, mas no fundo, eu sempre tratei muito mais de problemas que eram mais graves. A minha filha, felizmente não me deu problema nenhum, foi bom.

C: Mas nota isso nos outros elementos da Associação de Pais?

P: Sim, também. Sinto que primeiro estão todos, os alunos e depois o próprio aluno, porque nós normalmente só vimos cá trazer e buscar os nossos educandos. Nunca estamos com eles. Depois tem outra coisa que se nota em todas as Associações. Os nossos próprios filhos têm quase vergonha de nos ver aqui, “é pá, o meu pai...” e corre para o outro lado e já vi a minha filha a fazer assim, a pôr a mão ao lado a tapar a vista para eu não a ver ou coisa do género, porque o medo é... Agora não, mas quando são pequeninos é o medo da represália “Só porque o teu pai pertence à Direção deves ser a

menina...” E nós, pais, preferimos criar uma distância. Não é por ver a minha filha que vou ter com ela, ou... Eu sei que ela está aí, posso acenar ou dizer olá, mas não mostramos demasiado carinho para os nossos filhos, porque, embora o sintamos, mas não o fazemos até por uma questão de que estamos aqui para...

C: Protegê-los.

P: Exatamente, estamos aqui para protege-los e estamos aqui por todos.

C: Considera que a participação dos EE é fruto da legislação que os obriga a participar ou vai da motivação?

P: Não, não, sim, vai da motivação. Quer dizer, a legislação, cada vez dá mais direitos e deveres, mas acho que tem a ver essencialmente com motivação.

C: E ao Paulo, o que é que o motivou a fazer parte da Associação de Pais, ainda por cima tantos anos?

P: A consciência, a consciência, porque eu sou uma pessoa com um horário muito complicado!!! Não tenho horário, ou seja, eu trabalho numa empresa, onde sou responsável de produção e tenho de estar... como responsável de produção, qualquer coisa que corra mal, tenho de estar lá, a qualquer hora. Portanto, para estar aqui, tenho de gastar do meu tempo. Eu podia ser daqueles que dizia “Não tenho mesmo tempo!” A questão é que na minha cabeça, a minha questão é, se forem todos os pais a fazerem assim, que é o que muitos fazem, não havia ninguém. E a questão do tempo é relativo. Eu não tenho tempo, mas pelos nossos filhos tenho de ter tempo. Posso não ter tempo para ir lavar o carro hoje, mas o meu filho... Tenho de ter tempo para participar na escola ativamente, já que é um dos nossos direitos. E o participar na escola ativamente é ver o que é que podemos colaborar já que existe um espaço legal e mesmo até antes de já haver essa modalidade, nós já tínhamos consciência que a participação dos pais era importante. Cá estar e colaborar em muita coisa. Lembro-me que, quando eu entrei a primeira vez sabia que tinha ido para uma escola em que eles tinham de levar papel higiénico, porque havia já na altura uma racionalização do papel higiénico. Achei isso curioso! Pronto, ok, então vamos ver em que é que podemos melhorar, porque não faz sentido cada miúdo levar um papel higiénico. Vamos juntar-nos para arranjar um saco grande de rolos... A questão é que há coisas que podemos ser nós a fazer, evitando que os professores e os miúdos, sejam eles propriamente a preocupar-se com estas coisas mais práticas.

C: Então considera que o sucesso educativo está diretamente relacionado com uma maior aproximação da escola aos encarregados de educação e dos encarregados de educação à escola. Há pouco estava a dizer-me que os pais que participam, coincidência ou não, são os pais das crianças que têm melhores resultados.

P: Sim, certo! Um bom aluno... pode ser um bom aluno em dois aspetos: a nível comportamental, cívico e educativo, resultados escolares. A questão da participação dos pais... e os pais percebendo que os miúdos convivem todos, de uma forma civilizada, precisam, digamos... de ter... saber comportar-se dentro da aula, com todos, com as diferenças... E eu acho que, a educação, essencialmente, primeiro vem de casa. Portanto, começa logo aí. Depois, os miúdos passam, quase metade do dia, fora de casa. Portanto, essa metade que passam fora de casa, parece-nos bem que seja bem passado, mesmo a divertir-se, a aprender ou outra coisa qualquer. Que seja bem passado. Portanto, se nós tivermos a consciência que os nossos filhos o passam bem... estamos a ver o que eles estão a fazer ou saber onde é que estão, estamos a criar as condições possíveis para eles passarem bem o dia. Acho que isso é importante e os pais ficam mais descansados. Eu penso que, se os pais tivessem uma visão mais realista, no sentido em que “Eu tenho um filho, mas não é só chegar lá de manhã e despeja-lo na escola. Chego ali e deixo-o ali à porta ou no meio da estrada e depois só me preocupo em não me esquecer de ir lá busca-lo ao final do dia. Depois não tenho sequer paciência para o aturar, não o ajudo a fazer os trabalhos de casa, porque não tenho tempo, etc., etc.” Portanto, e, sabendo que é importante. Nós, por exemplo, convidamos os pais a entrar, vir ver como é que estão os filhos aqui dentro, ver o que eles fazem, ir ao refeitório, ver o problema do refeitório que é um problema neste momento aqui, porque são muitos alunos, o espaço é pequeno, como é que eles...qual é a ordem, como é que eles almoçam, o que eles comem... Porque ainda existe, por exemplo a ideia errada que os miúdos comem muito mal nas escolas, quando eles comem é muito bem. “A, o meu filho diz que a comida não sabe a nada.” Pois não, a comida não sabe a nada, não tem temperos, porque não pode ter aquelas...não pode ter açúcares, portanto é racional, é uma alimentação racional. Por isso, é importante. Há pais que só vindo à escola, só estando cá é que sabem exatamente o que é que se passa, porque, por exemplo, no ano passado tivemos um problema... No ano passado tivemos que resolver uma questão que esclarecemos com a empresa que fornece a alimentação à escola, em que os pais, na sua

grande maioria criticava a alimentação. Diziam que não prestava, que era fraca e que, portanto, não tinha sabor. E então perguntámos porque é que eles achavam isso. “Então porque o meu filho diz, porque ele não come aqui, vai ao bar, porque aqui a alimentação não presta. E pedimos esse esclarecimento à entidade que fornece a alimentação à escola que, por acaso, é também a que fornece a alimentação a 90% das escolas do país e é-nos esclarecido por uma nutricionista todos esses pormenores que os pais gostariam de saber e mandou informação importante para os pais, porque, até o peso da comida...o que não quer dizer que não haja falhas. Acontece em tudo, mas hoje é carne, amanhã é peixe e é uma alimentação equilibrada e miúdos que, que... No fundo o que é que descobrimos depois? No fim desta conversa toda e deste esclarecimento... Aquele miúdo, se for peixe não come, vai ao bar. A sopa não tem, a carne... O importante é que ficámos a saber que, se o miúdo vai ao refeitório e só quer o segundo temos que lhe dizer que tem de levar a sopa e só come mais, só repete se comer a sopa também. São pormenores que parecem insignificantes mas são importantes, são barreiras importantes a ultrapassar. Esse aspeto, por exemplo, está quase esclarecido, a não ser para os pais que sejam novos, mas entretanto já me perdi com a resposta. (sorri)

C: Perguntava-lhe se a aproximação dos EE à escola contribuía para o sucesso educativo?

P: Certo! Sim, e cada vez mais, porque os pais...os professores cada vez mais pretendem ter alunos que sejam bem comportados, que não façam muito barulho e, para poderem dar a matéria que pretendem e que os alunos mostrem interesse. Claro que depois também tem um trabalho da parte do professor que é mantê-los atentos e interessados, porque há professores que eles próprios não contribuem para a atenção dos miúdos e eles próprios... Não somos todos iguais! Ou têm mais dificuldade, ou têm um problema ou outro, andam mais chateados e eu lembro-me que há professores que mantém os alunos com uma atenção muito elevada e sei que há turmas...que outras turmas com o mesmo professor, já é mais barulho, também depende do professor. Mas os professores...eles notam...por exemplo este ano eles notam que os alunos estão diferentes...para melhor e que... Depois há um problema em quase todas as escolas, que basta haver um aluno destabilizador ou dois que não tenham interesse nenhum e que só estão lá por que os pais os obrigam, porque senão não recebem o salário mínimo e pronto, está tudo estragado!

C: Na sua opinião, qual é o papel da Associação de Pais aqui na escola?

P: O papel é sempre servir de elo de ligação entre os alunos, os pais e a escola, portanto, estar ali neste triângulo, estar ali também no meio, porque há miúdos que têm um problema e não contam aos pais e, se for preciso contam ao funcionário que depois... Muitas vezes não vão ter diretamente connosco, até porque não estamos aqui a tempo inteiro e os funcionários vão ter connosco dizendo “tenho um assunto interessante, se vocês pudessem ajudar...” Estou agora a lembrar-me que temos aí um aluno que não vai à aula, simplesmente não vai, falta às aulas todas, anda sempre por aí, sempre um bocadinho perdido. Estamos a ver o que é que se passa com o miúdo. Pois claro que entretanto... Isso imediatamente, porque depois temos os psicólogos e a escola depois também tem um papel importante. Mas nós aí, se calhar somos os primeiros a ir ter com ele, a saber onde é que os pais moram, o que é que o preocupa, porque é que ele não vai à escola, não vai dentro da sala de aula, porque a funcionária não o pode obrigar. E há problemas que a direção quer falar, quer transmitir aos pais, reuniões, projetos, ideias, que nos pedem a opinião: “O que acham, vocês como pais, como é que isto vai ser recebido? Acham boa ideia, não acham?” E depois ainda nos dizem: “É pá, ainda bem que nos lembraram disso, porque não nos tínhamos lembrado desse pormenor.” Sei lá, no final do ano temos feito sempre uma festa, onde os pais estão presentes com a direção ali a divertir-nos com desporto, com música e um lanche partilhado, para depois os professores também, de uma forma divertida estarem mais descontraídos com os pais. Nós pais fazemos isso. É claro que aqueles pais mais ativos na direção, são aqueles que têm mais trabalho complicado às vezes. Os que estão desempregados, os que infelizmente não têm trabalho, por outro lado, aqueles que têm um bocadinho mais de tempo não participam. Se calhar as pessoas andam desanimadas, da maneira que o país está, mas também, por outro lado, não é só de há um ano ou dois. Isto já vem...é um mal de raiz. É uma questão de mentalidades.

C: Como é que caracteriza então a relação dos professores com os EE, neste caso em concreto da Correia Mateus?

P: Acho muito positiva, na generalidade, acho muito positiva. Um ou outro conflito, porque esta escola tem uma variedade elevada de etnias e portanto, temos miúdos de muitos países, mas que é normal. Portanto, haver mais ou menos conflito, de uma forma geral, eu penso que, quem não conhece tem uma ideia, talvez errada ou menos boa,

porque voltando um bocadinho atrás... Esta escola há uns tempos atrás teve alguns problemas que, se calhar todas as escolas têm. Eu atrevo-me a dizer que, com certeza, todos têm. O problema é que, como em tudo, numa empresa, numa pessoa, numa escola, numa instituição é muito mais difícil elevar a instituição e criar-lhe um nome, um nome positivo, com uma boa classificação do que deitá-la abaixo, porque é impressionante como as más notícias espalham-se sempre. Portanto, essa má ideia de que a Correia Mateus era um gueto de alunos mal comportados, ciganos, arruaceiros... está completamente esbatido e não é por acaso que esta escola tem dos melhores alunos já na universidade, já em várias escolas secundárias... todos os bons alunos são daqui. E hoje temos inclusivamente testemunhos de pais que vieram a público dizer que trouxeram os filhos de escolas, de liceus particulares, por diversas razões. Trouxeram-nos para aqui e bem dita a hora em que o fizeram, porque tiveram a oportunidade de pôr os filhos, de os confrontar com outras maneiras de pensar, com outras classes sociais, outros comportamentos, lidar com alunos mal comportados e saber lidar com isso, porque são como um pássaro que está dentro de uma gaiola e de repente liberta-se para um espaço muito maior. Porque se não estiver habituado a conviver com “outros pássaros” digamos, é muito complicado, porque vai-se abaixo, portanto, mas depois há altos e baixos. As pessoas aprendem com elas próprias a defenderem-se dos miúdos, dos palavrões, do “és muito gordo”, do “és um caixa de óculos”... Portanto, enquanto isso, noutra escola nem era permitido chamar, aqui chamam, fazem, mas depois aprendem e saem daqui mais fortes e estão muito mais preparados e isso é o que de positivo esta escola tem. Temos pais que diziam: “Foi a melhor coisa que eu fiz, porque o meu miúdo era um betinho, era um tantan, até metia aflição e hoje é um miúdo super desenrascado e já não quer o pai para nada, só para assinar no final do ano ou no início, o papel do encarregado de educação, mais nada. Já lida com qualquer colega sem vir a chorar para casa e dizem que antes, antes disso, chegavam sempre a chorar a casa, porque alguém lhes chamou nomes e agora já lidam com isso de forma divertida e inclusivamente já se juntam a esses grupos que lhes chamavam nomes.

C: E com os restantes funcionários, nota que existe igualmente uma boa relação?

P: Sim. Os funcionários são excelentes, mais simpáticos, menos simpáticos, com em tudo, mas todos eles encaram-nos como uma colaboração.

C: Considera que existe uma boa comunicação entre os EE e a escola?

P: Não! Não porque... porque os pais... mais por parte, por culpa dos pais, porque são 600 alunos e se a escola fizer 600 telefonemas a dizer “Olhe o seu filho está bem!” Só que seja isto, ou “O seu educando teve um problemazito, o seu educando não fez o trabalho de casa, ou isto ou aquilo, ou o seu filho não vai para uma atividade...” Por cada aviso que se fizer, por cada situação, mesmo que seja de pequena importância, se não for o pai a vir cá e a chamar a atenção ao aluno, se há um aviso e ninguém lê, a escola não pode contactar os pais todos, um a um. É caro, é complicado, porque os pais estão a trabalhar e nem todos atendem. Acho que a comunicação tem de ser feita também, mais da parte dos pais, são os primeiros interessados. Claro que a escola contacta os pais mais problemáticos, aliás, que os alunos sejam mais problemáticos, contacta-os. Se calhar... mas é ao fim de algum tempo, não há outra forma de falar com o aluno, faltou muitas vezes, tem um problema qualquer, então essa falta de comunicação não é... não falha da escola para os pais, mas sim ao contrário.

C: E no fundo existem os meios de comunicação não são é bem utilizados...

P: E eles não os conhecem... existem vários, cada vez mais. Neste momento consegue-se saber se ele almoçou, se não almoçou pela internet, para saber se está aqui, se não está, porque há um cartão de entrada que regista a entrada, se o miúdo entrou, portanto, esse tipo de coisas. Qual é a ementa, qual é a atividade, inclusive qual foi a matéria que foi dada a determinada disciplina e há pais que desconhecem... ainda há uma grande dificuldade nesse sentido.

C: Quais são os assuntos debatidos nas reuniões da Associação de Pais onde verifica maior ou menor participação dos EE?

P: Tudo o que tenha a ver com assuntos relacionados com... a... que influenciam diretamente e que sejam mais graves para a vida escolar do educando, eles aparecem. Graves no sentido em que... sei lá... por exemplo, no género... o refeitório. É um problema que os pais mais manifestam interesse em resolver e nós, no ano passado tomámos uma atitude que foi, acompanhar os miúdos no refeitório... Todos os dias os pais da associação... vinham cá dois pais e ajudavam na orientação dos miúdos no refeitório, nas filas, para não passar ninguém à frente. E conseguimos com isto que os miúdos passassem de meia hora, 45 minutos para almoçar, passassem a 10 minutos, porque não havia ninguém a passar à frente, cada um seguia a sua ordem e nós não

deixávamos. Mas para isso, tivemos que... para termos essa autoridade, tivemos de incluir isso no Regulamento Interno da escola. Os pais estão autorizados a participar e a colaborar nos almoços e, portanto, foi uma ajuda muito grande, porque os miúdos sentiam-se... “Ok, eu sei que vou almoçar e sei que daqui a um quarto de hora estou na rua, porque não há mais ninguém, não há mais ninguém mais velho a passar à minha frente.” Porque não pode haver um funcionário ou um professor por cada aluno e, portanto, quando isso foi um problema grave... agora é grave pela quantidade, mas no ano passado era grave pela desordem em si, porque temos mais alunos. Aí os pais, sim, querem ver o problema resolvido. Portanto, estamos a tentar resolver e contamos resolver isso num curto espaço de tempo. Há os problemas económicos, mas isso é uma barreira muito grande que está a dificultar esse problema, a tornar isso mais complicado. A nível pedagógico... nesse aspeto os pais não participam muito, porque... A não ser que o aluno tenha alguma coisa na caderneta, seja uma situação muito grave... No fundo, é essencialmente comportamento e funcionamento interno da escola em que os pais participam e sugerem umas alterações.

C: Quais são as dificuldades que identifica na participação dos EE na Associação de Pais?

P: Os pais dizem que não podem participar pela falta de tempo. Basicamente é isso! Nós sabemos que isso é uma desculpa. Há uma grande parte dos pais que não conseguem mesmo, mas a maior parte dos pais dizem que não tem tempo. Eu também trabalho e o meu horário não é certo, trabalho por turnos e também tenho colegas enfermeiros que também trabalham por turnos e têm conseguido sempre. Pode é não ser naquele dia, pode ser no outro e de uma forma ou de outra concilia-se o tempo e o horário para reunir, para falarmos, para tratarmos dos problemas que são de todos. Agora, quando não existe uma vontade para resolver para fazer mudar, porque a mentalidade é essa. O problema do povo português é que são muito conformistas, eu acho que a maior parte dos pais ainda o são. Conformam-se com tudo e acham que não vale a pena e não participam. E para não dizerem “Eu não quero participar!” dizem “Eu não tenho tempo!”

C: E enquanto presidente da Associação de Pais, quais são as dificuldades que encontra?

P: O facto de ser presidente rouba-me mais tempo, isso sim, porque tenho de estar, quer queira, quer não, mais envolvido, mas também, quando tenho estado como vice-presidente... Tenho ajudantes que me podem substituir quando eu não estou, portanto, tenho... Posso não conseguir substituir naquele dia, mas pode ser no outro, mas não acho que seja... No fundo, tenho de estar mais presente do que se não fosse presidente. É só isso!

C: Considera que a escola é apelativa, é acessível a todos os EE?

P: Sim, cada vez mais acessível e apelativa e notamos uma grande abertura da parte dos professores e dos funcionários que... É como a questão das obras que vamos fazer ali. Os pais, a escola informou... Porque nós pedimos autorização ao Ministério da Educação, à Câmara Municipal de Leiria, à escola, ao pedagógico e a escola informou os funcionários, os professores e ficaram todos encantados e desertinhos... “Então e quando é que começa?” Porque tudo o que traga ordem e que traga uma mais-valia para a escola, os professores e os funcionários são os primeiros a concordar com isso.

C: Então acha que a escola está preparada para ter uma maior participação dos EE?

P: Sim, está. Nesse aspeto não há entraves.

C: E de que forma é que a Associação de Pais incentiva a participação dos EE?

P: Pronto, nós não temos, a Associação de Pais não tem um fundo económico para poder fazer, organizar festivais, organizar espetáculos... achamos que isso seria uma forma de chamar os pais, porque os pais querem... só vêm, como estava a dizer há bocado, quando há festas, festivais ou uma coisa do género e isso requer muito tempo da nossa parte para organizar e dinheiro, que é isso não temos. Porque, o que é que... estas obras que lhe falei, que vamos fazer ali, aquele telheiro que fizemos... Foi a Associação de Pais que construiu e no fundo vai fazer, mas com que dinheiro? É o dinheiro que os miúdos pagam do aluguer dos cacifos, das mochilas, não é?

C: Que também é a Associação de Pais que gere, não é?

P: Sim, aqui somos nós que gerimos. Portanto, esse dinheiro que é devidamente contabilizado e gerido e mostrado a todos os associa... a todos os pais aquando as reuniões... as contas são mostradas, o dinheiro que existe é aquele e onde é que ele foi gasto e portanto, é dessa forma que tentamos mostrar aos pais que estamos cá, se existe algum dinheiro, foram eles, através dos alunos, dos seus filhos que colaboraram na

requisição dos cacifos e se forem 1000€ ou 2000€ por ano em cacifos, esse dinheiro vai ser utilizado em equipamentos que a escola não tenha dinheiro para fazer ou em obras como estas. Mas é difícil cativar os pais.

C: Acha que os professores conhecem estratégias de envolvimento dos EE? Acha que eles utilizam estratégias de envolvimento?

P: Não, acho que não seja muito por aí. Poucos professores têm (ou por falta tempo também) poucos professores têm uma preocupação em que os pais venham... em que os pais sejam associados, ou coisa do género. Isso ainda é um bocadinho...ainda é um tabu nessa parte. Ainda é uma barreira a vencer.

C: Acha que os EE têm informação suficiente para se sentirem motivados a participar?

P: A informação é... Temos cada vez mais meios de transmissão de informação, mas é como eu lhe disse. Se for uma informação que interesse aos pais, ou se for uma má informação, sei lá... Imagine que houve um aluno aqui que... apareceu aqui a polícia. A polícia veio cá, houve um arruaceiro e a polícia veio cá. Todos os pais sabem o que aconteceu! Mas se precisarmos de reunir com os pais, porque temos um assunto importante sobre o seu educando, eles não sabem. No fundo, as más notícias eles conseguem saber, agora as boas não se preocupam. Cá está, por falta de interesse, mas não é por falta de formas de transmitir a informação aos pais, cada vez fazemos mais isso, mas também depende deles. Os pais têm de se consciencializar que, se não forem eles os primeiros a tomar, a mostrar o mínimo de interesse, é difícil! Por exemplo, estou-me a lembrar que nós entregámos aqui uns cacifos aos miúdos e os pais não sabiam, outros não... a informação estava assim um bocadinho... nalguns casos um bocadinho esquecida, mas lembro-me, num desses dias que a filhota estava a ser vítima de bullying. Eu perguntei-lhe de que ano é que era a filha e era do 5º ano e entrou agora, mas já era vítima de bullying. Roubam-lhe o cartão e depois levantam comidas e bebidas com esse cartão, porque os miúdos têm um cartão de identidade que serve para levantar dinheiro. O cartão é carregável pelos pais, mas depois serve para descarregar no almoço, no refeitório. A miúda estava a ser chantageada. Conclusão, perguntei-lhe... O pai achou-se na obrigação... achava que a Associação de Pais tinha a obrigação de lhe devolver o dinheiro. E eu disse-lhe “Não a Associação de Pais tem a obrigação de saber o problema e de participar à escola e de ajudar na resolução do problema. Agora

não tem as soluções mágicas! Como sabe, o bullying é generalizado e existem vários problemas de bullying, agora se você considera isso bullying... Para mim, nem sequer chegámos aí. Quer dizer, a miúda é pequenina, entrou agora... É imaturidade, é uma adaptação que está... a miúda está a ter.” Isto foi caricato, porque entretanto o pai estava ali, a falar, a dizer que a escola não resolve nada. E eu disse-lhe “Já foi à escola, já falou com o diretor, já informou quem é a pessoa que está a fazer isso com a sua filha?” e ele disse “Mas não me interessa falar com a escola, senão a escola depois vai repreender o aluno ou a aluna, mas depois a aluna vai sofrer represálias e eu tenho medo disso, então quero saber o que é que a Associação de Pais tem a fazer?” Eu disse-lhe “É pá, você está-me a fazer uma pergunta muito curiosa. Primeiro o que você tem a fazer é falar com a aluna, vai ter com a aluna e fala com ela” “Mas aquela aluna é filha de uns ciganos e eu não quero problemas com eles.” “Então mas se você não quer problemas, então... Você é pai, acha que nós Associação de Pais temos que resolver este problema? Nós convidamo-lo a fazer parte da associação de Pais, falamos consigo...” Conclusão, entretanto a miúda chega com o grupo de amigas, em que do grupo de amigas fazia parte essa ciganita. Conclusão, aquilo era tudo uma brincadeira em que a miúda era de etnia cigana e efetivamente usava o cartão da miúda, porque para se fazer amiga dela também lhe dava o cartão. O pai criou ali um problema, onde não existia e ficou aquilo resolvido no próprio dia. Ele virou-se para a miúda e disse-lhe “Tu não podes usar o cartão da minha filhota!” Elas são do 5º ano, da mesma turma. 2Ah, é que ela era muito simpática e ela é que me emprestou o cartão.” Portanto, a miúda ciganita aproveitava-se da simpatia da outra e tal, mas no fundo não era... não havia ali maldade, nem violência, nada disso, está a ver? O receio era do pai que entretanto acabou por esbater isso. Mas havia de ver a história que ele contou antes... “porque a minha filha, onde ela estava não se passava nada disto...” E depois, não deu tempo ao tempo para as coisas amadurecerem e já estava a criar ali um problema bocado em que se fosse ter com a direção, ia perder tempo e a conclusão final não passava de uma adaptação. Depois eu também lhe disse “Ou a miúda não traz dinheiro no cartão e faz as compritas dela aqui ou arranja outra forma de... da miúda de...” “Esqueci-me do cartão, não te posso dar o cartão...” Só precisava do cartão para entrar na escola e para sair, as senhas do refeitório podia ir comprá-las diretamente... Portanto, o pai tinha muitas formas de resolver o problema, mas a ideia dele era que nós tínhamos a solução mágica para

resolver o problema da miúda na escola e eu achei isso muito curioso. Mas... de uma forma quase arrogante, quando ele estava era revoltado com a situação que achava que... e eu próprio. Quer dizer, então eu estou a trabalhar e estou a dar dinheiro a pessoas que roubam à minha filha, quer dizer... Isto, sem saber me contar isto, já estava aqui a arranjar um problema que não era... que podia ser complicado de resolver. Isto também para poder perceber um bocado esta situação.

C: Agora, para terminar, soube que têm um Plano de Convivência. Eu gostava de saber qual é o papel da Associação de Pais neste Plano.

P: O Plano tem a ver com o facto dos alunos e professores e pais tentarem de uma forma mais correta e simples possível resolver os problemas que haja e os atritos que haja para resolver. É a mesma coisa que os jogadores utilizam nos jogos de futebol, o Fairplay. Portanto, no primeiro fairplay que detetamos que há e transmitir. Porque qualquer mau estar que haja, pelo menos, primeiro, pensar que esse mau estar não passa disso mesmo, porque é um mau entendido, porque... sei lá... Se mandarem a minha filha embora, por exemplo, eu, como pai... Não ir já ter com o professor, ou melhor, não criar já um problema com a direção “A minha filha foi expulsa e quero saber porquê!” Para ver primeiro se o professor tem razão. Mas, no fundo, não criar problemas onde eles não existam. No fundo, tentar ser o mais simpáticos, o mais agradáveis possível com os professores, alunos, funcionários. É um bocado por aí. É claro que existem normas que a escola pretende que sejam feitas... não fazer barulho aqui dentro, que os miúdos sigam determinada ordem para as salas, haver determinados procedimentos, para que todos convivam sem chocar nas formas de pensar, nas formas de trabalhar, é isso.

C: É só. Obrigada!

O EE membro do Conselho Pedagógico concordou em deixar-me entrevistá-lo para a minha investigação. Está reformado da profissão de bancário e, no ano letivo passado fez parte do Conselho Pedagógico, como representante dos Encarregados de Educação. Perguntei-lhe se podíamos requisitar a sala da Associação de Pais para estarmos mais à vontade e ele aceitou com muito entusiasmo e vontade de partilhar a sua experiência.

C: Participou sempre na escola do seu educando? Sempre ativamente?

F: Geralmente sim, desde o jardim-escola, participei sempre, mesmo a nível de festas, reuniões, tudo.

C: E a nível de órgãos de gestão da escola, como o conselho pedagógico, mais concretamente?

F: Não, só quando vim para esta escola é que eu, de facto, comecei a fazer parte primeiro, como representante dos pais da turma. Depois, a seguir houve eleições para a Associação de Pais, para ser o Presidente da Assembleia Geral.

C: Houve algum momento em que acha que foi mais ou menos participativo? Nota que teve sempre a mesma participação desde o pré-escolar até agora?

F: Quer dizer, não posso considerar a mesma, na justa medida que eu, no 1º ciclo não pertencia a nenhum órgão, digamos ativo da escola, nomeadamente a Associação de Pais. Desde que ela veio para esta escola posso considerar que estou muito mais ativo, até por o acompanhamento ser forçosamente diferente.

C: Quando era convocado para as reuniões do Conselho Pedagógico conseguia estar sempre presente?

F: Sim, salvo raras exceções, estive sempre presente.

C: Eram sempre num horário acessível?

F: O horário do Conselho Pedagógico que era sempre à 4ª feira e começava, mais ou menos às 16h, não podemos considerar que era um horário acessível aos pais que trabalham que não era! Eu, como já estou reformado, tinha essa vantagem que os outros não têm. Podia organizar-me de modo a vir. As vezes que não vim, foi por motivos de

força maior, avisava e pedia atempadamente ao meu substituto para vir cá substituir-me, portanto, claro para ter sempre conhecimento do que se passava. Portanto, em termos do nosso horário de trabalho ou de um pai que trabalhe neste horário, este horário não é fácil. Só quem tenha uma profissão liberal ou tenha alguma flexibilidade pode vir. É complicado!

C: Costumava intervir nas reuniões? Normalmente em que assuntos é que se sentia mais à vontade?

F: Sim. Em assuntos... É assim, primeiro comecei a aprender o que era um Conselho Pedagógico e segundo só me atrevia a intervir no dizia respeito aos alunos e de acordo com a minha sensibilidade e a minha cautela para intervir. Aliás, intervia sempre pedindo desculpa aos professores “Desculpem a minha ignorância, mas eu penso isto assim, assim.” Tentei sempre salvaguardar, digamos... a minha posição perante os professores e salvaguardar sobretudo, em não me imiscuir em assuntos que não eram da minha área, da minha competência. Podia estar a dizer... mas levantei algumas questões para me tentarem esclarecer e quando tinha dúvidas levantava para tentar perceber e tentar, digamos (como é que hei de explicar) tentar apoiar, se for o caso ou se for necessário. Pediam-me a minha opinião sobre determinado assunto e eu acautelava sempre, tentava não hostilizar ninguém enquanto era algo que não concordava. Mas, em princípio entrei sempre em diálogo, de forma correta e de tal modo que todos disseram que gostavam que eu estivesse por cá.

C: Consegue-me dar algum exemplo de alguma intervenção que tenha tido na reunião e que tenha sido posta em prática? Alguma mudança, alguma sugestão?

F: Agora, assim de repente, as sugestões que eu dei, diziam respeito a castigos disciplinares a alunos que me pediam opinião sobre esses alunos sobre aquilo que eu pensava. Depois, noutra altura também estava-se a discutir uma turma que tinha um mau comportamento. Dizia um professor “A turma tem um mau comportamento!” e eu disse “A turma tem mau comportamento ou são três ou quatro alunos que têm mau comportamento? Se é isso, a medida a tomar é para tentar resolver o problema destes alunos e a turma não deve ser julgada por meia dúzia deles, ou por três ou quatro.” Eu sabia que naquela turma haviam praticamente quatro indivíduos que eram indisciplinados, que falavam, que eram constantemente postos na rua... Mas agora não podemos estar a penalizar uma turma inteira por causa disso. Depois intervi, mas isso

sem problemas de maior na definição dos alunos que iam receber o quadro de honra e excelência... intervi nisso. Intervi em questões... quase sempre eram questões disciplinares, portanto a dar o meu parecer. Assim, outros assuntos de relevância não, porque eu acredito sinceramente que em 90% das reuniões o pai não estava ali a fazer nada! Eu estava lá, penso eu, que era para dizer que estava lá e até certo ponto... Eu percebia nas entre linhas, quando vim cá fora “O senhor não faz cá falta”, porque o facto de estar ali um elemento estranho para os professores, havia alguma cautela em assegurar algumas situações, em escutar ou empolar algumas situações. Havia, digamos, alguma contenção, se calhar, na linguagem que se utilizava, mas de facto, nunca tive problemas nenhuns. Antes, pelo contrário, trataram-me sempre muito bem. Foram sempre muito corretos comigo e não tive nenhuma reunião de Conselho Pedagógico que fosse menos dignificante ou que houvesse um comportamento... Não, tudo bem.

C: Sentia-se à vontade para analisar criticamente instrumentos de gestão, como o Projeto Pedagógico ou o Regulamento Interno?

F: Inicialmente não, mas depois... uns anos... os quatro anos, cinco anos que lá estive, sim. Fui aprendendo, depois fui consultando os decretos-lei e isto e aquilo e dava a minha sugestão sempre e era, posso dizer que era muitas vezes provocado pelo senhor presidente. Muitas vezes quando não me ouvia a intervir, perguntava-me “Qual é a sua opinião?” e eu dava-lhe a minha opinião, mas voltava a dizer que era a minha opinião pessoal, como pessoa. Pode até não corresponder à opinião da generalidade dos pais, mas pronto, é aquilo que eu penso da vida e da escola, do dia-a-dia.

C: Se bem me lembro, tinha-me dito que o Sr. Fernando ia sempre sozinho às reuniões do Conselho Pedagógico, como representante dos pais, certo?

F: No Conselho Pedagógico era quase sempre eu que estava lá. O representante do 1º ciclo nunca apareceu, era sempre eu. Ia como representante dos pais e como representante da Associação de Pais, porque havia uma altura que, aqui na escola, o elemento era escolhido pela Associação mas não fazia parte de facto da Associação como membro. Eu fazia parte, era representante da Associação de Pais e ao mesmo tempo fazia parte do Conselho Pedagógico. O vice-presidente fazia parte do Conselho Geral e depois tínhamos as pessoas que nos substituíam quando nós por algum motivo não podíamos estar presentes.

C: Como é que acha que tem evoluído a participação dos EE ao longo dos anos?

F: Os EE no geral, não é? Não tem nada a ver com os corpos diretivos, na Associação?

C: Sim, no geral, no geral.

F: Eu acho que houve até alguma degradação! Eu posso dizer que na primeira reunião que eu fiz da Assembleia Geral tive cinquenta e tal pessoas e na segunda tive treze ou catorze. Depois, no resto das atividades que nós fizemos e as atividades que nós fizemos em que havia comes e bebes, dados pela Associação, do tipo piquenique, tivemos sempre gente, reunimos e até foi interessante! Tudo o que... Lembro-me uma vez que tivemos uma reunião com um psicólogo que veio falar sobre matérias interessantíssimas para os pais, coubemos todos na biblioteca e eramos para aí uns vinte, no máximo! Uma escola que tem um universo de, mais ou menos, em termos gerais quinhentos alunos. Partimos do princípio que deveriam cá estar quatrocentos pais, já fazendo aqui um desconto muito grande. Portanto, ninguém aparece! Tanto em reuniões que agente possa fazer para esclarecer, como em festas da escola... por exemplo, quando há a entrega do quadro de valore e excelência, que supostamente devia ser uma festa para a escola e os pais virem cá. Não todos, mas uma maioria, mas não. Vêm os pais dos alunos premiados, mais os avós e os tios e os primos... Numa sala relativamente pequena, cabe tudo! Numa sala de aula ou numa sala multiusos, ou outra qualquer. Portanto, não há grande participação. A sorte que temos tido, (pelo menos desde que eu tomei conta disto e agora já passei a pasta completamente) foi o facto de termos feito coisas extraordinárias. Não sei se reparou na entrada da escola? Aquilo foi iniciativa da Associação de Pais, fomos nós que arrancámos com aquele projeto, depois tivemos, de facto a colaboração da escola através da DREC, mas, de facto, tudo o que está ali feito deve-se ao empenho da Associação de Pais e da colaboração depois da escola, da junta de freguesia, da câmara... Toda a gente colaborou, mas foi o pontapé de saída, digamos que, o início do jogo foi feito pela Associação de Pais. Já começámos com este projeto há dois ou três anos, mas só este ano é que o conseguimos concretizar.

C: E a nível de órgãos de gestão, nota que há interesse em participar, como o Sr. Fernando no Conselho Pedagógico ou no Conselho Geral?

F: Não, não têm. Se lhe disser que a maior parte deles recusa. Nas várias vezes que eu vim, foi pelo menos uma vez por ano, que eu estava lá em cima para a renovação dos cacifos dos pais, eu normalmente... Portanto, nós estabelecemos uma regra para obrigarmos os pais a ser sócios da Associação de Pais, porque a esmagadora maioria

não o são, não querem ser da Associação de Pais, porquê? Porque... Ah, então a regra que eu pus... Que eu pus não, que nós estabelecemos foi, em parceria com a direção, quem fosse sócio pagava 5€ e tinha direito ao cacifo. Quem não fosse sócio tinha de pagar 7,5€ para ter direito ao cacifo, porque diga-se de passagem que os cacifos não são nossos. Os cacifos são da escola, mas como a escola não pode, digamos, ter uma atividade para tirar dinheiro. Não pode. Não pode, senão a inspeção... E como nós não tínhamos receitas, acabamos por não ter receitas, a não ser através dos cacifos. Portanto, a regra já se estabeleceu, fizemos uma carta toda “xpto”, tudo explicadinho como é que funcionava, pusemos num envelope, pus lá os estatutos... Cheguei à conclusão que ninguém tinha entregue os estatutos aos pais. Entregámos aquilo tudo, entregámos uma fichinha com todos os dados para a gente ter o telefone das pessoas, quando quisesse entrar em contacto com eles, quer por via sms, quer por via email. Nós queríamos ter aquilo tudo certinho, até a atividade dos pais, para quê? Para um dia que a gente quisesse fazer qualquer coisa à escola, consultávamos as profissões dos pais e conforme a profissão que ele tinha, a gente ia lá bater. Pois, posso-lhe dizer que, a grande maioria dos alunos, quando iam requisitar o cacifo eu perguntava “então o teu pai não quer ser sócio?” “Não, a minha mãe não quer ser sócia!” E os pais que iam lá diziam “Porque depois isso dá muito trabalho e eu tenho que vir cá e depois isso é uma chatice. Eu prefiro ter de pagar os 7,5€, não quero nada disso!” Portanto, a postura dos pais, da maior parte dos pais é exatamente esta! Eu continuo a dizer que os pais, (e pronto, condene-me se quiser) que os pais se divorciaram da educação dos filhos. É um facto consumado, é um facto comprovado todos os dias na relação com a escola. E aqueles mais difíceis, aqueles que mais precisavam de vir cá à escola para ver como é que anda os seus filhos, são aqueles... Esses é que nunca vêm cá! Mesmo quando são convocados pela escola, às vezes é preciso ir lá a GNR buscá-los. E esta sala devia ser utilizada quase todos os dias, porque são muitos professores diretores de turma para receber pessoas, ninguém aparece. Aparecem meia dúzia de gatos pingados. Quando é as notas, aparecem os pais para receber as notas dos filhos, nas reuniões com o diretor de turma. Eu, às vezes, também não venho, porque coincide quase sempre com férias, mas a minha filha, de facto não tem... Não só não tem problemas de aproveitamento, como também não tem problemas disciplinares, portanto, se não se estregar, sai ao pai. (risos) Mas, portanto, nota-se esse afastamento dos pais na educação dos filhos e na relação

com a escola. Vêm a participação nos órgãos como uma perda de tempo e depois aparece meia dúzia de “cristos” que se oferecem para aqui e enquanto esses estiverem está tudo bem, mas depois, há sempre o grande problema de quem é que vai substituir quem. Quando eu entrei, como era o presidente da Assembleia Geral, o presidente dessa altura convidou-me logo para vir a todas as reuniões e eu comecei a vir. Foi quando ele me convidou para o ajudar. Convidámos todos os representantes dos pais, de todas as turmas. Eram vinte e sete turmas, apareceram doze pessoas. Era mesmo o número à justa para se formar a Associação de Pais. E dessas doze pessoas só uma parte é que se disponibilizou para fazer parte da Associação de Pais. Depois tivemos de ir buscar alguns de passagem e eu fiquei como presidente. Depois, dois anos do fim da minha filha, (é este ano que ela acaba) eu tenho que começar a pensar no meu substituto. Então, no ano passado, convidei o Paulo que era o vice-presidente na altura e disse-lhe “Ó Paulo, você é a pessoa indicada para isto. Eu fico na direção mas fico só para vos ajudar. Depois acabei por ficar como tesoureiro. Agora, convém começarmos já a tratar das outras pessoas todas e foi uma dificuldade tremenda para arranjar. Este ano tivemos sorte que apareceu no 5º ano, apareceu alguns pais que à partida já pertenciam às Associações de Pais das respetivas escolas e como eram nessa altura dos Pousos. Eu era de Leiria e pus aqui a minha filha por opção, porque conhecia a Diretora da escola na altura e assim tinha mais informação sobre ela. Não queria que fosse tratada de maneira diferente, só queria estar mais próximo dela. Quando cheguei aqui tinha muita dificuldade em entender como é que isto funcionava e eu achei que a melhor maneira de acompanhar a minha filha seria fazer parte dos órgãos da escola. Mas a grande maioria dos pais é dos Pousos. Eu como era de Leiria e a minha atividade profissional não tinha relações todos os dias com as pessoas, eu tinha dificuldade em conhecer pessoas para convidar para cá. Este ano compôs-se, com alguma dificuldade, mas conseguiu-se. E felizmente, agora a Associação de Pais está a funcionar. Era uma meta que eu tinha a atingir: no dia que isto estiver a funcionar eu vou-me embora!

C: Na sua opinião o que é que pode aumentar ou melhorar a participação dos EE na escola?

F: A maior responsabilidade da parte dos pais. Não vejo outro. Os pais interessarem-se mais. Isto de dizer que não tenho tempo, é uma atitude generalizada. Os pais desculpam-se, mas no momento seguinte, se passarmos por ali num bar, estão a beber

uma cervejinha com os amigos, vão ao futebol... De facto, há um afastamento, porque os pais meteram na sua cabeça... Mas isto vem um bocado mais detrás, porque tem a ver com a educação que receberam dos próprios pais. Os pais que não acompanham os filhos agora, quando os filhos deles forem pais também não vão acompanhar os filhos de certeza. Eu como sempre acompanhei os meus filhos, já tinha sido membro da Associação de Pais da escola dos meus filhos mais velhos quando eles estudavam, portanto, eu tive sempre esta costela. Até diria (desculpe a pretensão da minha parte) eu tive sempre tendência para liderar. Eu fui gerente no banco, fui subdiretor no banco, fui quase sempre de chefia. Portanto, isso criou em mim uma forma de estar nos projetos, digamos, chefiando, liderando. Sempre existiu essa tendência e hoje os pais não têm essa apetência para liderar os seus filhos. Demitem-se da função e como se demitem dessa função, não se agarram à escola. Se um pai viesse aqui uma, duas vezes ou três, ele sem querer ia se interessar por isto. Agora, ele não vem. Portanto, é muito difícil! A escola não consegue fazer mais do que o que faz, porque eles quando pedem para vir... aliás eles têm muita dificuldade e muitas vezes socorrem-se de nós. Nós também respeitamos, enfim... não queremos ir buscar elementos à secretaria para fazermos o que queremos. Nós temos tudo o que nós temos, não conseguimos ter... os pais não aderem, não preenchem a ficha e nós temos poucos meios de os contactar. E, portanto, nem conseguimos mobilizá-los, porque os pais nem sequer nos dão os contactos. E há alguns pais que vêm à Assembleia Geral, dos poucos que vêm, alguns fazem observações e pensam que pelo facto de sermos da Associação de Pais já somos escutas, já somos daquele lado.

C: Acha que é difícil encontrar uma forma de os motivar a participar?

F: É extremamente difícil! É extremamente difícil por falta de contacto, nosso, porque não temos elementos para os contactar. Por abertura dos próprios pais, porque para eles a escola tem a obrigação de educar e ensinar os próprios filhos. Eu acho que é extremamente difícil, não por esta parte, não pelos elementos da Associação de Pais. Isto existe por carolice de meia dúzia de pais e felizmente vai-se arranjando, todos os anos esses “cristos” que vão fazendo algumas coisas, porque, de facto, ninguém se oferece. Se nós não fizermos nenhuma convocatória, 90% dos pais nem sequer pergunta se há Associação de Pais, nem recorrem... recorrem se tiverem necessidade de alguma

informação, uma situação grave qualquer que aconteça para tentar ajudar, recorrem à Associação de Pais, ou nem isso fazem. Está a ver?

C: Como é que acha que os professores vêm a participação dos EE no Conselho Pedagógico?

F: Na altura que isto funcionava, na generalidade, na globalidade, melhor dizendo, os professores aceitavam bem a minha presença, como representante dos pais e digamos, na minha opinião, se for dizer que eram todos? Não, havia um ou outro que não gostava, mas nunca tive nenhuma atitude hostil, mas também penso que se deve um pouco à forma como eu estava na Associação de Pais, no Conselho Pedagógico. Se fosse algum pai mais incisivo nas questões, um bocadinho mais incómodo a apresentar as questões... Não quer dizer que eu não provocasse alguma incomodidade, mas a maneira como apresentava as questões, aligeirava. Falava na mesma nos temas que eram de falar, questionava na mesma, mas não hostilizava. Dava a volta ao texto, embrulhava bem embrulhadinho e nem todos os pais... Não somos todos iguais, como é óbvio e portanto, eu acho até que foi bom os pais deixarem de fazer parte. Às vezes as pessoas têm é que saber estar e saber apresentar. Agora se for lá para discutir, tipo peixeirada. As coisas só funcionam quando as pessoas se respeitam. O respeitar é uma coisa, agora hostilizar é outra, mas a maneira como se apresenta, por si só é uma falta de respeito.

C: Nota que existia consenso entre os professores e os EE no que se refere aos objetivos educacionais?

F: Sim, sim.

C: Considera que uma maior participação dos EE poderia melhorar o relacionamento com os professores?

F: Ó Cláudia, sem dúvida nenhuma, contando com a devida salvaguarda do comportamento dos pais ou a sua postura perante os professores, eu acho que sim. A Cláudia sabe que hoje há um comportamento dos pais muito hostil em relação aos professores. Não só politicamente, mas socialmente se criou uma imagem, enfim, talvez um bocado excessiva, mas não sem alguma razão! Mas levaram aquilo ao extremo, porque também havia professores se calhar, com na sua postura se calhar, excediam-se um bocadinho no falar e isto é aquilo. Mas os professores são provocados constantemente! Se os pais fossem mais abertos, se viessem mais à escola, se falassem mais com os professores, eu tenho a certeza... Até porque hoje, normalmente, em

primeira instância... Se houver um problema qualquer é sempre o diretor de turma que é chamado. Tudo está centralizado no diretor de turma. Agora, era preciso era eu os pais viessem, porque a direção da escola, os professores só podem criar situações de diálogo com os pais se eles vierem cá.

C: Mas nota que há essa abertura dos professores em receber os pais?

F: Há, há. Há porque o diretor de turma é que recebe e o diretor de turma tem um dia disponível. Mas se os pais não tiverem disponibilidade e quiserem marcar para outro dia e outra hora pode contactar o diretor de turma para o seu telefone pessoal.

C: Considera que existe um consenso entre os representantes da Associação de Pais e os restantes pais da escola?

F: Isso está prejudicado pela ausência dos pais. Infelizmente eles nem vêm cá, não nos apresentam problemas. Eu não quero exagerar mas se houver 50 pais nesta escola se interessam pela Associação de Pais, embora muitos não possam vir cá, mas estou a lembrar-me desta obra aqui em cima, em que alguns vieram ajudar, mas são quase sempre os mesmos! Levantam é problemas, porque nós tivemos o cuidado de começar a obra a um fim de semana e houve algumas coisas que ficaram prontas. Pois houve alguns pais que disseram que os miúdos estavam a passar perigo de vida!!!

C: Já me tinha dito que tudo o que é possível fazer da parte da Associação de Pais permite uma boa comunicação com os restantes pais e têm... Pelo menos tentam aceder aos contactos de telefone ou email. Se não conseguem fazer é porque não lhes dão, não é?

F: Nós só conseguimos fazer aos pais que preencheram a ficha para serem sócios da associação, porque os outros não temos meios de lhes comunicar.

C: Mas os pais têm forma de entrar em contacto com a Associação de Pais? Têm acesso aos contactos da Associação de Pais?

F: Sim, os contactos estão fixos no placar. Houve uma altura que eu estabeleci, com concordância da direção, discutimos horários, discutimos disponibilidades e marcámos uma hora naquele dia x para tratar de assuntos de interesse dos pais e da escola. E depois eu tinha o telemóvel da Associação de Pais sempre comigo e ninguém telefonou, nem apareceu cá e nós acabámos por desistir. Fizemos isso durante dois ou três meses e ninguém apareceu cá.

C: Há pouco mostrou-me uma outra perspetiva dizendo que o que o motivou a participar nos órgãos de gestão e na Associação de Pais foi para estar mais próximo da sua filha.

F: Mais próximo e queria perceber como é que isto funcionava. Não podia orientar a minha filha sem saber como é que isto funcionava. Senão podia estar a levá-la por maus caminhos e... É que as pessoas não fazem a mínima ideia de como é que funciona a escola! 90% dos pais, mais de 90% não sabe como é que isto funciona. E depois como leem só os recados e depois não querem saber porque dá muito trabalho, dá muita chatice! Os filhos para eles, em termos escolares... Quando um pai diz que o meu filho até nem se portou mal porque só tirou 4 negativas, veja lá.

C: Quando participa no Conselho Pedagógico quais eram as suas principais preocupações?

F: As principais preocupações na parte da escola, nas coisas funcionais, como é que as coisas são organizadas, como é que... Uma das principais preocupações que eu tinha era, por exemplo as questões do funcionamento do refeitório, como é que havíamos de explorar aquilo... Nós tivemos cá a Associação de Pais e, aliás, está isso no próprio regulamento da escola que eu fiz questão, na altura e disse “Cuidado, nós participamos, mas tem de estar no Regulamento Interno da escola. Um dia qualquer, se tivermos alguma ação mais em força com o aluno, temos de estar protegidos com o próprio regulamento.”

C: Claro!

F: E então fizemos tudo direitinho, foi a escola que fez e os pais... Podiam vir outros pais. Outros pais podiam vir. Veio um ou dois e depois cansaram-se. Era para virmos à hora de almoço e depois estávamos ali em cima. Vínhamos cá todos os dias, uns dois, sempre às refeições para tentar por mão naquilo, porque, de facto, os alunos são impossíveis no refeitório! Já se fez alterações outra vez este ano. Os miúdos mais difíceis para terem outro tratamento, para serem mais despachados... E agora vai-se fazer outras coisas e seguir com isso. Mas, só para lhe dizer, para melhorar este tipo de preocupações. Eu sempre me preocupei, eu... Todos. Não só eu, quando digo eu considere os elementos todos da Associação.

C: Sim, sim. Claro!

F: Nós preocupamo-nos sempre em que isto funcionasse o melhor possível a todos os níveis e como, de facto, a direção da escola, nomeadamente através do senhor diretor, sempre se preocupou também em disciplinar, as regras em consonância connosco, não é? Nós tínhamos reuniões, mais ou menos... Eu pedia mais ou menos todos os meses ou quando tinha assuntos importantes. Eu pedia... Eu telefonava ao diretor da escola e marcávamos sempre, por exemplo uma hora e vínhamos cá, porque queria sempre fazer as reuniões... Não era por mais nada, queria que fosse formalmente. Porquê? Porque era assim, eu escrevia no meu livro de mentiras e ele escrevia no dele (sorri).

(risos do entrevistador)

E depois conciliávamos o que tínhamos a fazer... Nós tínhamos sempre essa preocupação. Depois, no conselho pedagógico, seguíamos sempre a mesma filosofia e as coisas funcionavam, mas a minha preocupação foi sempre as condições dos alunos, se haviam condições, se não tinham, o que é que era preciso fazer, o que é que não era preciso fazer... Pronto, para agente tentar melhorar. Por exemplo, comprámos um rádio, ó pá uma estação de rádio para a escola para os miúdos fazerem. Acho que está, não está a funcionar. Não me pergunte porquê! Nós oferecemos à escola. Nós tentamos sempre criar condições para que os alunos tenham o melhor, mas não tem havido da parte dos alunos, digamos, um procedimento em que preservem as coisas e que não estraguem. Voltamos ao princípio. Quando eles não vêm os pais a interessarem-se pelo assunto vão fazendo as coisas, porque eles não vêm e ninguém os surpreende.

C: Então, acha que a participação dos EE na associação de Pais, no Conselho Pedagógico e no Conselho Geral é fruto da Legislação ou traduz uma motivação própria dos EE?

F: Eu acho que é muito mais fundamental... é a vontade dos pais. A lei só vem... A lei só vem... Ou regulamentar... enfim, a atuação dos pais na escola, porque, de facto, isto não é... Isto não é... Não está em gestão, não está em autogestão. Quer dizer, tem princípios, tem que cumprir as regras da escola, como qualquer órgão. E depois os pais podem intervir, mas até pode ser criada uma Associação de Pais sem ser ligada à escola. Para ajudar a fazer coisas, não é? Porque há tanta coisa que se faz, associações disto e daquilo para ajudar e não estão ligadas a nada. Por exemplo, para ajudar as pessoas carenciadas disto... se os pais quisessem até podiam criar uma associação para fazer coisas para a escola, mas como... Já percebeu qual é o comportamento, não é? Portanto,

está a perceber? (entrevistador acena com a cabeça afirmativamente) A lei, o que há sobre a lei... Isso não tem nada a ver!

C: Acha que existe mesmo motivação dos pais para participar, dos que estão na Associação de Pais e nos outros órgãos?

Engolem alguns sapos... (risos).

C: E a si, o que é que o motivou a fazer parte da Associação de Pais e do Conselho Pedagógico?

F: Foi isso que disse, o acompanhamento da minha filha, fundamentalmente. E ser útil, não só para a minha filha, aliás, eu sempre tive um interesse maior aqui estar, foi no geral, em que a minha filha beneficiasse. Era uma aluna da escola, mas foi no sentido de criar, mas nunca criei, nem nunca a minha filha aqui na escola me veio cumprimentar “Olha pai, e tal...” Ela vem-me cumprimentar, mas dá-me um beijinho e vai-se embora... Nunca criei nenhuma situação... Posso-lhe dizer que na altura dos cacifos, ela punha-se na bicha como qualquer um. Um cacifo que se calhar... “Olha vai buscar aquele.” “Ó pai está muito em baixo. Ai, está, então espera aí que aí podemos resolver. Se está muito em baixo, então tu és altinha, agente já vê isso, vamos pôr no meio ou em cima.” Mas fiz sempre... Enquanto estive lá a supervisionar isso, todos os alunos eram iguais. Se que agora não funciona assim, mas cada um sabe de si e Deus sabe de todos.

C: Então, de certa forma está-me a querer dizer que o sucesso educativo acaba por estar diretamente relacionado com a participação, com o envolvimento dos pais?

F: É óbvio, é óbvio!

C: É, nota isso, mesmo nos restantes EE?

F: É assim, porque... Não são todos! Porque há miúdos que por si só... Têm o acompanhamento dos pais em casa e também o seu comportamento na escola, é de tal maneira bom, tanto a nível de aproveitamento como a nível disciplinar, pronto, que funciona na mesma! Mas o que se nota é que a maior parte dos alunos que tiram piores notas são aqueles que são forçosamente menos acompanhados. Eu quando me lembro que uma vez... Para não falar na questão dos cacifos, num ano em que agente tirou de lá toneladas de casacos, uns trinta ou quarenta casacos de lá de dentro, Kispos, fatos de treino, ténis... Tirámos aquilo tudo que estava... Deixam lá os cadeados e fecham os cacifos. Avisámos quando acabaram as aulas, avisámos no início do ano letivo, demos

algum tempo e ninguém quer saber daquilo para nada! E depois dizem em casa que foi tudo roubado, “Naquela escola são todos uns ladrões, roubaram-nos os casacos!” Os casacos estavam ali. Pois pomos ali tudo em cima, uma molhada ali em cima para virem escolher e ninguém... Não há nenhum pai que venha cá. Mas a coisa que mais me chocou uma vez foi um miúdo que me disse... Eu vinha aqui todos os dias à escola. Vinha todos os dias à escola! É por isso que esta senhora me faz uma festa cada vez que me vê cá (e aponta para uma senhora que nos recebeu na secretaria quando entrámos para a sala da Associação de Pais). Isto tem que se viver, tem que se estar cá para. Quando eu saí ninguém se chateou. Aliás, foi esta sempre a minha ideia, quando isto estiver a funcionar, eu vou sair de cá que é para dar lugar a outros. E cheguei aqui e vem a Dona Elvira a dizer “Ó Sr. Fernando está aqui um miúdo que lhe estragaram o cacifo e até os livros para a escola que estão lá dentro.” Fui ao carro porque tenho lá sempre um saquinho com uma chave, parafusos e um martelo. Quando abri aquilo e vi lá os livros todos, TODOS, tudo lá dentro, fiquei a olhar para aquilo. Peguei num saco de plástico e pus aquilo. Estava a falar com ela e aparece-me aqui o miúdo e eu disse “Ouve lá, tu não levas isto para casa?” “Não, eu não levo isto para casa. Eu só levo quando preciso de estudar. Quando não preciso não levo.”

C: Quando é que precisa de estudar? (risos de ambos)

F: E eu fiquei a pensar... então e os pais não se apercebem que ele não traz nem leva livros para a escola? É que ele não levava nem trazia! Os livros ficavam sempre aí! Está a perceber? Portanto, agora, portanto, é óbvio que se houver um acompanhamento dos pais todos os dias... Por muito... A minha mulher, portanto, tem uma atividade esgotante. Era igual à minha quando trabalhava. É diretora do Totta, portanto trabalha no Santander Totta e chega a casa e sai de casa... Esta noite até nem ficou em casa, foi ficar em Aveiro. Foi ficar em Aveiro, porque foi ficar na casa dos pais porque foi a uma reunião, hoje de manhã, às nove da manhã em Santa Maria da Feira e, portanto tem uma vida... E chega a casa às nove, dez da noite, mas quantas vezes ela chega a casa a essa hora e vai falar com a minha filha e ajudá-la nos trabalhos que ela conhece melhor de economia, não é? Principalmente a matemática, enfim, às vezes no inglês... Eu como já sou... Tudo o que eu sei, não tem nada a ver com o que é dado hoje. A matemática, fui-lhe ensinar uma coisa à minha filha e só lhe criei confusão! Mais vale estar calado e quieto!

C: Os raciocínios são diferentes.

F: Muito diferentes! Eu lembro-me que no jardim-escola João de Deus que estavam a falar das contas de dividir e eu comecei-lhe a ensinar, depois a professora chamou-me lá e disse-me “Ó sr. Fernando, faça-me um favor, não ensine à sua filha assim!” A minha mulher, como é mais jovem do que eu, tem...está mais atualizada e vai-se atualizando mais. E portanto, acompanha mesmo assim e vem tarde. Agora, os pais dizem que não têm tempo para acompanhar... Por que não querem! É cómodo, é cómodo! Não sei se respondi à sua pergunta...

C: Sim, sim, sim... Perfeitamente!

F: Sabe que às vezes entusiasmo-me e vou por aí fora. (risos)

C: Na sua opinião, qual é o papel dos EE neste agrupamento?

F: Em termos qualitativos ou quantitativos?

C: Ao nível dos que participam.

F: O papel dos pais... Aliás, é interessante que todos os pais que estão nos órgãos diretivos da escola, os filhos são bons alunos.

C: Como é que caracteriza a relação dos professores com os EE? Já me disse isso de certa forma, que eles até têm uma boa relação...

F: Os professores têm abertura... mas como sabe, hoje pelo menos nesta escola, a experiência que eu tenho, o relacionamento pais/escola é através do diretor de turma. Só em situações extremas, de tensão, de conflito, mas é sempre com a presença do diretor de turma.

C: Mas é uma boa relação então?

F: Nunca vi uma relação menos própria entre professor/pai. Embora, agente sabe que há algumas situações, algumas etnias, digamos assim, que quer bater no professor...

C: E com os restantes funcionários da escola? Nota que há uma boa relação com os EE?

F: Olhe, é assim, nunca me apercebi disso, mas em termos de quantidade... Mas de facto, o relacionamento... Alguns dos funcionários que temos aqui na escola, alguns dos assistentes conhecem os alunos quase todos pelo nome e conhecem os pais, porquê? Porque são todos aqui da zona, está a ver? E depois, quando os filhos vão para casa há sempre a tendência de dizer... Porque no quinto ano e no sexto ano os pais são todos

educadíssimos. Os pais do quinto ano vêm cá no primeiro trimestre e depois a partir daí esquecessem-se.

C: Considera então que existe uma boa comunicação entre a escola e os EE, no geral?

F: Sim

C: De que forma é que é feita essa comunicação?

F: Quer dizer, aqueles que vêm cá, porque, como já lhe disse, a maioria nem põe cá os pés, nem quer saber nada. Isso é um facto! Agora, naqueles que se interessam, naqueles que querem uma relação com a escola, a escola tem uma relação com eles.

C: E têm diferentes formas de comunicação?

F: Agente comunica até através de sms, quando é preciso! Comunica, quer dizer... Quando agente quer falar com um pai pelos meios usuais, ou pelo telefone, ou por carta, não consegue e quando já é um caso extremado já temos pedido a colaboração da GNR para ir a casa das pessoas para saber como é que é. Para começar temos aí depois outros órgãos, passo a expressão. Temos um professor que faz parte não sei quê dos menores, que também trabalha com isso, que é o professor Gil e depois temos outros professores que estão metidos noutras situações que, de facto, ajudam também a escola nesse aspeto.

C: “Fazem a ponte”, não é?

F: A escola, nesse aspeto tem uma coisa boa, que tem várias coisas... Ainda tem alguns alunos estrangeiros. Portanto, estabelecem algumas relações.

C: Como pai/ EE qual era a sua maior dificuldade que encontrava na participação no Conselho Pedagógico?

F: Não tenho nenhuma digna de registo. Nenhuma que mereça estar aí. Nunca tive, de facto... Se calhar, a maior dificuldade que eu tinha era, uma ou outra vez conciliar, por motivos de ordem pessoal que não conseguia vir. De resto, nunca tive situações, antes pelo contrário. O que acontecia é que muitas vezes estava lá e não estava a fazer nada, porque estavam a debater assuntos que não me diziam respeito. O que eu não gostava era que a meio de uma reunião me pedissem para sair, porque iam debater assuntos em que eu não podia estar presente. E depois, tinha de voltar. Por isso, é que acho que seria importante estas reuniões terem uma organização diferente. Organizarem reuniões em que os assuntos eram todos de interesse dos encarregados de educação ou relacionados

com os alunos, com os seus problemas e aí sim, convocavam o encarregado de educação. E depois organizavam outras em que reunissem todos os assuntos que não eram do interesse dos encarregados de educação e não os convocavam nessas reuniões do conselho pedagógico. Porque, muitas vezes eu estava ali a ouvir e só a ouvir coisas que não me interessavam e que não eram da minha área. Muitas vezes, era uma tarde inteira! Aliás, a reunião de conselho pedagógico no final do ano é dia e meio, quase! Portanto, acho que devia ter outra organização, era só isso.

C: Acha que existem fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos de gestão?

F: Não. Quer dizer, há, às vezes os horários em que funcionam. Por exemplo, o conselho geral que é feito à noite e... o conselho pedagógico, por força, como a esmagadora maioria dos membros do conselho pedagógico são professores aqui da escola, não faz sentido, não faz sentido... digamos, criar um horário diferente, mas o horário em que funciona o conselho pedagógico é limitativo para a presença dos pais, isso é.

C: Considera então que a escola é apelativa e acessível a todos os EE?

F: É! Sem dúvida! Apelativa também não sei, porque eles não têm comida para dar todos os dias.

(risos)

Não têm umas cervejocas para dar para aí...

C: De que forma é que a Associação de Pais incentiva a participação de outros EE?

F: Ó Cláudia, pelas coisas que fazemos. Organizamos, tentamos organizar coisas para chamar os pais à escola, festas nomeadamente. Já fizemos aí, uma espécie de uma feira da ladra, já fizemos muitas coisas, enfim...

C: Vai haver agora uma feira de solidariedade, dia 2, não vai? Estava ali a ver uma lona na entrada...

F: Sim, sim. Há coisas que se faz sempre. Eu por acaso estou um bocadinho fora disto, como já disse, agora, para isto funcionar... Porque é assim, porque... Eu não sei se já disse á Cláudia, uma das vezes que foi este... foi no ano passado, quando estava a fazer os cacifos há uma mãe que diz “Ei, já vejo aqui este senhor aqui há muitos anos!” E eu pensei “Calma aí!” As pessoas começam a ver que esta coisa se centra em mim e é mau sinal. Quer dizer, isto não sou! É a direção e todos as pais. As pessoas têm que ver que

isto é de todos! A partir daí eu pensei “Eu tenho que sair daqui! Está na altura de sair daqui! Já me estão a ver aqui há muitos anos, podem pensar que eu sou dono disto e não é.” Esta é uma Associação que é composta por pais e os pais têm o direito a pertencer a isto. É preciso trabalhar. E portanto, eu acho que há aí coisas que se faz e nós sabemos fazer algumas e fizemos algumas coisas, atividades para chamar os pais à escola, mas às vezes vêm-se mais familiares dos pais, dos filhos... Ainda há dias viu-se aí uma tia e estavam uns avós...

C: E os professores, acha que conhecem estratégias e recorrem a estratégias de envolvimento dos pais na escola? Eles tentam motivar a participação dos pais?

F: Ó Cláudia isso é... A resposta vai ser “um pau de dois bicos”, porque é assim, os professores também estão desmotivados pelo desinteresse que os pais apresentam e portanto nós... Isto é sempre um ciclo vicioso! Os professores envolvem-se mais quando os pais se envolvem mais. Os pais envolvem-se menos, os professores envolvem-se menos. Está a perceber? É que há aí uma força anímica que é importante numa relação deste género, porque as pessoas não se conhecem, pessoalmente de amigo. É uma relação institucional, entre pai/escola! Entre pai/associação de pais, mas não passa de uma relação institucional! Se nós tivermos cem pessoas inscritas na Associação de Pais, vá lá, cento e cinquenta, é muito! Se tivermos! Neste momento, não sei quantos ficaram. Por acaso não contei este ano. Participei na mesma na entrega dos cacifos, isso tudo e tal, mas nós de facto, não numerámos as fichas. Pomos por ordem alfabética, porque depois é mais fácil. Eu lembro-me de uma contagem que eu fiz que eram cento e vinte e oito ou cento e vinte e nove. Portanto, para um universo que temos cá... Ah, mas desses aí, alguns só preenchem a ficha e pagam a quota e mais nada! Nem vêm às reuniões de pais.

C: Mas acha que os EE têm informação suficiente para se sentirem motivados a participar?

F: As cartas vão para casa e não leem. Eu lembro-me aqui um pai que ficou muito zangado connosco, porque nós tínhamos dito que tinham de dar cinco euros por mês e dizia “Eu não quero ser sócio...”. E eu disse “Mas quem é que lhe disse que tinha de dar cinco euros por mês?” E eu disse “O senhor já leu a carta? Então leia lá a carta, se faz favor.” E o homem ficou pasmado a olhar para mim. Mas são N pessoas que não leem as cartas! Mesmo que agente tente comunicar, muitos pais nem sequer veem. Por um

lado, porque não chega a informação, porque às vezes há... Mesmo, às vezes, quando a informação vai através da caderneta, há muitos pais que nem leem. Primeiro, não leem e não perguntam. Segundo, não têm curiosidade de ir à pasta do filho perguntar e ver e terceiro, nem os filhos mostram. Pronto, estabelece-se sempre esta dificuldade.

C: Agora, para terminar queria que me falasse um pouco do Plano de Convivência desenvolvido aqui na escola. Qual é o papel do EE no desenvolvimento deste plano? Como é que funciona?

F: O Plano de Convivência, neste momento, tanto quanto eu sei, mas também estou um pouco desfasado sinceramente, neste momento, não tem tido muita participação dos pais no Plano de Convivência. Na Associação de Pais tem havido. A escola tem feito todo o esforço com regras e princípios e os próprios professores também. De facto, há determinados princípios e determinadas regras que todos tentam que sejam cumpridas para que de facto seja estabelecido uma boa relação, uma boa disciplina, sem ser a disciplina militar. Para as pessoas entenderem porque é que é assim que funciona. Isso, acho que está a resultar. Embora haja sempre problemas e há sempre indivíduos que furam o esquema todo que dão cabo, às vezes de um trabalho ou que façam uma turma mais perturbada, com mau comportamento. Acho que por aí alguma coisa vai sendo feita, mas eu penso que ainda não atingiu o nível desejado.

C: Obrigada!

O professor membro do Conselho Geral concordou em deixar-me entrevistá-lo para a minha investigação. É licenciado em Geografia e faz parte do Conselho Geral há 3 anos, assim como também é diretor de turma, tendo uma relação muito próxima com os encarregados de educação das turmas que leciona (metade das turmas do 3º ciclo). O professor informou-nos que iria requisitar uma sala para estarmos mais à vontade e, desta forma, não sermos interrompidos, mostrando muito entusiasmo e vontade de partilhar a sua experiência.

C: A primeira pergunta que eu lhe queria fazer é como é que caracteriza o EE que participa no conselho geral?

R: Estão lá mais, acho eu, dois ou três.

C: Ok. E como é que os caracteriza?

R: Pessoas muito interessadas, empenhadas no trabalho que estão a fazer. Aliás, já é uma tradição desta escola. Terá sido das primeiras escolas a ter Associação de Pais e, portanto, há mais de quinze anos que os pais estão implantados na escola e mais propriamente no conselho geral têm tido uma participação ativa e, portanto, são importantes.

C: Considera que a participação dos EE é a mesma nos diferentes níveis de ensino? Ou há um nível de ensino que se verifique com maior intensidade?

R: Se calhar nos... Isto é já uma perceção, não é bem assim um... É uma opinião.

C: Sim, sim.

R: Não há assim grandes estudos sobre isso, mas eu acho que nos níveis mais baixos, a participação é maior. Depois à medida que os meninos vão crescendo, as pessoas vão tendo mais confiança, ou... e também enfim, vão percebendo como é que a escola funciona e ficam mais sossegados, não sei... Nota-se que depois, ao nível do oitavo e do nono ano, pelo menos nas reuniões, também depende das turmas, mas de uma forma geral, participam um bocadinho menos. Mas, o que se passa aqui, normalmente, é que quem faz parte da Associação de Pais, são pessoas interessadas e acompanhas o percurso dos seus educandos, ou seja, as pessoas que estão nos órgãos da escola,

normalmente são sempre os mesmos e, portanto, são pessoas interessadas, mas não representam a grande maioria dos pais, porque eles entram aqui quando o filho entra, no quinto ano, por exemplo... Agora até já é mais cedo, porque estamos em agrupamento e depois, mais ou menos mantém até ao nono ano. Portanto, eu estou aqui... já estive cá na escola há muitos anos atrás e agora na última fase, estou aqui só há três anos, mas nos últimos três anos, eu tenho contactado apenas sempre com os mesmos encarregados de educação que são os representantes da Associação de Pais. Esses sim, muito interessados e agora não podemos tirar a conclusão que todos são como eles, não é?

C: Claro!

R: Mas se estamos aqui a falar nos órgãos de gestão da escola estamos sempre a falar mais ou menos dos mesmos, porque, nos últimos três anos, pelos menos nos últimos três anos têm sido mais ou menos os mesmos.

C: Ok. E a nível de classe social? Nota que existe uma classe social que predomina a nível dos EE?

R: Sim, se nós formos a olhar para o conselho geral é fácil de ver que são professores universitários... mas, não! O professor universitário está em representação da SAMP, embora também seja encarregado de educação. É encarregado de educação, mas também está em representação da SAMP. Estamos a falar de um engenheiro, um representante da Associação de Pais no conselho geral. Estamos a falar de um bancário, ex-bancário, está reformado agora. Estamos a falar de uma professora que é uma representante da Associação de Pais também, uma senhora e, portanto, por aqui já estamos a ver que são pessoas que têm um certo nível cultural e que têm a preocupação de acompanhar e são esses, mais ou menos com quem nós temos contacto. Embora, eles depois façam muito bem a ponte com os outros, nas reuniões da Associação de Pais, etc, etc, etc. Nos Conselhos de Turma, já não acontece tanto isso. Nos Conselhos de turma, os representantes dos pais dos Conselhos de Turma, muitas vezes são escolhidos, entre eles, numa reunião que se faz no princípio do ano e aí, essa ligação já não é tão clara. Há pessoas com mais disponibilidade... mas isso também são duas reuniões por ano, portanto, não lhes rouba muito tempo e por isso, eles também não se importam de participar nos Conselhos de Turma, mas de uma forma geral, a perceção que nós temos, (volto a dizer mais uma vez, por isso é que são importantes estes estudos) é que de facto há essa... nota-se isso. Os pais com mais habilitações, com mais conhecimentos, com

mais à vontade na escola, com um conhecimento da escola maior, até porque têm cursos superiores e, portanto passaram por essas fases todas. Outros até são personagens da educação, mais facilmente integram esses órgãos.

C: Então acha que a razão disso é mesmo o à vontade que têm neste contexto...

R: Eu acho que sim! Conhecem a escola e um pai que não conheça a escola é muito mais difícil, porque não sabe como é que ela funciona e isso é uma barreira muito grande. Eu acho! Claro que nós todos sabemos que o trabalho, o tempo disponível... isso tudo conta, mas eu acho que há um fator psicológico muito grande que é a barreira... eles não sabem como é que é a escola. Embora a escola, nos últimos anos se tenha aberto muito e se tenha mostrado e peça a participação deles... acho sim que houve uma grande melhoria, mas... mas... quanto menos tempo os pais passaram na escola, mais difícil é eles conhecerem a escola, até porque a escola muda muito. Ainda tem aquela ideia, se calhar... Não sei! Isso é a tal coisa, são as tais percepções que temos... Mas eles sabem que a escola mudou pelos filhos e se ela mudou, eles não sabem muito bem movimentar-se na escola, embora a escola facilite tudo, mas há essa barreira psicológica.

C: E a nível de género, acha que existem mais mães a participar do que pais ou não é notório?

R: É uma boa pergunta... Portanto, no Conselho Geral é fácil...

C: Sim, no caso concreto do Conselho Geral.

R: No caso concreto do Conselho Geral há... Não! Duas mães e dois pais, no ano passado. Este ano há três pais e uma mãe, mas não. Eu tenho seis turmas e nos Conselhos de Turma, há pais e há mães, portanto, não se nota muito. A minha resposta é não se nota muito essa diferença!

C: Já aconteceu alguma vez algum EE que participa nos órgãos de gestão e neste caso, no Conselho Geral, ter outro grau de parentesco que não fosse o de mãe ou pai biológico com a criança?

R: Que eu me lembre não, mas lá está, se nos órgãos não se nota muita diferença, nos encarregados de educação já se nota muita diferença. Há muito mais mães do que pais, mas muito! De longe! Muito mais mães do que pais a serem encarregados de educação! É um dado substancial!

C: Sim, sim, é importante, de facto! Consegue-me dizer se os pais que são convocados estão sempre presentes na reunião?

R: Não, não. Há turmas em que há um bom...têm boas participações. No meu caso e já estou aqui há três anos (volto a dizer, embora já tenho dado aulas) mas é mais ou menos sempre isso, quando nós convocamos os pais para reuniões gerais e fazemos nesta escola três vezes por ano, 1º período, 2º período e 3º período, metade dos pais vem. Quando são convocados individualmente... quando são convocados individualmente para ações de esclarecimento dos seus educandos, temos ainda uma boa percentagem que não vem. Eu esta semana, por acaso, há um encarregado de educação que tem um café... Também se percebe que com um café seja, às vezes difícil vir à escola, porque os horários são muito longos e eu fui ao café falar com o senhor, porque eu precisava mesmo de falar com ele e ele não vinha à escola, mas isto são casos também pontuais. Não podemos generalizar! Mas, na participação dos Conselhos de Turma, quando são convocados os pais todos, nas reuniões gerais do Conselho de Turma, a minha experiência é que metade virá e metade não. E estou a falar de sétimo, oitavo e nono ano. Se nós falarmos aqui do sexto ano, se calhar já é diferente, não sei. A minha perceção é que é diferente, vêm mais.

C: Consegue-me dar uma percentagem de famílias que se envolvem de alguma forma na escola?

R: Famílias... Eu tenho metade das turmas do 3º ciclo, portanto só posso falar por esta experiência pessoal. A... Que se envolvem na escola, acompanhando os seus filhos ou noutras...

C: Em atividades... Que se envolvem de alguma forma.

R: Não, isso é muito pouco! Isso é muito pouco, embora a Associação de Pais tenha alguns projetos notórios, talvez até inovadores, não sei. Por exemplo, no refeitório, no controle das filas. São os pais que fazem esse controle, muitas vezes. Não é todos os dias, mas é alguns dias. Lá está, mas são sempre dois ou três que têm mais disponibilidade e portanto, noutro tipo de atividades também, mas não creio que sejam muitos. Não creio que sejam muitos, mas não sei. Quer dizer, a minha perceção é que não são muitos.

C: Os EE, normalmente intervêm nas reuniões?

R: Sim, sim, intervêm. Cada vez mais! Ou por coisas que os filhos lhes dizem e querem ver esclarecidos, até... temos algumas turmas, temos aí turmas de ensino articulado... ensino articulado da música. São alunos com um nível social mais elevado, em que os pais têm boas profissões que também têm dinheiro para os pôr na musica e... Não é só dinheiro, lá está, é também a necessidade cultural, de saberem que é importante que os filhos tenham outro tipo de ensino, para além do normal. E, portanto, o ensino artístico também é muito importante para a formação das pessoas e, nessas turmas, nota-se que têm uma participação excessiva, porque às vezes vão a determinados pormenores de questionar o trabalho dos professores, até a pedir a substituição dos professores numa turma ou noutra... mas nestas tais turmas, de facto têm um nível social e cultural um bocadinho mais alto. De regra geral, põem questões sobre o refeitório, põem questões sobre os horários de alguns serviços da escola como o caso do refeitório. Do refeitório não, da papelaria, do bar, da biblioteca. Questionam porque é que a biblioteca não está aberta mais tempo, aí sim, de uma regra geral têm essa participação e essa preocupação.

C: Então considera que eles participam ativamente nas tomadas de decisão, mais concretamente?

R: Não, tomadas de decisão é outra história! As tomadas de decisão é mais difícil dizer isso. A Associação de Pais sim, é ouvida. Aliás, temos aí muitos projetos que foram eles mesmos que construíram, por exemplo, o telheiro, já o telheiro foram eles que construíram, a questão dos cartões eletrónicos teve muita participação dos pais. Ou seja, quando há uma necessidade da escola que seja necessário investir verbas, que seja necessário pedir apoios a firmas, empresas, etc. Aí sim, eles são importantes, dão a sua opinião e até realizam. Sim, eu acho que a Associação de Pais sim. É ouvida e são ouvidos e têm peso nas decisões. A Associação de Pais, como eu também disse, são mais ou menos sempre os mesmos pais. Estão já dentro dos assuntos da escola, porque ao fim de dois ou três anos já começam a perceber e muitos deles ficam mais do que dois anos e a Associação de Pais pode-se dizer que sim. Relativamente aos outros pais é um bocadinho mais difícil, até porque também as reuniões que eles têm são com a Associação de Pais, não é tanto com a escola e portanto, era difícil envolver, não sei... os mil e tal pais, alguns mil e tal, já que temos mil e tal alunos, no agrupamento todo, mas a Associação de Pais sim.

C: A que nível é que acha que se devia verificar a participação dos EE?

R: Há um aspeto muito importante... Eu não sei se vou responder bem à pergunta, mas... Muitas vezes, a escola não trabalha em paralelo com o que se faz em casa. Por exemplo, educar os miúdos para os valores, para o saber estar, para os comportamentos... A escola veicula determinado tipo de informação e conhecimentos e necessidades que às vezes em casa não é bem assim. Aqui voltamos outra vez à questão da escola de pais, mas isso é outra questão... (risos de ambos) Mas em que medida é que... Como é que era a pergunta?

C: A que nível é que acha que se devia verificar a participação dos EE?

R: Era muito importante que eles colaborassem com a escola no sentido, dos comportamentos, dentro e fora de aula, que houvesse reuniões, que houvesse debates sobre isso... A articulação entre pai e mãe, porque às vezes, os pais dizem uma coisa e as mães dizem outra e eles habituam-se a viver naquele jogo e depois vêm para a escola também já com essa escola toda. E, na escola têm dez professores e, portanto, essa parte é muito complicada de gerir, às vezes, em certos Conselhos de Turma e com certos miúdos, cada vez mais. E, portanto, eles trazem determinados comportamentos e hábitos de casa que, depois na escola é complicado. Por exemplo, se eles estão à mesa e se atendem o telemóvel, quando estão na refeição, ou quando estão a ver televisão e ninguém fala quando se está a comer e quando há momentos para conversar, quando há momentos para estar, quando há momentos para cada um estar sozinho... Portanto, esse trabalho também tem de ser feito em casa, porque depois na escola eles apanham essas regras, por exemplo o telemóvel não pode estar na sala de aula, mas em casa, às vezes não é assim e, portanto, é essa disparidade que eu acho que a escola e as famílias deviam estar... deviam trabalhar muito mais.

C: Acha que devia de haver uma maior continuidade entre aquilo que é transmitido na escola e em casa, não é? Mais trabalho de cooperação?

R: Sim, sim e mais trabalho com os pais. Não é fácil, mas se houvesse esse objetivo, todos os anos podia-se melhorar, não sei, mas isso não se faz! De todo! E eu acho que aí nesse aspeto, na relação que eles têm com os filhos e... a importância disso depois para o futuro disso e para a escola, não é? E para o aproveitamento deles também, esse trabalho era muito importante. E voltamos depois à mesma “tecla”. Se calhar eram precisas assistentes sociais na escola. Se calhar eram preciso mais técnicos na escola, doutras áreas que trabalhassem estes aspetos, não é?

C: Tudo implica custos, não é? Muitas vezes é isso que está por trás de tudo!

R: É, mas às vezes não explica tudo, os custos! No caso dos técnicos sim, mas esta articulação entre a escola e os pais... Já foi tentada algumas vezes, noutras escolas e nesta, mas são experiências que não têm continuidade e depois acabam por...

C: Ok. Então e, agora vendo isto, como é que tem evoluído esta participação, ao longo dos anos?

R: À, sim, tem melhorado muito, não é? Tem melhorado muito! Há vinte anos, era tudo muito mais difícil! (risos) Agora, sim, desde que se criaram as Associações de Pais e a nossa Associação de Pais é muito boa! Tem esta tradição, desde sempre. As coisas têm melhorado muito! Os pais vêm à escola, participam nos Conselhos de Turma, participam no Conselho Geral, participavam no Conselho Pedagógico... Agora, infelizmente já não participam. Não sei se também têm acento noutras áreas. Se calhar também não era assim tão importante pertencerem ao Conselho Pedagógico. Mas, houve uma grande evolução, sem dúvida nenhuma! Mesmo necessidades que a escola tinha que os pais cobrem, portanto, realizam. Grandes melhorias que a escola fez foram os pais, portanto, houve uma grande evolução, sem dúvida nenhuma!

C: Como é que acha que os professores vêm a participação dos EE?

R: É muito fácil, muitas vezes, este discurso do professor dizer que a culpa é dos pais e depois os pais também dizerem que a culpa é dos professores e esta defesa de interesses diferentes, muitas vezes não ajuda na resolução dos problemas. Mas isto, acho que está muito mais debilitado, está mais resolvido. Acho que de ambas as partes, há a ideia de que cada vez mais têm de trabalhar em conjunto e claro que há deficiências em casa. Claro que há deficiências na escola. Claro que nem todos os professores agem bem ou... Erros todos cometemos! E, portanto, é de evitar esse tipo de discurso, de atribuir as culpas aos outros. Isso fazia-se muito há uns anos, da parte dos professores e da parte dos pais. Com a Associação de Pais, com a vinda deles para a escola, com o tomarem conhecimento das coisas e como é que as coisas funcionam, temo-nos desculpado mais uns aos outros, ou seja, os pais desculpam mais os professores, os professores desculpam mais os pais, porque compreendem melhor a posição de cada um deles e os problemas de ambos, mas... Já não sei qual era a pergunta...

C: Como é que acha que os professores vêm a participação dos EE?

R: Sim, mas cada vez mais os professores vêm que é muito importante que eles participem. Não que indiquem apenas os aspetos negativos, mas pela positiva, não é? Para resolver os problemas e isso... a melhoria que se sentiu ao longo dos anos foi essa. Que uns, quer outros têm a perceção de quem têm de trabalhar em conjunto.

C: E o professor Rui, como é que vê a participação dos EE?

R: É nesta base. Vejo que nos podem ajudar muito a resolver os problemas, mas para isso tem de haver muito mais conversa, tem de haver mais diálogo. Eles têm que vir, não é? E já vêm. São convidados a vir, muitas vezes a ver as atividades... E a organização das atividades extracurriculares, com o apoio dos pais também é muito importante! As festinhas, as comemorações e isto tudo nos aproxima e acho que foi por aí que nós os conquistámos. Portanto, acho que são muito importantes, sem dúvida nenhuma!

C: Nota que geralmente existe um consenso entre os professores e os EE, no que se refere aos objetivos educacionais?

R: Talvez, sim. Há uns anos atrás, a escola servia mais para cumprir a escolaridade obrigatória e, portanto, o grande objetivo da escola era evitar o abandono escolar. E a escola aí fez muitas coisas! Fazia projetos, tinha mesas de pingue-pongue, mesas de bilhar, mesas de snooker, mesas de matraquilhos, atividades várias, acampamentos no final do ano... falava-se muito em evitar comportamentos de risco. Havia o problema da droga, havia o problema da delinquência e a escola estava muito virada para isso. Para os ocupar em atividades que envolvessem algum risco controlado, porque nós sabemos que o apelo do risco é muito grande na adolescência e a escola, durante muito tempo, deu resposta a isso. Depois acusaram a escola de que os alunos saíam sem saber muito, não sabiam português, nem sabiam matemática, mesmo... Porque de facto a preocupação, mesmo veiculada pelo Ministério da Educação, a principal preocupação nessa altura era completar a escolaridade, que eles se sentissem bem cá, que tivessem boas refeições, que tivessem atividades e, portanto que se sentissem bem na escola. Esse tempo passou. Agora o tempo é de melhorar os conhecimentos, melhorar a produtividade do país, criar cidadãos que estudaram português e matemática (risos) e outras disciplinas... O que não quer dizer que os valores também sejam esquecidos, mas passámos do oito para o oitenta, ou seja de uma escola que estava muito virada para o aspeto social dos alunos, agora sinto que está muito direcionada para os conhecimentos.

E isso mete-me algum... tenho algum receio. Havia um projeto que era o projeto de percursos curriculares alternativos para alunos com dificuldades e isso está a acabar e, portanto, nas turmas normais... temos alunos nas turmas com vários ritmos, com vários estados sociais, com vários tipos de conhecimentos... O que não é mau por um lado, mas por outro, eles vão ficando para trás. E eu não sei se não estamos a andar para trás nesse aspeto. Pronto, é natural, é verdade que a escola tem que ensinar, tem que fazer com que os alunos saiam daqui com conhecimentos, não é? Essa é a principal função da escola! É nisso que estamos a trabalhar agora, mas tenho algum receio que este abandono dos aspetos mais sociais, de resolver problemas... para esses alunos com mais dificuldades não seja... não fique mais caro no futuro. Embora haja projetos... Fala-se muito agora no ensino profissional... Não sabemos muito bem como é que isso vai ser. Poderá ser uma solução, criar alternativas para estes alunos. Portanto, porque estão a acabar, os currículos alternativos estão a acabar, os CEF's funcionam da maneira como nós sabemos, não muito bem e portanto, é necessário arranjar-mos também respostas para aqueles alunos que não sentem a escola bem como uma coisa sua. Sua, não é... Não têm facilidade em aprender ou não estão muito interessados nisso e a escola também tem de dar resposta a esses alunos. E, neste momento, estamos numa fase em que toda a gente olha para a escola como transmissora de conhecimentos. Não é bem como transmissora de conhecimentos, mas, pelos menos que o objetivo seja saírem daqui com boas notas a português e matemática e que façam os exames e que passem para o décimo ano. Ora nós sabemos que na maioria dos alunos... sim, pode não ser a maioria dos alunos, mas há uma parte deles que não conseguem isso e o meu receio, neste momento é este.

C: E acha que essa opinião também é partilhada pelos pais?

R: É, sim. Estão sempre à espera que a escola apresente as melhores soluções para os seus educandos. Há muitos que querem que eles saiam com boas notas para depois poderem ter acesso às universidades, mas depois também há outros que querem que a escola dê ferramentas para que eles comecem a trabalhar e, portanto, comecem a entrar na vida ativa e isto é o problema do país que está neste momento em cima da mesa. Porque, sabemos que é isso. Nem todos podem ir para a universidade. Criou-se a ideia de há um tempo para cá que é uma aspiração legítima dos pais que os filhos sigam para a universidade e nem todos têm essas... Nem todos podem ir, por vários motivos. Mas a

escola tem de dar resposta a todos! E neste momento, temo que com estas exigências de ter notas a algumas disciplinas e exames e não sei quê... Que os alunos fiquem para trás... Sim, estamos à espera (volto a dizer) do que é que é isto do ensino profissional. Pode ser que seja essa a solução.

C: Considera que uma maior participação dos EE pode melhorar o relacionamento entre os EE e os professores?

R: Pois, sim... Essa pergunta é óbvia! Só pode ser sim, mas o problema é como é que se faz isso, não é? Agora, é fundamental! Quanto mais eles participarem, quanto mais houver articulação entre as famílias e a escola, melhor. Agora... A dificuldade dos pais que trabalham... muitas vezes não têm... Sabemos disso, não é? E os patrões e as empresas e o mundo exige cada vez... muito, no aspeto económico. Exige cada vez mais às pessoas e cada vez é mais difícil, embora a lei o preveja, é mais difícil os pais virem à escola falar dos assuntos dos filhos. Depois, por outro lado, pensam que a escola tem essa obrigação e, portanto, que não faz muito sentido virem cá, porque não vêm cá fazer nada. Também há muita gente que pensa assim. Mas, sem dúvida que se houver uma maior articulação entre a escola e os encarregados de educação, tudo melhora. E...volto a dizer que muita coisa mudou e melhorou, mas é preciso fazer mais ainda.

C: Verifica que existe um consenso entre os restantes EE e os seus representantes nos órgãos?

R: Eu, por acaso já assisti, porque fui convidado para apresentar lá umas coisitas a uma reunião da Associação de Pais, geral, no início do ano e... há anos em que a participação é mais ativa, em maior quantidade, mas há outros anos em que têm muito pouquinhos. E, portanto, essa pergunta... eu acho que é difícil haver assim uma articulação entre a Associação de Pais e a maioria dos pais. A Associação de Pais, não sei se são cinco ou seis pessoas, articulam-se bem entre eles, fazem reuniões, procuram ser representativos dos pais, mas é difícil porque não podem chegar a todos e eles como não vêm também às reuniões, não sei se haverá uma grande representatividade. Como não são eleitos, como não há eleições. Se forem eleitos, são entre... Não, não há eleições! Só há listas e depois... E portanto, os pais sabem que há uma Associação de Pais, que vão resolvendo os problemas. Não sei se os problemas muitas vezes passam pela associação de Pais. Quando um pai tem um problema vem à escola e pede para

falar com o diretor, não é com a Associação de Pais. Portanto, aí acho que não há assim uma grande representatividade.

C: Então, isto já vi que nem vale a pena perguntar ao Rui porque já vi que considera importante a participação dos EE a todos os níveis, mesmo a nível da organização da escola...

(o entrevistado acena a cabeça em jeito de confirmação)

R: Sim e são ouvidos, lá está, através da Associação de Pais. O que já não é mau, porque para nós são os pais.

C: Exatamente! Acha que os EE que participam nos órgãos da escola têm consciência de que estão a representar um conjunto de alunos e não só o seu educando?

R: Sim, ao princípio era mais difícil isso. Nos primeiros anos, quando um pai da Associação de Pais ou do Conselho de Turma estava a representar os outros pais, havia sempre a tendência para falar do seu caso pessoal, “do meu filho”, do não sei quê. Mas, portanto, isso com os anos foi diminuindo e, portanto, hoje já não vejo isso. Sei que sim, os pais sentem que estão a representar outros filhos, outros pais e outros alunos e se tiverem alguma questão pessoal não a apresentam, na qualidade de representante dos pais. Acaba por ser como os outros pais, dirige-se ao diretor ou ao diretor de turma, mas nas reuniões onde eles estão a representar os pais, já se nota essa preocupação. Às vezes, quando vem um elemento novo, ainda vimos isso, mas rapidamente a pessoa percebe que está ali em representação dos pais e não é ali que vai apresentar os seus problemas pessoais. Isso nota-se, sim.

C: A participação dos EE, acha que é fruto da legislação, como uma imposição, ou acha que existe mesmo uma motivação dos EE em participar nestes órgãos?

R: Eu também só posso falar por esta escola e por outra que estive, na Maceira. Eu estava na escola, há vinte anos, eu estava nesta escola quando apareceu a primeira Associação de Pais e não foi por ter legislação. Claro que a legislação facilita, mas só a legislação não faz nada. No caso da Correia Mateus, a Associação de Pais e depois as que seguiram, foi de facto porque os pais perceberam que eram importantes. A escola tinha muitos problemas estruturais e mesmo de construção. Esta escola teve um processo de falência do construtor, teve que parar, teve uns problemas... depois foi acabada à pressa, ficou com alguns problemas de construção, estruturais, segurança,

sobretudo segurança também. O local onde ela está implantada, também não é o melhor e tudo isso, todos esses problemas fizeram com que os pais viessem à escola e que começassem a integrar a escola. E, portanto, no caso desta escola, a Associação de Pais quando apareceu e eu sou dos poucos desta escola que assistiu a isto. Mesmo o que cá estão há mais anos já viera depois disso. No caso desta escola, a Associação de Pais apareceu para resolver problemas desta escola. E continua e esse espírito ainda se mantém e, portanto, não estão cá porque a legislação prevê, estão cá porque querem fazer alguma coisa.

C: Considera que o sucesso educativo está diretamente relacionado com a aproximação das escolas às famílias?

R: Acho que sim, acho que sim, claro! Não é regra geral, mas nós sabemos e vemos que os alunos com mais apoio em casa, quando há essa preocupação... não é só da escola, a preocupação cultural, a preocupação do conhecimento, a preocupação de discutir as coisas... Se isso vier de casa, a escola... Não é por acaso que há escolas melhores do que outras! (risos) Não é porque os professores são melhores ou piores, embora isso haja em todas as escolas, bons e maus professores. Agora, a localização e a matéria-prima que as escolas recebem é que é diferente! E, portanto, escolas que estejam localizadas e recebem alunos de um determinado meio, isso há uma ligação direta, não é? E, portanto, nós só podemos diminuir essa assimetria, nós só podemos diminuir essa disparidade com a aproximação dos pais. É a tal questão da escola para pais, mas isso há uma relação direta, sem dúvida nenhuma.

C: Nota que os pais que participam, os seus educando têm melhores notas?

R: Sim, até como diretor de turma vejo isso. Quando um pai diz ao filho “Olha que eu para a semana ou daqui a quinze vou à escola falar com o teu diretor de turma”, o aluno nessa semana ou nesses quinze dias tem um comportamento completamente diferente. Isto é só assim para dizer assim um exemplo muito... e neste momento está a acontecer isto. E a aluna em causa, quando sabe que o pai vem cá, na semana antes ou nas duas semanas antes tem a preocupação de, no final da aula vir perguntar “Ó professor, eu hoje portei-me bem? Eu hoje estive atenta!” Isto é só um pequeno exemplo como, às vezes, basta que os pais venham à escola e que os filhos saibam que eles vêm, para sentirem que há um interesse, sentirem que o meu pai vai à escola ou que a minha mãe vai à escola, vem saber de mim. Só isso, já era muito importante, não é? E muitas vezes

eu digo isso aos pais. Podem nem vir falar de nada, mas venham cá e digam ao vosso educando que vêm à escola. Só de saberem que estão a ser acompanhados e que há interesse, isso já era o primeiro passo, muito importante. Agora imagine se houvesse uma articulação maior e se nós falássemos mais.

C: Há pouco dizia-me que havia uma boa relação entre os professores e os EE. E com os restantes funcionários, acha que existe uma boa relação?

R: Nesta escola, o problema foi sempre o mesmo! Não sei porquê, mas esta escola, quando apareceu já havia dificuldade de integração de funcionários públicos. Eu estive numa escola que é a Maceira que tem muito mais funcionários que esta, mas foi sempre assim. Não é de agora! Mas agora com o agrupamento ainda foi pior, ainda é pior, ou seja, esta escola tem uma boa percentagem de funcionários que rodam constantemente. São funcionários que são requisitados ao Centro de Emprego e portanto... Enquanto que eu estive na outra escola, na Maceira, por exemplo, em que os funcionários são os mesmos há vinte anos, conhecem os alunos, os alunos conhecem-nos, viram-nos crescer... Essa é uma grande diferença desta escola para outras que eu conheço. Os... agora chamados assistentes operacionais, portanto, os funcionários, quer sejam eles administrativos ou não, nesta escola rodam muito e, portanto, não há aquele vínculo ao aluno. Não os conhecem, não são conhecidos. De três em três meses mudam e isso é uma dificuldade. Para mim, é a maior dificuldade que a escola tem. E, portanto, nesse aspeto acho que não há... é um problema! A pergunta era a relação...

C: Existe uma boa relação entre os EE e os restantes funcionários?

R: Isto é uma dificuldade! A relação dos funcionários com encarregados de educação, com professores, com alunos é difícil, porque há uma parte deles que roda constantemente. Não são fixos, estão requisitados ao Fundo de Desemprego, são contratados e essa... para mim, é a maior dificuldade que a escola tem!

C: Considera que existe uma boa comunicação entre os EE e a escola?

R: Sim e agora com os novos meios, com as novas tecnologias, com a internet, com as páginas da internet, com a informação publicada, facilita muito. Agora o diretor já disse que vamos, que vai avançar para um sistema de sms's, ou seja, sempre que o aluno falta o pai imediatamente recebe uma sms no telemóvel. Tudo isso facilita, mas, tirando isso, acho que sim que há uma boa comunicação entre a escola e os encarregados de educação. Isso foi uma grande melhoria que nós conquistámos nos últimos anos, sim.

C: Agora, também com o novo estatuto do estudante, os pais acabam por ser mais responsabilizados também por isso, não é?

R: Pois, mas são os pais menos favorecidos, são os pais que recebem rendimento social de inserção, têm... recebem subsídio disto ou daquilo. Podem ser penalizados... é mais fácil serem penalizados esses... Fala-se em multas, o novo estatuto fala em multas, fala em responsabilização a outros níveis que não até agora. Para mim, eu acho que é mais o efeito pedagógico, ou seja, sabendo que se pode ter essa sanção, vamos tentar evitá-la e nesse aspeto poderá ser bom. Não sei se são medidas fáceis de implementar. Se calhar são, nomeadamente quando recebem algum subsídio do estado. Mas a principal vantagem é essa, é os pais saberem que podem ser penalizados e, portanto, vamos acautelar. É uma media, talvez de prevenção.

C: Mas esse sistema de sms's acaba por ajudar os pais, não é?

R: sim, quanto mais fácil for a comunicação melhor, sem dúvida nenhuma!

C: Quais são os assuntos debatidos em Conselho Geral, onde verifica maior ou menor participação dos EE?

R: São os problemas das escolas do primeiro ciclo e dos jardins-de-infância e também da escola sede, embora, também haja mais problemas por falta de funcionários. É um problema recorrente! Porque, como temos muitos funcionários contratados, às vezes há períodos em que não existem, é que... é que não... faltam! Quando um professor está doente e falta, por exemplo, no primeiro ciclo e também no jardim-escola. Eles agora estão muito... a preocupação com as faltas dos professores é muito maior do que era antigamente. Curiosamente, antigamente haviam muito mais faltas e não havia essa preocupação e agora que há muito pouquinhas faltas, há uma grande preocupação. E, portanto, um professor que esteja doente, há logo a preocupação de saber o que é que é, como é que é, se é substituído, se não é substituído. E esses são os pontos em que eles mais participam, sem dúvida, porque de facto sentem que os seus direitos estão a ser de alguma forma negados. Portanto, o filho tem direito a professor e ele falta, ou o funcionário, aí são os aspetos em que eles mais falam. Também na qualidade do refeitório, na qualidade do bar, nos horários dos serviços... Também falam muito sobre isso. Houve uma grande preocupação este ano, no tempo dos horários, no tempo dos intervalos. Nós tínhamos de manhã dois intervalos de quinze minutos e eles achavam que era pouco para os miúdos tomarem o pequeno-almoço e, portanto, houve uma

participação deles e também dos funcionários que vendem as senhas e alterou-se, portanto, há um intervalo de vinte minutos às dez e outro mais curto no final da manhã. E, portanto, nos aspetos concretos do funcionamento da escola é mais fácil. Nos aspetos pedagógicos, como é que a escola funciona, no Regulamento Interno, ou regras disto e daquilo também participam, mas é mais fácil participarem quando sentem que é um problema concreto a esse nível, do funcionamento, de horários, etc.

C: Ok. Quais são as dificuldades que identifica na participação dos EE nos órgãos de gestão da escola?

(silêncio)

C: Se existem...

R: Sim, existem, claro! Mas na Associação de Pais (como eu disse) os pais já percebem como funciona a escola e portanto, já participam... alguns deles até são professores doutras escolas e, portanto participam, mas a maior dificuldade é...se eu pensar agora no conjunto dos pais, a maior dificuldade é a integração e é o conhecimento de como é que a escola funciona por dentro, como é que as coisas funcionam e essa é a maior dificuldade, porque se nós falamos em determinadas estruturas da escola, Conselhos de Turma, Conselho Pedagógico, a maioria dos pais desconhece o que é isso. Como é que podem participar? Mas como trabalhamos muito com a Associação de Pais esse problema não se coloca tanto, porque de facto eles sabem exatamente o que é que estamos a falar, quando falamos dos problemas da escola, quando falamos dos currículos, de alterar os currículos, de alterar a carga horária das disciplinas. São discussões mais profissionais, digamos assim, mas a Associação de Pais, os tais dois ou três pais que estão mais frequentemente na escola, também já participam, dão a sua opinião, até porque já têm conhecimento pessoal disto, alguns são profissionais também da educação. Claro que de uma forma geral a dificuldade também é essa. É... O que é que é o currículo? Quais são os horários para as disciplinas? Qual é a importância desta disciplina e das outras? É muito fácil perceber que o português e a matemática são importantes, agora é mais difícil perceber se o ensino tecnológico é importante, se o ensino artístico é importante, se as salas de estudo são importantes, se o tempo de estudo... enfim, esse tipo de discussões é mais difícil para eles.

C: Então ter o conhecimento da escola ajuda um bocadinho?

R: Sim, sim.

C: Para além disso, outro tipo de fatores, acha que existe outro tipo de fatores que limitam a participação dos EE nos órgãos de gestão da escola?

R: Principalmente a dificuldade dos empregos. É evidente, muitos dizem “Está bem, a lei permite, mas se eu faltar depois o meu patrão, não sei quê, faço falta”. Pronto, muitos também são pessoas contratadas e têm receios, mas depois também há outros desempregados que não vêm cá, quer dizer... Mas o que eles referem de facto é a dificuldade do horário. Muitas vezes, o horário de atendimento também não é o mais adequado, embora a maior parte dos diretores de turma, a honra seja feita, estabelecem horários individuais para pais que não possam vir no horário normal de atendimento. Isso acontece muitas vezes! Muitos de nós dão o telemóvel e portanto, recorrem com frequência ao telemóvel pessoal, embora alguns professores se recusem a fazer isso. A grande maioria já o faz. Mas a grande dificuldade...

C: É o horário de trabalho.

R: Sim, o que é mais referido é o horário de trabalho.

C: considera que a escola é apelativa e está acessível a todos os EE?

R: Está, sim, sem dúvida! É apelativa... Aliás, isso também foi uma conquista que nós fizemos... os próprios professores... Isto não era só problema dos pais, também era dos professores. Os professores também tinham aquela ideia que os pais só vêm cá para reclamar e para dizer mal. Hoje já não, hoje as coisas já não são assim. Já se mudou a ideia de ambos os lados. De ambos os lados, já se percebeu que temos de trabalhar em conjunto.

C: Acha que as escolas estão preparadas para uma maior participação dos EE?

R: Sim, vão ficando, vão ficando. Com esta experiência da Associação de Pais nós vamos ficando cada vez mais preparados para que eles venham e... sim, a resposta é sim.

C: E o professor, de que forma é que incentiva a participação dos EE?

R: Como diretor de turma (e não sou o único a fazer, há outros que fazem), fazemos determinadas atividades em que os pais são chamados. Costumo fazer um pequeno piquenique e levá-los a pé, daqui até ao skate parque, por exemplo, lá abaixo, fazer um pequeno piquenique e os pais podem-se juntar no lanchinho que se faça ou algumas atividades que se façam. Há outros diretores de turma que fazem um almoço de Natal ou uma vez por período, no refeitório da escola em que os pais são convidados. Não são

muitos, mas são alguns e são bons exemplos. Era também uma boa solução, sempre que houvesse visitas de estudo convidar os encarregados de educação que isso ainda não se fez mas pode-se vir a fazer, também é outra ideia. Chamá-los assim para coisas boas, para coisas assim, que sejam mais informais e que sejam, que deem prazer a todos, nomeadamente este tipo de atividades assim. A escola faz isso, em termos gerais, por exemplo agora temos turmas articuladas na música que já tocam e fazemos sempre alguns concertos, no Natal, ao longo do ano em que os alunos participam e os pais vêm assistir e, portanto, é por aí, por atividades destas que os vamos conquistando. E têm-lo feito e tem resultado, sim.

C: Então o professor acha que os professores conhecem estratégias de envolvimento dos EE?

R: Sim, sim.

C: Os EE têm informação suficiente para se sentirem motivados a participar, para se sentirem à vontade?

R: Pois, eles às vezes dizem que não. Portanto, há de haver aqui alguma dificuldade de comunicação, sim. É capaz de haver alguma dificuldade de comunicação. A comunicação muitas vezes é feita pelas cadernetas. As cadernetas, muitas vezes não chegam, os pais não vêm, os alunos não mostram. Se estiver na página da internet, nem todos têm acesso, nem todos vêm. Portanto, há aqui ainda alguma dificuldade de comunicação e, portanto, alguns pais referem que não sabiam, que não foram informados, mas a escola informa, só que os canais, às vezes não chegam lá. Pela caderneta ou por outras vias quaisquer, ou porque os alunos também depois esquecem-se de mostrar e não trazem assinado. Acontece muito isso. Nós mandamos os recados pelos alunos e depois pedimos a assinatura e os alunos dizem “A, eu mostrei, mas não assinou” e nós não sabemos se mostrou, se não. Portanto, há essa dificuldade sim, de facto.

C: Sei que existe um Plano de Convivência levado a cabo pela escola. Pode falar-me um bocadinho sobre esse plano? Em que consiste e como é que se desenvolve?

R: O Plano de Convivência traduz-se nos aspetos comportamentais de estar, saber estar, saber viver, saber conviver com os outros, de respeito, de direitos, de deveres e, portanto, havia problemas muito concretos... Esta escola tem corredores muito grandes. Há salas em que eles têm de percorrer grande parte dos corredores para ir para o recreio

e estes corredores eram um pouco palco para tudo. Para brincadeiras, para empurrões, para saltos, para tudo. Isto é só um exemplo. E o Plano de Convivência estabeleceu regras de se caminhar nos corredores sem que haja confusões, sem que haja... Ou seja, a tipologia da escola dificulta também, de alguma maneira. Tem muitas escadas, as salas estão muito juntas umas das outras, às vezes, os alunos estão à espera dos professores e se eles não estiverem numa certa ordem ninguém consegue entrar na sala sem andar ali aos empurrões. E, portanto o Plano de Convivência responde muito a este tipo de problemas. A... E...

C: É dirigido a quem este plano?

R: É dirigido a toda a gente, aos professores, aos funcionários e sobretudo aos alunos. Para além destes exemplos concretos há também depois alguns direitos e alguns deveres que eles devem ter. Foge um bocadinho ao Regulamento Interno. O Regulamento Interno é mais aquela... o seguir o estatuto do aluno, o Plano de Convivência procura dar mais resposta a este tipo de comportamentos menos ajustados, digamos assim e que causam alguns problemas para a escola, nomeadamente de insegurança, indisciplina, etc. E, portanto, é dirigido a todos, mas mais concretamente aos alunos. Depois temos no mesmo espaço alunos com nove anos e alunos com quinze anos... e procurar que haja aqui alguma harmonia entre eles e o Plano de Convivência também estabelece isso. Estabelece, ou pelo menos aponta para que os mais velhos, de alguma maneira protejam os mais novos e sigam essa... sintam esse apelo e não os tratamos de inferiores em tamanho e idade que são e, portanto, o Plano de Convivência apela a determinado tipo de problemas que o Regulamento Interno sozinho, por si não resolve.

C: Mas existe um documento escrito e todos têm acesso a essas regras?

R: Sim, está na internet, está divulgado. O diretor, no ano passado, foi a todas as turmas chamar a atenção para alguns aspetos que estão no Plano de Convivência, os diretores de turma, quando tinham a formação cívica, recorriam, faziam essa ligação.

Obrigada!

O professor membro do Conselho Pedagógico, depois de ser indicado pelo presidente do Conselho Geral e pelo Diretor do Agrupamento, concordou em deixar-nos entrevistá-lo para a nossa investigação. Está no final da carreira, sendo que espera ficar reformado da profissão de professor, ainda neste ano letivo. Tomou a iniciativa de requisitar uma sala de reuniões para estarmos mais à vontade, sendo que aceitou com muito entusiasmo e vontade de partilhar a sua vasta experiência, neste agrupamento e mais concretamente em órgãos de gestão como o Conselho Pedagógico.

C: Eu ia começar por perguntar-lhe como é que caracteriza então os representantes dos encarregados de educação que participam no Conselho Pedagógico?

JR: A maior parte dos encarregados de educação não está por dentro do funcionamento da maior parte das coisas, portanto, vão ao conselho pedagógico e tomam muitas vezes as posições quando lhes é solicitado. É muito difícil conseguir ter uma intervenção espontânea e ter um encarregado de educação ao nível dos outros membros da direção pedagógica. Dígamos que os professores que estão no conselho pedagógico e outros representantes de estruturas da escola, hoje já não estão também os representantes dos funcionários, estão muito mais à vontade e normalmente os assuntos dizem-lhes mais respeito. E o que eu sinto é que o encarregado de educação está sempre um bocadinho à margem, nunca é uma pessoa muito interventiva a menos que traga alguma coisa que queira ver tratada em pedagógico. Se não trazer nada em específico a intervenção de um encarregado de educação é muito passiva, são elementos muito passivos a nível pedagógico. Não quer dizer que quando exprimem as opiniões essas não seja válidas e até nós como professores gostamos muito de ter feedback por parte dos encarregados de educação. Mas de facto, por iniciativa, aquilo que eu conheço, não quer dizer que não sejam muito interventivos noutras escolas, mas da minha experiência as intervenções são só quando solicitado. Se não é solicitado raramente intervém e muitas vezes eu percebo porque é difícil estar-se dentro de uma coisa quando não se está a viver essa coisa todos os dias.

C: Considera que a participação dos encarregados de educação é a mesma nos diferentes níveis de ensino ou existe uma maior participação em determinados níveis de ensino?

JR: Isso, tenho uma certa dificuldade em responder-lhe... Aqui na escola os encarregados de educação são muito solicitados porque esta escola é uma escola com muitos casos complicados e portanto nós, principalmente os diretores de turma têm uma ação muito importante no estabelecimento de ligações com os encarregados de educação. Eu creio que os encarregados de educação de alunos mais problemáticos são os que menos vêm à escola sem serem solicitados, no entanto, pela ação dos diretores de turma acabam por vir e acabam por estar muito presentes na escola. Vêm mais aqueles encarregados de educação de alunos que têm menos problemas e também acabam por deixar de vir porque nunca há nada assim muito especial para falar da criança porque nós como temos muitos alunos com problemas é uma realidade que nós descuramos os alunos bons. Acabamos por não dar a devida importância. A valorização do aluno bom hoje é diminuta porque os casos problemáticos são tantos que nós não conseguimos ahhh... Dizemos assim, para falar depressa e bem: “Este não tem problemas deixa-o andar.” Isto acontece também com os encarregados de educação, acabam por deixar de vir, embora nas primeiras reuniões sejam os encarregados de educação dos alunos mais certinhos que estão sempre presentes. Mas há uma coisa que hoje em dia tem de ser tomada em linha de conta dada a crise que estamos a atravessar: a exigência relativamente aos encarregados de educação tem de ser ponderada porque temos encarregados de educação que estão, eles próprios, a atravessar períodos complicados da vida, não podemos estar a exigir, muitas vezes, ao encarregado de educação que faça determinado acompanhamento, tomaria ele ter acompanhamento da própria vida, não é? Quanto mais de tudo resto!

C: E a nível das classes sociais? Existe uma participação dos EE de diferentes classes sociais?

JR: Sim, sim. Dentro deste contexto que lhe disse, sim. Não há... não se nota assim... pronto, que haja uma grande diferença, não é? Aparecem todos, digamos.

C: Mesmo a nível de formação do EE? Nota que há mais à vontade dos EE com mais formação? Mais concretamente no Conselho Pedagógico.

JR: Não, não, não, não. No Conselho Pedagógico nós só temos um encarregado de educação e, neste caso... Nós temos uma boa relação no pedagógico, no pedagógico há uma boa relação entre todos os membros, mas incluindo também o encarregado de educação. Digamos que o encarregado de educação não se sente à margem, porque foi integrado com naturalidade, talvez até pelas próprias características do encarregado de educação representante, ele integra-se com muita facilidade. Portanto, há uma boa relação... Se eu vir a pessoa ali fora, nós cumprimentamo-nos, falamos, trocamos impressões ali fora, portanto, há uma... aqui nesta escola, há uma relação com o encarregado de educação. Portanto, o encarregado de educação está perfeitamente integrado, não é? Pode não participar, como eu lhe disse, porque é um bocado difícil às vezes e é posto perante problemas que ele, na altura tem que descodificar, digamos, tudo aquilo para poder tomar uma posição, porque é evidente que estamos a discutir um assunto pedagógico que nós professores... que faz parte da nossa vida, que atravessa o nosso dia-a-dia, o encarregado de educação, como é evidente, não atravessa. Agora, no nosso caso também temos uma vantagem, talvez, que o facto do senhor já não estar na vida ativa dá-lhe talvez mais tempo para ele se interessar pela escola. Ele vem muitas vezes à escola, mesmo fora do pedagógico, eu vejo-o muitas vezes aqui a tratar de problemas da Associação de Pais. Pronto, isso é também uma vantagem que nós temos! Eu não sei se há escolas que têm mais que um encarregado de educação no pedagógico, porque...

C: Então e a outra senhora que me falava...

JR: Essa senhora só vem quando o outro senhor não pode vir. Quando o outro senhor não está ressentido é que essa senhora vem ao pedagógico e é uma intervenção completamente diferente! Eles não têm uma intervenção muito... não... Pronto, se me perguntasse em termos... Pronto, não queria muito ir por aí, mas eu gosto mais da intervenção dele do que dela. Pronto, mas a intervenção é diferente, não é? Não intervém da mesma maneira. Acho que... enquanto que... o senhor Fernando não personaliza ou pessoaliza os casos, muitas vezes, a outra senhora tem tendência para personalizar ou pessoalizar os casos, quando esses casos são tratados em pedagógico. O que, do meu ponto de vista, não é muito bom, não é? Pronto, pode causar até alguns constrangimentos e até reações adversas da parte dos outros membros do Conselho Pedagógico.

C: Essa seria uma das questões que eu lhe queria colocar. Era se os EE debatiam os problemas em Conselho Pedagógico como se estivessem a representar um conjunto de alunos ou se estivessem a falar do seu próprio educando?

JR: Pois, eu quando lhe digo, de facto o senhor Fernando que é quem... que é, digamos, o representante oficial, digamos assim, a... Nunca o ouvi falar... Eu sei que é uma filha que ele cá tem, mas nunca o ouvi falar. Nunca vai buscar... até podia ir buscar o caso da filha para exemplificar qualquer coisa. Não, nunca o ouvi! Quando é substituído por essa senhora, já tem acontecido. Já tem acontecido ela, de facto, ir buscar... E, e, e... Às vezes, é um bocado difícil nós, pronto, são os nossos filhos, são aqueles que nos levam as informações para casa e, às vezes, é um pouco difícil nós separarmos as águas, mas acontece, acontece. Ainda ontem tive um conselho de turma e, por sinal, a representante dos encarregados de educação foi impecável, mas eu também já tive outros conselhos de turma em que, enquanto não fala do seu educando não descansa! (risos de ambos) Mas ontem foi impecável e ontem fiz uma coisa que... Fiz propositadamente! Antes da senhora se ir embora, dei-lhe uma informação do educando dela, porque achei que a senhora merecia levar uma informação e era positiva... Achei que a senhora merecia, porque ela foi de tal maneira... Esteve ali mesmo como representante do grupo e não como uma encarregada de educação, não é?

C: Exatamente! E a nível de género, acha que existe alguma predominância de algum dos géneros? Há mais mães a participar do que pais? Há mais pais a participar do que mães?

JR: É assim, não sei. Acho que há mais mães! Acho que há mais mães a participar! Não sei porque razão, mas isso deve ter a ver com a estrutura social que nós temos, não é? O homem ainda é visto como, para fazer determinadas tarefas e esta tarefa ainda é vista como uma tarefa doméstica, não é? E, portanto, a mulher está muito associada ainda à figura doméstica, a pessoa que gere a coisa em casa e o homem mais para outras coisas. Mas também há encarregados de educação, também há homens encarregados de educação, mas é mais, normalmente as senhoras que vêm, que vêm saber dos filhos e tratar dos problema dos filhos ou dos educandos.

C: Já aconteceu algum EE que participa nos órgãos de gestão e, neste caso, no Conselho Pedagógico ter outro grau de parentesco que não seja o de pai biológico ou de mãe biológica?

JR: Que eu saiba não. Que eu saiba é sempre... tem sido sempre... portanto, essas duas situações que referiu, não é? Embora eu saiba que há escolas em que isso não é assim, não é? Podem não ter essa relação, mas aqui, que eu saiba têm sempre essa relação.

C: Quando os EE são convocados estão sempre presentes?

JR: Sim, o encarregado de educação, no pedagógico, como eu lhe digo, tem sido até agora uma figura, em tudo, no mesmo pé de igualdade dos outros participantes e eu não sei como é que é feita a convocatória, mas julgo que é feita como para nós... Vai um email, não é? E, portanto o encarregado... não sei se vai qualquer coisa escrita para casa ou para a Associação de Pais, mas nós aqui usamos muito o email. E, portanto, é natural que seja convocado por email e o encarregado de educação comparece sempre. Aliás, no caso do senhor que faz parte do nosso Conselho Pedagógico... inclusivamente nós trocamos emails, uns com os outros, não é? Eu já lhe tenho mandado emails, ele já me tem mandado emails a mim. Enfim, com coisas que achamos interessantes debater, fora do Conselho Pedagógico. Portanto, como vê, não é um elemento estranho, de maneira nenhuma! É um elemento... é um elemento muito bem integrado na nossa comunidade. Não sei se a senhora também o é! Mas aqui é como lhe digo, pode às vezes ser o feito das pessoas que também... e a disponibilidade no caso do senhor Fernando, a disponibilidade que provoca isso, mas, de facto, é uma pessoa completamente integrada aqui na comunidade escolar!

C: Consegue pensar numa percentagem de famílias que se envolvem de alguma forma na escola?

JR: É assim, envolver com os filhos, a percentagem é bastante grande! Portanto, eu diria que... Se tivéssemos 1% que não querem saber dos filhos para nada ou dos educandos para nada, eu acho que admitiria que poderia haver 1%. E digo-lhe isto nesta escola. Esta escola tem ofertas de escola um pouco fora das ofertas de escola normais, ditas normais. Nós temos uma turma de PIF, portanto crianças em fase de abandono escolar, muito problem... famílias destruturadas, portanto, muito problemáticas, temos cursos de formação, os chamados CEF's, portanto temos turmas de CEF (cursos de educação e formação) e depois temos as turmas ditas normais e aí há um percurso articulado com a música. Ummm... Se eu disser que os alunos do PIEF (programa integrado de educação e formação) e alguns dos CEF's andam pouco em roda livre? Sim, mas são poucos! Andam... digamos que não são muitos. Também já são alunos com outra idade. E

portanto...mas esses alunos são deixados um pouco em roda livre, mas a maior parte dos alunos é acompanhado. Agora, o problema que se põe é aquele que lhe falei há bocado. Os encarregados de educação, hoje têm uma vida tão pressionada, tão pressionada por montes de coisas que muitas vezes descuram um pouco... a escola. Agora, temos outro aspeto, a intervenção propriamente na escola, digamos... que eu daí diria que é o mínimo de pessoas que têm essa intervenção e normalmente são aquelas pessoas que se organizavam para constituir as Associações de Pais. Digamos que, há uma Associação de Pais, mas depois há as Associações de Pais dos Jardins, das primárias, do 1.º ciclo, não é? As pessoas que constituíram essas constituições normalmente intervêm. Intervêm na organização de pequenas festas, intervêm nos concursos. Às vezes, é preciso angariar fundos para uma coisita qualquer e são essas pessoas que normalmente participam. Estamos, de facto, um pouco limitados. Digamos que dizer assim “É de facto uma grande adesão, são os pais todos...” Não, não são! Aí não são! Agora, no acompanhamento dos filhos, isso a maior parte acompanha, muitas vezes só quando são chamados, acompanha... mas tem-se verificado cada vez mais problemas, não quando... não naquela relação diretor de turma... porque é o diretor de turma que faz sobretudo esta relação, não é? Não naquela relação diretor de turma, encarregado de educação, mas nós, como professores, nas aulas verificamos muitas vezes que o encarregado de educação passou um pouco à margem daquilo que está a acontecer, digamos na escola... na escola formal. Portanto, nas aulas e nas atividades mais formais que a escola executa e isso está a acontecer cada vez mais. cremos nós, não é? Aliás, nós em Conselho Pedagógico já fazíamos esta previsão há dois anos, que as coisas iam piorar. E estão de facto a piorar, estão de facto a piorar, mas cremos que muitas vezes não é pela vontade da própria pessoa. A pessoa é levada a isso, não é? Chega cansada a casa, chega saturada, chega cheia de problemas, chega com instabilidade que hoje a vida nos dá a todos e torna-se difícil perguntar “Olha fizeste os trabalhos de casa? Tens testes?” Cada vez menos, mas são os miúdos normalmente... parte do encarregado de educação o interesse pelo seu educando. Apesar que eu já lhe digo que, aqui nesta escola nós temos casos muito problemáticos, em termos familiares. Nós temos aqui nesta escola... Às vezes até nos perguntamos um pouco, nós professores “Esta escola aceita toda a gente? Esta escola não faz distinção” E eu tenho vindo a verificar que, pelo facto de nós aceitarmos toda a gente, exige de nós, em

termos psicológicos, um maior esforço, nem sempre... e nem sempre compensado, mas que não faz de nós uma escola muito diferente das outras escolas. Não, não faz. Está, mais ou menos controlado. Temos anos melhores e anos piores, mas as coisas vão estando controladas e tentamos que... gerir os casos mais problemáticos. Mas eu sei que aqui na cidade... escolas, que eu parto do princípio que recusam os alunos, porque como é que eles vêm aqui parar? Vêm parar e não são desta área. E não são desta área e vem aqui parar. Foram rejeitados por outras escolas! E... a nossa política aqui sempre foi essa. Eu quando vim aqui para a escola, foi-me logo dito que a política era essa. Era de receber toda a gente e nunca rejeitar ninguém e procurar resolver os casos problemáticos todos aqui, não tendo que recorrer a medidas drásticas de dizer assim “Olhe o seu educando não tem lugar aqui. Arranje outra escola para ele!” Não, isso aqui...

C: Uma perspetiva muito inclusiva...

JR: Não, é, é. Temos uma perspetiva de inclusão muito grande, sobre todos os aspetos. Não só inclusão, porque nós temos aqui uma unidade de multideficiência e portanto, também fazemos a inclusão de crianças com grandes problemas, não é? Problemas mesmo muito graves! Crianças que andam de cadeiras de rodas, com aqueles síndromes todos e mais alguns, mas que nós tentamos aqui, dentro do possível dar alguma resposta, embora com condições perfeitamente, quer dizer, isto é uma luta, porque a escola não tem meios para fazer frente a esses casos. E depois temos outros casos complicados socialmente, não é? Esses que, às vezes ainda são mais complicados, pronto. E tentamos dar respostas, como já lhe disse, pelas várias ofertas que... Nós já tivemos o PIEF aqui há alguns anos, depois deixámos de ter porque causou graves problemas. Essa turma causou-nos muitos problemas aqui dentro da escola. O conselho pedagógico foi de opinião que não devia haver PIEF's e este ano voltámos a ter PIEF's, voltámos a aceitar o PIEF para integrar alunos que, se não fosse assim era abandono escolar. Agora, os resultados... Nós nunca sabemos esses resultados porque o aluno fez, saiu. Aquilo valeu de alguma coisa? E hoje em dia é muito difícil que... É muito difícil que a sociedade... Nós aqui fazemos o que podemos, depois se a sociedade os vai integrar ou não, esse já é outro aspeto. E é um aspeto muito complicado. Nós há... É assim, os alunos dos CEF's nós acompanhamos, mesmo para além da escola, quando acabam e nós temos tido bastante sucesso. Não com todos, com alguns cursos de CEF's.

Nós já temos CEF's há muito tempo! Nem se chamavam CEF's na altura e os alunos entraram todos no mercado de trabalho, arranjam todos emprego e bons empregos e modificaram a sua... a sua... pronto, o seu estra na sociedade... Evoluíram bastante! Hoje em dia, é mais complicado! É mais complicado, mas têm... a escola tentam sempre integrá-los no mercado de trabalho ou então no prosseguimento de estudos, não é? E tem-se conseguido, mas cada vez mais essas turmas são turmas para recolher alunos com muitas dificuldades de aprendizagem, dificuldades de aprendizagem que vêm por muitas razões, não é? E hoje o social está cada vez a ter mais influência nas dificuldades de aprendizagem.

C: E enquanto diretor de turma? Quando é que os EE o procuram?

JR: Eu já não sou diretor de turma há muitos anos. Não, porque sou coordenador de disciplinas... de departamento. Sou coordenador de departamento e, portanto, já há muitos anos que não sou diretor de turma. É assim, hoje aquilo que me é dado a perceber, vêm fundamentalmente cá encarregados de educação, quando solicitados. O encarregado de educação... Nós tentamos aqui... os diretores de turma tentam sempre estar abertos a receber os encarregados de educação em qualquer altura. Se um encarregado de educação... Embora o encarregado de educação, por lei possa... tem X horas que, agora já não me lembro, para poder faltar para tratar de assuntos do seu educando, mas nós sabemos que as empresas não facilitam! E nós sabemos que hoje... essas razões não são muito bem aceites pelas empresas. Então, o diretor de turma está normalmente aberto a poder receber o encarregado de educação cá em qualquer altura. Se o encarregado de educação não pode vir à hora que está marcada, então arranja-se sempre por aí uma hora qualquer, nem que a pessoa tenha que vir cá de propósito às seis ou sete da tarde, ou como calhar para receber a pessoa. Mas, normalmente, os encarregados de educação vêm muito por solicitação do diretor de turma e não tanto por iniciativa própria.

C: Há pouco estava-me a dizer que os encarregados de educação até tinham uma atitude um pouco passiva, mas eles participam nas reuniões?

JR: É assim, os encarregados de educação têm uma participação nas reuniões que a própria lei condiciona, porque o encarregado de educação vem à primeira reunião e só vem a uma parte da reunião, porque não pode assistir a tudo aquilo que diga respeito à avaliação dos alunos, portanto, não pode assistir a tudo aquilo que vá falar, todos os

assuntos em que se fale particularmente dos alunos e depois dessa primeira reunião em que tem uma participação em que normalmente vai apresentar, pode apresentar alguns problemas, normalmente o encarregado de educação nunca mais participa em reuniões nenhuma. Não se fazem mais reuniões em que esteja presente o encarregado de educação, a menos que algum diretor de turma ache necessário que se faça reuniões de pais, mas não são reuniões de conselho de turma. Essas reuniões são reuniões só para pais. Eventualmente podem ser convidados professores a estar lá, mas não são reuniões com a estrutura de conselho de turma. Portanto... E isso também se perdeu um pouco, porque nós estamos assoberbados por reuniões. Fazem-se reuniões por tudo e mais alguma coisa e o professor começa a abominar as reuniões e como começa a abominar as reuniões, então diz assim “Vou marcar mais reuniões, mais reuniões, mais reuniões, mais reuniões...” E de facto, não se marca. Eu até posso dar um caso particular, porque a minha mulher também é professora. No ano passado teve alguns problemas com uma turma... Com uma turma não, com os encarregados de educação, com uma parte dos encarregados de educação e ela, para que o assunto (porque é aqueles mexericos que às vezes acontecem), para que o assunto não se agravasse, convocou uma reunião de pais e os pais vieram quase todos. E é isso que muitas vezes acontece. Agora como estrutura de conselho de turma, que eu saiba... Eu nunca vi! Vêm à primeira, apresentam-se e depois nunca mais agente vê o representante dos encarregados de educação naquela turma, a não ser como um pai ou como uma mãe que vem cá à escola, mas integrado na estrutura nunca mais depois aparecem. Também não há reuniões, também não são convocados para isso, não é? Normalmente, quando são convocados vêm, esses representantes vêm. Os outros pais, quando são convocados para reuniões de pais também vêm. Não são todos, mas quando vêm cinquenta por cento já estamos muito satisfeitos, não é?

C: Consegue lembrar-se ou dar-me algum exemplo de alguma sugestão dada por um encarregado de educação em conselho pedagógico?

JR: Olhe, em conselho pedagógico... nunca em conselho pedagógico os problemas são sempre... Por exemplo, os problemas da cantina, esse é um exemplo de um problema muito tratado. A qualidade da alimentação, as filas da cantina... Aliás, os encarregados de educação aqui na escola tinham uma ação muito ativa, porque faziam o controle da cantina. Este ano não sei se ainda estão a fazer isso, mas faziam. E, por exemplo,

acompanhava, os miúdos do primeiro ciclo que vinham aqui comer. Eram acompanhados por encarregados de educação. O Problema dos transportes é outro problema que também é sempre muito colocado. Sei lá... há outros problemas assim sobre coisas mais pequenas... Os encarregados de educação também intervêm, às vezes nalguns problemas relacionados com comportamento, quando se nota que há algum problema geral de comportamento, na escola também dão as suas opiniões, mas normalmente é mais para coisas mais específicas como as que eu lhe disse. A qualidade da comida, não está boa, começam a receber muitas queixas na Associação de Pais... Quando as queixas não vêm pelo diretor de turma, vêm pela Associação de Pais e depois o representante tem essa intervenção e... E a própria Associação de Pais intervém para auxiliar a escola a resolver esses problemas, a nível... Como eu lhe digo, a nível da cantina e dos transportes escolares, que não são propriamente transportes escolares. Porque nós não temos alunos que... Eu não sei como é que isso está organizado atualmente, mas os alunos deslocam-se no transporte regular e, muitas vezes, os horários não estão de acordo com os horários da escola e isso é um problema que aflige muitos encarregados de educação que não têm hipótese de fazer o transporte individual do seu educando. Portanto, são dois aspetos em que intervêm e procuram ajudar a solucionar os problemas.

C: Os EE participam na elaboração de instrumentos de gestão como o Regulamento Interno, o Projeto Pedagógico?

JR: (momento de silêncio) É assim... Participar participam, porque fazem parte dos órgãos. Aquilo que normalmente, no Pedagógico... No Pedagógico nunca vi que fosse proposto alguma coisa. No Conselho Geral, como há uma percentagem muito grande de pessoas não professoras, eu não sei até que ponto é que participam, é que dão sugestões. Mas normalmente as sugestões para essas coisas partem sempre dos professores.

C: A que nível é que acha que se devia verificar uma maior participação dos EE?

JR: (momento de silêncio) Eu acho que sobretudo deveriam ser organizadas mais reuniões com encarregados de educação. Reuniões em que apresentassem... em que se apresentasse ao encarregado de educação uma parte daquilo que é a escola. Qual é o problema disso? O problema disso é que podemos estar a trazer o encarregado de educação e a dar-lhe... aquela ideia de que ele vai poder intervir em tudo e aqui há um aspeto que é muito delicado que é a avaliação dos professores. Mas eu acho que era

organizar concretamente... Eu sou professor de matemática... Nós poderíamos, por exemplo, fazer regularmente, uma vez por período, uma espécie de uma aula com os encarregados de educação. Levá-los lá, mostrar-lhes o que estamos a dar, onde é que estamos a ver mais dificuldade dos alunos... Eu digo-lhe, eu nunca fiz isso, porque não quero abrir um precedente... não quero abrir um precedente... Eu acho que era positivo, mas com as condicionantes que o Ministério da Educação tem posto ao trabalho do professor, fazer uma coisa dessas, é eventualmente abrir um precedente que pode levar o encarregado de educação a intervir em assuntos que se calhar era melhor não intervir. Porque, eu acho que os encarregados de educação não intervêm muito, mas há encarregados de educação que acham que são professores e não é a mesma coisa. Os encarregados de educação têm que meter na cabeça deles que ter um filho em casa e fazer os trabalhos de casa com o filho ou mesmo acompanhá-lo nalguma coisa não é a mesma coisa que ter vinte e seis miúdos ou vinte e sete ou vinte e oito, dentro de uma sala de aula. E, às vezes, o encarregado de educação como está fora desse universo esquece-se que os problemas dos professores passam muito para além de alguns problemazinhos que surgem. Eu posso-lhe contar um caso que aconteceu comigo de uma encarregada... de uma não, de duas encarregadas de educação que eu encontrei, por acaso, fora da escola e relativamente a uma prova de aferição que houve no ano passado me disseram “Eu vou reclamar, porque a professora não deu esta matéria!” E eu disse-lhe “Não vai não! Não lhe adianta nada! Não reclame! Isso não adianta nada para a sua educanda, para a sua filha. Não tem qualquer interesse! Para que é que vai armar uma zaragata? Para que é que vai obrigar a fazer reuniões?” E pronto, as senhoras depois, eram duas, não fizeram a reclamação... Até depois mais tarde vieram falar comigo... Porquê? Porque o encarregado de educação vê um pouco só aquele bocadinho. Não vê a floresta, só vê aquela arvorezinha, não vê o bosque todo! (risos) E, às vezes, aquilo que para o encarregado de educação é um grande problema, é uma coisa... Para o professor aquilo é uma coisa do dia-a-dia e que ele tem milhentos casos daqueles para tratar todos os dias. Portanto, temos esse problema, mas é como lhe digo, eu acho que... não reuniões com aquela estrutura do Conselho de Turma, essas não têm interesse, porque o encarregado de educação acaba por não participar em nada porque aquilo não lhe diz nada. Mas, se por exemplo, se estivéssemos a dar, sei lá, a alimentação, por exemplo, e trouxéssemos cá os encarregados de educação todos e se

disséssemos assim “Olhem, nós estamos a falar com os vossos filhos sobre isto e isto e isto” Podia haver... era... até acho que era uma extensão de escola, porque nós temos aqui muitos encarregados de educação com um nível de escolaridade muito baixa! Inclusive com... Analfabetos. Ainda temos cá encarregados de educação analfabetos e, portanto... sem falar nos analfabetos funcionais que isto... são os que não sabem nada de nada. São, em termos de cidadania quase um zero e isso torna muito complicado o acompanhamento dos alunos. E isso era bom, mas lá está, isso não está previsto em nenhuma estrutura, não... e as burocracias todas que nós temos no dia-a-dia acabam por nos afastar daquilo que é o essencial, não é?

C: E como é que acha que tem evoluído a participação dos EE, ao longo dos anos?

JR: Eu acho que cada vez está pior, não é? Eu acho que cada vez está pior, mas isso tem a ver com os... tem a ver com aquilo que eu lhe disse. Isso não tem a ver com propriamente, com o encarregado de educação. Tem a ver com... de facto, não há tempo! Não há tempo para se viver. Nós somos autênticos... nós, quem trabalha, não é? Somos autênticos escravos. Dão-nos algumas liberdades, mas, de facto nós somos escravos. Escravos do tempo, escravos do nosso trabalho, porque uma pessoas que trabalha oito horas por dia (e há pessoas que trabalham mais, não é e querem inclusive por na lei mais horas) que tempo é que tem para dedicar à escola ou aos filhos? Nem para as necessidades básicas dos filhos, muitas vezes têm tempo, não é? E nós vemos muitas crianças chegarem à escola mal vestidos, sujinhos, sem comer ou então com aquelas coisas que se compram e se enfiam na mochila do miúdo, porque é mais prático. Até nem é mais barato, mas é mais prático, não é? E é péssimo, muitas vezes! E a escola está, cada vez mais a substituir-se ao encarregado de educação. Não sei é até que ponto nós vamos aguentar isso, mas está. Eu aqui, não tenho... mas estive numa escola em que dávamos banho aos meninos. Havia crianças que tinham de tomar banho na escola, porque não tinham outro sítio onde tomar banho, não é? Mas isto são as contingências sociais! Nós tentamos... minorar essas coisas cá na escola, mas não vamos conseguir, não vamos conseguir por múltiplos aspetos, porque as coisas estão a avolumar-se cada vez mais. Há miúdos aqui na escola (soube na semana passada) que há miúdos que compram uma senha para dois. Compram uma senha, entram os dois no refeitório, trazem a comida e depois dividem a comida a meias. Eu ainda nem falei disto, não sei se isto já chegou à direção. Provavelmente, quem me disse a mim também

já foi dizer à direção, mas isto é... Pronto, nós já sabíamos que ia ser assim e temos montes de miúdos do escalão A aqui na escola. Temos muitos problemas aqui e temos e cada vez se vão avolumar mais! Isso, nós não temos dúvidas não é?

C: Como é que acha que os professores vêm a participação dos EE? Já me falou um pouco sobre isso...

JR: Quer dizer, é assim, nós gostamos que o encarregado de educação participe. Não gostamos é que o encarregado de educação se meta em coisas em que não... que, que... pronto, que não tem competência para elas, porque senão nós vamos dizer assim “Então mas toda a gente agora tem competência para ser professor?” E nós sabemos que não tem. Inclusivamente, há professores que não têm assim muita competência para serem professores, porque também há. Não vamos ignorar! Há pessoas que não são... Pronto, que se calhar nunca deviam ter vindo para esta profissão. Se bem que a maior parte, pelas escolas que passei (e eu já posso falar sem pecar porque estou para me ir embora, para ir para a reforma), mas eu tenho... fiquei com esta ideia dos meus trinta e sete anos de serviço, fiquei com a ideia de que foram poucos os colegas que não tinham uma apetência para aquilo que estavam a fazer e que se dedicavam como pouca gente se dedica, porque os professores têm atrás deles uma coisa que passou para a sociedade: trabalha muito poucas horas por dia. Pois é verdade, nós trabalhamos, na escola a assinar o ponto vinte e... Agora trabalhamos vinte e sete horas ou vinte e seis, por aí, não é? Mas nós trabalhamos muito mais! Está a ver, está a falar comigo que sou um velhote e eu passo sábados e domingos ainda... no último ano que vou estar cá, estou a passar sábados e domingos a preparar aulas, a fazer materiais... (risos) Quer dizer, eu podia dizer assim “Mas porquê? Vou-me embora, para que é que eu estou agora a aborrecer-me com estas coisas?” Mas de facto é quase como que um bichinho que nós temos e já não somos capazes de fazer de outra maneira e as estruturas do Ministério da Educação sabem disso e é por isso que cavalam em cima de nós. Porque sabem que nós fazemos sempre. Sabem que se nos aumentarem o número de alunos por turma, nós vamos fazer (como se diz) das tripas coração para aguentar mais não sei quantos alunos nas turmas e é por saberem disso que têm feito aquilo que têm feito, ao longo dos anos com a classe, não é? Pronto, mas os encarregados de educação que não se meterem naquilo que não é da competência deles, eles são sempre muito bem vindos e nós gostamos muito de contactar com eles e, como eu lhe digo, (isto é uma opinião... é

meramente uma opinião pessoal) nós devíamos fazer muitas reuniões com os encarregados de educação, específicas. Reuniões assim com temas gerais não dão nada! Mas coisas muito específicas “Venham cá que nós vamos tratar deste assunto em conjunto, todos”. Coisas que digam respeito ao dia-a-dia do filho e que podem ter influência até depois na maneira como eles se relacionam com o educando, não é?

C: Nota que geralmente existe um consenso entre os professores e os EE no que se refere aos objetivos educacionais?

JR: Eu não sei se os encarregados de educação têm muita ideia dos objetivos. Se calhar não têm, se calhar não têm. Mas... é assim... E tudo depende da formação do encarregado de educação, como é evidente! Um encarregado de educação licenciado, bem empregue, bem empregado, não tem a mesma visão que tem um encarregado de educação que está desempregado, que tem pouca escolaridade... Não tem! Não tem... e muitas vezes, portanto, a escola é quase como uma obrigação. O filho é obrigado a ir à escola. Se calhar, se pudesse angariar sustento para a casa, não vinha para a escola. É difícil no meio citadino isso, mas num meio rural... Quantos pais não desejariam que a criança... Eu já estive num meio rural e sabia muito bem que a criança, antes de ir para a escola, às seis... Às seis não! Às sete da manhã já ia levar a vaca à ordenha, não é? E, portanto, os objetivos... Digamos que nós, professores estamos num mundo ilusório e os nossos objetivos são dignos, muito dignos e aquilo que pretendemos e aquilo que a própria escola pretende e está plasmado aqui nos papéis todos que para aí há, são de facto ótimos e visam o desenvolvimento integral dos miúdos, não é? Agora, depois como é que isso se traduz na prática, no dia-a-dia é completamente diferente e, de facto, depende da posição social que as famílias têm. As famílias absorvem essas coisas de uma determinada maneira e têm filtros, digamos, para ver todas essas coisas. Não sei se têm uma verdadeira noção daquilo que a escola pretende, mas, hoje em dia também não sei se os governos têm uma verdadeira noção daquilo que pretendem para a escola, não é? Porque, isto tem... isto conforme o governo que lá está, o paradigma é outro não é? (risos de ambos) Portanto, aliás, nós próprios nem sabemos muito bem aquilo que havemos de fazer. É que havemos de fazer... Vamos lá ver. Nós sabemos aquilo que havemos de fazer, porque nós não vamos assim atrás de qualquer coisa! Tentamos é dar a volta para que aquilo que nós consideramos que é o bom, não se perca. Há bocado falámos da escola inclusiva, não é? E que esta escola, é uma escola inclusiva, mas hoje

tudo aquilo que vem do Ministério é contra a escola inclusiva. Desde o corte nas verbas até aos próprios regulamentos, desta coisa que saiu agora do aluno... Isto não tem nada a ver! Isto é feito por pessoas que não estão no terreno! Não sabem do que é que estão a falar! Então agora nós vamos aplicar coimas aos encarregados de educação porque o aluno faltou??? Ou porque o aluno não sei quê... Quer dizer... Bom, é melhor nem irmos por aí!

C: Verifica que existe um consenso entre os EE e os seus representantes nos órgãos de gestão da escola?

JR: Acho que a maior parte dos encarregados de educação não tem relação com os representantes da escola. Os representantes da escola é que tentam apanhar, digamos a ideia que poderá ser... pronto, a ideia que prevalece, não é? Em termos do... do encarregado de educação. Se o representante não estiver agarrado ao seu educando e tiver abertura suficiente para perceber a comunidade em que está inserido, ele pode trazer esse sentir. Que seja o encarregado de educação, não, porque o encarregado de educação não vai às estruturas das Associações de Pais. As reuniões das Associações de Pais, tanto quanto nos é comunicado, não têm meia dúzia de pessoas. Praticamente, são os próprios gerentes e pouco mais. Os outros encarregados de educação não participam, não participam!

C: Quais são então os resultados da participação dos EE na escola?

JR: Bom, há resultados a nível geral, que já falámos... Alguma participação para resolver alguns problemas e para angariação de fundos e para intervenção juntos da autarquia, por exemplo, para se conseguir determinados melhoramentos para a escola. E depois há a intervenção mais de encarregado de educação do aluno e aí, se de facto houver uma grande consonância entre o encarregado de educação e o professor, o diretor de turma, conseguem-se ultrapassar muitas dificuldades. Se não houver, as coisas tornam-se muito mais complicadas para nós professores e para a escola. Portanto, eu acho que o encarregado de educação deve ser sempre ouvido. Deve ser sempre ouvido e deve procurar também, sempre numa tentativa construtiva e era bom que as Associações de Pais levassem para os encarregados de educação essa atitude que eles devem ter construtiva. Esta coisa de professor de um lado e encarregado de educação do outro é muito má! É muito má! Acontece nalguns casos. Acontece nalguns casos. Noutros... sei lá... No ano passado, apareceu aí uma mãe que queria falar comigo. Eu

não sou diretor de turma, mas queria falar comigo por causa da matemática... Achava que eu não ajudava a perceber bem. E de facto não vinha com aquela atitude construtiva e saiu com a atitude construtiva! Tive ali algum trabalho e tal, com a senhora e a senhora acabou por sair com uma atitude construtiva. O aluno não passou a matemática, mas teve o resto do tempo uma atitude... melhorou, melhorou. Em termos de atitude, o aluno melhorou! Pronto, lá está. São coisas que se conseguem se houver esta maior dedicação entre professores e encarregados de educação.

C: Então, acha que esta participação dos EE é fruto da legislação ou traduz também uma motivação própria?

JR: (silêncio) Eu acho que é mais fruto da legislação no aspeto em que... Não é tanto a legislação, porque nós não convocamos um encarregado de educação porque está legislado que o temos de convocar. Agora, se o aluno estiver com falta injustificada, ao fim de três dias nós temos que participar... Temos três dias para participar ao encarregado de educação, mas nós não é por aí que vamos. Não é por aí que vamos! Quando é detetado algum problema é imediatamente comunicado ao encarregado de educação! Isso é... Aliás, aqui por exemplo usa-se muito... Há escolas que fazem sempre tudo muito formal. Aqui, na nossa escola, além do formalismo que às vezes é necessário, quando se ultrapassam determinadas coisas, o telefone é usado constantemente! Do encarregado de educação não há de facto aquela... por iniciativa própria, o encarregado de educação não intervém. Não é muito interventivo, não vem cá muito... Como eu lhe digo, não é um hábito, não é um hábito. Não está enraizado na nossa cultura, de facto, vir à escola. Pelo menos nesta escola, não está isso enraizado.

C: Considera que o sucesso educativo está diretamente relacionado com a aproximação da escola às famílias?

JR: De alguma maneira está, mas há outras variáveis que são muito condicionantes. O aluno pode não estar... Pronto, nós podemos não ter uma relação muito grande com a família e temos muito bons resultados, por parte de alguns alunos. Digamos que, o contrário é capaz de ser verdade. Se a família se implicar muito na escola, os resultados poderão, de alguma maneira melhorar. Agora, está tudo muito dependente de nós, está tudo muito dependente de nós. Quer dizer, está tudo muito dependente de nós para aquilo que conseguimos fazer, porque como eu lhe digo, com a sociedade a funcionar com estamos, isso vai condicionar enormemente os resultados da aprendizagem. Porque

é evidente que alunos que não tem livros, alunos que não têm qualquer espécie de material e não têm hipótese de os comprar, não... A escola tenta comprar, tenta pedir junto das editoras que nos deem livros, deem material para darmos a esses alunos carenciados, não é? Os subsídios já não chegam para essas coisas, já não chegam para essas coisas. Agora, digamos que a família tem importância, tem uma importância cada vez maior, mas tem uma importância cada vez maior no sentido negativo. A família está cada vez mais destruturada e cada vez mais aleada destes problemas que acabam por ser problemas menores (e daí aqueles objetivos, a maneira como a escola vê, como a família vê os objetivos) que, quanto mais, na escala social, para baixo está a família, menos se apercebe das coisas e, portanto menos vê a escola como uma... Uma coisa importante para a vida. Portanto é complicado, é complicado! Há tantas variáveis, de facto aqui em jogo que é complicado. Mas hoje está-se a atirar muito mais para cima da escola e para cima dos professores o próprio sucesso dos alunos e está-se a explorar um pouco... Não é com estas medidas, quase repressivas, relativamente às famílias que se vai conseguir que a família, de um momento para o outro, não, quer dizer... Era dando condições à família para a família de facto intervir. Se nós não tivéssemos oito horas de trabalho mas tivéssemos seis horas de trabalho, se calhar a família tinha muito mais tempo para estar e para acompanhar os filhos, não é? E aí, se calhar, a própria escola poderia ter uma ação pedagógica junto das famílias e dizer “Não, vocês não querem as duas horas que vos foram dadas agora para ir para o café! Vocês querem as duas horas para outras coisas, não é?” E se calhar aí é que nós podíamos ter essa relação.

C: Não fácil!

JR: Nada fácil!

C: Como caracteriza a relação dos professores com os encarregados de educação?

JR: É boa!

C: Existe uma boa comunicação? De que forma é que essa comunicação se faz?

JR: Existe uma boa comunicação! A comunicação é feita pelos meios, digamos, legais, é feita pelos meios instituídos que são a caderneta do aluno, é feita pelos meios legais quando há problemas que têm de ser resolvidos pelos meios legais e, como lhe digo é feita por telefone, telemóvel... Pronto, isso é... Se estivesse aqui durante um dia ia ver a quantidade de vezes que há ali diretores de turma a irem ao telefone ou a pedirem uma

chamada para a mãe do aluno tal. É tudo... Pronto, é tudo feito... Há uma grande participação aqui da escola na vida do aluno. Nós estamos sempre preocupados com tudo, é com esse menino não comer, é se o menino está com febre... E isto, nós podemos pensar que isto é só feito com as criancinhas da pré ou só do primeiro ciclo, mas não é! Isto é feito com os alunos do nono ano. Logo que se deteta alguma coisa é logo comunicado ao encarregado de educação! Normalmente, quando são assim coisitas de saúde o encarregado de educação vem. Também quando há problemas que envolvem, por exemplo, consultas de desenvolvimento, consultas de psicologia... os encarregados de educação são... essa relação é muito boa! Aí conseguimos que eles sejam abertos a dar autorização para que tudo isso seja feito para um reencaminhamento dos alunos. Nós temos um protocolo aqui com o hospital, portanto isso também nos facilita imenso no tratamento de alguns problemas.

C: Quais são as dificuldades que identifica na participação dos EE e, mais concretamente nos órgãos de gestão da escola?

JR: Não acho que haja grandes dificuldades. No Conselho Pedagógico é que é o órgão em que eles até agora vinham, não é? Eu não sei qual vai ser agora a participação futura, porque se eles não têm participação no Conselho Pedagógico, eu não sei qual vai ser a participação futura. Em termos de Conselhos de Turma, como já lhe disse, é uma vez só e acho que, de facto, deveríamos arranjar uma estrutura qualquer para haver uma maior participação do encarregado de educação, porque não sendo assim, eu não estou a ver outra participação do encarregado de educação.

C: Considera que a escola é apelativa e está acessível a todos os EE?

JR: Apelativa não sei se será (risos), mas nós temos procurado, temos procurado torná-la e as direções das escolas têm procurado torná-la apelativa, não é? Não posso dizer mais do que isso, não é? (risos)

C: Então acha que as escolas estão preparadas para haver uma maior participação dos EE?

JR: Naquilo que diz respeito aos recursos humanos acho que estão. Nos recursos físicos, nós procuramos. Temos duas salas para receber encarregados de educação... Pronto, os encarregados de educação, digamos que não são recebidos na escola de maneira diferente que é recebido um professor ou outra pessoa qualquer. São recebidos nas mesmas condições. É, são recebidos... Há aquelas questões de segurança, não é? O

encarregado de educação chega aí, tem que se apresentar, enfim, tem de fazer essas coisas todas, mas eu acho que o encarregado de educação... eu acho que não há muita queixa. Mesmo, por exemplo, os serviços administrativos tem pessoas ótimas a tratar com os encarregados de educação. Pessoas que... não sei se tiraram algum curso para isso, mas que... mas que são ótimas a tratar dos assuntos são!

C: De que forma é que o professor incentiva a participação dos EE?

JR: Eu não incentivo muito, se quer que lhe diga, porque não tenho uma relação muito grande com os encarregados de educação já há muitos anos! A última vez em que fui diretor de turma acho que foi há dez anos, talvez. Mas, nas aulas, através das aulas, eu procuro chegar ao encarregado de educação. Não tanto com escritos na caderneta. Terei de o fazer quando a coisa insiste, mas mais procurando que o educando, o aluno leve até casa e isso é fácil de conseguir. Quando se diz determinadas coisas, as crianças vão contar em casa, sabemos que vão. E, às vezes, eu sou até um bocado provocador. Eu digo coisas que já sei que vão chegar a casa e que vão mexer em casa com alguém. Isso, por vezes faz com que depois chegue um feedback. Essa é a minha participação. Sei que há outras pessoas que têm outra participação, nomeadamente os diretores de turma. O diretor de turma é... e aí claro, o professor de 1º ciclo e o educador têm mais participação. Não há dúvida! Aliás, o professor de 1º ciclo e o educador têm quase um contacto diário com os encarregados de educação. Nós, é o diretor de turma. O diretor de turma é um cargo pouco valorizado! Pouco valorizado, mas exerce uma função que só quem passa por lá é que sabe. É quase uma outra família do aluno, quase um outro encarregado de educação do aluno. Faz tudo! Faz tutoria... Sei lá, faz tudo e mais alguma coisa. Tem de estar sempre em cima do acontecimento. Se houver, para além disso, um bom Conselho de turma, tudo chega ao diretor de turma, porque o professor facilmente diz “É pá, hoje fulano tal está assim, assim, assim. Vê lá se se passa alguma coisa.” O diretor de turma vai verificar e se houver é logo uma chamadinha para casa. Aqui isto é um hábito, nesta escola uma chamadinha é um hábito. Logo que se deteta qualquer coisita no miúdo é logo uma chamadinha para casa.

C: Então acha que os professores conhecem estratégias de envolvimento dos EE na escola?

JR: Conhecem, conhecem. Os professores estão sempre em cima do acontecimento. Nós gostávamos muito que houvesse uma super participação dos encarregados de educação. Às vezes não conseguimos, mas pronto.

C: Os EE têm formação suficiente para se sentirem motivados a participar?

JR: Não, não têm. A maior parte não tem, a maior parte não tem. É por isso que eu lhe dizia, se houvesse reuniões com temas específicos, discutirmos entre todos... Eu até tinha uma estrutura e tudo e até já idealizei, a bem dizer uma estrutura para essas reuniões e tudo. Até já idealizei uma reunião com encarregados de educação e alunos, ao mesmo tempo em que vinha metade da turma... Metade, quer dizer, cada encarregado de educação trazia o seu educando e vinha metade, fazíamos ali uma espécie de uma aula, não é? Para eles verem como é que funciona, como é que funciona a escola, não é?

C: Quando sair delega essa missão. (Risos)

JR: Agora já não vai ser, já não ver ser para mim, mas pronto. Todos nós professores temos... Nós vivemos isto todos os dias. Nós todos os dias gizamos estratégias para mais alguma coisa. Não há pessoa que planeie mais neste país que o professor. Todos os dias faz planos! Muitos saem furados, como se diz, não é? Mas o que é que nós havemos de fazer. (risos) O governo também erra as contas todas!

C: (risos) É verdade! E por falar em planos e para terminar, podia-me falar um pouco do plano de convivência levado a cabo aqui pela escola?

JR: O Plano de Convivência tem sido uma aposta da Direção aqui da escola. (silêncio) Porque a escola tem uma conotação um pouco negativa lá fora, ainda não sei porquê. Porque, de facto, não é muito diferente das outras. Houve da parte da direção a tentativa de melhorar as coisas, então constituiu-se o Plano de Convivência que tem várias estruturas, digamos assim, uma hierarquização de vários... de vários itens. Desde aqueles itens que passam pela legalização do aluno dentro do espaço escolar até aos meios de atuação e como é que... Como é que... a coisa deve ser feita hierarquicamente para resolver os vários problemas. Mas o Plano de Convivência, eu creio que não está a resultar, creio que não está a resultar. E não está a resultar... Eu até tinha pensado ter uma conversa com o diretor sobre isso, porque apesar de não ser... não estar muito burocratizado, o Plano de Convivência exige uma consonância quase total dos intervenientes e é muito difícil, porque há muitas sensibilidades dentro da escola, ao

nível dos professores. Depois, também não há em termos de... os funcionários... Nós temos falta de funcionários. E também não é dada ao funcionário... Não são dadas aquelas condições nem a formação que eles deviam ter. Nós estamos a receber aqui pessoas, por ventura... Não sei o que serão, ou pessoas com o rendimento mínimo ou pessoas que estão desempregadas e que vêm para cá fazer horas. Isto não pode ser! Isto tem que haver uma carreira! Estão a acabar com as carreiras do funcionalismo público. Não pode ser! Se uma pessoa não é de carreira, uma pessoa não pode estar dentro dos assuntos. A pessoa tem que de facto, tem que de facto ter anos para perceber como é que funcionam as coisas. Mas o pior são as sensibilidades e as sensibilidades ao nível dos professores são muito diferentes. A maneira como eu reajo a um... a um incidente crítico ou não é muito diferente daquela como reage o meu colega do lado e isto está a ser, quanto a mim, o grande problema do Plano de Convivência. A Direção tem procurado, por exemplo, a nível da estrutura física da escola alterar algumas coisas, no sentido de porem a parte de... digamos... física, ao serviço das interações que se verificam entre os vários elementos da escola. Os alunos têm muito espaço. Esta escola, felizmente tem muito espaço. Este ano procurou-se aumentar o espaço coberto dentro da escola... Procurou... tem havido essa, essa... tem havido muita preocupação com tudo isso, mas depois as coisas chocam com aquilo que eu lhe disse. Há regras de circulação dentro da escola, foram estabelecidas regras, não estão a ser cumpridas, mas não há ninguém para as fazer cumprir e o problema está aí. Não há ninguém para as fazer cumprir. E há uma grande desmotivação dos professores, por tudo aquilo que lhes tem sido feito, no sentido de atuarem para além da sala de aula. Atuam muitas vezes dentro da sala de aula e mesmo aí, não em consonância, apesar dos conselhos de turma procurarem que haja uma consonância entre todos, depois a nossa maneira de atuar vem sempre ao de cima e às vezes é muito difícil conseguir-se que as pessoas atuem no mesmo sentido. Eu estou a ver as coisas... Não que haja conflitos dentro da escola graves, não. Mas se estiver aqui (olha para o relógio) mais 10 minutos vai ver o nível de ruído que existe dentro da escola. E isso não devia... O Plano de Convivência, entre outras coisas, visava acabar com isso. Visa acabar com... pronto, quis instituir dentro da escola um ambiente... a todos os níveis são e ele não é muito complicado mas acaba por... por exemplo nas entradas para as salas de aula. Acaba por ser muito confuso, muito confuso. Na maneira como se resolvem os problemas, por exemplo, quando um

aluno é convidado a sair da sala de aula, muitas vezes não temos empregado para o encaminhar até ao local para onde o mandamos, porque normalmente mandamo-lo com trabalho para fazer, mandamo-lo para a biblioteca ou para uma sala de estudo e não há ninguém. Pronto, essas estruturas é que não estão a funcionar, não estão a funcionar. Se juntarmos a isso a maneira diferente como todos nós encaramos a resolução de conflitos e os próprios conflitos em si, porque cada vez mais os miúdos não têm a perceção de que estão a perturbar, não têm! O miúdo tem de ser educado e tem de perceber e muitas vezes não percebem. A aula continua, a sala de aula é uma extensão do recreio. Tudo continua, não é? Por exemplo, eu tenho uma turma que já foi minha no ano passado. Aqueles miúdos que já foram meus no ano passado, não tenho problemas nenhuns. Entram e sabem quais são as regras e as regras são muito rígidas, inclusive a arrumação em cima das mesas. Tudo é controlado! Mas este ano entraram 3 miúdos novos para a turma e não vêm habituados a nada disto. Intervêm de qualquer maneira, levantam-se, gritam e estas coisas não se conseguem com facilidade e depois, se há uma pessoa que tem uma atitude mais de controle e mais firme, há logo o outro ao lado que não é assim e eu não me atrevo a dizer que o outro é que está errado e esse é que é o problema. Eu nunca me atrevo a dizer que eu é que estou certo e que o outro é que está errado, porque até pode nem ser. E é por isso que falha muito o Plano de Convivência! Não tanto por aquilo que se tem procurado fazer, a nível físico, por exemplo a distribuição das turmas, a distribuição das turmas pelas salas... Tudo isso, houve uma grande preocupação em fazer com que os miúdos não andassem a saltar de um lado para o outro, não andem com as mochilas, porque nós não temos condições físicas. A escola não tem condições físicas. Tem o cacifo, mas os cacifos não chegam... Portanto, havia toda uma série de coisas que eram necessário fazer, que não se pode fazer, porque não há dinheiro. Aquilo que se conseguiu fazer, já se conseguiu... Eu sei que há outras coisas na forja, digamos assim, para se fazerem, mas depois vai tudo bater nessa parte. Enquanto não se conseguir uma consonância (não sei se alguma vez se vai conseguir) para que todos os professores e funcionários (e os funcionários têm muito pouca formação) atuem da mesma maneira, vai ser um bocado complicado. E eu estou a ver o Plano de Convivência que está elaborado e que está, digamos, pensado no papel, muito bem estruturado, depois não funciona naquelas pequenas coisas. E eu não sei se o Plano de Convivência não devia ter lá medidas, mais específicas, coisinhas que todos vamos

detetando que não estão a funcionar bem e que essas medidas estivessem lá escritas mesmo e não estivessem só princípios orientadores, porque nos princípios orientadores está tudo bem. Na questão, como eu lhe digo física, tem-se procurado trabalhar, no resto é que se calhar não está bem. É mais complicado!

C: Estava a falar dos funcionários, que alguns funcionários são colocados...

JR: É, os funcionários têm rodado, têm rodado... Alguns são dos quadros, outros não são. Por exemplo, agora temos o porteiro novo, um senhor novo, não sei, nunca o tinha visto! Apareceu aí. Eu não sei se tem formação, se não tem. Tivemos aí um porteiro que era ótimo! Fazia o controle e tinha uma relação com os miúdos espetacular, mas de grande firmeza. Hoje, não sei como é, mas sei por exemplo que se está a procurar modificar a entrada na escola. Vai ser completamente mudada fisicamente. Vai ser mudada de sítio e há um projeto e tudo, aprovado pela Câmara e pela Direção... pela DREC, para ser implementado. Não sei como é que aquilo vai ser, mas sei que está tudo pensado. Portanto, nós procuramos sempre fazer essas melhorias, mas os funcionários... Que formação é que o funcionário tem?

C: E esta mudança constante, não acha que pode afetar a relação com os EE?

JR: Com os encarregados de educação não, porque eles não têm muita relação com os encarregados de educação. O que pode... O que afeta é logo a relação com os alunos. Porque eles não sabem, muitas vezes contactar com os alunos. Esse é um problema muito grave nas escolas. É que cada vez nós estamos a ter mais pessoas que têm contrato a termo certo, não é? Portanto, as pessoas chegam aqui e ao fim de 3 meses desaparecem-nos daqui. Não pode ser numa escola! Quer dizer, eu acho que nem pode ser numa fábrica, mas numa escola muito menos, porque o aluno habituou-se que, quando está naquele sítio (Ou o professor até!) tem aquele funcionário com que lida desta ou daquela maneira. Havia e há aqui funcionários que eu trato por tu e que se calhar no princípio do ano, quando cá chegamos até me dão um beijinho, eu dou um beijinho à funcionária... Já somos quase uma família. E de um momento para o outro desapareceu! Porquê? Porque foi para a escola do Vidigal, foi para a escola não sei de onde e desapareceu. E entretanto aparece aí uma mocita que apareceu, não sei de onde! É que até pode ter muita formação académica, mas que não está... quer dizer, vai estar e quanto mais formação académica tem, mais facilmente se integra. Eu disso, não tenho dúvidas! Mas se ela está 3 meses e depois se vai embora, ela nunca chega a integrar-se,

não é? Portanto, não havendo abertura de quadros, não havendo carreiras, de facto, definidas, cada vez vai haver mais problemas nas escolas e cada vez é mais difícil por em ação este tipo de planos de Convivência, por muita boa vontade e por muita coisa... por muito gosto que nós todos teríamos e a direção tem trabalhado nesse sentido, não é? A direção procurou... esta direção tem procurado fazer melh... alterado coisas aqui na escola para melhorar e... Mas esbarra sempre com alguma coisa. Com os professores... quando se esbarra com os professores, é muito complicado! Porque é muito difícil! Porque nós todos temos... Nós todos lemos as pedagogias todas, quando começámos com isto e depois assimilamos as coisas e depois a nossa própria personalidade vai mudar tudo aquilo que está na nossa cabecinha! E, ao longo dos anos também vamos evoluindo e vamos modificando e somos todos diferentes e depois reagimos perante as situações também de maneira diferente, o que às vezes não se encaixa naquilo que são princípios que alguém pensou que poderiam ser assim e há muitas críticas, não é? Há muitas críticas. Não são, às vezes feitas diretamente, a quem é responsável, mas ouvem-se na sala de professores muitas críticas, não é? “Quem pensou nisso só tem uma turma! Quem pensou nisso não faz ideia do que é ter na turma cegos ou o que é ter uma turma problemática.” Pois, como é que se dá volta a isso? Em termos não tão pedagógicos, digamos assim, a coisa vai funcionando. O mais fácil sempre e já tenho dito ao diretor, com quem aliás tenho uma boa relação. No Pedagógico temos todos uma boa relação. O pedagógico funciona muito bem! Berramos uns com os outros e saímos todos muito amigos e isso tem sido muito bom, ao longo de... 8 anos... Não sei se são 8 anos, mas já são muitos anos. Vamos acabar agora todos este ano, mas temos uma boa relação e de facto, já tenho dito que devíamos enveredar por coisas muito específicas, especificar muito bem o que se faz, nesta situação. A escola neste momento é uma escola de disciplinas. O resto não está a funcionar e não vai funcionar enquanto continuarem a pressionar os professores, porque os professores são a mola que põe em ação tudo isto. Agora se continuarem a ser pressionados, se continuarem a ter reuniões em cima de reuniões, a fazer aulas de substituição (que não existiam na altura e não era por isso que as coisas não funcionavam). Por tudo isto eu duvido que qualquer Plano de Convivência dê resultado.

C:Obrigada!

Anexo IV - Grelhas de Análise de Conteúdo das entrevistas aos Professores

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo			
		Pf1	Pf2	Pf3	Pf4
Caracterização da Participação dos Encarregados de Educação na escola	Quem participa		<p>“eu acho que nos níveis mais baixos, a participação é maior.” (...)</p> <p>“Nota-se que depois, ao nível do oitavo e do nono ano, pelo menos nas reuniões, também depende das turmas, mas de uma forma geral, participam um bocadinho menos.” P. 1</p>	<p>“Eu creio que os encarregados de educação de alunos mais problemáticos são os que menos vêm à escola sem serem solicitados” (...)</p> <p>“Vêm mais aqueles encarregados de educação de alunos que têm menos problemas e também acabam por deixar de vir porque nunca há nada assim muito especial para falar da criança” (...)</p> <p>“nas primeiras reuniões sejam os encarregados de educação dos alunos mais certinhos que estão sempre presentes.” P. 2</p>	<p>“Há, no pré-escolar. Os pais são muito mais participativos, são mais intervenientes. Contactam muito mais com o professor” (...)</p> <p>“E nota-se que depois que à medida que vão evoluindo, que as crianças vão evoluindo no seu nível de ensino, os pais vão abandonando esse contacto e vão deixando de privilegiar esse contacto” P. 1</p>
			<p>“Há muito mais mães do que pais, mas muito! De longe! Muito mais mães do que pais a serem encarregados de educação!” P. 3 e 4</p>	<p>“Acho que há mais mães a participar!” (...)</p> <p>“Mas também há encarregados de educação, também há homens encarregados de educação, mas é mais, normalmente as senhoras que vêm, que vêm saber dos filhos e tratar dos problema dos filhos ou dos educandos.” P. 4</p>	<p>“temos uma participação genérica na ordem dos 60, 70 %. Ainda está muito abaixo daquilo que era desejado, porque os pais mais motivados, mais participativos e mais empenhados, são realmente os pais que voltam a aparecer nas reuniões.” (...)</p> <p>“Os pais menos interessados, que não participam na</p>

				<p>“é o mínimo de pessoas que têm essa intervenção e normalmente são aquelas pessoas que se organizavam para constituir as Associações de Pais.” (...) “Agora, no acompanhamento dos filhos, isso a maior parte acompanha” P. 6</p>	<p>escola que só vêm à escola quando são convocados, são os pais que também, normalmente faltam a essas reuniões, com o mesmo pretexto, porque têm trabalho ou porque têm filhos em casa ou por outro motivo qualquer.” P. 3</p>
Qualidade da		<p>“Agora, por exemplo, nalgumas coisas eles participam, por exemplo, quando há reuniões de direção de turma, a taxa de participação é capaz de rondar os 80/90%.” P. 2</p>	<p>“quando nós convocamos os pais para reuniões gerais” (...) “metade dos pais vem.” (...) “quando são convocados individualmente para ações de esclarecimento dos seus educandos, temos ainda uma boa percentagem que não vem.” (...) “na participação dos Conselhos de Turma, quando são convocados os pais todos, nas reuniões gerais do Conselho de Turma, a minha experiência é que metade virá e metade não. E estou a falar de sétimo, oitavo e nono ano.” P. 4</p>	<p>“É assim, envolver com os filhos, a percentagem é bastante grande!” (...) “Se tivéssemos 1% que não querem saber dos filhos para nada ou dos educandos para nada, eu acho que admitiria que poderia haver 1%.” P. 5</p>	<p>“chegando, depois ao terceiro ciclo, segundo e terceiro ciclo e secundário, em que só vão à escola quando são convocados para lá ir ou então para receber as avaliações.” P. 1</p>
		<p>“Os pais podem chegar a acordo com a Associação de Pais e oferecerem-se como voluntários para vigiarem a</p>	<p>“nessas turmas, nota-se que têm uma participação excessiva, porque às vezes vão a determinados pormenores de questionar o trabalho dos</p>	<p>“As pessoas que constituíram essas constituições normalmente intervêm. Intervêm na organização de pequenas festas, intervêm nos concursos. Às vezes, é preciso</p>	<p>“Os pais aparecem numa proporção de cerca de... entre os 60 e os 70%.” (...) “temos uma participação genérica na ordem dos 60, 70 %.” P.3</p>

	participação	fila e, por fim, almoçam lá para verificarem a qualidade da alimentação.” P.3	professores” P. 5 (refere-se às turmas de ensino articulado)	angariar fundos para uma coisita qualquer e são essas pessoas que normalmente participam.” (...) “nós, como professores, nas aulas verificamos muitas vezes que o encarregado de educação passou um pouco à margem daquilo que está a acontecer, digamos na escola... na escola formal.” (...) “Aliás, nós em Conselho Pedagógico já fazíamos esta previsão há dois anos, que as coisas iam piorar. E estão de facto a piorar, estão de facto a piorar, mas cremos que muitas vezes não é pela vontade da própria pessoa.” P. 6	“São participativos nas reuniões, propõem ajustamentos na escola, na organização da escola e, naturalmente, são acatadas algumas das sugestões mais exequíveis, do ponto de vista funcional, que, normalmente, a escola, sempre que se verifique uma boa sugestão e que seja prática, que melhore realmente a vida coletiva, de facto, é posto em prática.” P. 4
			“Não, tomadas de decisão é outra história! As tomadas de decisão é mais difícil dizer isso.” P.5	“hoje aquilo que me é dado a perceber, vêm fundamentalmente cá encarregados de educação, quando solicitados.” (...) “ Mas, normalmente, os encarregados de educação vêm muito por solicitação do diretor de turma e não tanto por iniciativa própria.” P. 8	“tem sido uma evolução extremamente positiva.” P. 5
		“Dá-me ideia que tem havido uma evolução	“Tem melhorado muito! Há vinte anos, era tudo muito mais difícil!	“Os outros pais, quando são convocados para reuniões de pais também vêm. Não são todos, mas quando vêm cinquenta por cento já estamos muito satisfeitos, não é?” P. 9 “Eu acho que cada vez está pior” (...) “Isso não tem a ver com	“os pais já na altura tinham uma participação ativa muito muito interessante, muito colaborativa e isso veio a refletir-se porque isso ajuda, como eu digo, a criar uma melhor imagem da Correia Mateus, porque ao fim e ao cabo, somos

		positiva. Isto é, tem aumentado de forma qualitativa e quantitativa essa participação. Tem havido pouco a pouco mais pais a quererem intervir na escola e essa participação tem sido melhor. E falo especificamente da Associação de Pais cá da Escola.” P. 4	(risos) Agora, sim, desde que se criaram as Associações de Pais e a nossa Associação de Pais é muito boa!” P.7	propriamente, com o encarregado de educação. Tem a ver com... de facto, não há tempo! Não há tempo para se viver.” (...) “Escravos do tempo, escravos do nosso trabalho, porque uma pessoas que trabalha oito horas por dia (e há pessoas que trabalham mais, não é e querem inclusive por na lei mais horas) que tempo é que tem para dedicar à escola ou aos filhos?” P. 12	todos da Correia Mateus. Somos professores, somos funcionários e somos alunos e somos pais” (...) “eu tenho de defender aquilo que é meu e, portanto, qualquer pai tem de dizer que a Correia Mateus é a melhor escola do Mundo!” P. 7
	Motivação	“os pais, por exemplo, do ensino dos jardins-de-infância têm preocupações diferentes dos pais do primeiro ciclo, dos pais da escola sede” p. 1	<p>“é também a necessidade cultural, de saberem que é importante que os filhos tenham outro tipo de ensino, para além do normal.” P. 5</p> <p>“Estão sempre à espera que a escola apresente as melhores soluções para os seus educandos.” P.9</p> <p>“eu estava nesta escola quando apareceu a primeira Associação de Pais e não foi por ter legislação. Claro que a legislação facilita, mas só a legislação não faz nada. No caso da Correia Mateus, a Associação de Pais e depois as que seguiram, foi de facto porque os pais perceberam que eram importantes.” P. 11</p> <p>“No caso desta escola, a Associação de Pais apareceu para resolver problemas desta escola. E</p>		“os pais, normalmente, mais problemáticos são os pais que não frequentam as Associações de Pais. Têm outro tipo de motivações. É diferente. Não pensam em comum, não pensam em comunidade, penso só por si, só pelos seus interesses, às vezes com algumas distorções.” P. 10

			continua e esse espírito ainda se mantém e, portanto, não estão cá porque a legislação prevê, estão cá porque querem fazer alguma coisa.” P.12		
	Compatibilidad e com vida profissional e pessoal		<p>“são sempre dois ou três que têm mais disponibilidade” P. 4</p> <p>“Mas o que eles referem de facto é a dificuldade do horário. Muitas vezes, o horário de atendimento também não é o mais adequado, embora a maior parte dos diretores de turma, a honra seja feita, estabelecem horários individuais para pais que não possam vir no horário normal de atendimento.” P. 16</p>	<p>“a exigência relativamente aos encarregados de educação tem de ser ponderada porque temos encarregados de educação que estão, eles próprios, a atravessar períodos complicados da vida, não podemos estar a exigir, muitas vezes, ao encarregado de educação que faça determinado acompanhamento, tomaria ele ter acompanhamento da própria vida, não é?” P. 2</p> <p>“Os encarregados de educação, hoje têm uma vida tão pressionada, tão pressionada por montes de coisas que muitas vezes descuram um pouco... a escola.” P. 6</p> <p>“Embora o encarregado de educação, por lei possa... tem X horas que, agora já não me lembro, para poder faltar para tratar de assuntos do seu educando, mas nós sabemos que as empresas não facilitam! E nós sabemos que hoje... essas razões não são muito bem aceites pelas empresas.” P. 8</p>	<p>“Nós temos feito reuniões de pais mesmo em horário pós-laboral, no âmbito de um plano de convivência” (...) “com os encarregados de educação para trabalhar a convivência escolar com os pais e, naturalmente, com as crianças.” P. 3</p>

				“Se nós não tivéssemos oito horas de trabalho mas tivéssemos seis horas de trabalho, se calhar a família tinha muito mais tempo para estar e para acompanhar os filhos, não é?” P. 17	
	Papel da Associação de Pais		“embora a Associação de Pais tenha alguns projetos notórios, talvez até inovadores, não sei. Por exemplo, no refeitório, no controle das filas. São os pais que fazem esse controle, muitas vezes.” P. 4		“A Associação de Pais colabora na vigilância do refeitório, durante o período de almoço e partiu da iniciativa dos pais fazer essa intervenção.” P. 4
			“Com a Associação de Pais, com a vinda deles para a escola, com o tomarem conhecimento das coisas e como é que as coisas funcionam, temo-nos desculpado mais uns aos outros, ou seja, os pais desculpam mais os professores, os professores desculpam mais os pais, porque compreendem melhor a posição de cada um deles e os problemas de ambos” P. 7 e 8		“a Associação de Pais é a primeira entidade que sai em defesa do Agrupamento, porque foi chamada a participar, porque se comprometeu com os seus contributos e sabe perfeitamente que não é assim como está a ser feito ou como está a ser dito.” P. 5
			“Com esta experiência da Associação de Pais nós vamos ficando cada vez mais preparados para que eles venham” P. 17		“a Associação de Pais, desde que eu estou na direção, tem sido sempre favorável e apoiante das iniciativas que as estruturas vão promovendo.” P. 9
	Quem participa	“o nosso conselho geral tem 5 representantes das	“se estamos aqui a falar nos órgãos de gestão da escola		

Caracterização da Participação no Conselho Geral		Associações de Pais que são eleitos de dois em dois anos (...) Temos alguns que são licenciados, temos alguns que têm ensino secundário (...) quanto mais escolaridade mais hipótese há deles quererem aceitar este tipo de propostas, de trabalhar nos órgãos (...) os pais que têm mais formação estão mais empenhados no sucesso dos filhos e parte do sucesso dos filhos passa pela escola e daí, digamos que, tentam intervir mais na escola.” p. 1	estamos sempre a falar mais ou menos dos mesmos” (...) “Estamos a falar de um engenheiro, um representante da Associação de Pais no conselho geral. Estamos a falar de um bancário, ex-bancário, está reformado agora. Estamos a falar de uma professora que é uma representante da Associação de Pais também, uma senhora e, portanto, por aqui já estamos a ver que são pessoas que têm um certo nível cultural e que têm a preocupação de acompanhar e são esses, mais ou menos com quem nós temos contacto. P. 2		
	Qualidade da participação	“digamos que a sua participação tem sido bastante ativa e bastante empenhada e tem sido bastante boa.” P. 1	“Os pais com mais habilitações, com mais conhecimentos, com mais à vontade na escola, com um conhecimento da escola maior, até porque têm cursos superiores e, portanto passaram por essas fases todas. Outros até são personagens da educação, mais facilmente integram esses órgãos.” P. 3	“Pessoas muito interessadas, empenhadas no trabalho que estão a fazer.” (...) “no conselho geral têm tido uma participação ativa e, portanto, são importantes.” P. 1	“São pais, genericamente interessados e participativos no processo de parceria, enquanto parceiros que são da escola, são

		<p>“Digamos que o grau de participação é elevado, mas não é perfeito (...) Há sempre pais nas reuniões de conselho geral. Às vezes estão 5 pais, outras vezes só estão 2 ou 3. Os pais, em termos de participação direta e ativa na escola, têm uma percentagem baixíssima. Se calhar menos de 5%. (...) Quando é qualquer outro aspeto que já não diz diretamente respeito aos seus educandos, diz genericamente à escola, aí baixa para números muito baixos, nomeadamente as reuniões das Associações de Pais.” P.2</p>	<p>“Mas, o que se passa aqui, normalmente, é que quem faz parte da Associação de Pais, são pessoas interessadas e acompanham o percurso dos seus educandos, ou seja, as pessoas que estão nos órgãos da escola, normalmente são sempre os mesmos e, portanto, são pessoas interessadas, mas não representam a grande maioria dos pais” P. 1 e 2</p>		
		<p>“Intervêm plenamente. (...) Ponho à consideração do conselho geral, do nosso grupo de trabalho, se querem propor novos assuntos e deixo sempre em aberto, num ponto inicial, informações e num ponto final, noutros assuntos, a hipótese dos pais “trazerem à baila” tudo o que</p>	<p>“Embora, eles depois façam muito bem a ponte com os outros, nas reuniões da Associação de Pais” P. 2</p>		<p>participativos, são pais intervenientes” (...) “aconselham a escola, apresentam propostas e... Por outro lado, ajudam a própria escola a resolver algumas das situações com os outros pais menos esclarecidos.” P. 1</p>

		pretendem. Portanto, eles participam sempre. Sempre que há qualquer coisa que tenham dúvidas, perguntam. Sempre que há qualquer aspeto que querem ver esclarecido põem à consideração do conselho geral” P.3			
		<p>“Tem havido imensas coisas, nomeadamente na organização e no funcionamento da escola. (...) Quando detetamos que há alguma coisa que falta na escola, muitas vezes fala-se com a Associação de Pais e a Associação de Pais resolve o problema. Por exemplo, achámos que faltava um telheiro para os alunos estarem ao ar livre, sem estar a chover e a Associação de pais prontificou-se a fazer e fê-lo. Quando é preciso dinheiro para pagar alguma coisa a Associação de Pais (AP) apoia, sem grandes problemas, porque a AP intervém de forma muito proactiva na resolução dos problemas e na e na...mesmo na dinâmica da</p>	<p>“A Associação de Pais sim, é ouvida. Aliás, temos aí muitos projetos que foram eles mesmos que construíram, por exemplo, o telheiro, já o telheiro foram eles que construíram, a questão dos cartões eletrónicos teve muita participação dos pais. Ou seja, quando há uma necessidade da escola que seja necessário investir verbas, que seja necessário pedir apoios a firmas, empresas, etc. Aí sim, eles são importantes, dão a sua opinião e até realizam. Sim, eu acho que a Associação de Pais sim. É ouvida e são ouvidos e têm peso nas decisões.” P. 5</p>		

		<p>escola, na descoberta de possíveis soluções para os problemas, na apresentação de projetos práticos (...) implementado um novo sistema totalmente novo para a entrada, com um novo espaço para os funcionários vigiarem as entradas, para que os alunos entrem e para que não haja problemas de acesso a pesados. Tudo isto proposto e feito pela AP.” P. 3 e 4</p>			
		<p>“Em termos de Conselho Geral chegou-se ao nível, eu penso razoável de participações das Associações de Pais. Mais seria difícil.” P. 12</p>	<p>“Os pais vêm à escola, participam nos Conselhos de Turma, participam no Conselho Geral, participavam no Conselho Pedagógico... Agora, infelizmente já não participam.” (...) “Mas, houve uma grande evolução, sem dúvida nenhuma! Mesmo necessidades que a escola tinha que os pais cobrem, portanto, realizam. Grandes melhorias que a escola fez foram os pais, portanto, houve uma grande evolução, sem dúvida nenhuma!” P. 7</p>		
		<p>“Agora, muitos dos pais percebem qual é o seu papel,</p>	<p>“E...volto a dizer que muita coisa mudou e melhorou, mas é preciso</p>		

		percebem qual é o papel da escola e conseguem intervir ativamente dentro da escola.” P. 14 e 15	fazer mais ainda.” P. 10 “mas a Associação de Pais, os tais dois ou três pais que estão mais frequentemente na escola, também já participam, dão a sua opinião, até porque já têm conhecimento pessoal disto, alguns são profissionais também da educação.” P. 15		
	Motivações dos EE	“Em primeiro lugar, acho que a legislação obriga (...) Depois, eles acabam por perceber a importância de estarem representados nestes órgãos e acabam por perceber que é importante que estes órgãos funcionem com eles” P. 8			
Caracterização da Participação no Conselho Pedagógico	Quem participa			“No Conselho Pedagógico nós só temos um encarregado de educação” P. 3	“são pais muito esclarecidos, muito interessados e são pais também, com uma grande experiência de Associações de Pais e de associativismo” (...) “conseguem aproveitar esse <i>Now How</i> , esse saber e colocam-se à disponibilidade da escola e resolvem problemas, sempre numa perspectiva de melhoria, melhoria, melhoria, da parte dos pais.” P. 14
	Qualidade da			“A maior parte dos encarregados de educação não está por dentro do	“Estão representados no Conselho

	participação			<p>funcionamento da maior parte das coisas, portanto, vão ao conselho pedagógico e tomam muitas vezes as posições quando lhes é solicitado. É muito difícil conseguir ter uma intervenção espontânea e ter um encarregado de educação ao nível dos outros membros da direção pedagógica.” (...) “ o encarregado de educação está sempre um bocadinho à margem, nunca é uma pessoa muito interventiva a menos que traga alguma coisa que queira ver tratada em pedagógico. Se não trouxer nada em específico a intervenção de um encarregado de educação é muito passiva, são elementos muito passivos a nível pedagógico.” (...) “Se não é solicitado raramente intervém e muitas vezes eu percebo” P. 1</p> <p>“Pode não participar, como eu lhe disse, porque é um bocado difícil às vezes e é posto perante problemas que ele, na altura tem que decodificar, digamos, tudo aquilo para poder tomar uma posição” P. 3</p> <p>“os encarregados de educação têm uma participação nas reuniões que a própria lei condiciona, porque o encarregado de educação vem à primeira reunião e só vem a uma</p>	<p>Pedagógico e no Conselho Geral e, de facto, manifestam uma grande capacidade de contribuir positivamente para a escola. Mais do que arranjar problemas ou levantar problemas, procuram-se logo as soluções para as situações diagnosticadas e os pais têm este tipo de intervenção, de facto, é mesmo muito importante para nós.” (...) “Temos atividades pontuais que a própria Associação de Pais articula com a escola e que promovemos a toda a comunidade. Portanto, criámos um dia da Associação de Pais, por exemplo que participam na festa do quadro de honra e excelência, quando atribuímos os diplomas às crianças com mérito, com diplomas de mérito. Contribuem também de forma empenhada para uma festa que fazemos anualmente, sensivelmente, na primavera para acolher os pais...” (...) “para acolher os pais e para acolher outras atividades e outras iniciativas em que os professores também participam e colaboram, mas faz-se</p>
--	---------------------	--	--	---	--

				<p>parte da reunião, porque não pode assistir a tudo aquilo que diga respeito à avaliação dos alunos” (...) “depois dessa primeira reunião em que tem uma participação em que normalmente vai apresentar, pode apresentar alguns problemas, normalmente o encarregado de educação nunca mais participa em reuniões nenhuma.” P.8</p>	<p>uma festa para a comunidade no fim de semana, portanto, a um sábado. E os pais têm assim essa forma de estar, enfim, muito ativa.” P. 4 e 5</p>
				<p>“Normalmente, quando são convocados vêm, esses representantes vêm.” P. 9</p>	<p>“os pais se comprometem em ajudar a escola a resolver o problema, em vez de se colocarem à margem do problema e da solução e, são envolvidos na resolução do problema e compromete-os com isso” P. 5</p>
				<p>“Quando as queixas não vêm pelo diretor de turma, vêm pela Associação de Pais e depois o representante tem essa intervenção” P. 10</p>	<p>“Temos um protocolo que eles é que fazem a gestão dos cacifos, a atribuição de cacifos e a manutenção dos cacifos” (...) “Apoiam imenso na atribuição dos prémios de mérito. Vamos agora fazer uma obra de requalificação da portaria que vai uma obra para alguns milhares de euros. É tudo por iniciativa da Associação de Pais.” (...) “são muitas as participações de elevado nível e de elevada qualidade” P. 10</p>
				<p>“Porque, eu acho que os encarregados de educação não intervêm muito” P. 11</p>	
				<p>“As reuniões das Associações de Pais, tanto quanto nos é comunicado, não têm meia dúzia de pessoas. Praticamente, são os</p>	

				<p>próprios gerentes e pouco mais. Os outros encarregados de educação não participam, não participam!” (...) “Alguma participação para resolver alguns problemas e para angariação de fundos e para intervenção juntos da autarquia, por exemplo, para se conseguir determinados melhoramentos para a escola. P. 15</p> <p>“Do encarregado de educação não há de facto aquela... por iniciativa própria, o encarregado de educação não intervém. Não é muito interventivo, não vem cá muito... Como eu lhe digo, não é um hábito, não é um hábito. Não está enraizado na nossa cultura, de facto, vir à escola. Pelo menos nesta escola, não está isso enraizado.” P.16</p>	“vão lá participar na reunião.” P. 11
	Análise de instrumentos de gestão		<p>“Nos aspetos pedagógicos, como é que a escola funciona, no Regulamento Interno, ou regras disto e daquilo também participam” (...) “quando falamos dos problemas da escola, quando falamos dos currículos, de alterar os currículos, de alterar a carga horária das disciplinas. São</p>	<p>“Participar participam, porque fazem parte dos órgãos.” (...) “No Pedagógico nunca vi que fosse proposto alguma coisa.” (...) “Mas normalmente as sugestões para essas coisas partem sempre dos professores.” P. 10</p>	

			discussões mais profissionais, digamos assim” (...) “Claro que de uma forma geral a dificuldade também é essa. É... O que é que é o currículo? Quais são os horários para as disciplinas? Qual é a importância desta disciplina e das outras?” P. 15 e 16		
	Motivações dos EE			“ Eu acho que é mais fruto da legislação” P. 16	“existe mesmo motivação” (...) “A minha relação com os pais é de tal forma que mesmo que não houvesse legislação, seria da mesma maneira” (...) “provavelmente, a lei favorece a participação deles. Admito que, ainda que haja esta boa relação que eles não estariam nos órgãos se não fosse a própria lei a determinar que isso acontecesse.” (...) “Precisa de existir a lei para que eles lá estejam. Mas não precisa de existir lei para que a relação exista, para que as dinâmicas se processem.” P. 11
Potencialidades da participação	Criação de consensos	“Geralmente, o conselho geral toma as decisões por unanimidade.” P.3 “Há coisas que têm de ser		“Enquanto não se conseguir uma consonância (não sei se alguma vez se vai conseguir) para que todos os professores e funcionários (e os	“Mas ainda que hajam pontos em comum e haverão muitos” P. 8

		<p>percebidas pelo todo que é a escola e a escola é a comunidade, são os alunos, são os pais, são os professores, são os funcionários. As decisões têm de ser tomadas e recebidas por todos. Se não forem recebidas por todos, não funcionam.” P. 7 e 8</p> <p>“É importante que a família perceba o papel da escola e perceba como pode colaborar com a escola.” P. 8</p>		<p>funcionários têm muito pouca formação) atuem da mesma maneira, vai ser um bocado complicado.” P. 22</p>	<p>“Não, não, há sempre da parte da Associação de Pais uma... o anuir, portanto, o concordar com aquilo que está a ser dito pelos professores, porque se as coisas forem decididas e conversadas com base no bom senso e com base em que o aluno é a chave do problema, a Associação de Pais nunca descorda da escola.” P. 9</p>
	Como os professores avaliam a participação	<p>“no Conselho Geral não há diferenças se se é funcionário, se é professor, se é representante de instituições convidadas, se é da AP. Tratamos todos pelo nome pessoal e não pelo cargo que ocupamos.” P. 4 e 5</p>	<p>“há a ideia de que cada vez mais têm de trabalhar em conjunto” P.7</p>	<p>“nós como professores gostamos muito de ter feedback por parte dos encarregados de educação.” P. 1</p>	<p>“veem de forma positiva, muito positiva, aliás, muito positiva” P. 7</p>
		<p>“Acho-a fundamental, acho-a fundamental!” P. 7</p>	<p>“Sim, mas cada vez mais os professores vêm que é muito importante que eles participem.” (...) “Vejo que nos podem ajudar muito a resolver os problemas” (...) “Portanto, acho que são muito importantes, sem dúvida nenhuma!” P. 8</p>	<p>“no pedagógico, no pedagógico há uma boa relação entre todos os membros, mas incluindo também o encarregado de educação.” P. 3</p>	<p>“há os que gostam mais e há os que adoram” (...) “a maioria esmagadora dos professores é favorável à participação dos pais na escola.” P. 7</p>

					<p>“quanto mais envolvidos os pais estiverem no processo, desencadeia nos próprios professores também determinados mecanismos de alerta, no seu trabalho” (...) “desencadeia na própria pessoa mecanismos de alerta que acabam por gerar produção de trabalho com muito mais eficiência, muito mais eficácia.” (...) “Se não tiver pais ou se não tiver quem, por ventura escortine o trabalho, pode deixar-se acomodar, nesta ou naquela decisão, nesta ou naquela tarefa.” P. 9</p>
		<p>“mas os professores, pouco a pouco, estão a começar a perceber que precisam de interagir com os pais e precisam de perceber os pais e precisam de fazer atividades em que os pais participem para perceber o meio social de onde vêm os alunos, portanto, as características dos agregados familiares e, portanto, isto é uma mais-valia.” P. 12 e 13</p>	<p>“Quanto mais eles participarem, quanto mais houver articulação entre as famílias e a escola, melhor.” (...) “Mas, sem dúvida que se houver uma maior articulação entre a escola e os encarregados de educação, tudo melhora.” P. 10</p>	<p>“tem sido até agora uma figura, em tudo, no mesmo pé de igualdade dos outros participantes” P. 5</p>	
				<p>“Nós gostávamos muito que houvesse uma super participação dos encarregados de educação” P. 19</p>	<p>“os professores, como digo, aumentam os seus mecanismos de alerta e trabalham para os resultados e conseguem por essa razão.” P. 10</p>
			<p>“Hoje já não, hoje as coisas já não são assim. Já se mudou a ideia de ambos os lados. De ambos os lados, já se percebeu que temos de trabalhar em conjunto.” P. 16</p>	<p>“Quer dizer, é assim, nós gostamos que o encarregado de educação participe.” P. 12</p>	<p>“A parceria entre os pais e a escola é imprescindível!” P. 11</p>
				<p>“No Pedagógico temos todos uma boa relação. O pedagógico funciona muito bem! Berramos uns com os outros e saímos todos muito amigos e isso tem sido muito bom, ao longo</p>	<p>“o que é melhor agora e o que é melhor para mim hoje, é a participação dos pais” P. 15</p>
					<p>“Nós temos uma relação com os pais de sms...” 11</p>

				de... 8 anos... Não sei se são 8 anos, mas já são muitos anos.” P. 24	“há um interesse dos próprios professores em garantir que os EE se envolvam no processo” (...) “E, portanto, os professores também disponibilizam-se de alguma forma para fazer esse tipo de comunicação. Há esse tipo de professores que não têm, de facto, esse tipo de receio, absolutamente nenhum de trabalhar com os EE.” P. 16
	Formas de comunicação	“Temos o nosso site institucional em que tudo o que é importante é colocado lá. Depois temos uma página de moodle em que, há materiais de apoio que servem para os alunos, mas que também servem para os pais. Temos as explicações por via telefónica. Quando há um problema com um aluno, telefona-se imediatamente para o EE e fala-se logo com o pai (...)”	“com as novas tecnologias, com a internet, com as páginas da internet, com a informação publicada, facilita muito. Agora o diretor já disse que vamos, que vai avançar para um sistema de sms’s, ou seja, sempre que o aluno falta o pai imediatamente recebe uma sms no telemóvel. Tudo isso facilita, mas, tirando isso, acho que sim que há uma boa comunicação entre a escola e os encarregados de educação. Isso foi uma grande melhoria que nós	“os diretores de turma tentam sempre estar abertos a receber os encarregados de educação em qualquer altura.” (...) “o diretor de turma está normalmente aberto a poder receber o encarregado de educação cá em qualquer altura.” P. 8	“Por email e telefones pessoais, a qualquer hora, por sms... email sim, telefonemas mesmo diretos e depois telefonamos privados, para os nossos telefones privados.” P. 13

		Às vezes, é usando, recorrendo à caderneta. (...) E, e... Às vezes, até informalmente vêm cá à escola, fala-se diretamente com os pais e resolve-se o problema sem a necessidade de mais nada. Depois há os contactos em que o professor está cá, o diretor de turma está cá e se for preciso qualquer professor pode ser chamado para falar qualquer coisa e, às vezes acontece.” P. 10	conquistámos nos últimos anos, sim.” P. 14	“Existe uma boa comunicação! A comunicação é feita pelos meios, digamos, legais, é feita pelos meios instituídos que são a caderneta do aluno, é feita pelos meios legais quando há problemas que têm de ser resolvidos pelos meios legais e, como lhe digo é feita por telefone, telemóvel” P.17	
	Representação de todos os EE	“É assim, muitas vezes, eles partem do seu educando, mas tentam representar, efetivamente, todas as outras crianças. (...) estão cá a representar o todo que é todas as Associações de Pais e todos os pais.” P.8	“os pais sentem que estão a representar outros filhos, outros pais e outros alunos e se tiverem alguma questão pessoal não a apresentam, na qualidade de representante dos pais.” (...) “Às vezes, quando vem um elemento novo, ainda vimos isso, mas rapidamente a pessoa percebe que está ali em representação dos pais e não é ali que vai apresentar os seus problemas pessoais. Isso nota-se, sim.” P. 11	“a outra senhora tem tendência para personalizar ou pessoalizar os casos, quando esses casos são tratados em pedagógico.” P. 3	“Eles têm consciência que representam todos. Às vezes distraem-se! (...) Mas é residual. (...) Eles não vão lá a título individual” P. 11
		“Genericamente, os pais que	“Quando um pai diz ao filho	“Se a família se implicar muito na	“quanto maior é a expectativa que

	Sucesso dos alunos	participam mais ativamente na escola, os filhos têm sempre melhores resultados, porque conseguem perceber melhor o que é que a escola lhes pede e conseguem dar um feedback positivo e conseguem intervir nas alturas certas, conseguem resolver os problemas nas alturas certas.” P. 9	“Olha que eu para a semana ou daqui a quinze vou à escola falar com o teu diretor de turma”, o aluno nessa semana ou nesses quinze dias tem um comportamento completamente diferente.” P. 12	escola, os resultados poderão, de alguma maneira melhorar.” P. 16	um pai tem da escola, a proximidade que tem da escola e a forma como se socorre da escola para ajudar o seu filho, tem uma relação muito grande com o sucesso educativo das crianças.” (...) “os pais que participam na escola, têm crianças que invariavelmente crianças com muito bons resultados escolares.” (...) “aqueles que vêm à escola têm, de certeza, crianças com muito bons resultados escolares” P. 12
			“basta que os pais venham à escola e que os filhos saibam que eles vêm, para sentirem que há um interesse, sentirem que o meu pai vai à escola ou que a minha mãe vai à escola, vem saber de mim.” P. 13		“quanto mais a família se envolver induz o aluno a ter melhores resultados” P. 16
Dificuldades e Constrangimentos da participação	Obstáculos à Comunicação	“Os pais, muitas vezes, têm aí um grande problema. É que não estão propriamente preparados para perceber alguns aspetos da prática pedagógica, de objetivos... e portanto, às vezes, os pais não percebem tudo. (...) O que eu acho é que o Conselho Geral tem poderes a mais em áreas	“um pai que não conheça a escola é muito mais difícil, porque não sabe como é que ela funciona e isso é uma barreira muito grande.” (...) “quanto menos tempo os pais passaram na escola, mais difícil é eles conhecerem a escola, até porque a escola muda muito.” (...) “eles não sabem muito bem movimentar-se na escola” P. 3	“é difícil estar-se dentro de uma coisa quando não se está a viver essa coisa todos os dias.” P. 1	“alguns dos projetos ou das iniciativas da escola que as crianças ocultam aos pais” (...) “o jovem oculta, diz que não há necessidade, diz que está tudo bem” (...) “no pré-escolar, o pai domina claramente a vontade de ir à escola, a partir dos elevados níveis de ensino, como o terceiro ciclo e o secundário, os pais já não dominam essa vontade.” P. 2

		pedagógicas, em que a maioria dos membros presentes não tem conhecimentos suficientes para dar uma opinião completamente válida, porque não têm os conhecimentos necessários para a fazer. E é uma das brechas desta legislação.” P.5		“porque é evidente que estamos a discutir um assunto pedagógico que nós professores... que faz parte da nossa vida, que atravessa o nosso dia-a-dia, o encarregado de educação, como é evidente, não atravessa.” P. 3	“mas há uma coisa que a Correia Mateus ainda não se viu livre, que é do preconceito de ser a Correia Mateus.” P. 6
		“O facto de só termos cinco pais no Conselho Geral e haver dez Associações de Pais dentro deste agrupamento, implica que haja, às vezes, falhas de comunicação e é uma das brechas que, às vezes, ocorre.” P.6	“ Muitas vezes, a escola não trabalha em paralelo com o que se faz em casa.” (...) “ A escola veicula determinado tipo de informação e conhecimentos e necessidades que às vezes em casa não é bem assim. Aqui voltamos outra vez à questão da escola de pais, mas isso é outra questão...” P. 6	“Inclusive com... Analfabetos. Ainda temos cá encarregados de educação analfabetos e, portanto... sem falar nos analfabetos funcionais que isto... são os que não sabem nada de nada. São, em termos de cidadania quase um zero e isso torna muito complicado o acompanhamento dos alunos.” P. 11	“os pais vêm sempre as coisas de forma diferente. Enquanto que o professor encara cada situação e é obrigado a geri-las todas em simultâneo, o pai, naturalmente, só trata o que lhe chega a casa” (...) “ Os professores estão à espera que os pais hajam de determinada maneira, que as crianças se apresentem de determinada forma e as crianças podem não estar a aparecer dessa maneira, dessa forma.” (...) “entre os pais e os professores, de facto, aqui começa a haver um desnível” (...) “O professor espera qualquer coisa dos pais que... Porque os pais neste momento, os pais não estão a conseguir dar “ P 8
		“A caderneta continua a funcionar como meio de comunicação, embora às vezes os alunos a façam desaparecer, mas genericamente funciona.” P. 10	“Depois, por outro lado, pensam que a escola tem essa obrigação e, portanto, que não faz muito sentido virem cá, porque não vêm cá fazer nada. Também há muita gente que pensa assim.” P.10	“E tudo depende da formação do encarregado de educação, como é evidente! Um encarregado de educação licenciado, bem empregue, bem empregado, não tem a mesma visão que tem um encarregado de educação que está	“Há fantasmas, há preconceitos que os pais têm relativamente a determinado assunto que depois só, por via da demonstração do contrário é que eles ficam elucidados.” P. 15

				desempregado, que tem pouca escolaridade...” p. 14	
		<p>“Mesmo nós os professores, às vezes, temos dificuldades em ler e interpretar a lei, quanto mais pais que não estão habituados à legislação que sai do Ministério da Educação e à quantidade de legislação do Ministério da Educação... Posso dizer que isso é quase impossível.” P. 11</p>	<p>“eu acho que é difícil haver assim uma articulação entre a Associação de Pais e a maioria dos pais. A Associação de Pais, não sei se são cinco ou seis pessoas, articulam-se bem entre eles, fazem reuniões, procuram ser representativos dos pais, mas é difícil porque não podem chegar a todos e eles como não vêm também às reuniões, não sei se haverá uma grande representatividade.” P. 10</p> <p>“Os... agora chamados assistentes operacionais, portanto, os funcionários, quer sejam eles administrativos ou não, nesta escola rodam muito e, portanto, não há aquele vínculo ao aluno. Não os conhecem, não são conhecidos. De três em três meses mudam e isso é uma dificuldade. Para mim, é a maior dificuldade que a escola tem. E, portanto, nesse aspeto acho que não há... é um problema!” (...) “A relação dos funcionários com encarregados de educação, com professores, com alunos é difícil, porque há uma parte deles que roda constantemente. Não são</p>	<p>“Acho que a maior parte dos encarregados de educação não tem relação com os representantes da escola.” P. 15</p>	

			fixos, estão requisitados ao Fundo de Desemprego, são contratados e essa... para mim, é a maior dificuldade que a escola tem!” P. 13		
			“a maior dificuldade é a integração e é o conhecimento de como é que a escola funciona por dentro, como é que as coisas funcionam e essa é a maior dificuldade, porque se nós falamos em determinadas estruturas da escola, Conselhos de Turma, Conselho Pedagógico, a maioria dos pais desconhece o que é isso.” P. 15		
			“há de haver aqui alguma dificuldade de comunicação, sim. É capaz de haver alguma dificuldade de comunicação. A comunicação muitas vezes é feita pelas cadernetas. As cadernetas, muitas vezes não chegam, os pais não vêm, os alunos não mostram. Se estiver na página da internet, nem todos têm acesso, nem todos vêm. Portanto, há aqui ainda alguma dificuldade de comunicação e, portanto, alguns pais referem que não sabiam, que não foram informados, mas a		

			escola informa, só que os canais, às vezes não chegam lá.” P. 17		
	Assuntos	<p>“Tudo o que diga respeito a aspetos práticos da vida da escola, interessam-se de alguma maneira. Os aspetos mais burocráticos, nomeadamente os aspetos associados com Regulamentos Internos, Orçamentos e Contas, etc., etc. Eles, acabam por ter algum interesse, mas o interesse é mais reduzido.” P. 10</p>	<p>“De regra geral, põem questões sobre o refeitório, põem questões sobre os horários de alguns serviços da escola como o caso do refeitório. Do refeitório não, da papelaria, do bar, da biblioteca. Questionam porque é que a biblioteca não está aberta mais tempo, aí sim, de uma regra geral têm essa participação e essa preocupação.” P. 5</p>	<p>“os problemas da cantina, esse é um exemplo de um problema muito tratado. A qualidade da alimentação, as filas da cantina... Aliás, os encarregados de educação aqui na escola tinham uma ação muito ativa, porque faziam o controle da cantina.” (...) “O Problema dos transportes é outro problema que também é sempre muito colocado.” (...) “Os encarregados de educação também intervêm, às vezes nalguns problemas relacionados com comportamento” P. 9</p>	<p>“eles estão um bocadinho mais à vontade nos assuntos que diga respeito à permanência na escola sem atividade letiva” (...) “Naturalmente, que eles com algum recato, tentam ir para dentro da sala de aula, mas não fazem grande esforço para isso.” P. 13</p>
		<p>“Só, só a dificuldade nalgumas áreas ditas burocráticas da educação. (...) na área de formação pedagógica que na maior parte dos casos é nula ou inexistente, embora haja também EE que também são professores que estão no Conselho Geral. Esses aí têm esse problema resolvido. P. 11</p>	<p>“São os problemas das escolas do primeiro ciclo e dos jardins-de-infância e também da escola sede, embora, também haja mais problemas por falta de funcionários. É um problema recorrente!” (...) “a preocupação com as faltas dos professores é muito maior do que era antigamente.” (...) “E esses são os pontos em que eles mais participam, sem dúvida, porque de facto sentem que os seus direitos estão a ser de alguma forma negados.” (...) “Também na qualidade do refeitório, na</p>		<p>“Mas onde eles manifestam mais disponibilidade para arranjar soluções é para a movimentação dos alunos, dentro da escola, a todos os níveis. No conforto, na segurança, nas portas de entrada, nas portas de saída, os horários da portaria, portanto, ao nível daquela circulação de alunos, fora da sala de aula.” P. 14</p>

			qualidade do bar, nos horários dos serviços...” (...) “Houve uma grande preocupação este ano, no tempo dos horários, no tempo dos intervalos.” (...) “E, portanto, nos aspetos concretos do funcionamento da escola é mais fácil.” (...) “mas é mais fácil participarem quando sentem que é um problema concreto a esse nível, do funcionamento, de horários, etc.” P. 14 e 15		
	Acesso à informação	“conseguem tornar-se minimamente conhecedores para conseguir debater assuntos, desde que se preparem devidamente, desde que leiam o material de apoio. As minhas reuniões não têm papéis, só têm folha de presenças. Tudo está num site fechado do Conselho Geral. Eles recebem uma mensagem a dizer “Atenção vão ao site que estão lá os documentos!”. Quem quiser pode imprimi-los naturalmente. Desde que leiam o material previamente, estão preparados.” P. 10 e 11			<p>“genericamente os pais, estão muito mais esclarecidos do que estavam, independentemente da classe social e da formação profissional que têm.” P.2</p> <p>“Os nossos pais conhecem o trabalho que se produz todos os dias” P. 6</p> <p>“eles preparam-se para o que vão, o que é muito importante” P. 11</p> <p>“preparam a reunião, para que fiquem nas melhores condições de fazer as perguntas e obter as respostas desejadas pelo grupo de pais que preparou a reunião.” P. 11</p> <p>“E a escola também tem esse papel. Acolhe os contributos e esclarece</p>

		<p>“Têm informação suficiente. Às vezes, não a procuram, nem a querem procurar. Começa por aí o problema. Se quiserem está tudo disponível, têm acesso a tudo (...) Alguns, não, pura e simplesmente não estão simplesmente interessados.” P. 14</p>			<p>os pais a dizer que aquilo que pensava não é verdade.” P. 15</p> <p>“Estão muito bem informados, muito bem informados!” (...) “ Os pais sabem do que é que estão a falar. Não, eles sabem o que é que querem. E isso é muito importante para a escola.” P. 17</p>
	<p>Como os professores avaliam a participação dos EE</p>	<p>“Vê-se sempre o outro grupo como sendo um grupo estranho e vê-se com desconfiança.” P. 4</p>	<p>“Se calhar também não era assim tão importante pertencerem ao Conselho Pedagógico.” (...) “ É muito fácil, muitas vezes, este discurso do professor dizer que a culpa é dos pais e depois os pais também dizerem que a culpa é dos professores e esta defesa de interesses diferentes, muitas vezes não ajuda na resolução dos problemas. Mas isto, acho que está muito mais debilitado, está mais resolvido.” P. 7</p>	<p>“O problema disso é que podemos estar a trazer o encarregado de educação e a dar-lhe... aquela ideia de que ele vai poder intervir em tudo e aqui há um aspeto que é muito delicado que é a avaliação dos professores.” P. 10</p>	<p>“compreendo que hajam alguns receios, por parte dos professores, nós professores, porque, por vezes, temos a sensação de que os pais se vão imiscuindo mais na escola do que aquilo de que deviam. E também é verdade que isso, às vezes acontece” (...) “Há professores que, por princípio, não gostam da participação que os pais têm na escola. Há outros professores que gostam menos” P. 7</p>
		<p>“Do ponto de vista da escola em geral, às vezes, há desconfiança dos pais perante, para com os professores e vice-versa.” P.5</p> <p>“Os professores têm, às vezes, receio que os EE se vão imiscuir em áreas que</p>	<p>“Os professores também tinham aquela ideia que os pais só vêm cá para reclamar e para dizer mal.” P. 16</p>	<p>“mas há encarregados de educação que acham que são professores e não é a mesma coisa.” P. 11</p> <p>“Não gostamos é que o encarregado de educação se meta em coisas em que não... que, que... pronto, que</p>	<p>“podem ser pessoas que não gostam muito da participação dos pais.” P. 15</p>

		acham que são deles e, de facto, podem não ser só deles. Há algumas decisões em termos de objetivos, de estratégias, de atividades que devem ser tomadas em conjunto, por toda a comunidade e, às vezes, os professores acham que isso é o papel deles e é difícil partilhar tarefas nisto tudo e passa por aí.” P. 6		não tem competência para elas, porque senão nós vamos dizer assim “Então mas toda a gente agora tem competência para ser professor?” P. 12 e 13	
		“Agora, nós temos é um grave problema. Nós temos pouco tempo! (...) Estamos de tal maneira assoberbados de trabalho, a carga burocrática da escola é de tal maneira elevada que as coisas são mais, são mais difíceis e os professores, por vezes, também por aí, às vezes não conseguem.” P. 13		“Esta coisa de professor de um lado e encarregado de educação do outro é muito má! É muito má! Acontece nalguns casos.” P. 15	
	Compatibilidade e com horários de trabalho dos EE	“Quando as reuniões são convocadas com pouca antecedência, alguns pais já têm algum compromisso e não podem vir.” P. 2	“A dificuldade dos pais que trabalham... muitas vezes não têm... Sabemos disso, não é? E os patrões e as empresas e o mundo exige cada vez... muito, no aspeto económico. Exige cada vez mais às pessoas e cada vez é mais	“Agora, no nosso caso também temos uma vantagem, talvez, que o facto do senhor já não estar na vida ativa dá-lhe talvez mais tempo para ele se interessar pela escola. Ele vem muitas vezes à escola, mesmo fora do pedagógico, eu vejo-o	“Os pais trabalham muito.” (...) “Os pais são pessoas ocupadas. Cada vez mais ocupadas ou mais desocupadas, depende” P. 12

			<p>difícil, embora a lei o preveja, é mais difícil os pais virem à escola falar dos assuntos dos filhos.” P. 10</p>	<p>muitas vezes aqui a tratar de problemas da Associação de Pais.” P. 3</p>	
		<p>“tem de haver consenso para as reuniões ordinárias e nós marcamos fora do horário laboral, à noite. (...) Quando há reuniões extraordinárias, às vezes, eu posso convocar para outros horários, mas sendo primeiro todo o conselho geral. Isto é, há um acordo tácito de maneira que haja quórum e que todos os grupos estejam presentes.” P. 2</p>	<p>“Principalmente a dificuldade dos empregos. É evidente, muitos dizem “Está bem, a lei permite, mas se eu faltar depois o meu patrão, não sei quê, faço falta”. Pronto, muitos também são pessoas contratadas e têm receios” P. 16</p>		
		<p>“alguns pais agora têm mais tempo livre para poder dedicar aos filhos, tem havido mais empenhamento, por parte dos pais.” P.4</p>			
<p>Medidas para promover a participação</p>		<p>“temos tentado preparar os funcionários melhor para resolver os problemas na altura certa e tem havido um grande aumento da diminuição de poderes deste tipo de problemas na escola.</p>	<p>“Embora a escola, nos últimos anos se tenha aberto muito e se tenha mostrado e peça a participação deles... acho sim que houve uma grande melhoria” P. 3</p>	<p>“Temos duas salas para receber encarregados de educação” P.18</p>	<p>“Até porque a direção tem permitido que os pais conheçam a escola de uma forma que nunca tinham conhecido anteriormente.”P.5</p> <p>“Existe uma sala que é ocupada pelos pais” P. 14</p>

	Medidas de incentivo da escola	<p>É o chamado Plano de Convivência que envolve ativamente os professores, os alunos e os funcionários e tem dado alguns resultados e tem havido menos, diminuição deste... da conflitualidade entre funcionários e alunos e família vice-versa.” P. 9</p>			“é uma escola muito aberta” P. 16	
		<p>“Tem tentado fazer atividades que impliquem, por exemplo, a vinda conjunta de pais e filhos à escola. Tem tentado abrir a porta aos pais quando querem participar, quando querem colaborar com a escola.” P. 11</p>	<p>“ São convidados a vir, muitas vezes a ver as atividades... E a organização das atividades extracurriculares, com o apoio dos pais também é muito importante! As festinhas, as comemorações e isto tudo nos aproxima e acho que foi por aí que nós os conquistámos.” P. 8</p>			
		<p>“Nos outros aspetos fora do Conselho Geral, tudo o que seja a mais, a participação dos EE, a escola está sempre aberta e acha sempre interessante e útil.” P. 12</p>	<p>“A escola faz isso, em termos gerais, por exemplo agora temos turmas articuladas na música que já tocam e fazemos sempre alguns concertos, no Natal, ao longo do ano em que os alunos participam e os pais vêm assistir e, portanto, é por aí, por atividades destas que os vamos conquistando. E têmo-lo feito e tem resultado, sim.” P. 17</p>			
		<p>“Isto foi uma decisão da Direção, portanto, foi decidido pela Direção, mas foi feito ouvindo todos os intervenientes da escola e criámos uma série de regras</p>				

		básicas em que há, digamos papéis atribuídos a cada ator do sistema educativo: o funcionário, o professor, o diretor de turma, a direção, o aluno, os pais... todos eles que têm, que sabem que há regras. (...) Tem-se sentido resultados do Plano de Convivência. (...) Há reuniões turma a turma para os pais em que são explicadas estas regras. Este Plano está divulgado no nosso site, está divulgado no moodle.” P. 13 e 14			
	Soluções e Estratégias de envolvimento usadas pelos professores	“Acho que é isso que falta mais. É que os pais venham mais à escola e que os professores vão ao meio em que os seus alunos se encontram. Acho que precisamos das duas coisas. Precisamos que a escola se abra à comunidade e que a comunidade se abra à escola e que os professores vão ter	“Era muito importante que eles colaborassem com a escola no sentido, dos comportamentos, dentro e fora de aula, que houvesse reuniões, que houvesse debates sobre isso...” P. 6	“Eu acho que sobretudo deveriam ser organizadas mais reuniões com encarregados de educação. Reuniões em que apresentassem... em que se apresentasse ao encarregado de educação uma parte daquilo que é a escola.” P. 10	“Mas nada como partir de uma plataforma clara de comunicação absoluta, onde se clarifique para cada uma das partes, qual é o papel de cada um” (...) “essa plataforma de entendimento, de comunicação, é essencial para a escola!” P. 7
			“Se calhar eram precisas		“Temos que estar disponíveis para

		<p>com a comunidade. Quando isso acontece, as coisas correm sempre melhor. Quando eu conheço os meus alunos em contexto social é melhor para mim, porque percebo alguns dos seus problemas e alguns dos seus condicionalismos. Quando os pais vêm à escola percebem como é que ela funciona, mudam radicalmente a sua opinião!” P. 5</p> <p>“No meu dia-a-dia, de vez em quando faço atividades nos meus tempos livre, em que convido os meus alunos e os meus EE a participar e tenho tido atividades em que faço isso. Tenho o Clube de Astronomia cá na escola. Sempre que faço observações astronómicas, nos blogues das minhas turmas ponho “Atenção, hoje há observação astronómica. (...) Sou geólogo e faço saídas de campo e eles participam. Às vezes, participa a família inteira, do mais pequenino até ao pai e a mãe e todos</p>	<p>assistentes sociais na escola. Se calhar eram preciso mais técnicos na escola, doutras áreas que trabalhassem estes aspetos, não é?” (...) “mas esta articulação entre a escola e os pais... Já foi tentada algumas vezes, noutras escolas e nesta, mas são experiências que não têm continuidade e depois acabam por...” P.7</p> <p>“Como diretor de turma (e não sou o único a fazer, há outros que fazem), fazemos determinadas atividades em que os pais são chamados. Costumo fazer um pequeno piquenique e levá-los a pé, daqui até ao skate parque, por exemplo, lá abaixo, fazer um pequeno piquenique e os pais podem-se juntar no lanchinho que se faça ou nalgumas atividades que se façam. Há outros diretores de turma que fazem um almoço de Natal ou uma vez por período, no refeitório da escola em que os pais são convidados. Não são muitos, mas são alguns e são bons exemplos. Era também uma boa solução, sempre que houvesse visitas de estudo convidar os encarregados de educação que</p>	<p>“Mas, se por exemplo, se estivéssemos a dar, sei lá, a alimentação, por exemplo, e trouxéssemos cá os encarregados de educação todos e se disséssemos assim “Olhem, nós estamos a falar com os vossos filhos sobre isto e isto e isto” Podia haver... era... até acho que era uma extensão de escola, porque nós temos aqui muitos encarregados de educação com um nível de escolaridade muito baixa!” P. 11</p> <p>“nós devíamos fazer muitas reuniões com os encarregados de educação, específicas.” (...) “Mas coisas muito específicas “Venham cá que nós vamos tratar deste assunto em conjunto, todos”. Coisas que digam respeito ao dia-a-dia do filho e que podem ter influência até depois na maneira como eles se relacionam com o educando, não é?” P. 13</p> <p>“acho que, de facto, deveríamos arranjar uma estrutura qualquer para haver uma maior participação do encarregado de educação, porque não sendo assim, eu não estou a ver outra participação do</p>	<p>ouvir os outros e temos que deixar de nos ouvirmos a nós próprios e perceber que há outras pessoas que também têm qualquer coisa a dizer e que até pode ser importante e que, quando não é importante, que nós lhes demonstremos que não é importante.” P. 15</p> <p>“disponibilizando-me sempre totalmente, cem por cento para eles. Telefone telemóvel, sempre a qualquer hora, a qualquer altura ligam-me para mim” (...) “fica sempre a porta aberta, sempre, sempre para mais comunicações e continuar, continuar, continuar.” P. 15</p>
--	--	--	---	---	--

		<p>participam! E tenho feito imensas atividades em que tenho, de facto, há uma efetiva participação de toda a comunidade escolar. Tenho feito atividades em que há professores, pais, EE, alunos, funcionários e, às vezes até amigos que participam e que vão nesta atividades feitas em conjunto, para todos.” P. 12</p>	<p>isso ainda não se fez mas pode-se vir a fazer, também é outra ideia. Chamá-los assim para coisas boas, para coisas assim, que sejam mais informais e que sejam, que deem prazer a todos, nomeadamente este tipo de atividades assim.” P. 17</p>	<p>encarregado de educação.” P. 18</p>	
		<p>“Os professores conhecem estratégias de envolvimento dos pais. Às vezes, não as conseguem aplicar, porque não há tempo. As estratégias muitas vezes falham, por falta de tempo.” P. 13</p>	<p>“tem de haver muito mais conversa, tem de haver mais diálogo.” P. 8</p>	<p>“Eu não incentivo muito, se quer que lhe diga, porque não tenho uma relação muito grande com os encarregados de educação já há muitos anos!” (...) “Mas, nas aulas, através das aulas, eu procuro chegar ao encarregado de educação.” (...) “Quando se diz determinadas coisas, as crianças vão contar em casa, sabemos que vão. E, às vezes, eu sou até um bocado provocador. Eu digo coisas que já sei que vão chegar a casa e que vão mexer em casa com alguém. Isso, por vezes faz com que depois chegue um feedback. Essa é a minha participação.” P. 19</p> <p>“se houvesse reuniões com temas específicos, discutirmos entre todos... Eu até tinha uma estrutura e tudo e até já idealizei, a bem dizer</p>	

				<p>uma estrutura para essas reuniões e tudo. Até já idealizei uma reunião com encarregados de educação e alunos, ao mesmo tempo em que vinha metade da turma... Metade, quer dizer, cada encarregado de educação trazia o seu educando e vinha metade, fazíamos ali uma espécie de uma aula, não é? Para eles verem como é que funciona, como é que funciona a escola, não é?” P. 19 e 20</p>	
--	--	--	--	---	--

Anexo V - Grelhas de Análise de Conteúdo das entrevistas aos Encarregados de Educação

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	
		E1	E2
Participação dos Encarregados de Educação na escola	Quem participa	“E aqueles mais difíceis, aqueles que mais precisavam de vir cá à escola para ver como é que anda os seus filhos, são aqueles... Esses é que nunca vêm cá! (...) Aparecem meia dúzia de gatos pingados.” P. 5	“são aqueles que mais se preocupam com os filhos.” (...) “Mas os pais dos filhos que são problemáticos são sempre os últimos a responder” (...) “Infelizmente não participam” (...) “São poucos, mas bons! Bons no sentido, com muito tempo e participam” (...) “São 5% dos pais que estão ativos, que pertencem à Associação de Pais” (...) “cerca de 12 pais aqui, que pertencem à Associação de Pais, mas portanto... desses 12 pais, ativamente participam 4, no máximo.” P. 1
		“Eu como sempre acompanhei os meus filhos, já tinha sido membro da Associação de Pais da escola dos meus filhos mais velhos quando eles estudavam, portanto, eu tive sempre esta costela. Até diria (desculpe a pretensão da minha parte) eu tive sempre tendência para liderar. Eu fui gerente no banco, fui subdiretor no banco, fui quase sempre de chefia. Portanto, isso criou em mim uma forma de estar nos projetos, digamos, chefiando, liderando.” P. 7	“à medida que os anos vão decorrendo para o 2.º ciclo, 3.º ciclo vão perdendo” (...) “infelizmente as classes mais fraquinhas não participam. Não participam porque pensam que têm que contribuir com dinheiro ou com algo que não tenham.” P. 2
	Qualidade da participação	“Eu posso dizer que na primeira reunião que eu fiz da Assembleia Geral tive cinquenta e tal pessoas e na segunda tive treze ou catorze. (...) Tanto em reuniões que agente possa fazer para esclarecer, como em festas da escola...” P.4	“na Associação de Pais é quase 1% da classe mais desfavorecida. E devia ser ao contrário, porque às vezes são eles que mais ajuda precisam.” (...) “Não participam, simplesmente não participam.” P. 3
		“Eu continuo a dizer que os pais, (e pronto, condene-me se quiser) que os pais se divorciaram da educação dos filhos. É um facto consumado, é um facto comprovado todos os dias na relação com a	“Eu já estou na Associação de Pais há doze anos.” P. 1
			“Os pais não falam muito... Vêm cá, sugerem e vão muita vez à Direção” P. 5

		escola.” P. 5	
		“Mas, portanto, nota-se esse afastamento dos pais na educação dos filhos e na relação com a escola.” P. 6	“no início do ano letivo que é quando os pais participam mais” P. 6
		“Isso está prejudicado pela ausência dos pais. Infelizmente eles nem vêm cá, não nos apresentam problemas. Eu não quero exagerar mas se houver 50 pais nesta escola se interessam pela Associação de Pais” P. 9	“quando é o dia da abertura, é o dia ideal para reunir os pais todos, porque aí vão todos, mas depois já não vão mais.” P. 7
		“As principais preocupações na parte da escola, nas coisas funcionais, como é que as coisas são organizadas, como é que... Uma das principais preocupações que eu tinha era, por exemplo as questões do funcionamento do refeitório” P. 10	“o importante era que houvesse mais pais a participar” (...) “a relação estreita entre pais, Direção e professores tem tendência em ficar mais estreita e mais cúmplices” P. 7
		“Nós tínhamos reuniões, mais ou menos... Eu pedia mais ou menos todos os meses ou quando tinha assuntos importantes. Eu pedia... Eu telefonava ao diretor da escola e marcávamos sempre, por exemplo uma hora e vínhamos cá, porque queria sempre fazer as reuniões (...) mas a minha preocupação foi sempre as condições dos alunos, se haviam condições, se não tinham, o que é que era preciso fazer, o que é que não era preciso fazer... Pronto, para agente tentar melhorar. Por exemplo, comprámos um rádio, ó pá uma estação de rádio para a escola para os miúdos fazerem.” P. 11	
		“Eu lembro-me de uma contagem que eu fiz que eram cento e vinte e oito ou cento e vinte e nove. Portanto, para um universo que temos cá... Ah, mas desses aí, alguns só preenchem a ficha e pagam a quota e mais nada! Nem vêm às reuniões de pais.” P. 18	
	Motivação	“Depois, no resto das atividades que nós fizemos e as atividades que nós fizemos em que havia comes e bebes, dados pela Associação, do tipo piquenique, tivemos sempre gente, reunimos e até foi interessante! Tudo o que... Lembro-me uma vez que tivemos uma	“os pais no 1.º ciclo inscrevem-se na Associação de Pais com o intuito de “o meu miúdo não se sabe defender, não se sabe proteger, portanto vou ajudá-lo, participando na Associação” P. 2

		reunião com um psicólogo que veio falar sobre matérias interessantíssimas para os pais, coubemos todos na biblioteca e eramos para aí uns vinte, no máximo! (...) Portanto, ninguém aparece!” P. 4	
		“Portanto, nós estabelecemos uma regra para obrigarmos os pais a ser sócios da Associação de Pais” P. 5	“de uma forma indireta, acompanhar a vida escolar do seu educando na escola. Então, participando na Associação de Pais está-se mais por dentro de certos assuntos, do que se passa.” P.2
			“Nos primeiros dias, os miúdos são pequeninos e tal, vão à escola, vão conhecer os professores, vão conhecer os colegas do mesmo ano, a escola, mas depois nunca mais se volta a ver aqueles pais.” P. 7
	Compatibilidade com vida profissional e pessoal		“depois há aqueles que desistem e não têm tempo.” P. 2
			“São marcadas em horário pós-laboral e são marcadas com 3 a 4 semanas de antecedência.” P. 3
	Papel da Associação de Pais	“Não sei se reparou na entrada da escola? Aquilo foi iniciativa da Associação de Pais, fomos nós que arrancámos com aquele projeto, depois tivemos, de facto a colaboração da escola através da DREC, mas, de facto, tudo o que está ali feito deve-se ao empenho da Associação de Pais e da colaboração depois da escola, da junta de freguesia, da câmara...” P. 4	“a Associação de Pais está aqui para colaborar e para ajudar os alunos.” P. 3
		“Organizamos, tentamos organizar coisas para chamar os pais à escola, festas nomeadamente. Já fizemos aí, uma espécie de uma feira da ladra, já fizemos muitas coisas, enfim...” P. 17	“O papel é sempre servir de elo de ligação entre os alunos, os pais e a escola” P. 10
Participação no Conselho Geral	Quem participa	“O vice-presidente fazia parte do Conselho Geral e depois tínhamos as pessoas que nos substituíam quando nós por algum motivo não podíamos estar presentes.” P. 4	“É claro que aqueles pais mais ativos na direção, são aqueles que têm mais trabalho complicado às vezes. Os que estão desempregados” (...) “aqueles que têm um bocadinho mais

			de tempo não participam” P. 12
	Qualidade da participação		“aqueles que participam têm uma noção cada vez maior de que participar vale a pena” P. 5
			“porque quando a escola precisa nós estamos lá e quando nós precisamos, nós também temos a Direção do nosso lado” P. 7
			“E o participar na escola ativamente é ver o que é que podemos colaborar já que existe um espaço legal e mesmo até antes de já haver essa modalidade, nós já tínhamos consciência que a participação dos pais era importante.” P. 9
			“A questão é que há coisas que podemos ser nós a fazer, evitando que os professores e os miúdos, sejam eles propriamente a preocupar-se com estas coisas mais práticas.” P. 10
	Motivações dos EE		“ir ao encontro das necessidades dos alunos” (...) “construímos o telheiro com 270 m ² que os miúdos têm, têm espaço para estar, fora da escola, mas coberto,” (...) “São criados entrega de prémios e de louvores” (...) “Vamos adaptar a porta a pessoas portadoras de deficiência ou não.” (...) “para conseguir controlar os miúdos que entram e os miúdos que saem” P. 4
			“porque conseguem estar por dentro, essencialmente de assuntos de interesse, de interesse geral para eles e para os alunos.” P. 5
			“estamos aqui para protege-los” (às crianças) (...) “a legislação, cada vez dá mais direitos e deveres, mas acho que tem a ver essencialmente com motivação” (...) “A consciência, a consciência” P. 9
Participação do Conselho Pedagógico	Quem participa	“No Conselho Pedagógico era quase sempre eu que estava lá. O representante do 1º ciclo nunca apareceu, era sempre eu. Ia como	

		representante dos pais e como representante da Associação de Pais, porque havia uma altura que, aqui na escola, o elemento era escolhido pela Associação mas não fazia parte de facto da Associação como membro. Eu fazia parte, era representante da Associação de Pais e ao mesmo tempo fazia parte do Conselho Pedagógico.” P. 3 e 4	
	Qualidade da participação	<p>“Geralmente sim, desde o jardim-escola, participei sempre, mesmo a nível de festas, reuniões, tudo. (...) no 1º ciclo não pertencia a nenhum órgão, digamos ativo da escola, nomeadamente a Associação de Pais. Desde que ela veio para esta escola posso considerar que estou muito mais ativo, até por o acompanhamento ser forçosamente diferente.” P. 1</p>	
		<p>“primeiro comecei a aprender o que era um Conselho Pedagógico e segundo só me atrevia a intervir no dizia respeito aos alunos e de acordo com a minha sensibilidade e a minha cautela para intervir. (...) mas levantei algumas questões para me tentarem esclarecer e quando tinha dúvidas levantava para tentar perceber (...) Pediam-me a minha opinião sobre determinado assunto e eu acautelava sempre, tentava não hostilizar ninguém enquanto era algo que não concordava. Mas, em princípio entrei sempre em diálogo, de forma correta e de tal modo que todos disseram que gostavam que eu estivesse por cá. (...) as sugestões que eu dei, diziam respeito a castigos disciplinares a alunos que me pediam opinião sobre esses alunos sobre aquilo que eu pensava. Depois, noutra altura também estava-se a discutir uma turma que tinha um mau comportamento.” P. 2</p>	
		“Intervi em questões... quase sempre eram questões disciplinares, portanto a dar o meu parecer. Assim, outros assuntos de relevância não, porque eu acredito sinceramente que em 90% das reuniões o pai	

		não estava ali a fazer nada!” P. 3	
		“Não somos todos iguais, como é óbvio e portanto, eu acho até que foi bom os pais deixarem de fazer parte.” P. 8	
	Análise de instrumentos de gestão	“Fui aprendendo, depois fui consultando os decretos-lei e isto e aquilo e dava a minha sugestão sempre e era, posso dizer que era muitas vezes provocado pelo senhor presidente.” P. 3	“tivemos de incluir isso no Regulamento Interno da escola.” (...) “Os pais estão autorizados a participar e a colaborar nos almoços” P. 15
			“muito poucas conseguem criticar já com conhecimento” p. 5
	Motivações dos EE	“Quando cheguei aqui tinha muita dificuldade em entender como é que isto funcionava e eu achei que a melhor maneira de acompanhar a minha filha seria fazer parte dos órgãos da escola.” P. 6	
		“Mais próximo e queria perceber como é que isto funcionava. Não podia orientar a minha filha sem saber como é que isto funcionava.” P. 10	
		“E ser útil, não só para a minha filha, aliás, eu sempre tive um interesse maior aqui estar, foi no geral, em que a minha filha beneficiasse.” P.12	
Potencialidades da participação	Criação de consensos		“Há coisas que os pais não percebem.” (...) “há pais que acham que aquilo não traz qualquer vantagem para o aluno e portanto, às vezes não há um consenso” (...) “Não, digamos que deixam de ter um bocado a opinião própria.” P.6
			“Sim, o consenso existe” P. 7 (entre EE e representantes)
	Como os professores avaliam a participação	“os professores aceitavam bem a minha presença” p.8	“mas a maior parte... cada vez mais os pais são bem vistos.” (...) “mas quando sente que são pais que têm ajuda a dar, que pode dar, o professor agradece, porque alivia muita coisa.” P. 6
		“Os professores têm abertura...” P.14	“os professores, penso que acham que é uma boa ajuda.” P. 7
			“os próprios professores querem, desejam que os pais se interessem pelos filhos” P. 8
			“notamos uma grande abertura da parte dos professores” (...)

			“tudo o que traga ordem e que traga uma mais-valia para a escola, os professores e os funcionários são os primeiros a concordar com isso.” P. 16
	Formas de comunicação	“mas como sabe, hoje pelo menos nesta escola, a experiência que eu tenho, o relacionamento pais/escola é através do diretor de turma.” P. 14	“Temos na net” P. 5
			“ existe mais comunicação. Temos internet, temos telefone” P. 8
			“Porque é muito mais fácil a escola fazer chegar aos pais, a todos os pais determinada informação, através da Associação de Pais, do que ela própria fazê-lo diretamente.” (...) “Temos emails, conhecemos os pais todos, profissões, conhecemos e há sempre coisas que vamos transmitindo por escrito, ou até oralmente e por nossa via” P. 6
			“Temos cada vez mais meios de transmissão de informação” (...) “não é por falta de formas de transmitir a informação aos pais” p. 17
	Representação de todos os EE	“Agente comunica até através de sms, quando é preciso! Comunica, quer dizer... Quando agente quer falar com um pai pelos meios usuais, ou pelo telefone, ou por carta, não consegue e quando já é um caso extremado já temos pedido a colaboração da GNR para ir a casa das pessoas para saber como é que é.” P. 15	“E posso dizer que passei centenas de horas aqui e tudo envolve a maior parte dos alunos.” P. 8
			“Sinto que, primeiro estão todos os alunos e depois o próprio aluno” (...) “estamos aqui por todos.” P. 9
	Sucesso dos alunos	“Mas o que se nota é que a maior parte dos alunos que tiram piores notas são aqueles que são forçosamente menos acompanhados.” P. 12 e 13	“Os filhos dos Associados, daqueles que pertencem à Associação de Pais, são normalmente aqueles que não dão problemas nenhuns.” (...) “os que têm melhor aproveitamento, mais bem educados” P.1
			“há alunos com dificuldades, porque os pais têm dificuldades” P. 3

Dificuldades e Constrangimentos da participação	Obstáculos à Comunicação	“os pais não aderem, não preenchem a ficha e nós temos poucos meios de os contactar. E, portanto, nem conseguimos mobilizá-los, porque os pais nem sequer nos dão os contactos. (...) É extremamente difícil por falta de contacto, nosso, porque não temos elementos para os contactar.” (...) “E há alguns pais que vêm à Assembleia Geral, dos poucos que vêm, alguns fazem observações e pensam que pelo facto de sermos da Associação de Pais já somos escutas, já somos daquele lado.” P. 7	“Há pessoas que têm uma ideia errada que para se pertencer à Associação de Pais tem que se ter uma quota, tem que se associar a uma quota elevada, por exemplo.” P. 2
		“Agora, era preciso era eu os pais viessem, porque a direção da escola, os professores só podem criar situações de diálogo com os pais se eles vierem cá.” (...) “ninguém telefonou, nem apareceu cá e nós acabámos por desistir. Fizemos isso durante dois ou três meses e ninguém apareceu cá.” P.9 e 10	“não vou dizer mais do que o outro pai diz, não vou fazer mais do que o outro pai faz e...não tenho capac...” Pronto, falta-lhes autoconfiança.” P. 3
		“É que as pessoas não fazem a mínima ideia de como é que funciona a escola! 90% dos pais, mais de 90% não sabe como é que isto funciona.” P. 10	“mas as pessoas infelizmente utilizam ainda pouco. Existe uma minoria que desconhece o número de telefone da Associação de Pais, desconhece o email.” P. 8
			“se há um aviso e ninguém lê, a escola não pode contactar os pais todos, um a um. É caro, é complicado, porque os pais estão a trabalhar e nem todos atendem. Acho que a comunicação tem de ser feita também, mais da parte dos pais” (...) “Claro que a escola contacta os pais mais problemáticos, aliás, que os alunos sejam mais problemáticos, contacta-os” P. 14
	Assuntos	“O que acontecia é que muitas vezes estava lá e não estava a fazer nada, porque estavam a debater assuntos que não me diziam respeito. O que eu não gostava era que a meio de uma reunião me pedissem para sair, porque iam debater assuntos em que eu não podia estar presente. E depois, tinha de voltar. (...) Porque, muitas vezes eu estava ali a ouvir e só a ouvir coisas que não me interessavam e que não eram da minha área.” P. 16	“as más notícias eles conseguem saber, agora as boas não se preocupam. Cá está, por falta de interesse” p. 17
			“que influenciam diretamente e que sejam mais graves para a vida escolar do educando” (...) “o refeitório. É um problema que os pais mais manifestam interesse em resolver” P. 14
			“A nível pedagógico... nesse aspeto os pais não participam muito” (...) “No fundo, é essencialmente comportamento e funcionamento interno da escola em que os pais participam e sugerem umas alterações.” P. 15

	Acesso à informação	“Cheguei à conclusão que ninguém tinha entregue os estatutos aos pais.” P. 5	“Os EE têm, neste momento, cada vez mais, meios de... ao seu alcance, meios de informação.” P. 5
		“Se nós não fizermos nenhuma convocatória, 90% dos pais nem sequer pergunta se há Associação de Pais” P. 7 e 8	“porque os professores não conhecem tudo o que se passa na escola, porque há muitos professores vêm de fora e nós pais, até conhecemos, muitas vezes mais até que os próprios professores.” P. 7
		“As cartas vão para casa e não leem. (...) Mas são N pessoas que não leem as cartas! Mesmo que agente tente comunicar, muitos pais nem sequer veem. Por um lado, porque não chega a informação, porque às vezes há... Mesmo, às vezes, quando a informação vai através da caderneta, há muitos pais que nem leem. Primeiro, não leem e não perguntam. Segundo, não têm curiosidade de ir à pasta do filho perguntar e ver e terceiro, nem os filhos mostram. Pronto, estabelece-se sempre esta dificuldade.” P. 18	“eles são logo os primeiros a saber” P. 7
			“há pais que desconhecem... ainda há uma grande dificuldade nesse sentido” P. 14
	Como os professores avaliam a participação dos EE	“Eu percebia nas entre linhas, quando vim cá fora “O senhor não faz cá falta”, porque o facto de estar ali um elemento estranho para os professores, havia alguma cautela em assegurar algumas situações, em escutar ou empolar algumas situações. Havia, digamos, alguma contenção, se calhar, na linguagem que se utilizava” p. 3	“Há sempre os professores chamados de outros tempos que acham que a Associação de Pais quase que é um entrave” P. 6
		“na generalidade, na globalidade, melhor dizendo, os professores aceitavam bem a minha presença (...) havia um ou outro que não gostava, mas nunca tive nenhuma atitude hostil, mas também penso que se deve um pouco à forma como eu estava na Associação de Pais, no Conselho Pedagógico.” P. 8	“Poucos professores têm (ou por falta tempo também) poucos professores têm uma preocupação em que os pais venham” (...) “Ainda é uma barreira a vencer.” p. 17
		“A Cláudia sabe que hoje há um comportamento dos pais muito hostil em relação aos professores. Não só politicamente, mas socialmente se criou uma imagem, enfim, talvez um bocado excessiva, mas não sem alguma razão! Mas levaram aquilo ao extremo, porque também havia professores se calhar, com na sua	

		postura se calhar, excediam-se um bocadinho no faltar e isto e aquilo. Mas os professores são provocados constantemente!” P. 8 e 9	
		“os professores também estão desmotivados pelo desinteresse que os pais apresentam e portanto nós... Isto é sempre um ciclo vicioso! Os professores envolvem-se mais quando os pais se envolvem mais. Os pais envolvem-se menos, os professores envolvem-se menos” P. 17	
	Como os outros EE vem a sua participação nos órgãos	“Veem a participação nos órgãos como uma perda de tempo e depois aparece meia dúzia de “cristos” que se oferecem para aqui e enquanto esses estiverem está tudo bem, mas depois, há sempre o grande problema de quem é que vai substituir quem.” P.6	“as pessoas acham que não vale a pena” p. 3
	Compatibilidade com os horários de trabalho dos EE	“O horário do Conselho Pedagógico que era sempre à 4ª feira e começava, mais ou menos às 16h, não podemos considerar que era um horário acessível aos pais que trabalham que não era! Eu, como já estou reformado, tinha essa vantagem que os outros não têm. (...) Portanto, em termos do nosso horário de trabalho ou de um pai que trabalhe neste horário, este horário não é fácil. Só quem tenha uma profissão liberal ou tenha alguma flexibilidade pode vir.” P. 2	“há pessoas que não participam, porque acham que “É pá eu, só tenho a disponibilidade mínima” P. 3
		“Se calhar, a maior dificuldade que eu tinha era, uma ou outra vez conciliar, por motivos de ordem pessoal que não conseguia vir. (...) o conselho pedagógico, por força, como a esmagadora maioria dos membros do conselho pedagógico são professores aqui da escola, não faz sentido, não faz sentido... digamos, criar um horário diferente, mas o horário em que funciona o conselho pedagógico é limitativo para a presença dos pais, isso é.” P. 16	“Eu não tenho tempo, mas pelos nossos filhos tenho de ter tempo” (...) “Tenho de ter tempo para participar na escola ativamente, já que é um dos nossos direitos.” P. 9
			“Os pais dizem que não podem participar pela falta de tempo” (...) “Há uma grande parte dos pais que não conseguem mesmo, mas a maior parte dos pais dizem que não tem tempo” (...) “de uma forma ou de outra concilia-se o tempo e o horário para reunir, para falarmos, para tratarmos dos problemas que são de todos” P. 15
			“O facto de ser presidente rouba-me mais tempo” (...) “porque tenho de estar, quer queira, quer não, mais envolvido” P. 16
			“quando há festas, festivais ou uma coisa do género e isso requer muito tempo da nossa parte para organizar e dinheiro, que é isso não temos” p. 16

Medidas para promover a participação	Medidas de incentivo da escola	“O Plano de Convivência, neste momento, tanto quanto eu sei, mas também estou um pouco desfasado sinceramente, neste momento, não tem tido muita participação dos pais no Plano de Convivência. Na Associação de Pais tem havido. A escola tem feito todo o esforço com regras e princípios e os próprios professores também. De facto, há determinados princípios e determinadas regras que todos tentam que sejam cumpridas para que de facto seja estabelecido uma boa relação, uma boa disciplina, sem ser a disciplina militar.” P. 18	“convidamos os pais a entrar, vir ver como é que estão os filhos aqui dentro, ver o que eles fazem, ir ao refeitório” P. 10
			“O Plano tem a ver com o facto dos alunos e professores e pais tentarem de uma forma mais correta e simples possível resolver os problemas que haja e os atritos que haja para resolver.” P. 19
	Soluções e Estratégias de envolvimento usadas pelos professores	“Se os pais fossem mais abertos, se viessem mais à escola, se falassem mais com os professores” (...) “Sim, os contactos estão fixos no placar. Houve uma altura que eu estabeleci, com concordância da direção, discutimos horários, discutimos disponibilidades e marcámos uma hora naquele dia X para tratar de assuntos de interesse dos pais e da escola. E depois eu tinha o telemóvel da Associação de Pais sempre comigo” P. 9 e 10	“no final do ano temos feito sempre uma festa, onde os pais estão presentes com a direção ali a divertir-nos com desporto, com música e um lanche partilhado, para depois os professores também, de uma forma divertida estarem mais descontraídos com os pais” P. 12
		“Por isso, é que acho que seria importante estas reuniões terem uma organização diferente. Organizarem reuniões em que os assuntos eram todos de interesse dos encarregados de educação ou relacionados com os alunos, com os seus problemas e aí sim, convocavam o encarregado de educação. E depois organizavam outras em que reunissem todos os assuntos que não eram do interesse dos encarregados de educação e não os convocavam nessas reuniões do conselho pedagógico.” P.16	“organizar festivais, organizar espetáculos... achamos que isso seria uma forma de chamar os pais” P. 16

